



OS BRIDGERTONS — 8

Julia Quinn

A CAMINHO DO ALTAR





A CAMINHO DO ALTAR



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

OS BRIDGERTONS — 8

Julia Quinn

A CAMINHO DO ALTAR



Título original: *On the Way to the Wedding*
Copyright © 2006 por Julie Cotler Pottinger
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado mediante acordo com a Harper Collins Publishers.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.



tradução: Viviane Diniz

preparo de originais: Taís Monteiro

revisão: Cristhiane Ruiz e Dayana Santos

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Raul Fernandes

imagens de capa: Mulher: Sanja Kulusic/ Trevillion Images;
Mansão: stocker1970/ Shutterstock

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64c

Quinn, Julia, 1970-

A caminho do altar [recurso eletrônico]/ Julia Quinn; tradução de Viviane Diniz. São Paulo: Arqueiro, 2016.
recurso digital (Os Bridgertons; 8)

Tradução de: *On the way to the wedding*

Sequência de: Um beijo inesquecível

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-574-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Diniz, Viviane. II. Título. III. Série.

16-32713

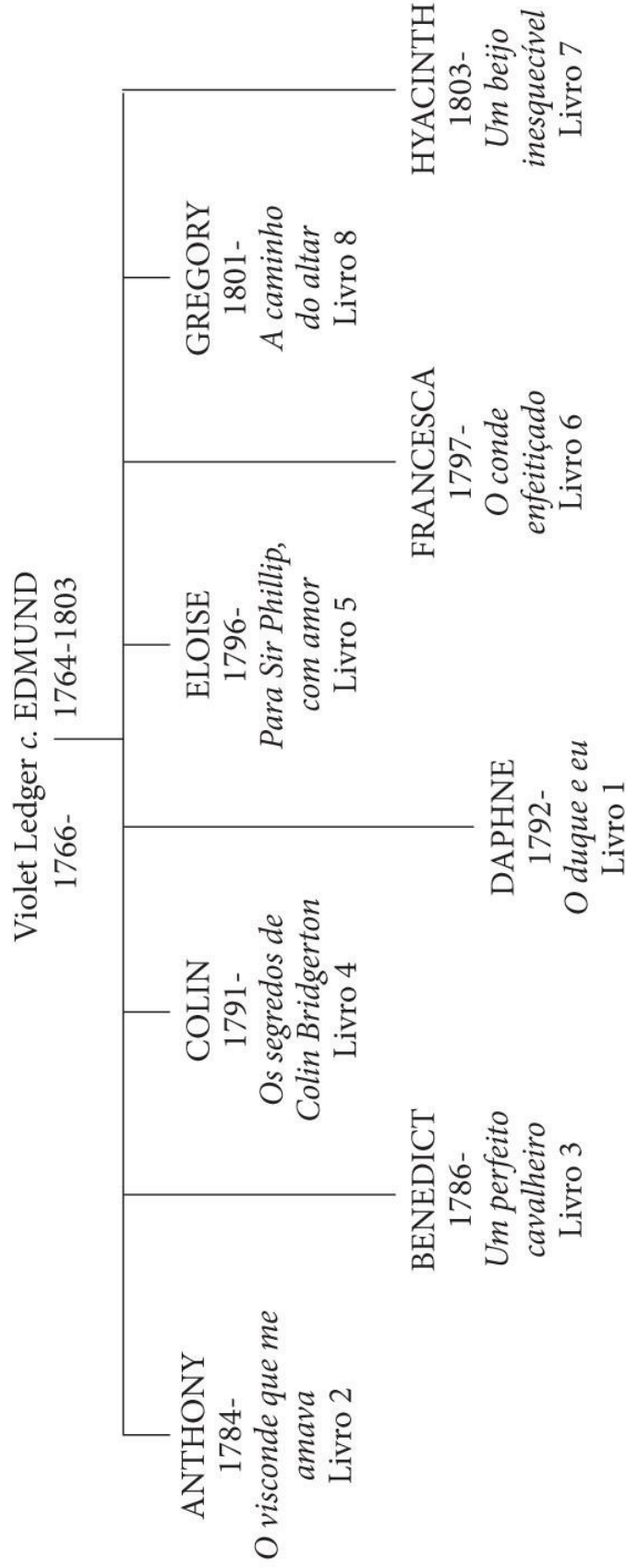
CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Lyssa Keusch.
Porque você é minha editora.
Porque você é minha amiga.

E também para Paul.
Só porque.

ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA BRIDGERTON



PRÓLOGO

*Londres, não muito longe da igreja St. George, Hanover Square.
Verão de 1827.*

Seus pulmões estavam em chamas.

Gregory Bridgerton corria pelas ruas de Londres. Alheio aos olhares curiosos dos espectadores, ele corria.

O ritmo estranho e forte de seus movimentos – *um, dois, três, quatro; um, dois, três, quatro* – o fazia continuar, impelindo-o à frente enquanto sua mente permanecia focada em uma única coisa.

A igreja. Ele tinha de chegar à igreja.

Tinha de impedir o casamento.

Fazia quanto tempo que estava correndo? Um minuto? Cinco? Não sabia, não conseguia se concentrar em nada além do seu destino.

Havia começado às onze. Aquilo. A cerimônia. Que nunca deveria ter acontecido, mas que ela fizera mesmo assim. E ele tinha de impedir. Tinha de *detê-la*. Não sabia como, e certamente não sabia por quê, mas ela de fato estava fazendo aquilo, e era errado.

Ela devia saber que era errado.

Ela era *dele*. Os dois deviam ficar juntos. Ela sabia. Maldição, ela sabia.

Quanto tempo durava uma cerimônia de casamento? Cinco minutos? Dez? Vinte? Ele nunca tinha prestado atenção a isso antes, e com certeza nunca pensara em checar as horas no início e no fim.

Nunca pensara que precisaria dessa informação, que algum dia ela seria tão importante.

Fazia quanto tempo que estava correndo? Dois minutos? Dez?

Ele derrapou em uma esquina e entrou na Regent Street, resmungando alguma coisa que devia servir como “Desculpe-me” quando esbarrou em um cavalheiro respeitavelmente vestido e derrubou sua pasta no chão.

Em qualquer outra ocasião, Gregory teria parado para ajudar o cavalheiro, abaixando para pegar a pasta, mas não naquele dia, não naquela manhã.

Não naquele momento.

A igreja. Ele tinha de chegar à igreja. Não conseguia pensar em mais nada. Não podia. Não podia...

Droga! Parou de repente, escorregando um pouco, quando uma carruagem cruzou seu caminho. Apoiou as mãos nas coxas – não porque quisesse, mas porque seu corpo desesperado exigia isso – e respirou fundo várias vezes, tentando aliviar a imensa pressão no peito, aquela terrível sensação dilacerante de ardor como...

A carruagem passou e ele saiu em disparada novamente. Estava perto agora. Ia conseguir. Não deviam ter se passado mais do que cinco minutos desde que saíra de casa. Talvez seis. Parecia meia hora, mas não podiam ter sido mais do que sete minutos.

Tinha de impedir aquilo. Estava errado. Precisava impedir. *Ia* impedir.

Podia ver a igreja. Ao longe, o campanário cinza se erguia em direção ao límpido céu azul. Alguém tinha pendurado flores nos lampiões. Ele não sabia dizer de que tipo eram – amarelas e brancas, mas sobretudo amarelas. Elas se derramavam das cestas com um abandono negligente.

Pareciam festivas, alegres mesmo, e era tão errado. Aquele não era um dia alegre. Não era um evento para ser festejado.

E ele *iria* detê-lo.

Diminuiu o ritmo apenas o suficiente para subir os degraus sem cair de cara e então abriu a porta com tanta força que mal ouviu o estrondo quando ela se chocou contra a parede externa. Talvez ele devesse ter parado para respirar. Talvez devesse ter entrado em silêncio, permitindo-se um momento para avaliar a situação e ver até onde a cerimônia tinha ido.

A igreja ficou em silêncio. O padre parou e todos se viraram para trás.

Para ele.

– Não – disse Gregory, arfando, mas estava tão sem ar que mal ouviu a própria voz. – Não – repetiu, mais alto dessa vez, segurando a beirada dos bancos enquanto avançava, cambaleando. – Não faça isso...

Ela não falou nada, mas ele a viu. Viu que estava boquiaberta com o choque. Viu o buquê escorregar de suas mãos e soube... ah, Deus, soube que ela ficara sem ar.

Ela estava tão bonita... Seu cabelo dourado parecia captar a luz e brilhava de um jeito que o enchia de força. Ele se endireitou. Ainda respirava com dificuldade, mas agora já podia caminhar sem ajuda e soltou o banco.

– Não faça isso – pediu de novo, indo em direção a ela com a graça furtiva de um homem que sabe o que quer.

Que sabe como as coisas deveriam ser.

Ainda assim, ela não falou nada. Ninguém na igreja falou. Aquilo era estranho. Trezentos dos maiores bisbilhoteiros de Londres reunidos em um só lugar e ninguém conseguia dizer uma palavra. Ninguém conseguia tirar os olhos de Gregory enquanto ele caminhava pela nave da igreja.

– Eu te amo – disse ele, bem ali, na frente de todos.

Quem se importava? Ele não podia manter aquilo em segredo. Não podia deixá-la se casar com outro homem sem garantir que o mundo todo soubesse que ela era dona do seu coração.

– Eu te amo – repetiu Gregory, e, pelo canto do olho, viu sua mãe e sua irmã elegantemente sentadas. E boquiabertas. Continuou andando, cada passo mais confiante, mais seguro. – Não faça isso – pediu, saindo da nave para a abside. – Não se case com ele.

– Gregory – sussurrou ela. – Por que você está fazendo isso?

– Eu te amo – falou ele mais uma vez, porque era a única coisa a dizer, a única coisa que importava.

Os olhos dela brilharam, e ele viu sua respiração ficar presa na garganta. Ela olhou para o homem com quem tentava se casar. Ele arqueou as sobrancelhas, enquanto erguia ligeiramente um dos ombros, como se dissesse *A escolha é sua*.

Gregory se apoiou em um joelho.

– Case-se comigo – propôs, colocando a alma nas palavras. – Case-se *comigo*.

Então prendeu a respiração. A igreja inteira prendeu a respiração.

Ela o encarou com seus olhos grandes, claros e que continham tudo o que ele sempre vira como bom, gentil e verdadeiro.

– Case-se comigo – sussurrou ele, uma última vez.

Os lábios dela tremiam, mas sua voz soou clara quando disse...

CAPÍTULO 1

No qual nosso herói se apaixona.

Dois meses antes.

Ao contrário da maioria dos homens que conhecia, Gregory Bridgerton acreditava em amor verdadeiro.

E seria um tolo se não acreditasse.

Porque seu irmão mais velho, Anthony; sua irmã mais velha, Daphne; e seus outros cinco irmãos – Benedict, Colin, Eloise, Francesca e Hyacinth – eram todos – *todos* – perdidamente apaixonados por seus cônjuges.

Para a maioria dos homens, esse fato apenas os faria revirar os olhos e querer vomitar, mas para Gregory – que havia nascido com uma animação excepcional, ainda que (de acordo com sua irmã mais nova) às vezes pudesse ser bem irritante – isso significava apenas que ele não tinha escolha além de acreditar no óbvio: o amor existia.

Não era um fruto insignificante da imaginação, inventado para que os poetas não morressem de fome. Podia não ser algo visível, palpável ou perceptível pelo cheiro, mas existia, e era apenas uma questão de tempo até ele também encontrar a mulher de seus sonhos e se casar, procriar e se dedicar a passatempos desconcertantes como fazer esculturas de papel machê e colecionar raladores de noz-moscada.

Embora, para ser mais específico – o que parecia quase impossível para um conceito tão abstrato –, seus sonhos não exatamente incluíssem uma mulher. Bem, ao menos não uma em particular, com atributos pré-definidos. Gregory não sabia nada sobre essa mulher que deveria mudar sua vida por completo, transformando-a no exemplo perfeito de tédio e respeitabilidade. Não fazia ideia se ela seria baixa ou alta, de cabelos negros ou louros. Gostava de pensar que ela seria inteligente e teria um fino senso de humor, mas como poderia saber? Poderia ser tímida ou direta. Poderia gostar de cantar ou não. Talvez fosse uma amazona, com a tez corada por ficar muito ao ar livre.

Realmente não sabia. No que dizia respeito a esta incrível, maravilhosa e, por enquanto, inexistente mulher, só o que ele tinha certeza era que, quando a encontrasse...

Ele saberia.

De alguma forma, ele saberia. Algo tão importante, tão grandioso e capaz de mudar sua vida não surgiria despercebidamente. Chegaria com força total, como um furacão. A única questão era *quando*.

E, enquanto aguardava sua chegada, Gregory não via nenhuma razão para não se divertir. Afinal, um homem não precisa se comportar como um monge enquanto espera o amor verdadeiro.

Gregory era, sem dúvida, um homem bem típico de Londres, com uma confortável – embora de maneira nenhuma extravagante – mesada, muitos amigos e um senso de responsabilidade bom o suficiente para saber quando deixar uma mesa de jogo. Era considerado um bom partido no mercado de casamentos, ainda que não estivesse exatamente no topo da lista (os filhos mais novos nunca atraem muita atenção) e era sempre procurado quando as senhoras da alta sociedade precisavam de um homem solteiro e respeitável para equilibrar o número de convidados em seus jantares.

Isso fazia sua já mencionada mesada render um pouco mais – o que era sempre uma vantagem.

Talvez ele devesse ter um objetivo definido na vida. Algum caminho a seguir ou apenas algo importante para realizar. Mas isso podia esperar, não podia? Logo tudo ficaria claro, ele tinha certeza. Logo saberia exatamente o que gostaria de fazer e com quem. Enquanto isso, ele...

Não iria se divertir. Não *naquele* momento, pelo menos.

Naquele momento específico, Gregory estava sentado em uma cadeira de couro, bem confortável por sinal – não que isso tivesse alguma influência no caso, fora o fato de que o conforto o levava a sonhar acordado, o que, por sua vez, fazia com que não ouvisse seu irmão, que estava a cerca de um metro de distância, seguindo com sua ladainha, que quase com certeza envolvia alguma variação das palavras *dever* e *responsabilidade*.

Gregory não estava prestando atenção de fato. Nunca prestava. Bem, de vez em quando prestava, mas...

– Gregory? Gregory!

Ele levantou os olhos, piscando. Os braços de Anthony estavam cruzados, o que jamais era um bom sinal. Anthony era o visconde de Bridgerton havia mais de vinte anos. E, apesar de ser um ótimo irmão, ele também poderia ter sido um senhor feudal perfeito.

– Peço perdão por me intrometer em seus pensamentos, sejam eles quais forem – disse Anthony com a voz seca –, mas você, por acaso... assim, só por acaso... ouviu alguma coisa do que eu acabei de falar?

– Diligência – repetiu Gregory, acenando a cabeça de uma forma que considerava suficientemente séria. – Caminho a seguir.

– Exato – retrucou Anthony, e Gregory se parabenizou pela própria atuação inspirada. – Já passa da hora de você dar um rumo à sua vida.

– É claro – murmurou Gregory, sobretudo porque tinha perdido o jantar, estava com fome e tinha ouvido que sua cunhada mandara servir refrescos no jardim.

Além disso, nunca fizera sentido discutir com Anthony. Nunca.

– Você tem que fazer alguma mudança. Escolher um novo caminho a seguir.

– Sem dúvida.

Talvez houvesse sanduíches. Ele podia comer uns quarenta daqueles sanduichinhos minúsculos naquele instante.

– Gregory.

A voz de Anthony tinha aquele tom impossível de descrever, mas bem fácil de identificar. E Gregory sabia que era hora de prestar atenção.

– Certo – falou, para ter tempo de pensar no que dizer em seguida. – Creio que vou me juntar ao clero.

Essa declaração fez Anthony estacar. Ficou paralizado, como uma estátua. Gregory fez uma pausa para saborear o momento. Que pena que ele tivesse de se tornar um vigário para conseguir isso.

– O que disse? – murmurou Anthony, finalmente.

– Eu não tenho muitas opções – respondeu Gregory. E, à medida que as palavras saíam, ele percebeu que era a primeira vez que as enunciava. Isso de alguma forma as tornava mais reais, mais permanentes. – Ou me torno militar ou entro para o clero e, bem, isso tem que ser dito, tenho uma péssima pontaria.

Anthony não disse nada. Todos sabiam que era verdade.

Após um instante constrangedor de silêncio, Anthony murmurou:

– Também há espadas.

– Sim, mas com a minha sorte, vou ser mandado para o Sudão. – Gregory estremeceu. – Não quero ser exigente demais, mas pense naquele calor. *Você* iria querer ir?

Anthony respondeu imediatamente:

– Não, claro que não.

– E também tem a nossa mãe – acrescentou Gregory, começando a se divertir.

Após uma pausa, Anthony perguntou:

– E o que ela tem a ver com o Sudão?

– Ela não iria gostar nem um pouco que eu fosse, e então você, como deve saber, teria que segurar a mão dela sempre que ficasse preocupada, ou tivesse algum pesadelo horripilante com...

– Não diga mais nada – interrompeu Anthony.

Gregory se permitiu um sorriso interior. Não estava sendo justo com a mãe, que, era importante salientar, nunca alegara ter nenhum pressentimento baseado em algo tão frágil quanto um sonho. Mas ela *destestaria* que ele fosse para o Sudão, e Anthony *teria* que ouvir suas preocupações com relação a isso.

E, como Gregory não pretendia mesmo deixar a costa enevoadada da Inglaterra, a questão era irrelevante.

– Certo – falou Anthony. – Certo. Fico feliz por finalmente termos tido essa conversa.

Gregory olhou para o relógio.

Anthony pigarreou e, quando falou, havia uma pontada de impaciência em sua voz.

– E por você finalmente estar pensando em seu futuro.

Gregory sentiu o maxilar ficar tenso.

– Tenho só 26 anos – lembrou ele. – Com certeza sou jovem demais para esse uso repetido da palavra *finalmente*.

Anthony apenas arqueou uma sobrancelha.

– Devo entrar em contato com o arcebispo? Para achar uma paróquia?

Gregory começou a tossir, o peito sacudindo-se.

– Hã, não – respondeu, quando conseguiu falar. – Não por enquanto, pelo menos.

Um canto da boca de Anthony se mexeu. Mas não muito, e não, por qualquer extensão da definição, lembrando um sorriso.

– Você poderia se casar – disse ele tranquilamente.

– Eu poderia – concordou Gregory. – E vou. Na verdade, planejo isso.

– É mesmo?

– Quando encontrar a mulher certa. – Ao ver a expressão cética de Anthony, Gregory acrescentou: – Com certeza você, mais do que qualquer pessoa, recomendaria um casamento por amor, e não por conveniência.

Anthony era louco de amor pela esposa, sentimento absolutamente recíproco. Também era muito dedicado aos sete irmãos mais novos, como todos sabiam, então Gregory não deveria ter ficado tão inesperadamente emocionado quando ele disse baixinho:

– Desejo-lhe toda a felicidade que tenho em minha vida.

O ronco alto do estômago de Gregory o salvou de ter de responder. Então, um pouco encabulado, ele encarou o irmão.

– Desculpe-me. Perdi o jantar.

– Eu sei. Nós o esperávamos mais cedo.

Gregory por pouco não estremeceu.

– Kate ficou chateada – acrescentou o irmão mais velho.

Isso foi ainda pior. Uma coisa era Anthony ficar desapontado. Mas quando ele dizia que a esposa havia se magoado de alguma forma...

Bem, foi nesse momento que Gregory *teve certeza* de que estava em apuros.

– Saí tarde de Londres – murmurou.

Era verdade, mas não justificava o mau comportamento. Ele estava sendo esperado para o jantar na casa de Anthony e não cumprira o compromisso. Gregory quase disse “Vou me desculpar com ela”, mas, no último instante, voltou atrás. De alguma forma, sabia que isso só pioraria as coisas, como se não estivesse dando importância ao seu atraso e acreditasse que poderia amenizar qualquer transgressão com um sorriso e um comentário fútil. O que quase sempre era verdade, mas, por alguma razão, dessa vez, ele não queria.

Então, em vez disso, apenas falou:

– Sinto muito.

E estava sendo sincero.

– Ela está no jardim – disse Anthony, com rispidez. – Acho que pretende organizar uma dança. No pátio, acredita?

Gregory acreditava. Era exatamente o tipo de coisa que sua cunhada faria. Ela não costumava deixava passar nenhum momento feliz e inesperado, e, com o clima tão agradável, por que não organizar um pequeno baile de improviso ao ar livre?

– Trate de dançar com quem ela quiser – avisou Anthony. – Kate não gostaria que nenhuma das senhoritas se sentisse esquecida.

– É claro – murmurou Gregory.

– Irei me juntar a vocês em quinze minutos – acrescentou Anthony, voltando para sua mesa, onde várias pilhas de papel o aguardavam. – Ainda preciso terminar algumas coisas.

Gregory se levantou.

– Vou avisar a Kate.

E então, vendo que a conversa claramente tinha terminado, ele deixou o escritório e saiu para o jardim.

Já fazia algum tempo desde a última vez que fora a Aubrey Hall, o lar ancestral dos Bridgertons. A família se reunia ali em Kent para o Natal, é claro, mas, na verdade, Gregory não via – nunca vira – aquela casa como um lar. Depois que seu pai falecera, a mãe, de forma nada convencional, afastara a família de lá, optando por passar a maior parte do ano em Londres. Ela nunca dissera isso, mas Gregory sempre suspeitara que a elegante construção trazia muitas lembranças.

Por isso, Gregory sempre se sentira mais à vontade na cidade do que no campo. A Casa Bridgerton, em Londres, era o lar de sua infância, não Aubrey Hall. Ainda assim, ele gostava de ir lá em visitas e estava sempre disposto a participar de atividades bucólicas, como cavalgar e nadar (quando o lago ficava quente o bastante para isso), e, por incrível que parecesse, ele gostava da mudança de ritmo. Adorava a forma como o ar parecia puro e tranquilo após meses na cidade.

E também adorava deixar tudo para trás quando ficava puro e tranquilo *demais*.

As festividades da noite estavam sendo realizadas no gramado sul, ou pelo menos foi o que lhe dissera o mordomo quando chegara mais cedo naquela noite. Parecia um bom local para uma recepção ao ar livre – terreno plano, vista para o lago e um grande pátio com muitas opções de lugares para os menos dispostos se sentarem.

Quando ele se aproximou do grande salão que abria para a área externa, ouviu o zumbido das vozes pelas portas envidraçadas. Não sabia bem quantas pessoas sua cunhada tinha convidado –

provavelmente algo entre vinte e trinta. Uma recepção pequena o suficiente para ser íntima, mas grande o bastante para que alguém pudesse escapar em busca de um pouco de paz e tranquilidade sem que sua ausência fosse notada.

Quando atravessou o salão, Gregory respirou fundo, tentando, em parte, descobrir que tipo de petiscos Kate decidira servir. Não devia ser nada muito substancial, é claro; com certeza ela já havia estufado os convidados no jantar.

Doces, concluiu Gregory, sentindo cheiro de canela quando chegou ao pátio de pedra cinza-claro. Deixou escapar um suspiro desapontado. Estava morrendo de fome, e um enorme pedaço de carne seria o paraíso.

Mas ele estava atrasado, o que não era culpa de ninguém além dele mesmo, e Anthony o mataria se não se juntasse à festa naquele mesmo instante, então teria de se contentar com bolos e biscoitos mesmo.

Uma brisa quente roçou sua pele quando pisou do lado de fora. O tempo estava bem abafado para maio e todos falavam sobre isso. Era o tipo de clima que parecia levantar o astral – tão surpreendentemente agradável que ninguém conseguia deixar de sorrir. E, de fato, as pessoas que perambulavam pela festa pareciam bastante animadas – o burburinho das conversas era entremeado por frequentes trinados de risos.

Gregory olhou ao redor, tanto à procura de algo para comer quanto de alguém conhecido, de preferência sua cunhada Kate, a quem a etiqueta dizia que devia cumprimentar primeiro. Mas, de repente, ele viu...

Ela.

Ela.

E ele soube. Teve certeza de que era ela. Ficou congelado, paralisado. Não perdeu o fôlego de repente; em vez disso, o ar pareceu escapar lentamente até não lhe restar mais nada e Gregory ficou ali parado, querendo mais.

Não podia ver o rosto dela, nem mesmo o perfil. Só viu suas costas, a curva perfeita do pescoço, um cacho de cabelo louro caindo pelo ombro.

E tudo em que conseguiu pensar foi... *Estou acabado.*

Para todas as outras mulheres, ele estava acabado. Aquela intensidade, aquele fogo, aquela avassaladora sensação do que era certo... Gregory nunca havia sentido nada parecido.

Talvez fosse bobo. Ou louco. Provavelmente as duas coisas. Mas ele já estava esperando. Esperava havia tanto tempo por aquele momento... E, de repente, ficou muito claro por que não tinha se tornado militar, ou entrado para o clero, ou aceitado uma das frequentes ofertas do irmão para administrar uma pequena propriedade da família.

Estava esperando. Era isso. Mas que diabo, ele nem percebera que não vinha fazendo nada além de esperar por aquele momento.

E tinha chegado.

Ali estava *ela*.

E ele soube.

Ele soube.

Caminhou lentamente pelo gramado, já esquecido da comida e de Kate. Conseguiu murmurar um cumprimento para uma ou duas pessoas que encontrou no caminho, ainda mantendo o passo. Tinha de chegar até ela. Precisava ver seu rosto, sentir seu cheiro, saber qual era o som de sua voz.

Em um instante, já estava a poucos metros de distância. Sem fôlego, maravilhado, de alguma forma feliz só de estar perto dela.

Ela conversava com outra jovem com uma animação que deixava claro que eram grandes amigas. Gregory ficou parado por um momento, só observando as duas, até que elas se viraram devagar e perceberam que ele estava ali.

Ele abriu um sorriso discreto e gentil, e então disse...



– Como vai?

Lucinda Abernathy, mais conhecida como Lucy, abafou um gemido ao virar para o cavalheiro que havia se aproximado dela de forma furtiva, provavelmente para ver melhor Hermione, como faziam, bem, todos os que conheciam Hermione.

Eram os ossos do ofício de ser amiga de Hermione Watson. Ela colecionava corações partidos da mesma forma que o antigo vigário que morava perto de sua casa colecionava borboletas.

A única diferença era que, obviamente, Hermione não prendia sua coleção com aqueles terríveis alfinetes pequeninos. Justiça seja feita, Hermione não tentava conquistar os corações dos cavalheiros, e com certeza nunca planejara partir nenhum deles. Mas... acontecia. Àquela altura, Lucy já havia se acostumado. Hermione era Hermione, com seu cabelo louro-claro cor de palha, seu rosto em forma de coração e seus olhos grandes do mais surpreendente tom de verde.

Lucy, por outro lado, era... Bem, *não era* Hermione, isso estava claro. Era simplesmente ela mesma e, na maioria das vezes, isso bastava.

Lucy era, sob quase todos os aspectos visíveis, apenas um pouco *menos* do que Hermione. Um pouco menos loura. Um pouco menos magra. Um pouco menos alta. Seus olhos eram de uma cor um pouco menos vívida – cinza-azulados, na verdade. Ela era bastante atraente se comparada com qualquer outra jovem que não fosse Hermione, mas isso não adiantava muito, já que *nunca* ia a parte alguma sem a amiga.

Chegara a essa conclusão impressionante certo dia, enquanto não prestava atenção às aulas de redação e literatura inglesa na Escola para Jovens Extraordinárias da Srta. Moss, em que ela e Hermione estudaram por três anos.

Lucy era um pouco menos. Ou talvez, se alguém quisesse ver as coisas de um jeito mais positivo, ela apenas não era *tão* extraordinária.

Acreditava ser razoavelmente atraente, no mais tradicional e saudável estilo inglês, mas os homens quase nunca (ou melhor, nunca) ficavam sem fala em sua presença.

Hermione, no entanto... Bem, o lado bom é que ela era muito amável e gentil. Ou teria sido impossível ser sua amiga.

Bem, isso e o fato de que ela simplesmente não sabia dançar. Valsa, quadrilha, minueto, não importava. Se envolvia música e movimento, Hermione não levava o menor jeito.

E isso era *maravilhoso*.

Lucy não se achava uma pessoa superficial, e, caso alguém perguntasse, afirmaria com toda a certeza que seria capaz de se atirar em frente a uma carruagem para salvar a melhor amiga, mas havia uma espécie de justiça gratificante no fato de a garota mais bonita da Inglaterra ter dois pés esquerdos, e pelo menos um deles chato.

Metaforicamente falando.

E agora ali estava outro. Homem, é claro, não pé. Bonito, também. Alto, mas não muito, com lindos cabelos castanhos e um sorriso bastante simpático, além do brilho nos olhos, cuja cor ela não conseguia definir em razão da má iluminação noturna.

Sem falar que ela não podia de fato *ver* seus olhos, já que ele não estava olhando para ela. Fitava fixamente Hermione, como os homens sempre faziam.

Lucy sorriu educadamente, mesmo achando que ele não iria notar, e esperou que ele se curvasse e se apresentasse.

E então ele fez algo surpreendente. Após revelar seu nome – pela sua aparência, ela deveria ter imaginado que ele era um Bridgerton –, ele se curvou e beijou a mão *dela* primeiro.

Lucy ficou sem ar.

Então, é claro, percebeu o que ele estava fazendo.

Ah, ele era *esperto*. Muito esperto. Nada, *nada* possibilitaria a um homem tocar o coração de Hermione mais rápido do que um elogio a Lucy.

Lamentavelmente para ele, o coração da moça já tinha dono.

Ah, bem, seria divertido ver o desenrolar da situação, pelo menos.

– Eu sou a Srta. Hermione Watson – dizia Hermione, e Lucy percebeu que a tática do Sr. Bridgerton era duplamente inteligente.

Ao deixar para beijar a mão de Hermione depois, além de poder se demorar mais na interação com ela, a responsabilidade por fazer as apresentações seria da moça.

Lucy estava quase impressionada. No mínimo, ele se destacava por ser um pouco mais inteligente do que muitos cavalheiros.

– E esta é a minha melhor amiga – continuou Hermione. – Lady Lucinda Abernathy.

Ela falou isso da maneira de sempre, com amor e devoção, e talvez com um toque indisfarçado de desespero, como se dissesse *Pelo amor de Deus, olhe para Lucy também*.

Mas é claro que eles nunca olhavam. A não ser quando queriam conselhos sobre Hermione, sobre como conquistá-la. Nessas ocasiões, Lucy era sempre muito requisitada.

O Sr. Bridgerton – Sr. *Gregory* Bridgerton, ela se corrigiu mentalmente, pois, até onde sabia, havia três Srs. Bridgertons, sem contar com o visconde – se virou e a surpreendeu com um sorriso atraente e um olhar afetuoso.

– Como vai, Lady Lucinda? – murmurou.

– M-muito bem, obrigada.

E então ela teve vontade de se socar por ter gaguejado, mas também, Deus do céu, os homens nunca olhavam para ela depois de verem Hermione, nunca.

O Sr. Bridgerton poderia estar interessado *nela*?

Não, impossível. Isso nunca acontecia.

E isso importava? É claro que seria encantador se um homem se apaixonasse louca e perdidamente por ela, para variar. De fato, ela não ficaria *triste* com toda a atenção. Mas a verdade era que Lucy estava quase noiva de lorde Haselby havia muitos anos, então não fazia muito sentido existir um admirador todo derretido por ela. Não levaria a nada mesmo.

E, além disso, com certeza Hermione não tinha culpa de ter nascido com o rosto de um anjo.

Então Hermione era a sereia, e Lucy, a amiga leal, e estava tudo certo com o mundo. Ou, se não certo, ao menos bastante previsível.

– Podemos considerá-lo um de nossos anfitriões? – perguntou Lucy finalmente, já que ninguém dissera nada após os devidos cumprimentos.

– Receio que não – respondeu o Sr. Bridgerton. – Por mais tentador que seja receber créditos pela festa, eu moro em Londres.

– O senhor tem muita sorte por Aubrey Hall pertencer à sua família – disse Hermione, educadamente –, mesmo que seja propriedade do seu irmão.

E foi nesse momento que Lucy teve certeza. O Sr. Bridgerton gostava de Hermione. Não importava o fato de ele ter beijado sua mão primeiro, ou ter realmente olhado para ela durante a conversa, o que a maioria dos homens nunca se preocupava em fazer. Bastava ver a forma como ele fitava Hermione quando ela falava para saber que era como todos os outros.

Os olhos dele tinham aquele brilho ligeiramente vidrado, os lábios estavam entreabertos e havia uma intensidade em seu semblante, como se ele quisesse tomar Hermione nos braços e levá-la embora, sem dar a mínima para as pessoas e o decoro.

Ao contrário do modo como olhava para ela, que poderia ser interpretado como um desinteresse educado. Ou talvez *Por que você está no meu caminho, me impedindo de tomar Hermione nos braços e levá-la embora, sem dar a mínima para as pessoas e o decoro?*

Não era exatamente decepcionante. Mas também não era... não decepcionante.

Devia haver uma palavra para isso. Devia mesmo.

– Lucy? Lucy?

Ela percebeu, um pouco constrangida, que não vinha prestando atenção na conversa. Hermione olhava para ela com ar curioso, a cabeça inclinada daquele jeito que os homens achavam tão atraente. Lucy tentara imitá-la uma vez, mas ficara tonta.

– Sim? – murmurou ela, uma vez que algum tipo de expressão verbal parecia necessária.

– O Sr. Bridgerton me chamou para dançar – disse Hermione –, mas eu lhe disse que não *posso*.

A amiga estava sempre fingindo tornozelos torcidos e resfriados para ficar longe dos salões de dança. O que não era nenhum problema, a não ser pelo fato de ela sempre empurrar seus admiradores para Lucy. O que também não era nenhum problema *no início*, mas tinha se tornado tão comum que Lucy acreditava que os cavalheiros já pensavam que eram empurrados para ela por pena, o que não poderia estar mais longe da verdade.

Lucy, para ser sincera, era uma ótima dançarina. E uma pessoa bastante sociável também.

– Seria um prazer dançar com Lady Lucinda – disse o Sr. Bridgerton, porque o que mais poderia falar?

E assim Lucy sorriu, ainda que não muito convencida, e permitiu que ele a conduzisse até o pátio.

CAPÍTULO 2

No qual nossa heroína mostra uma completa falta de respeito por tudo o que é romântico.

Gregory era um cavalheiro, portanto disfarçou bem sua decepção quando ofereceu o braço a Lady Lucinda e a acompanhou até a pista de dança improvisada. Ele tinha certeza de que ela devia ser uma jovem encantadora e adorável, mas não era a Srta. Hermione Watson.

E ele esperara a vida inteira para conhecer a Srta. Hermione Watson.

Ainda assim, aquilo *poderia* ser bom para sua causa. Estava claro que Lady Lucinda era a melhor amiga da Srta. Watson – a jovem falara com efusividade sobre ela durante sua rápida conversa, enquanto Lady Lucinda olhava com ar perdido por sobre o ombro dele, aparentemente sem ouvir uma palavra. Tendo quatro irmãs, Gregory sabia uma ou duas coisas sobre as mulheres, e a mais importante era que é sempre uma boa ideia fazer amizade com a amiga, desde que o que tivessem fosse *mesmo* amizade, e não apenas aquela coisa estranha quando as mulheres fingem ser amigas e, na verdade, esperam apenas o momento perfeito para apunhalar uma à outra.

Criaturas misteriosas, as mulheres. Se elas ao menos aprendessem a dizer o que pensam, o mundo seria um lugar muito mais simples.

Mas, nos momentos em que Lady Lucinda não estava devaneando, as duas jovens tinham dado todas as mostras de amizade e devoção. E, se Gregory queria saber mais sobre a Srta. Watson, Lady Lucinda Abernathy era a melhor fonte.

– A senhorita está hospedada em Aubrey Hall há muito tempo? – perguntou ele, educadamente, enquanto esperavam a música começar.

– Só desde ontem – respondeu ela. – E o senhor? Não o vimos em nenhuma das reuniões até agora.

– Cheguei hoje à noite – disse ele. – Depois do jantar.

Ele fez uma careta. Agora que já não olhava mais para a Srta. Watson, lembrou-se de que estava com fome.

– Deve estar faminto! – exclamou Lady Lucinda. – Prefere dar uma volta no pátio em vez de dançar? Podemos passar pela mesa de aperitivos.

Gregory quase a abraçou.

– Lady Lucinda, a senhorita é uma jovem incrível.

Ela sorriu, mas era um tipo estranho de sorriso, e ele não sabia dizer o que significava. Ela havia gostado do elogio, disso ele tinha certeza, mas havia algo mais ali – uma certa tristeza, talvez um pouco de resignação.

– A senhorita deve ter um irmão – sugeriu Gregory.

– Tenho – confirmou ela, sorrindo à dedução dele. – Ele é quatro anos mais velho que eu e está sempre faminto. Era um espanto termos comida na despensa quando ele voltava da escola.

Gregory apoiou a mão dela na curva de seu cotovelo e, juntos, caminharam até o pátio.

– Por aqui – disse Lady Lucinda, puxando de leve o braço dele quando Gregory tentou guiá-los na outra direção. – A menos que prefira doces.

Gregory sentiu seu rosto se iluminar.

– Há salgados?

– Sanduíches. São pequenos, mas deliciosos, sobretudo os de ovos.

Ele assentiu, um pouco distraído. Tinha visto a Srta. Watson pelo canto do olho, o que tornava um pouco difícil se concentrar em qualquer outra coisa. Principalmente porque ela estava cercada de homens. Gregory tinha certeza de que haviam só esperado que alguém tirasse Lady Lucinda do lado dela para poderem atacar.

– Hã, a senhorita conhece Lady Hermione há muito tempo? – perguntou ele, tentando não ser muito óbvio.

Após uma ligeira pausa, ela respondeu:

– Há três anos. Estudamos juntas na Escola da Srta. Moss. Ou melhor, estudávamos. Terminamos nossos estudos este ano.

– Devo supor que a senhorita planeja debutar em Londres na primavera?

– Sim – disse ela, apontando com a cabeça para uma mesa cheia de petiscos. – Passamos os últimos meses nos preparando, como a mãe de Hermione gosta de dizer, participando de festas e pequenas reuniões.

– Tornando-se mais polidas? – perguntou ele com um sorriso.

Os lábios dela se curvaram em resposta.

– Exatamente isso. Se eu fosse um castiçal, estaria brilhando a esta altura.

Ele achou graça.

– Um castiçal, Lady Lucinda? Ah, vamos, não se subestime. No mínimo, a senhorita seria uma daquelas urnas de prata extravagantes que todos parecem ter em suas salas de estar nos últimos tempos.

– Então sou uma urna – disse ela, quase parecendo considerar a ideia. – Nesse caso, me pergunto o que Hermione seria.

Uma joia. Um diamante. Um diamante incrustado em ouro. Um diamante incrustado em ouro cercado por...

Ele se obrigou a mudar o rumo dos pensamentos. Poderia praticar sua ginástica poética mais tarde, quando não tivesse de continuar uma conversa. Uma conversa com outra jovem.

– Não faço a menor ideia – disse ele despreocupadamente, oferecendo-lhe um prato. – Afinal, mal falei com a Srta. Watson.

Ela não disse nada, mas ergueu de leve as sobrancelhas. E foi nesse momento, é claro, que Gregory percebeu que olhava por sobre o ombro dela para ver melhor a Srta. Watson.

Lady Lucinda deixou escapar um suspiro.

– É melhor o senhor saber que ela está apaixonada por outro homem.

Gregory então voltou o olhar para a mulher em quem deveria estar prestando atenção.

– O que disse?

Ela deu de ombros delicadamente enquanto colocava alguns sanduichinhos no prato.

– Hermione. Ela está apaixonada por outro homem. Achei que o senhor gostaria de saber.

Gregory a encarou completamente pasmo e, em seguida, contrariando todo o seu bom senso, olhou de novo para a Srta. Watson. Era o gesto mais óbvio e patético, mas não pôde evitar. Ele só... Deus do céu, ele só queria olhar para ela pelo resto da vida e não fazer mais nada. Se aquilo não era amor, então não sabia o que era.

– Presunto?

– *O quê?*

– Sanduíche de presunto. – Lady Lucinda segurava com um par de pinças de servir um pãozinho recheado. Seu rosto estava irritantemente sereno. – O senhor aceitaria um?

Ele resmungou e estendeu o prato. E então, porque não podia deixar o assunto para lá, disse em um tom áspero:

- Sem dúvida isso não é da minha conta.
- Está falando sobre o sanduíche?
- Sobre a Srta. Watson – grunhiu ele.

Mas não falava sério, claro. No que lhe dizia respeito, Hermione Watson era totalmente da sua conta, ou pelo menos seria, muito em breve.

Era um pouco desconcertante que *ela*, até onde podia perceber, não tivesse sido atingida pelo mesmo raio que ele. Nunca ocorrera a Gregory que, quando ele se apaixonasse, sua pretendida pudesse não sentir o mesmo, e com igual rapidez. Mas, pelo menos, aquela explicação – o fato de ela achar que estava apaixonada por outra pessoa – aplacava seu orgulho. Era muito mais palatável pensar que ela estava encantada por outra pessoa do que completamente indiferente a ele.

Só precisava fazê-la perceber que, quem quer que fosse o outro homem, não era a pessoa certa para ela.

Gregory não era tão convencido a ponto de achar que poderia conquistar qualquer mulher que desejasse, mas nunca tivera *dificuldades* com o sexo oposto, e, levando em conta como reagira à Srta. Watson, era simplesmente inconcebível que seus sentimentos pudessem não ser correspondidos por muito tempo. Ele poderia ter de batalhar para ganhar seu coração e sua mão, mas isso só tornaria a vitória ainda mais saborosa.

Ou pelo menos foi o que disse a si mesmo. A verdade era que fazer um raio atingir os dois ao mesmo tempo poderia ser uma tarefa muito mais fácil.

– Não se sinta mal – disse Lady Lucinda, esticando um pouco o pescoço enquanto examinava os sanduíches, talvez procurando algo mais exótico do que porco.

– Não me sinto – disparou Gregory, então esperou que ela voltasse de fato a atenção para ele. Como isso não aconteceu, repetiu: – Não me sinto.

Ela virou, olhou para ele com um ar franco e piscou.

– Bem, devo dizer que isso é reconfortante. A maioria dos homens fica devastada.

Ele fez uma careta.

– O que quer dizer com isso?

– Exatamente o que eu disse – respondeu ela, encarando-o com impaciência. – Ou, se não ficam devastados, acabam inexplicavelmente irritados. – Ela bufou como fazem as damas. – Como se isso de alguma forma pudesse ser culpa dela.

– Culpa? – ecoou Gregory, pois, na verdade, estava tendo uma grande dificuldade em acompanhar o raciocínio dela.

– Você não é o primeiro cavalheiro a se imaginar apaixonado por Hermione – disse ela, o ar bastante cansado. – Isso acontece o tempo todo.

– Eu não *me imagino* apaixonado...

Ele se interrompeu, esperando que ela não notasse o destaque que dera às palavras *me imagino*. Deus do céu, o que estava acontecendo? Ele costumava ter senso de humor. Até com relação a si mesmo. Sobretudo com relação a si mesmo.

– Não? – Ela parecia agradavelmente surpresa. – Bem, isso é reconfortante.

– Por que reconfortante? – quis saber ele, estreitando os olhos.

– Por que está fazendo tantas perguntas? – rebateu ela.

– Não estou – protestou Gregory, mesmo não sendo verdade.

Lady Lucy suspirou, depois o surpreendeu, dizendo:

– Eu sinto muito.

– Perdão?

Ela olhou para o sanduíche de salada de ovo em seu prato, em seguida para ele, seguindo uma ordem que ele não achou nada cortês. Costumava ter mais importância do que um sanduíche de salada de ovo.

– Achei que o senhor quisesse falar sobre Hermione – disse ela. – Peço desculpas se me enganei.

Isso deixava Gregory em um grande dilema. Ele podia admitir que tinha se apaixonado perdidamente pela Srta. Watson, o que era um pouco embaraçoso, até mesmo para um romântico incurável como ele. Ou podia negar tudo, e ela com certeza não acreditaria. Ou podia, ainda, chegar a um meio-termo e confessar que tinha um leve interesse em Lady Hermione – achava que esta seria a melhor solução, tirando o fato de que talvez soasse como um insulto a Lady Lucinda.

Afinal, conhecera as duas jovens ao mesmo tempo. E não tinha se apaixonado perdidamente por *ela*.

Mas então, como se Lady Lucinda pudesse ler seus pensamentos (o que o assustou), ela balançou a mão no ar num gesto de desimportância e disse:

– Por favor, não se preocupe com os meus sentimentos. Já estou acostumada. Como eu falei, isso acontece o *tempo todo*.

Abra o coração, crave um punhal cego nele. Gire.

– Sem falar que estou praticamente noiva – continuou ela, com a voz descontraída.

Então deu uma mordida em seu sanduíche de salada de ovo.

Gregory se perguntou que tipo de homem poderia estar ligado àquela estranha criatura. Não é que tenha sentido pena do sujeito, só... ficou imaginando.

De repente, Lady Lucinda deixou escapar um:

– Ah!

Os olhos dele seguiram os dela até o local onde a Srta. Watson estivera momentos antes.

– Onde será que ela foi? – disse Lady Lucinda.

Gregory se virou para a porta no mesmo instante, esperando conseguir vê-la uma última vez antes que desaparecesse, mas ela já havia ido embora. Aquilo era terrivelmente frustrante. Qual era o sentido de ter uma forte e fulminante atração imediata se não se podia fazer nada a respeito?

Além do fato de ser algo unilateral. Deus do céu.

Ele suspirou profundamente.

– Ah, Lady Lucinda, aí está a senhorita.

Gregory levantou os olhos e viu a cunhada se aproximando.

Então lembrou que a esquecera por completo. Kate não ficaria ofendida; ela levava tudo na esportiva. Mas, ainda assim, Gregory costumava ter modos um pouco melhores com mulheres que não eram suas parentes de sangue.

Lady Lucinda a cumprimentou:

– Lady Bridgerton.

Kate sorriu calorosamente para ela.

– A Srta. Watson me pediu que lhe dissesse que não estava se sentindo bem e que decidiu se retirar.

– É mesmo? Ela disse... Ah, não importa.

Lady Lucinda acenou com a mão, como se quisesse dizer que não havia problema, mas Gregory notou uma ponta de frustração em seu semblante.

– Um princípio de resfriado, eu acho – acrescentou Kate.

Lady Lucinda assentiu de leve.

– Sim, deve ser – falou, parecendo um pouco menos solidária do que Gregory teria imaginado, dadas as circunstâncias.

– E, você – continuou Kate, virando para Gregory –, em nenhum momento achou que devia me cumprimentar? Como está?

Ele pegou as mãos dela e beijou-as juntas como um pedido de desculpas.

– Atrasado.

– Isso eu sabia. – Seu rosto não mostrava irritação, apenas um pouco de aborrecimento. – Como está, fora isso?

– Fora isso, estou ótimo. – Ele sorriu. – Como sempre.

– Como sempre – repetiu ela, lançando-lhe um olhar que era uma promessa clara de um futuro interrogatório. – Lady Lucinda – continuou Kate, o tom consideravelmente menos seco. – Vejo que conheceu o irmão do meu marido, Sr. Gregory Bridgerton.

– De fato – respondeu a jovem. – Estávamos apreciando a comida. Os sanduíches estão deliciosos.

– Obrigada – disse Kate, e em seguida acrescentou: – Gregory lhe prometeu uma dança? Não posso garantir que a música tenha qualidade profissional, mas conseguimos reunir um quarteto de cordas entre os nossos convidados.

– Prometeu – respondeu Lady Lucinda. – Mas eu o liberei de sua obrigação para que ele possa saciar a fome.

– Você deve ter irmãos – observou Kate com um sorriso.

Lady Lucinda olhou para Gregory com uma expressão um pouco assustada, antes de responder:

– Só um.

Ele se virou para Kate.

– Fiz a mesma observação mais cedo – explicou.

Kate deixou escapar uma risadinha.

– Grandes mentes, com certeza. – Depois se virou para a jovem e disse: – É ótimo entender o comportamento dos homens, Lady Lucinda. Nunca se deve subestimar o poder da comida.

Ela arregalou os olhos.

– Para que fiquem bem-humorados?

– *Também*, claro – respondeu Kate, casualmente –, mas não se deve descartar seu uso quando se quer ganhar uma discussão. Ou apenas conseguir o que se quer.

– Ela mal acabou os estudos, Kate – repreendeu-a Gregory.

A cunhada o ignorou e abriu um largo sorriso para Lady Lucinda.

– Nunca é cedo demais para aprender habilidades tão importantes.

Lady Lucinda fitou Gregory, depois Kate e, então, seus olhos começaram a brilhar, cheios de humor.

– Entendo por que tantas pessoas a admiram e respeitam, Lady Bridgerton.

Kate riu.

– A senhorita é muito gentil, Lady Lucinda.

– Ah, por favor, Kate – cortou Gregory. Depois virou para Lady Lucinda e acrescentou: – Ela vai ficar aqui a noite toda, se a senhorita continuar elogiando-a.

– Não dê atenção a ele – disse Kate, sorrindo. – Ele é jovem e tolo e não sabe o que fala.

Gregory estava prestes a fazer outro comentário – não podia deixar Kate dar a última palavra –,

mas Lady Lucinda o interrompeu:

– Eu ficaria feliz em tecer-lhe elogios pelo resto da noite, Lady Bridgerton, mas preciso me recolher. Preciso ver como está Hermione. Ela ficou indisposta o dia todo, e eu gostaria de me assegurar de que está bem.

– É claro – disse Kate. – Por favor, informe-lhe que estimo suas melhoras e fique à vontade para chamar se precisar de alguma coisa. Nossa governanta se acha uma especialista em ervas e está sempre inventando poções. Algumas até funcionam.

Kate sorriu com tanta cordialidade que Gregory logo percebeu que ela simpatizava com Lady Lucinda. Isso queria dizer muita coisa. Kate nunca suportara tolos, de bom grado ou de qualquer outra maneira.

– Vou levá-la até a porta – afirmou ele rapidamente.

Era o mínimo que podia fazer, e, além disso, não seria nada bom insultar a amiga mais próxima da Srta. Watson.

As duas se despediram e Gregory apoiou o braço de Lady Lucinda na curva de seu cotovelo. Caminharam em silêncio até a porta para a sala de visitas e ele disse:

– Creio que possa seguir sozinha a partir daqui.

– Claro. – Ela levantou os olhos, que eram azulados, e perguntou: – O senhor quer que eu leve alguma mensagem para Hermione?

Os lábios dele se entreabriram de surpresa.

– Por que a senhorita faria isso? – perguntou Gregory, antes que pudesse tentar suavizar sua reação.

Ela apenas deu de ombros e disse:

– O senhor é o menor de dois males, Sr. Bridgerton.

Ele queria muito lhe pedir para esclarecer o comentário, mas não podia, não a conhecendo tão pouco, então só procurou manter o semblante tranquilo e falou:

– Diga apenas que estimo sua melhora.

– Só isso?

Minha nossa, aquele olhar dela era irritante.

– Só isso.

Ela fez uma ligeira reverência e saiu.

Gregory olhou por um instante para a porta pela qual ela desapareceu, depois virou para a festa. Mais convidados estavam dançando e o riso preenchia o ar, mas de alguma forma a noite parecia sem graça e maçante.

Comida, pensou. Iria comer mais uns vinte daqueles sanduichinhos e depois também se recolheria.

Tudo ficaria melhor pela manhã.



Lucy *sabia* que Hermione não estava com dor de cabeça, ou qualquer outro tipo de dor, e não ficou de todo surpresa ao encontrá-la sentada na cama, pensativa, com o que parecia ser uma carta de

quatro páginas na mão.

Escrita com uma letra extremamente compacta.

– Um criado trouxe para mim – explicou a amiga, sem nem olhar para a outra. – Ele disse que chegou com o correio de hoje, mas esqueceram de trazer mais cedo.

Lucy suspirou.

– Do Sr. Edmonds, presumo.

Hermione assentiu.

Lucy cruzou o quarto que as duas estavam dividindo e se sentou na cadeira da penteadeira. Aquela não era a primeira carta que Hermione recebia do Sr. Edmonds, e Lucy sabia por experiência que a amiga a leria duas vezes, depois mais uma, para uma análise mais profunda, e, finalmente, uma última vez, nem que fosse para captar qualquer significado oculto na saudação e na despedida.

Isso queria dizer que Lucy não teria nada a fazer além de examinar as unhas por pelo menos cinco minutos.

O que ela fez, não porque estivesse muito interessada no estado de suas unhas, nem porque fosse uma pessoa especialmente paciente, mas sim porque sabia reconhecer uma causa perdida e não via por que gastar energia para começar uma conversa com Hermione quando a amiga estava com a atenção tão claramente focada em outra coisa.

Mas a checagem das unhas não ocupa muito tempo, sobretudo quando já estão limpas e tratadas, então Lucy se levantou e caminhou até o armário, olhando distraidamente para seus pertences.

– Ah, que lástima – murmurou. – Detesto quando ela faz isso.

Sua criada tinha deixado um par de calçados trocados, o pé esquerdo disposto à direita e vice-versa, e, embora Lucy soubesse que não havia nada tão errado assim nisso, aquilo mexia com um lado um pouco excêntrico (e extremamente meticuloso) de sua personalidade, então ela endireitou os sapatos, afastou-se para inspecionar o trabalho, depois colocou as mãos nos quadris e se virou.

– Já terminou? – perguntou.

– Quase – respondeu Hermione, tão rápido que pareceu já estar com a palavra na ponta da língua para despachar Lucy quando ela perguntasse.

Lucy sentou-se, bufando. Era uma cena que tinham vivido inúmeras vezes. Na verdade, quatro.

Sim, Lucy sabia exatamente quantas cartas Hermione recebera do romântico Sr. Edmonds. E preferiria *não saber*. De fato, estava bastante irritada por aquilo ocupar em sua mente um espaço precioso que poderia ser dedicado a algo útil, como o estudo das plantas ou de música ou, Santo Deus, até mesmo a leitura de outra página de seu manual de boas maneiras, mas a questão era que – para sua infelicidade – as cartas do Sr. Edmonds eram um *acontecimento*, e, quando havia um acontecimento na vida de Hermione, bem, Lucy era obrigada a passar por ele também.

As duas jovens haviam dividido um quarto durante três anos na Escola da Srta. Moss, e, como Lucy não tinha nenhum parente próximo do sexo feminino que pudesse ajudá-la a debutar na sociedade, a mãe de Hermione havia concordado em orientá-la. Por isso, ali estavam elas, ainda juntas.

O que era maravilhoso, na verdade, exceto pelo sempre presente (em espírito, pelo menos) Sr. Edmonds. Lucy o vira apenas uma vez, mas sem dúvida ele *parecia* estar sempre pairando sobre elas, fazendo Hermione suspirar em momentos estranhos e ficar com olhar melancolicamente perdido, como se estivesse decorando um soneto de amor para incluí-lo em sua próxima resposta.

– Você sabe que seus pais nunca a deixarão se casar com ele – comentou Lucy, embora a amiga não tivesse dado mostras de que acabara de ler.

Isso foi o suficiente para fazer Hermione abaixar a carta, ainda que apenas por um breve

instante.

– Sim, você já disse isso – respondeu ela num tom irritado.

– Ele é um secretário – disse Lucy.

– Eu sei disso.

– Um secretário – repetiu Lucy, embora já tivessem tido aquela conversa inúmeras vezes. – O secretário do seu *pai*.

Hermione tinha levantado a carta numa tentativa de ignorar Lucy, mas finalmente desistiu e abaixou-a de novo, confirmando a suspeita da amiga de que já tinha terminado de ler havia muito tempo e agora estava na primeira, ou talvez segunda, releitura.

– O Sr. Edmonds é um homem bom e honrado – observou Hermione, os lábios franzidos.

– Não tenho dúvidas disso, mas você não pode se casar com ele – retrucou Lucy. – Seu pai é um visconde. Acha mesmo que ele vai permitir que sua única filha se case com um pobre secretário?

– Meu pai me ama – murmurou Hermione, mas sua voz não parecia convicta.

– Não estou tentando dissuadi-la de se casar por amor – falou Lucy –, mas...

– É exatamente isso que você está tentando fazer – interrompeu Hermione.

– De forma alguma. Só não vejo por que você não pode tentar se apaixonar por alguém que tenha alguma chance de ser aprovado pelos seus pais.

A linda boca de Hermione se contraiu em uma linha frustrada.

– Você não entende.

– O que há para entender? Não acha que sua vida poderia ser um pouco mais fácil se você se apaixonasse por um rapaz apropriado?

– Lucy, nós não escolhemos por quem nos apaixonamos.

Lucy cruzou os braços.

– Não vejo por que não.

Hermione ficou boquiaberta.

– Lucy Abernathy, você não entende nada.

– Sim, você já disse isso – retrucou Lucy, com a voz seca.

– Como pode achar que uma pessoa tem como escolher por quem vai se apaixonar? – perguntou Hermione com fervor, embora não tanto que precisasse sair de sua posição reclinada na cama. – Não se *escolhe*. Simplesmente acontece. Em um instante.

– *Nisso* eu não acredito – atalhou Lucy, e então acrescentou, porque não pôde resistir: – nem por um instante.

– Bem, é verdade – insistiu Hermione. – Sei porque aconteceu comigo. Eu não estava *querendo* me apaixonar.

– Não estava?

– Não. – Hermione olhou fixamente para ela. – Não estava. Minha intenção era encontrar um marido em Londres. Ora, quem esperaria conhecer alguém em *Fenchley*?

Falou isso com o desdém típico apenas de quem nasceu em *Fenchley*.

Lucy revirou os olhos e inclinou a cabeça para o lado, esperando que a amiga continuasse.

Hermione não gostou nem um pouco da expectativa da outra.

– Não olhe para mim desse jeito – falou.

– De que jeito?

– *Desse* jeito.

– Eu repito: de que jeito?

Todo o rosto de Hermione se contraiu.

– Você sabe muito bem.

Lucy levou a mão espalmada ao rosto.

– Minha nossa – disse, arfando. – Você pareceu sua mãe agora.

Hermione recuou com a afronta.

– Que comentário cruel.

– Sua mãe é linda!

– Não quando o rosto dela está todo contraído.

– Ela é linda, mesmo com o rosto contraído – insistiu Lucy, tentando colocar um fim no assunto.

– Agora, você pretende me contar sobre o Sr. Edmonds ou não?

– Você vai zombar de mim?

– É claro que não.

Hermione ergueu as sobrancelhas.

– Hermione, eu prometo que não vou zombar de você – disse Lucy.

A jovem ainda parecia desconfiada, mas falou:

– Muito bem. Mas se você...

– *Hermione.*

– Como falei – disse ela, encarando Lucy com um olhar de advertência –, eu não esperava encontrar o amor. Nem sabia que meu pai tinha contratado um novo secretário. Estava só caminhando pelo jardim e pensando qual das rosas queria que cortassem para enfeitar a mesa, quando... *o vi.*

Falou de forma dramática o suficiente para lhe garantir um papel no palco de um teatro.

– Ah, Hermione... – Lucy suspirou.

– Você falou que não ia zombar de mim – lembrou Hermione, e chegou a apontar um dedo na direção da amiga, gesto que Lucy achou tão atípico que se calou. – Nem sequer vi logo o seu rosto – continuou Hermione. – Só a parte de trás de sua cabeça, a forma como seu cabelo se enrolava por cima da gola do paletó. – Ela suspirou com uma expressão sonhadora. – E a cor. Diga a verdade, Lucy, você já viu algum cabelo com um tom tão espetacular de louro?

Considerando as vezes que Lucy havia sido forçada a ouvir vários cavalheiros fazerem a mesma declaração sobre o cabelo de Hermione, ela achou que se saíra muito bem ao não tecer nenhum comentário.

Mas a amiga não tinha terminado. Nem de longe.

– Então ele se virou, eu vi o seu perfil e juro que ouvi música tocando.

Lucy pensou em lembrá-la que o conservatório dos Watsons ficava bem ao lado do jardim de rosas, mas se conteve.

– Naquele momento – prosseguiu Hermione, a voz cada vez mais suave e os olhos com aquele brilho de *estou memorizando um soneto de amor* –, a única coisa que consegui pensar foi... *estou arruinada.*

Lucy engasgou.

– Não *diga* isso. Nem sequer pense.

Ruína não era algo que uma jovem mencionasse nem de brincadeira.

– Não arruinada *arruinada* – disse Hermione, impaciente. – Deus do céu, Lucy, eu estava no jardim de rosas, ou você não está prestando atenção? Mas eu sabia... *sabia* que estava arruinada para todos os outros homens. Nunca poderia haver outro que se comparasse a ele.

– E você soube disso tudo só de ver a nuca dele? – perguntou Lucy.

Hermione a encarou com um ar de extrema irritação.

– E o seu perfil, mas não é essa a questão.

Lucy esperou pacientemente pela questão, mesmo tendo certeza de que não concordaria com ela e de que nem ao menos a entenderia.

– A questão é – prosseguiu Hermione, a voz tão baixa que Lucy teve de se curvar para a frente para ouvi-la – que não posso, de jeito nenhum, ser feliz sem ele. De jeito nenhum.

– Bem – disse Lucy bem devagar, porque não tinha muita certeza do que poderia falar depois disso –, você parece feliz agora.

– Só porque sei que ele está me esperando. E... – Hermione levantou a carta – porque afirma que me ama.

– Ah, querida... – disse Lucy, mais para si mesma.

Hermione devia ter ouvido, porque sua boca se retesou, mas ela não falou nada. As duas ficaram ali sentadas por um minuto, então Lucy pigarreou e disse:

– Aquele gentil cavalheiro, o Sr. Bridgerton, parecia encantado por você.

Hermione deu de ombros.

– Ele é um filho caçula, mas acredito que tenha um bom dote. E com certeza é de uma boa família.

– Lucy, eu falei que não estou interessada.

– Bem, ele é muito bonito – disse Lucy, talvez com um pouco mais de veemência do que o pretendido.

– Vá atrás dele você, então – retorquiu Hermione.

Lucy olhou para ela em choque.

– Você sabe que não posso. Estou praticamente noiva de lorde Haselby.

– Praticamente – lembrou Hermione.

– É quase oficial – disse Lucy.

E era verdade. Seu tio fizera os arranjos com o conde de Davenport, pai do visconde de Haselby, anos antes. Haselby era cerca de dez anos mais velho do que Lucy e estavam apenas esperando que ela chegasse a uma idade apropriada para se casar.

O que, ela imaginava, já havia acontecido. Com certeza o casamento não devia estar muito longe agora.

E era um bom arranjo. Haselby era um cavalheiro muito agradável. Não falava com ela como se fosse uma idiota, parecia ser gentil com os animais e tinha uma aparência bastante razoável, ainda que seu cabelo estivesse começando a ficar ralo. Sim, Lucy só o vira três vezes, mas todo mundo sabe que as primeiras impressões são importantíssimas e, em geral, muito acuradas.

Além disso, o tio era seu tutor desde que o pai dela falecera, havia dez anos, e, ainda que não tivesse exatamente coberto de amor e carinho a ela e a seu irmão Richard, cumprira sua obrigação com eles e os criara bem, e Lucy sabia que tinha o dever de obedecer-lhe, honrando o noivado que ele havia combinado.

Ou praticamente combinado.

De fato, não fazia muita diferença. Ela se casaria com Haselby. Todo mundo sabia disso.

– Acho que você usa lorde Haselby como desculpa – opinou Hermione.

Lucy se empertigou.

– O que disse?

– Você usa Haselby como desculpa – repetiu Hermione, e seu rosto assumiu uma expressão superior da qual Lucy não gostou nem um pouco. – Para não permitir que seu coração seja conquistado por outro homem.

– E que outro homem poderia conquistar meu coração? – perguntou Lucy. – A temporada ainda

nem começou!

– Talvez, mas temos circulado bastante – observou Hermione. – Você não vive trancada dentro de casa, Lucy. Já conheceu vários homens.

Não havia por que salientar que nenhum daqueles homens sequer a *via* quando Hermione estava por perto. A amiga tentaria negar, mas as duas sabiam que ela estaria mentindo para poupar os sentimentos de Lucy. Então, em vez disso, Lucy deixou escapar um murmúrio sem significado à guisa de resposta.

Hermione não disse nada; só lançou-lhe aquele olhar travesso que nunca usava com mais ninguém, e finalmente Lucy teve de se defender.

– Não estou usando ninguém como desculpa – falou ela, cruzando os braços. Depois, mudou de ideia e colocou as mãos nos quadris. – Sério, de que adiantaria? Você sabe que devo me casar com Haselby. Isso foi planejado há muito tempo.

Lucy cruzou os braços de novo. Depois os abaixou. Então, decidiu se sentar.

– Não é um arranjo ruim – afirmou. – Inclusive, depois do que aconteceu com Georgiana Whiton, eu deveria beijar os pés do meu tio por fazer um acordo tão bom.

Houve, então, um instante de silêncio horrorizado e quase reverente. Se fossem católicas, com certeza teriam feito o sinal da cruz.

– Deus nos salvou dessa – comentou Hermione, por fim.

Lucy assentiu lentamente. Georgiana tinha sido obrigada a se casar com um senhor de 70 anos, que tinha gota e cuja respiração chiava. E não era nem um senhor de 70 anos com gota que tivesse um título. Deus do céu, ela deveria, pelo menos, ter recebido o título de Lady pelo sacrifício.

– Então, como vê, Haselby não é uma má opção. É melhor do que a maioria, na verdade.

Hermione olhou para ela com bastante atenção.

– Bem, se é o que deseja, Lucy, você sabe que vou apoiá-la incondicionalmente. Mas quanto a mim... – Ela suspirou e seus olhos verdes assumiram aquele ar distante que fazia os homens se extasiarem. – Eu quero outra coisa.

– Eu sei – disse Lucy, tentando sorrir.

Mas não conseguia imaginar como Hermione realizaria o seu sonho. No mundo em que viviam, filhas de viscondes não se casavam com secretários de viscondes. E Lucy tinha a impressão de que faria muito mais sentido ajustar os sonhos na amiga do que reformular a ordem social. Mais fácil, também.

Porém agora ela estava cansada e queria ir para a cama. Falaria sobre aquilo com Hermione pela manhã. A começar pelo belo Sr. Bridgerton. Ele seria perfeito para ela, e com certeza estava interessado.

Hermione mudaria de ideia. Lucy cuidaria disso.

CAPÍTULO 3

No qual nosso herói se esforça muito, muito mesmo.

O dia amanheceu claro e brilhante, e, enquanto Gregory se servia de café da manhã, sua cunhada apareceu ao seu lado com um discreto sorriso, claramente tramando algo.

– Bom dia – cumprimentou ela, jovial e alegre demais.

Gregory acenou com a cabeça para cumprimentá-la enquanto enchia o prato de ovos.

– Kate.

– Pensei que, neste dia tão lindo, podíamos organizar um passeio à vila.

– Para comprar laços e fitas?

– Exatamente. Acho importante apoiar os comerciantes locais, não?

– É claro, embora eu não esteja precisando muito de laços e fitas – murmurou ele.

Kate pareceu não notar seu sarcasmo.

– Todas as jovens têm algum dinheiro para pequenas despesas e nenhum lugar para gastá-lo. Se eu não mandá-las à cidade, é bem capaz de criarem um salão de jogos no salão rosa.

Isso, sim, era algo que ele gostaria de ver.

– E – continuou Kate, bastante determinada –, se mandá-las à cidade, vou precisar mandar acompanhantes com elas.

Como Gregory não compreendeu rápido o bastante, ela repetiu:

– *Acompanhantes*.

Ele pigarreou.

– Suponho que está me pedindo para ir à vila hoje à tarde.

– Agora de manhã – corrigiu ela –, *e*, como pretendo arrumar par para todos, *e*, como você é um Bridgerton *e*, portanto, o meu cavalheiro preferido do grupo, pensei em perguntar se haveria alguém que você preferiria acompanhar.

Kate era uma grande casamenteira, mas, naquele caso, Gregory achou que devia ficar grato por sua tendência a se intrometer.

– Para falar a verdade, tem... – começou ele.

– Ótimo! – interrompeu Kate, batendo palmas. – Lucy Abernathy, então.

Lucy Aber...

– Lucy Abernathy? – repetiu ele, atônito. – Lady Lucinda?

– Sim. Vocês pareceram ter se dado tão bem ontem à noite, e devo dizer, Gregory, que gosto imensamente dela. Lucy diz que está quase noiva, mas eu acho que...

– Não estou interessado em Lady Lucinda – cortou ele, concluindo que seria arriscado demais esperar Kate parar para respirar.

– Não?

– Não. Não estou. Eu... – Ele se curvou para a frente, apesar de serem as únicas pessoas presentes ali. De alguma forma parecia estranho e, sim, um pouco embaraçoso dizer aquilo. – Hermione Watson – falou baixinho. – Gostaria de acompanhar a Srta. Watson.

– É mesmo?

Kate não parecia desapontada, mas resignada. Como se já tivesse ouvido isso antes. Várias

vezes.

Maldição.

– É – respondeu Gregory, e sentiu uma onda considerável de irritação invadi-lo.

Primeiro com relação a Kate, porque, ora, ela estava bem ali e tudo o que tinha a dizer sobre o fato de ele ter se apaixonado perdidamente era “É mesmo?”. Mas então Gregory percebeu que tinha andado bastante irritado a manhã toda. Não havia dormido bem na noite anterior, porque não conseguira parar de pensar em Hermione e na curva de seu pescoço, no verde dos seus olhos, na melodia suave de sua voz. Ele nunca – nunca – havia ficado assim por causa de uma mulher, e, embora estivesse de alguma forma aliviado por enfim ter encontrado aquela com quem pretendia se casar, era um pouco desconcertante que ela não tivesse reagido da mesma maneira com relação a *ele*.

Só Deus sabia como Gregory tinha sonhado com aquele momento. Sempre que pensava em encontrar seu verdadeiro amor, a imagem dessa mulher aparecia indistinta em seus pensamentos – sem nome, sem rosto. Mas ela sempre era tomada por aquela mesma paixão avassaladora. E, é claro, não o fazia dançar com sua melhor amiga, pelo amor de Deus.

– Que seja Hermione Watson, então – concluiu Kate, soltando o ar daquela forma que as mulheres fazem quando querem lhe dizer algo que você não conseguiria nem começar a entender, mesmo que tivessem decidido falar na sua língua, o que, é claro, não fizeram.

Era Hermione Watson. Seria Hermione Watson.

Logo.

Talvez até mesmo naquela manhã.



– Você acha que existe alguma coisa para comprar na vila além de laços e fitas? – perguntou Hermione a Lucy enquanto vestiam as luvas.

– Espero que sim – respondeu Lucy. – Fazem isso em todos esses eventos longos, não é mesmo? Sempre nos mandam a algum lugar com nossos trocados para comprar laços e fitas. Eu já poderia decorar uma casa inteira. Ou, pelo menos, uma pequena cabana de palha.

Hermione sorriu.

– Doarei os meus à causa e, juntas, vamos redecorar uma... – Ela fez uma pausa, pensando, e depois sorriu. – Uma grande cabana de palha!

Lucy também sorriu. A amiga era uma pessoa tão *leal*... Ninguém nunca via isso, é claro. Ninguém nunca se importava em ver além do seu rosto. Embora, para ser justa, Hermione quase nunca se abrisse muito com qualquer um de seus admiradores a ponto de perceberem o que havia por trás de sua linda aparência. Não era exatamente por ser tímida, apesar de com certeza não ser tão extrovertida quanto Lucy. Hermione era apenas reservada, e simplesmente não pensava em dividir seus pensamentos e opiniões com quem não conhecia.

E isso deixava os homens loucos.

Lucy olhou pela janela enquanto entravam em uma das muitas salas de visita de Aubrey Hall. Lady Bridgerton havia lhes instruído a chegarem às onze em ponto.

– Pelo menos não parece que vai chover – disse ela.

Na última vez em que tinham sido mandadas para comprar bugigangas, chuviscara durante todo o caminho de volta para casa. As copas das árvores ajudaram-nas a permanecer razoavelmente secas, mas suas botas tinham sido quase arruinadas. E Lucy ficara espirrando por uma semana.

– Bom dia, Lady Lucinda. Bom dia, Srta. Watson.

Era Kate Bridgerton, a anfitriã, entrando na sala com aquele seu ar confiante. Seu cabelo escuro estava bem puxado para trás e o brilho dos olhos mostrava sua viva inteligência.

– Como é maravilhoso ver as duas – disse ela. – São as últimas senhoritas a chegar.

– Somos? – perguntou Lucy, horrorizada. Ela *odiava* se atrasar. – Sinto muitíssimo. A senhora não disse onze horas?

– Ah, querida, não pretendia chateá-la – respondeu Lady Bridgerton. – Falei mesmo onze horas. Mas é porque pensei em mandá-las para o passeio em grupos.

– Em grupos? – ecoou Hermione.

– Sim, é muito mais divertido dessa forma, não acha? Tenho oito damas e oito cavalheiros. Se mandasse todos vocês de uma vez só, seria impossível terem uma boa conversa. Isso sem falar da largura da estrada. Detestaria que ficassem tropeçando uns nos outros.

A questão do número de pessoas também influenciava na segurança, mas Lucy guardou seus pensamentos para si. Lady Bridgerton claramente tinha algum tipo de programação planejada, e, como Lucy já concluía que admirava muito a viscondessa, estava bastante curiosa sobre o que aconteceria.

– Srta. Watson, a senhorita será acompanhada pelo irmão do meu marido. Creio que o tenha conhecido ontem à noite.

Hermione assentiu.

Lucy sorriu para si mesma. O Sr. Bridgerton tinha andado atarefado naquela manhã. Ele merecia parabéns.

– E a senhorita, Lady Lucinda, será acompanhada pelo Sr. Berbrooke – continuou Lady Bridgerton. Então deu um sorrisinho discreto, quase se desculpando. – Ele é praticamente da família – acrescentou –, e também um rapaz muito simpático.

– Praticamente da família? – ecoou Lucy, já que não sabia muito bem como reagir ao estranho tom de hesitação de Lady Bridgerton.

– Sim. A irmã da esposa do irmão do meu marido é casada com o irmão dele.

– Ah. – Lucy manteve um ar sereno no rosto. – Então vocês são próximos?

Lady Bridgerton riu.

– Eu gosto muito da senhorita, Lady Lucinda. E, quanto a Neville... bem, tenho certeza de que vai achá-lo divertido. Ah, aqui está ele. Neville! Neville!

Lucy observou enquanto Lady Bridgerton ia cumprimentar o Sr. Neville Berbrooke à porta. Eles já tinham sido apresentados, é claro; todas as apresentações tinham sido feitas na festa. Mas Lucy ainda não havia conversado com o Sr. Berbrooke. Ele parecia um sujeito bem gentil, particularmente alegre, de pele avermelhada e fartos cabelos louros.

– Olá, Lady Bridgerton – disse ele, de alguma forma trombando com a perna de uma mesa quando entrou na sala. – Que café da manhã maravilhoso. Sobretudo o peixe defumado.

– Obrigada – respondeu a anfitriã, olhando nervosamente para o vaso chinês que oscilava na mesa. – Sem dúvida, se lembra de Lady Lucinda.

Os dois se cumprimentaram, então o Sr. Berbrooke perguntou:

– A senhorita gosta de peixe defumado?

Lucy olhou primeiro para Hermione, depois para Lady Bridgerton, em busca de orientação, mas

nenhuma das duas parecia menos confusa do que ela, então respondeu apenas:

– Hã... sim?

– Ótimo! – comentou ele. – É uma andorinha-do-mar lá fora na janela?

Lucy piscou. Olhou para Lady Bridgerton, mas a viscondessa não fez contato visual.

– Uma andorinha-do-mar... – murmurou Lucy finalmente, uma vez que não conseguia pensar em outra resposta adequada.

O Sr. Berbrooke tinha ido devagar até a janela, então Lucy foi se juntar a ele. Olhou para fora. Não viu nenhum pássaro.

Enquanto isso, pelo canto do olho, notou que o Sr. Bridgerton tinha entrado na sala e fazia o máximo para encantar Hermione. Deus do céu, o homem tinha um belo sorriso! Dentes brancos bem certinhos, e ela notou que o sorriso se estendia até os olhos, ao contrário da maioria dos jovens aristocratas entediados que Lucy havia conhecido. O Sr. Bridgerton sorria com vontade.

O que fazia sentido, é claro, já que sorria para Hermione, por quem estava obviamente apaixonado.

Lucy não conseguia ouvir o que diziam, mas reconheceu a expressão de Hermione. Educada, é claro, já que a amiga nunca seria indelicada. E talvez ninguém além de Lucy pudesse ver isso, já que ela conhecia Hermione como a palma de sua mão, mas a jovem não fazia nada mais do que apenas tolerar as atenções do Sr. Bridgerton, aceitando sua bajulação com um aceno de cabeça e um sorriso bonito, enquanto sua mente estava em um lugar muito, muito distante.

Naquele maldito Sr. Edmonds.

Lucy trincou a mandíbula enquanto fingia procurar andorinhas, do mar ou não, com o Sr. Berbrooke. Ela não tinha nenhuma razão para pensar que o Sr. Edmonds não fosse um bom homem, mas a verdade era que os pais de Hermione jamais permitiriam que se casassem, e, embora a amiga acreditasse que poderia viver feliz com um salário de secretário, Lucy tinha certeza de que, assim que a empolgação inicial do matrimônio passasse, Hermione ficaria arrasada.

E ela poderia conseguir algo *tão* melhor. Era óbvio que Hermione poderia se casar com qualquer um. Qualquer um. Não precisava se acomodar. Poderia ser uma rainha da sociedade, se quisesse.

Lucy olhou para o Sr. Bridgerton, balançando a cabeça e tentando continuar ouvindo o Sr. Berbrooke, que voltara ao assunto do peixe defumado. O homem era perfeito. Não possuía um título, mas Lucy não era tão cruel a ponto de pensar que Hermione só deveria se casar com alguém das classes mais altas. Só não podia ser um secretário, pelo amor de Deus.

Além disso, o Sr. Bridgerton era muito bonito, com cabelo castanho-escuro e belos olhos castanho-claros. E sua família parecia perfeitamente boa e razoável, o que Lucy acreditava ser um ponto a favor. Quando você se casa com um homem, também se casa com a família dele.

Ela não podia imaginar um marido melhor para Hermione. Bem, não iria reclamar se o Sr. Bridgerton fosse o próximo da fila para um título de marquês, mas não se pode ter tudo. E o mais importante era que ela tinha certeza de que ele faria Hermione feliz, mesmo que a amiga ainda não se desse conta disso.

– Vou fazer isso acontecer – falou para si mesma.

– Hã? – disse o Sr. Berbrooke. – Achou o pássaro?

– Lá – respondeu Lucy, apontando em direção a uma árvore.

Ele se inclinou para a frente.

– É mesmo?

– Lucy! – Era a voz de Hermione. – Podemos ir? O Sr. Bridgerton está ansioso para sairmos.

– Estou ao seu dispor, Srta. Watson – disse o Sr. Bridgerton. – Partiremos quando achar melhor.

Hermione lançou a Lucy um olhar que deixava claro que *ela* estava ansiosa para saírem logo, então Lucy respondeu:

– Vamos, então.

Pegou o braço que o Sr. Berbrooke lhe oferecia e permitiu que ele a conduzisse até a entrada da propriedade, conseguindo deixar escapar um único gemido mesmo tendo batido o pé três vezes em sabe-se lá o quê, porque, de alguma forma, mesmo com uma bela extensão de grama, o Sr. Berbrooke conseguia encontrar cada raiz de árvore, pedra e saliência no chão, e guiá-la direto para lá.

Minha nossa.

Lucy se preparou mentalmente para outros machucados. Seria um passeio doloroso. Mas produtivo. Quando voltassem para casa, Hermione estaria pelo menos um pouco intrigada com o Sr. Bridgerton.

Lucy garantiria isso.



Se Gregory tinha quaisquer dúvidas sobre a Srta. Hermione Watson, elas se dissiparam no momento em que colocou a mão dela na curva de seu cotovelo. Aquilo lhe passava a impressão de ser certo, uma estranha e misteriosa sensação de duas metades se unindo. Ela se encaixava com perfeição ao seu lado. *Eles* combinavam. E ele a queria.

Não era nem desejo. Era estranho, na verdade. Gregory não sentia por ela algo tão ordinário quanto desejo carnal. Era outra coisa. Algo mais profundo. Simplesmente queria que ela fosse sua. Queria olhar para ela e saber. *Saber* que ela usaria seu nome, teria seus filhos e olharia com afeto para ele todas as manhãs ao tomar sua xícara de chocolate quente.

Ele queria lhe dizer tudo isso, compartilhar seus sonhos, pintar um retrato de sua vida juntos, mas não era bobo, então, enquanto a guiava pelo caminho na frente da casa, disse apenas:

– A senhorita está excepcionalmente linda esta manhã, Srta. Watson.

– Obrigada – respondeu ela.

E depois não falou mais nada.

Ele limpou a garganta.

– Teve uma boa noite de sono?

– Sim, obrigada.

– Está gostando da sua estadia?

– Sim, obrigada.

Engraçado, mas ele sempre pensara que uma conversa com a mulher com quem se casaria seria um *pouco* mais fácil.

Procurou, então, lembrar que ela acreditava estar apaixonada por outro homem. Pelo que Lady Lucinda comentara na noite anterior, alguém inadequado. Como ela se referira a Gregory? O menor de dois males?

Ele olhou para a frente. Lady Lucinda tropeçava à frente dele, de braço dado com Neville Berbrooke, que nunca tinha aprendido a ajustar seu passo ao de uma dama. Ela parecia estar indo

bem, embora ele pensasse ter ouvido um gritinho de dor em determinado momento.

Gregory balançou mentalmente a cabeça. Devia ter sido só um pássaro. Neville não dissera que tinha visto um bando deles pela janela?

– Você é amiga de Lady Lucinda há muito tempo? – perguntou à Srta. Watson.

Ele sabia a resposta, é claro – Lady Lucinda lhe dissera na noite anterior. Mas não conseguia pensar em mais nada para falar. E precisava de alguma coisa que não pudesse ser respondida com “sim, obrigada” ou “não, obrigada”.

– Três anos – respondeu a Srta. Watson. – É minha melhor amiga. – E então seu rosto se iluminou quando ela disse: – Precisamos alcançá-los.

– O Sr. Berbrooke e Lady Lucinda?

– Sim – disse ela com um aceno firme de cabeça. – Sim, nós precisamos.

A última coisa que Gregory queria era desperdiçar seu precioso tempo a sós com a Srta. Watson, mas obedeceu-a e gritou para Berbrooke esperar. Neville parou tão de repente que Lady Lucinda trombou para a frente e quase caiu.

Ela deixou escapar um grito assustado, mas, não havia se ferido.

No entanto, a Srta. Watson aproveitou o instante para soltar o cotovelo de Gregory e correr na direção da amiga.

– Lucy! – gritou ela. – Ah, minha querida Lucy, você se machucou?

– Nem um pouco – respondeu Lady Lucinda, parecendo um tanto confusa com a extrema preocupação de Hermione.

– É melhor eu lhe dar o braço – declarou a Srta. Watson, enganchando o cotovelo no dela.

– É melhor? – ecoou Lady Lucinda, desvencilhando-se. Ou melhor, tentando se desvencilhar. – Não, realmente não é necessário.

– Eu faço questão.

– Não é necessário – repetiu Lady Lucinda, e Gregory queria poder ver o rosto dela, porque parecia estar cerrando os dentes.

– Ha, ha – riu Berbrooke. – Talvez eu deva lhe dar o braço, Bridgerton.

Gregory olhou para ele com uma expressão séria.

– Não.

Berbrooke piscou.

– Era só uma brincadeira.

Gregory lutou contra a vontade de suspirar e, de alguma forma, conseguiu dizer:

– Eu sei.

Conhecia Neville Berbrooke desde a época em que mal sabiam andar, e em geral tinha mais paciência com ele, mas naquele momento o que mais queria era lhe colocar uma focinheira.

Enquanto isso, as duas jovens discutiam tão baixo que Gregory não tinha a menor esperança de ouvir o que diziam. Não que ele fosse entender a língua delas, mesmo que estivessem gritando – estava claro que era algo desconcertantemente feminino. Lady Lucinda ainda tentava se afastar da Srta. Watson, que continuava se recusando a soltá-la.

– Ela se machucou – disse a primeira, virando e piscando os olhos várias vezes.

Piscando? Ela escolheu *aquele* momento para flertar?

– Não me machuquei, não – rebateu Lucy. Então virou-se para os dois cavalheiros. – Não me machuquei. Nem um pouco. Vamos continuar.

Gregory não conseguia decidir se achava graça ou ficava insultado com todo o espetáculo. A Srta. Watson claramente não queria sua companhia e, embora alguns homens gostassem de ansiar pelo

inatingível, ele sempre preferira suas mulheres sorridentes, cordiais e dispostas.

Mas a Srta. Watson se virou de novo para a frente e ele viu sua nuca (qual era o *encanto* daquela nuca?). Nesse momento, a sensação de estar perdidamente apaixonado que tomara conta dele na noite anterior voltou, e Gregory disse a si mesmo para não perder as esperanças. Não fazia nem 24 horas que a conhecera; ela só precisava de tempo para saber quem ele era. O amor não atinge a todos com a mesma velocidade. Seu irmão Colin, por exemplo, já conhecia sua esposa havia muitos anos antes de perceber que tinham sido feitos um para o outro.

Não que Gregory planejasse esperar muitos anos, mas ainda assim isso dava uma perspectiva melhor à sua situação atual.

Depois de alguns instantes, ficou claro que a Srta. Watson não cederia e as duas jovens passaram a caminhar de braços dados. Gregory procurou ficar ao lado da Srta. Watson, enquanto Berbrooke andava mais ou menos perto de Lady Lucinda.

– O senhor precisa nos contar como é pertencer a uma família tão grande – disse Lady Lucinda a ele, curvando-se um pouco e falando à frente da Srta. Watson. – Hermione e eu só temos um irmão.

– Eu tenho três – disse Berbrooke. – Todos homens. Exceto pela minha irmã, é claro.

– É... – Gregory estava prestes a dar a resposta habitual, sobre ser uma loucura e causar todo tipo de confusão, mas então a verdade mais profunda saiu de sua boca: – Para ser sincero, é reconfortante.

– Reconfortante? – ecoou Lady Lucinda. – Que escolha intrigante de palavra.

Ele olhou para além da Srta. Watson e viu que Lucy o observava com curiosos olhos claros.

– Sim – respondeu ele devagar, permitindo que seus pensamentos se formassem melhor antes de continuar. – É reconfortante ter uma família, eu acho. É uma sensação de... *certeza*, digamos.

– Como assim? – perguntou Lucy, e parecia verdadeiramente interessada.

– Sei que eles estão lá. Quer eu esteja em apuros ou só precisando de uma boa conversa, sempre posso recorrer a eles.

E era verdade. Gregory nunca chegara a tentar colocar essa sensação em palavras, mas era verdade. Não era tão próximo de seus irmãos como eles eram uns dos outros, mas isso era natural, dada a diferença de idade. Quando eles já eram adultos e moravam na cidade, ele ainda era um estudante, em Eton. E agora todos os três estavam casados e tinham as próprias famílias.

Mas, ainda assim, ele sabia que, caso precisasse deles, ou de suas irmãs, bastava pedir.

Nunca tinha precisado, é claro. Não com relação a nada importante. Ou até mesmo para a maioria das coisas sem importância. Mas sabia que podia. Era mais do que a maioria dos homens tinha neste mundo, mais do que a maioria dos homens jamais teria.

– Sr. Bridgerton?

Ele piscou. Lady Lucinda o fitava com uma interrogação no olhar.

– Minhas desculpas – murmurou ele. – Estava devaneando, eu acho.

Então lhe ofereceu um sorriso e um aceno de cabeça, depois olhou para a Srta. Watson, que, para sua surpresa, também tinha se virado para olhar para ele. Os olhos dela pareciam enormes, claros e de um verde deslumbrante, e, por um momento, ele sentiu uma forte conexão com ela. A jovem deu um leve sorriso, meio constrangida por ter sido flagrada, depois desviou os olhos.

O coração de Gregory deu um salto.

Então Lady Lucinda falou:

– É exatamente como me sinto com relação a Hermione. Ela é minha irmã do coração.

– A Srta. Watson é realmente uma dama incrível – murmurou Gregory, e depois acrescentou: – Assim como a senhorita, é claro.

– Ela é uma excelente aquarelista – comentou Lady Lucinda.

Hermione ficou vermelha como um tomate.

– *Lucy*.

– Mas você é – insistiu a amiga.

– Gosto de pintar o meu retrato – disse Neville Berbrooke com sua voz jovial. – Mas sempre estrago minhas camisas.

Gregory olhou para ele, surpreso. Entre sua conversa estranhamente reveladora com Lady Lucinda e o olhar trocado com a Srta. Watson, tinha quase esquecido que o sujeito estava presente.

– Meu criado fica furioso com isso – continuou ele. – Não sei por que não fazem uma tinta que não manche peças de linho. – Ele fez uma pausa, aparentando refletir. – Ou de lã.

– Você gosta de pintar? – perguntou Lady Lucinda a Gregory.

– Não tenho nenhum talento para isso – admitiu ele. – Mas meu irmão é um artista de algum renome. Há duas pinturas dele na Galeria Nacional.

– Ah, isso é maravilhoso! – exclamou ela. Então se virou para a Srta. Watson. – Ouviu isso, Hermione? Devia pedir ao Sr. Bridgerton para apresentá-la ao seu irmão.

– Eu não gostaria de incomodar nenhum dos dois Srs. Bridgertons – disse ela timidamente.

– Não incomodaria de forma alguma – retrucou Gregory, sorrindo para ela. – Adoraria apresentá-los, e Benedict gosta muito de conversar sobre arte. Eu quase nunca consigo acompanhar a conversa, mas ele sempre parece animado.

– Está vendo? – interveio Lucy, batendo de leve no braço de Hermione. – Você e o Sr. Bridgerton têm muito em comum.

Até mesmo Gregory achou que era um pouco de exagero, mas não fez nenhum comentário.

– Veludo – declarou Neville de repente.

Os três viraram a cabeça para ele.

– O que disse? – murmurou Lady Lucinda.

– É ainda pior – falou ele, balançando a cabeça com grande vigor. – De se tirar manchas de tinta, quero dizer.

Gregory só conseguia ver a parte de trás da cabeça de Lady Lucinda, mas podia perfeitamente imaginá-la piscando quando disse:

– O senhor usa roupas de veludo enquanto pinta?

– Quando está frio.

– Isso é bastante... excepcional.

O rosto de Neville se iluminou.

– A senhorita acha mesmo? Sempre quis ser excepcional.

– O senhor é – disse ela, e Gregory não ouviu nada além de reafirmação em sua voz. – O senhor certamente é, Sr. Berbrooke.

Neville sorriu.

– Excepcional. Gosto disso. Excepcional. – Ele testou a palavra nos lábios: – Excepcional. *Excepcional*. Excepcionaaaaaal.

O quarteto continuou caminhando em direção à vila em um silêncio cordial, pontuado pelas tentativas ocasionais de Gregory de iniciar uma conversa com a Srta. Watson. Às vezes, ele conseguia, porém o mais frequente era Lady Lucinda acabar falando com ele. Isso quando não tentava fazer a Srta. Watson falar.

E o tempo todo Neville tagarelou, na maioria das vezes conversando consigo mesmo, principalmente sobre seu caráter excepcional recém-descoberto.

Enfim, as familiares construções da vila começaram a surgir. Neville declarou estar com uma fome única, fosse lá o que isso quisesse dizer, então Gregory levou o grupo para o Cervo Branco, uma pousada local que servia uma comida simples, mas deliciosa.

– Deveríamos fazer um piquenique – sugeriu Lady Lucinda. – Não seria maravilhoso?

– Que ideia incrível! – exclamou Neville, olhando para ela como se fosse uma deusa.

Gregory ficou um pouco assustado com o fervor na expressão dele, porém Lady Lucinda pareceu não notar.

– O que a senhorita acha, Srta. Watson? – perguntou Gregory.

Mas Lady Hermione estava perdida em pensamentos, os olhos desfocados, ainda que estivessem fixos em uma pintura na parede.

– Srta. Watson? – repetiu ele, e então, quando conseguiu chamar a atenção dela, falou: – A senhorita gostaria de fazer um piquenique?

– Ah, sim, seria ótimo.

Em seguida, ela voltou a olhar para o nada, os lábios perfeitos curvados de um jeito melancólico e quase nostálgico.

Gregory assentiu, disfarçando sua decepção, e começou a cuidar dos preparativos. O dono da pousada, que conhecia bem sua família, deu-lhe dois lençóis limpos para estender na grama e garantiu que levaria um cesto com a comida quando ficasse pronta.

– Excelente trabalho, Sr. Bridgerton – disse Lady Lucinda. – Não concorda, Hermione?

– Sim, claro.

– Espero que ele traga torta – comentou Neville, enquanto segurava a porta aberta para as damas. – Adoro torta.

Gregory apoiou a mão da Srta. Watson na curva do braço antes que ela pudesse escapar.

– Pedi vários pratos diferentes – disse ele em voz baixa para ela. – Espero que algo lhe apeteça.

A Srta. Watson olhou para Gregory e ele sentiu mais uma vez o ar deixando seu corpo enquanto se perdia no olhar dela. E sabia que ela havia experimentado a mesma sensação. Tinha de ter experimentado. Como poderia não se sentir da mesma forma, quando parecia que as pernas dele podiam ceder a qualquer instante?

– Tenho certeza de que tudo estará delicioso – disse ela.

– A senhorita gosta de doces?

– Adoro – admitiu ela.

– Então está com sorte. O Sr. Gladdish prometeu colocar um pedaço da famosa torta de groselha da sua esposa.

– Torta? – Neville se animou visivelmente, então virou para Lady Lucinda. – Ele disse que vamos ter torta?

– Acho que sim – respondeu ela.

Neville suspirou de prazer.

– A senhorita gosta de torta, Lady Lucinda?

A exasperação estava clara no rosto dela quando a jovem perguntou:

– Que tipo de torta, Sr. Berbrooke?

– Ah, qualquer uma. Doces, salgadas, de frutas, de carne.

– Bem... – Ela pigarreou, olhando em volta como se as casas e árvores pudessem oferecer alguma orientação. – Eu... hã... acho que gosto de tortas em geral.

Gregory teve quase certeza de que foi nesse momento que Neville se apaixonou por ela.

Pobre Lady Lucinda.

Eles atravessaram a rua principal até um campo gramado e Gregory abriu as toalhas, estendendo-as no chão em seguida. Lady Lucinda, como era uma jovem muito esperta, sentou-se primeiro e deu um tapinha no chão a seu lado olhando para Neville, o que garantiria que Gregory e a Srta. Watson fossem forçados a dividir a outra toalha.

E, então, Gregory começou a se empenhar em conquistar o coração dela.

CAPÍTULO 4

No qual nossa heroína oferece um conselho, nosso herói aceita, e todos encham a barriga de torta.

Ele estava fazendo tudo errado.

Lucy olhou por cima do ombro do Sr. Berbrooke, tentando não franzir a testa. O Sr. Bridgerton tentava bravamente conquistar a atenção de Hermione, e Lucy tinha de admitir que, em circunstâncias normais, com qualquer outra mulher, ele teria conseguido seu intento com bastante facilidade. Lucy pensou nas várias garotas que conhecia da escola e constatou que qualquer uma estaria apaixonada por ele agora. *Todas*, na verdade.

Mas não Hermione.

Ele estava se esforçando demais. Sendo atencioso demais, focado demais, encantado demais, tudo demais... Bem, apaixonado demais, em resumo.

O Sr. Bridgerton era encantador, bonito e muito inteligente também, mas Hermione já tinha visto *tudo isso* antes. Lucy tinha perdido a conta do número de cavalheiros que havia corrido atrás de sua amiga mais ou menos daquela forma. Alguns eram espirituosos, outros eram sérios. E lhe davam flores, poesias, doces – um até levou para ela um cachorrinho (imediatamente recusado pela mãe de Hermione, que informara ao pobre cavalheiro que cães não combinavam com tapetes Aubusson, porcelanas chinesas, ou com ela mesma).

Mas, fora isso, eram todos iguais. Ficavam hipnotizados com tudo o que Hermione dizia, olhavam para ela como se fosse uma deusa grega e disputavam para ver quem conseguia fazer-lhe os elogios mais românticos e inteligentes. E nunca pareciam perceber que não estavam sendo nem um pouco originais.

Se o Sr. Bridgerton desejava mesmo despertar o interesse de Hermione, precisaria fazer algo diferente.

– Mais torta de groselha, Lady Lucinda? – perguntou o Sr. Berbrooke.

– Sim, por favor – murmurou Lucy, apenas para mantê-lo ocupado enquanto pensava no que fazer a seguir.

Ela realmente não queria que Hermione jogasse sua vida fora por causa do Sr. Edmonds, e o Sr. Bridgerton era mesmo perfeito. Ele só precisava de um pouco de ajuda.

– Ah, olhe! – exclamou Lucy. – Hermione não está comendo torta.

– Não está? – perguntou o Sr. Berbrooke, quase engasgando.

Lucy olhou para ele piscando os cílios, uma afetação em que não tinha muita prática ou habilidade.

– O senhor faria a gentileza de servi-la?

Quando o Sr. Berbrooke assentiu, Lucy se levantou.

– Acho que vou esticar as pernas – anunciou ela. – Há flores lindas do outro lado do campo. Sr. Bridgerton, o senhor sabe alguma coisa sobre a flora local?

Ele levantou os olhos, surpreso com a pergunta.

– Um pouco.

Mas não se mexeu.

Hermione estava ocupada assegurando ao Sr. Berbrooke que adorava torta de groselha, então Lucy aproveitou o instante e acenou com a cabeça em direção às flores, lançando ao Sr. Bridgerton o tipo de olhar urgente que dizia “Venha comigo agora”.

Por um momento, ele pareceu confuso, mas logo se recuperou e ficou de pé.

– Permitiria que eu lhe falasse um pouco sobre a paisagem, Lady Lucinda?

– Seria maravilhoso – disse ela, talvez entusiasmada demais.

Hermione olhou para a amiga com clara desconfiança, mas Lucy sabia que ela não se ofereceria para se juntar a eles, porque isso faria o Sr. Bridgerton acreditar que ela desejava sua companhia.

Então Hermione ficaria com o Sr. Berbrooke e a torta. Lucy deu de ombros. Era justo.

– Essa, creio, é uma margarida – disse o Sr. Bridgerton quando atravessaram o campo. – E aquela azul de caule comprido... Na verdade, não sei como se chama.

– Espora-dos-jardins – falou Lucy rapidamente –, e o senhor deve saber que não o chamei para falar de flores.

– Eu tinha um leve pressentimento.

Ela decidiu ignorar seu tom.

– Preciso lhe dar um conselho.

– É mesmo – disse ele bem devagar, mas não foi uma pergunta.

– É mesmo.

– E qual seria o conselho?

Não havia nenhuma maneira de fazer aquilo soar menos duro, então ela o encarou e disse:

– O senhor está fazendo tudo errado.

– O que disse? – perguntou ele, severamente.

Lucy abafou um gemido. Agora tinha ferido o orgulho do Sr. Bridgerton, que, com certeza, ficaria insuportável.

– Se o senhor quer conquistar Hermione, tem que fazer algo diferente.

Gregory olhou para ela com uma expressão que beirava o desprezo.

– Sou plenamente capaz de conduzir meus próprios galanteios.

– Tenho certeza de que é... com outras damas. Mas Hermione é diferente.

Ele permaneceu em silêncio e Lucy sabia que tinha alcançado seu intento. Gregory também achava Hermione diferente, ou não estaria se esforçando tanto.

– Todos fazem o mesmo que o senhor – disse Lucy, olhando para as toalhas de piquenique para se certificar de que nem Hermione nem o Sr. Berbrooke tinham se levantado para se juntar a eles. – Todos.

– Um cavalheiro adora ser comparado com o rebanho – murmurou o Sr. Bridgerton.

Lucy tinha várias respostas para *isso*, mas concentrou sua mente na tarefa mais urgente e disse:

– O senhor não pode agir como o resto deles. Precisa se destacar.

– E como sugere que eu faça isso?

Ela respirou fundo. Ele não ia gostar da sua resposta.

– O senhor precisa parar de ser tão... dedicado. Não a trate como uma princesa. Na verdade, acho que deveria deixá-la em paz por alguns dias.

Ele olhou para ela com ar desconfiado.

– E deixar o caminho livre para todos os outros cavalheiros?

– Eles já correrão atrás dela de qualquer maneira – explicou Lucy em um tom de voz prático. – Não há nada que possa fazer quanto a isso.

– Que maravilha.

Ela continuou seu trabalho árduo:

– Se o *senhor* se afastar, Hermione vai ficar curiosa em saber por quê.

O Sr. Bridgerton parecia em dúvida, então ela prosseguiu:

– Não se preocupe, ela vai saber que está interessado. Céus, depois de hoje ela teria de ser uma idiota para não perceber.

Ele fechou a cara ao ouvir isso, e Lucy não podia acreditar que falava com tanta franqueza com um homem que mal conhecia, mas situações desesperadoras pedem medidas desesperadas... ou discursos desesperados.

– Ela vai saber, eu garanto. Hermione é muito inteligente, apesar de ninguém perceber. A maioria dos homens não consegue ver além de sua beleza.

– Eu gostaria de saber o que se passa na mente dela – disse Gregory em voz baixa.

Algo em seu tom atingiu-a bem no coração. Lucy olhou bem nos seus olhos e teve a estranha sensação de que eles estavam em outro lugar, e que o mundo desaparecia aos poucos em volta dos dois.

Ele era diferente dos outros cavalheiros que conhecera. Ela não sabia bem como, a não ser que tinha algo a mais. Algo diferente, que a fazia sentir uma pontada bem no fundo do peito.

E por um instante ela pensou que iria chorar.

Mas não chorou. Porque, na verdade, não podia. E ela também não era esse tipo de garota. Não queria ser. E com certeza não chorava quando não sabia a razão.

– Lady Lucinda?

Ela havia ficado em silêncio por um tempo prolongado demais. Não era típico dela, e...

– Ela não vai deixar – falou Lucy, sem pensar. – Não vai deixá-lo saber o que se passa na mente dela, quero dizer. Mas o senhor pode... – Ela pigarreou, piscou, recuperou o foco e, em seguida, fixou os olhos na pequena área de margaridas que brilhavam ao sol. – Pode convencê-la do contrário. Tenho certeza de que consegue. Se for paciente. E sincero.

A princípio ele não falou nada. Não se ouvia som nenhum além do fraco assóvio da brisa. E então, em voz baixa, ele perguntou:

– Por que a senhorita está me ajudando?

Lucy olhou para ele e ficou aliviada em constatar que, desta vez, a terra continuou bem firme sob seus pés. Era ela mesma de novo, rápida, sensata e extremamente prática. E ele era apenas mais um cavalheiro disputando a mão de Hermione.

Tudo estava normal.

– É o senhor ou o Sr. Edmonds – disse ela.

– Esse é o nome dele? – murmurou Gregory.

– Ele é o secretário do pai dela – explicou Lucy. – Não é um homem ruim, e não acho que esteja apenas interessado no dinheiro, mas qualquer tolo pode ver que o senhor é o melhor partido.

O Sr. Bridgerton inclinou a cabeça de lado.

– Por que eu tenho a impressão de que você acabou de chamar a Srta. Watson de tola?

Lucy o encarou com olhos frios e sérios.

– *Nunca* questione minha devoção a Hermione. Eu não poderia... – Lucy lançou um rápido olhar para a amiga, para se certificar de que ela não estava atenta a eles, antes de baixar a voz e continuar: – Eu não a amaria mais nem se fosse minha irmã de sangue.

Num gesto louvável, o Sr. Bridgerton assentiu respeitosamente e disse:

– Fui injusto com a senhorita. Me desculpe.

Lucy engoliu em seco, desconfortável, enquanto ouvia as palavras de Gregory. Ele realmente

parecia estar sendo sincero, o que foi fundamental para acalmá-la.

– Hermione é muito importante para mim – disse ela.

Lucy pensou nas férias escolares que passara com a família Watson e nas visitas solitárias à sua casa. Seus retornos nunca pareciam coincidir com os do irmão, e Fennsworth Abbey era um lugar frio e sombrio só com seu tio por companhia.

Robert Abernathy sempre cumprira o seu dever com os sobrinhos aos seus cuidados, mas era muito distante e austero. Estar em casa significava longas caminhadas sozinha, intermináveis leituras sozinha, até mesmo fazer as refeições sozinha, já que o tio nunca havia demonstrado qualquer interesse em jantar com ela. Quando ele lhe informara que ela frequentaria a Escola da Srta. Moss, seu impulso inicial tinha sido atirar os braços em volta dele e exclamar, entusiasmada: “Obrigada, obrigada, *obrigada!*”

Só que ela nunca o havia abraçado nos sete anos em que ele fora seu guardião. E, além disso, ele estava sentado atrás de sua mesa e já tinha voltado a atenção para os papéis à sua frente. Lucy já fora dispensada.

Quando chegara à escola, ela se atirara de cabeça em sua nova vida como estudante. E adorou cada momento. Só de ter pessoas com quem conversar já era maravilhoso. Seu irmão Richard tinha ido para Eton aos 10 anos, até mesmo antes de seu pai ter morrido, e Lucy tinha vagado pelos corredores de Abbey por quase uma década sem a companhia de mais ninguém além de sua governanta intrometida.

Na escola, as pessoas gostavam dela. Essa era a melhor parte. Em casa, Lucy não passava de um acessório sem importância, mas ali as outras alunas procuravam sua companhia. Faziam-lhe perguntas e esperavam mesmo para ouvir a resposta. Lucy podia não ter sido a líder da escola, mas sentira que fazia parte daquele lugar, que era importante.

Naquele primeiro ano, ela e Hermione dividiram um quarto, e sua amizade tinha sido quase instantânea. Na primeira noite as duas já riam e conversavam como se fossem velhas conhecidas.

Hermione a fazia se sentir... melhor, de alguma forma. Não apenas a amizade em si, mas a *consciência* da sua amizade. Lucy *gostava* de ser a melhor amiga de alguém. Gostava de ter uma melhor amiga também, é claro, mas adorava saber que ela era a pessoa de que alguém mais gostava no mundo todo. Isso a fazia se sentir confiante. Segura.

Na verdade, era um pouco como o que o Sr. Bridgerton falara sobre a família dele.

Lucy sabia que podia contar com Hermione. E Hermione sabia que a recíproca era verdadeira. Lucy não tinha certeza se havia outra pessoa no mundo sobre quem poderia dizer o mesmo. Seu irmão, provavelmente. Richard sempre viria em seu auxílio se precisasse dele, mas se viam tão pouco nos últimos tempos. Era uma pena. Eles tinham sido muito próximos quando pequenos. Confinados em Fennsworth Abbey, era difícil terem mais alguém com quem brincar, então não havia muita escolha a não ser recorrerem um ao outro. Ainda bem que quase sempre se entendiam.

Lucy, então, se forçou a voltar para o presente e se virou para o Sr. Bridgerton. Ele estava de pé, imóvel, observando-a com um ar educado de curiosidade, e Lucy teve a estranha sensação de que, se lhe contasse tudo – sobre Hermione, Richard e Fennsworth Abbey, e sobre como tinha sido maravilhoso ir para a escola –, ele seria capaz de entender.

Isso parecia impossível, já que ele vinha de uma família tão grande e notoriamente unida. O Sr. Bridgerton não teria como saber como era se sentir só, ter algo para dizer sem ninguém para ouvir. Mas de alguma forma... Talvez fossem os olhos dele, de repente mais verdes do que ela havia notado, e tão concentrados em seu rosto...

Lucy engoliu em seco. Por Deus, o que estava acontecendo com ela que nem mesmo conseguia

terminar os próprios pensamentos?

– Só quero a felicidade de Hermione – conseguiu dizer. – Espero que perceba isso.

Ele assentiu, em seguida olhou de novo na direção das toalhas estendidas no chão.

– Devemos nos juntar aos outros? – perguntou. Então sorriu melancolicamente. – Acho que o Sr. Berbrooke já deu uns três pedaços de torta para a Srta. Watson.

Lucy sentiu uma gargalhada subindo-lhe pela garganta.

– Ah, céus.

O tom de Gregory era encantadoramente gentil quando ele disse:

– Devemos voltar nem que seja pelo bem da saúde dela.

– Vai pensar no que eu disse? – perguntou Lucy, permitindo que ele colocasse a mão dela em seu braço.

Ele assentiu.

– Vou, sim.

Lucy sentiu que apertou o braço dele com um pouco de força de mais.

– Tenho certeza de tudo o que falei. Juro. Ninguém conhece Herminone melhor do que eu. E ninguém mais viu todos esses cavalheiros tentarem, sem sucesso, conquistar seu coração.

Gregory virou o rosto e seus olhos encontraram os dela. Por um momento, os dois ficaram imóveis e Lucy percebeu que ele a avaliava de um jeito que deveria tê-la deixado desconfortável.

Mas não deixou. O que era muito estranho. Ele olhava para ela como se pudesse ver até a sua alma, e não era nem um pouco esquisito. Na verdade, era estranhamente... bom.

– Eu ficaria honrado em aceitar o seu conselho com relação à Srta. Watson – disse ele, começando a andar em direção ao local do piquenique. – E agradeço que tenha se oferecido para me ajudar a conquistá-la.

– Ob-brigada – gaguejou Lucy, porque, afinal, não tinha sido essa a sua intenção?

Mas então ela percebeu que já não se sentia tão bem.



Gregory seguiu as instruções de Lady Lucinda ao pé da letra. Naquela noite, não se aproximou da Srta. Watson na sala de visitas, onde os convidados se reuniram antes do jantar. Quando se retiraram para a sala de jantar, ele não fez nenhuma tentativa de trocar de lugar para poder se sentar ao lado dela. E, quando os cavalheiros terminaram de beber seu vinho do Porto e se juntaram às damas no conservatório para um recital de piano, ele se sentou no fundo, ainda que ela e Lady Lucinda estivessem praticamente sozinhas e fosse muito fácil – até mesmo esperado – para ele parar rapidamente e murmurar seus cumprimentos a caminho de seu assento.

Mas não, Gregory havia se comprometido com aquele plano provavelmente imprudente, então o correto seria ir direto para o fundo da sala. Ele viu quando a Srta. Watson encontrou um lugar três fileiras à frente e se sentou. Nesse momento, Gregory enfim se permitiu contemplar sua nuca.

O que teria sido um passatempo bastante gratificante se ele conseguisse pensar em *qualquer* outra coisa que não fosse a absoluta falta de interesse dela por ele.

Para falar a verdade, ainda que tivessem nascido nele duas cabeças e uma cauda, não teria

recebido nada além do meio sorriso educado que ela parecia distribuir a todos. Se tanto.

Não era o tipo de reação que Gregory costumava provocar nas mulheres. Não esperava uma adulação efusiva, mas, quando fazia algum esforço, em geral via resultados melhores.

Na verdade, aquilo era muito irritante.

E assim ele observava as duas jovens, desejando que se virassem, que se mexessem na cadeira, que fizessem algo para indicar que tinham percebido sua presença. Enfim, depois de três concertos e uma fuga, Lady Lucinda se virou bem devagar em seu assento.

Ele podia facilmente imaginar seus pensamentos.

Devagar, devagar, finja que está olhando para a porta para ver se alguém entrou. Lance um olhar de relance para o Sr. Bridgerton...

Ele ergueu a taça para cumprimentá-la.

Ela engasgou, ou pelo menos ele esperava que sim, e virou-se rapidamente.

Gregory sorriu. Talvez não devesse se divertir tanto com a aflição dela, mas, na verdade, aquela tinha sido a única coisa boa da noite até então.

Quanto à Srta. Watson... Se ela podia sentir o calor de seu olhar, não deu nenhuma indicação. Gregory gostaria de pensar que ela o ignorava de propósito – isso, pelo menos, poderia significar que lhe dava alguma importância. Mas, enquanto a observava correr os olhos despreocupadamente pela sala, curvando a cabeça de vez em quando para sussurrar algo no ouvido de Lady Lucinda, ficou dolorosamente claro que ela não o ignorava de forma alguma. Isso implicaria haver notado sua presença.

O que, estava muito claro, não era o caso.

Gregory sentiu que cerrara a mandíbula. Embora não duvidasse das boas intenções por trás do conselho de Lady Lucinda, o conselho em si era terrível. E como a estadia do grupo em Aubrey Hall só duraria mais cinco dias, ele havia perdido um tempo precioso.

– Você parece entediado.

Ele se virou. Sua cunhada se sentara discretamente a seu lado e falava em voz baixa, para não interferir na apresentação.

– Um golpe duro para minha reputação como anfitriã – acrescentou, seca.

– De forma alguma – murmurou ele. – Você continua esplêndida, como sempre.

Kate virou para a frente e ficou em silêncio por alguns instantes antes de dizer:

– Ela é muito bonita.

Gregory não se deu o trabalho de fingir que não sabia do que ela estava falando. Kate era esperta demais. Mas isso não significava que ele tinha de encorajar a conversa.

– Sim – disse apenas, olhando para a frente.

– Imagino que o coração dela já tenha sido conquistado – continuou Kate. – Ela não encorajou a atenção de nenhum dos cavalheiros, e com certeza todos eles tentaram.

Gregory sentiu o maxilar tenso.

– Ouvi falar que o mesmo aconteceu durante toda a primavera – comentou Kate, sabendo que o estava incomodando, mas sem deixar que isso a detivesse. – A garota não dá nenhuma indicação de que deseja se comprometer com alguém.

– Ela gosta do secretário do pai – disse Gregory.

Porque, bem, qual era a razão para manter aquilo em segredo? Kate descobria tudo o que queria mesmo. E talvez ela pudesse ajudar.

– É mesmo? – A voz de Kate saiu um pouco alta demais e ela foi forçada a murmurar desculpas para os seus convidados. – Verdade? – insistiu, um pouco mais baixo. – Como você sabe?

Gregory abriu a boca para falar, mas Kate respondeu à própria pergunta:

– Ah, é claro, Lady Lucinda. Ela deve saber de tudo.

– Tudo – confirmou Gregory, secamente.

Kate ficou pensativa por um instante, em seguida declarou o óbvio:

– Os pais dela não devem estar satisfeitos com isso.

– Acho que eles não sabem.

– Ah, meu Deus.

A voz de Kate soou tão impressionada com a pequena fofoca que Gregory virou para observá-la. De fato, os olhos dela, arregalados, brilhavam.

– Tente se conter – disse ele.

– Mas essa é a coisa mais empolgante que ouvi em toda a primavera.

Gregory fitou-a bem diretamente.

– Você precisa encontrar um hobby.

– Ah, Gregory – disse ela, cutucando-lhe de leve com o cotovelo. – Não deixe que o amor faça isso com você. Você é muito divertido para esse tipo de coisa. Os pais dela nunca permitirão que se case com o secretário, e ela não é do tipo que fugiria de casa. Você só tem que esperar.

Ele deixou escapar um suspiro irritado.

Kate deu-lhe um tapinha confortador.

– Eu sei, eu sei, você queria que tudo já estivesse resolvido. Você não é do tipo paciente.

– Não sou?

Ela balançou a mão, considerando o gesto uma resposta mais do que suficiente.

– Gregory, acredite: assim é melhor.

– O fato de ela estar apaixonada por outra pessoa?

– Pare de ser tão dramático. Quis dizer que isso lhe dará tempo para ter certeza de seus sentimentos por ela.

Gregory pensou na sensação de soco no estômago que o atingia toda vez que olhava para ela. Deus do céu, sobretudo quando via sua nuca, por mais estranho que parecesse. Ele não achava que precisava de tempo. Aquilo era tudo o que imaginara que o amor seria. Enorme, repentino e completamente emocionante.

E, de alguma forma, ao mesmo tempo esmagador.

– Fiquei surpresa por você não pedir para se sentar ao lado dela no jantar – murmurou Kate.

Gregory olhou irritado para as costas de Lady Lucinda.

– Posso cuidar disso amanhã, se quiser – ofereceu Kate.

– Quero, sim.

Ela assentiu.

– Sim, eu... Ah, veja só. A música está terminando. Preste atenção agora, para ao menos parecermos educados.

Ele se levantou para aplaudir, assim como ela.

– Alguma vez você *não* conversou o tempo todo durante um recital de música? – perguntou, mantendo os olhos fixos à frente.

– Tenho uma curiosa aversão a eles – disse Kate. Mas então seus lábios se curvaram em um discreto sorriso travesso. – E uma espécie de afeição nostálgica também.

– É mesmo?

Agora ele estava interessado.

– Não fico falando disso, é claro – murmurou ela, evitando olhar para ele –, mas você já me viu

assistir a alguma ópera?

Gregory sentiu suas sobrelanceiras se erguerem. Claramente havia uma cantora de ópera em algum lugar no passado do seu irmão. Onde *estava* seu irmão, afinal? Anthony parecia ter desenvolvido um talento incrível para evitar a maioria dos eventos sociais daquela reunião em sua casa. Gregory o tinha visto apenas duas vezes depois da noite em que chegara.

– Onde está o vivaz lorde Bridgerton? – perguntou à cunhada.

– Ah, não sei. Por aí. Estaremos juntos no final do dia, que é o que importa. – Kate virou para ele com o sorriso irritantemente sereno de quem não parece ter nenhuma preocupação na vida. – Devo me juntar aos outros. Divirta-se.

E saiu.

Gregory se recostou na cadeira e ficou conversando com alguns dos outros convidados, enquanto observava discretamente a Srta. Watson. Ela falava com dois jovens cavalheiros – dois cretinos irritantes –, enquanto Lady Lucinda aguardava pacientemente ao lado. E, embora a Srta. Watson não parecesse estar flertando com nenhum dos dois, ela sem dúvida estava lhes dando mais atenção do que ele recebera naquela noite.

E lá estava Lady Lucinda, com um sorriso plácido, observando tudo.

Os olhos de Gregory se estreitaram. Será que ela o havia enganado? A moça não parecia ser desse tipo. Mas eles só tinham sido apresentados havia cerca de 24 horas. Até que ponto ele podia conhecê-la? Talvez ela tivesse um motivo oculto. E *podia* ser uma excelente atriz, cheia de segredos obscuros escondidos por trás da...

Ah, maldição. Ele estava ficando louco. Apostaria até o último centavo que Lady Lucinda não mentiria nem para salvar a própria vida. Ela era franca, radiante e *nada* misteriosa. E tinha boas intenções, disso ele tinha certeza.

Mas seu conselho tinha sido o pior possível.

Ela olhou para trás e Gregory atraiu sua atenção. Um breve ar de desculpas pareceu passar pelo seu rosto, e ele achou que ela dera de ombros.

Dera de ombros? Mas que diabo queria dizer aquilo?

Ele deu um passo à frente. Então parou.

Depois pensou em dar mais um passo.

Não. Sim. Não.

Talvez?

Droga. Ele não sabia o que fazer. Era uma sensação totalmente desagradável.

Olhou de novo para Lady Lucinda, certificando-se de que seu rosto não mostrasse nenhuma doçura e leveza. Afinal, aquilo era tudo culpa dela.

Mas é claro que agora ela já não estava olhando para ele.

Gregory não desviou o olhar.

Então Lady Lucinda se virou para trás mais uma vez e arregalou os olhos, com alguma sorte em razão do susto.

Ótimo. Agora eles estavam chegando a algum lugar. Se ele não podia sentir a felicidade do olhar da Srta. Watson, então pelo menos poderia fazer Lady Lucinda sofrer com a infelicidade do seu.

Alguns momentos simplesmente não pedem maturidade e tato.

Ele continuou no fundo da sala, começando enfim a se divertir. Havia algo de perversamente agradável em imaginar Lady Lucinda como uma pequena lebre indefesa, que não tinha certeza se ou quando encontraria seu fim prematuro.

Não que Gregory pudesse se atribuir o papel de caçador, é claro. Graças à sua péssima

pontaria, ele não conseguia acertar nada que se movesse, e era ótimo não precisar caçar a própria comida.

Mas ele *podia* se imaginar como uma raposa.

Sorriu. Foi seu primeiro sorriso sincero da noite.

E então soube que a sorte estava a seu lado, porque viu Lady Lucinda pedir licença e sair furtivamente do conservatório, provavelmente para ir ao toalete. Como Gregory estava sozinho no canto de trás, ninguém percebeu quando ele deixou a sala.

E, no momento em que Lady Lucinda passou pela porta da biblioteca, conseguiu puxá-la para dentro sem fazer nenhum barulho.

CAPÍTULO 5

No qual nosso herói e nossa heroína têm uma conversa muito intrigante.

Num instante, Lucy andava pelo corredor, franzindo o nariz enquanto tentava lembrar onde ficava o toalete mais próximo, e no seguinte praticamente voava para trás, indo bater em uma forma decididamente grande, decididamente quente e decididamente humana.

– Não grite – disse a voz.

Era uma voz que ela conhecia.

– Sr. Bridgerton?

Deus do céu, aquilo parecia inadequado. Lucy não tinha certeza se devia ficar assustada.

– Precisamos conversar – disse Gregory, soltando o braço dela.

Mas trancou a porta e guardou a chave no bolso.

– Agora? – perguntou Lucy. Seus olhos se adaptaram à luz fraca e ela percebeu que estavam na biblioteca. – Aqui? – E então uma pergunta mais pertinente lhe veio à cabeça: – Sozinhos?

Ele fez uma careta.

– Não vou violá-la, se é isso que a preocupa.

Ela sentiu que cerrou a mandíbula. Não tinha pensado que o Sr. Bridgerton *seria capaz* de algo assim, mas ele não precisava fazer o comportamento honrado dela soar como um insulto.

– Bem, então do que se trata? – quis saber. – Se formos pegos aqui, terei sérios problemas. Estou praticamente noiva, o senhor sabe.

– Eu sei – disse ele.

Naquele tom. Como se ela já tivesse falado sobre aquilo um milhão de vezes, quando sabia que não tinha tocado no assunto mais de uma vez. Ou, talvez, mais de duas.

– Bem, estou mesmo – resmungou ela, ciente de que a resposta perfeita só lhe ocorreria várias horas depois.

– O que está acontecendo? – perguntou Gregory.

– O que quer dizer? – devolveu Lucy, mesmo sabendo muito bem do que o Sr. Bridgerton falava.

– A Srta. Watson – grunhiu ele.

– Hermione?

Como se houvesse outra Srta. Watson. Mas isso lhe garantiu um pouco mais de tempo.

– Seu conselho foi péssimo – acusou ele, com um olhar penetrante.

Estava certo, é claro, mas ela esperava que ele não tivesse notado.

– Certo – falou, observando, com cautela, Gregory cruzar os braços.

Não era o mais cordial dos gestos, mas teve de admitir que ele se saiu bem.

Ela ouvira falar que ele era famoso por seu jeito jovial e divertido, embora nenhuma dessas qualidades estivesse em evidência naquele momento, mas, como dizem, ninguém é capaz de controlar a fúria de uma mulher desprezada. Ela imaginava que não era preciso ser mulher para se sentir um pouco desapontado com a perspectiva de um amor não correspondido.

E, ao olhar para o belo rosto do Sr. Bridgerton, ocorreu-lhe que era provável que ele não soubesse muito bem o que era um amor não correspondido. Porque quem teria coragem de dizer *não* àquele cavalheiro?

Além de Hermione, é claro. Mas ela dizia não a todos. Ele não devia levar aquilo para o lado pessoal.

– Lady Lucinda? – chamou Gregory lentamente, à espera de uma resposta.

– É claro – respondeu ela, protelando e desejando que ele não parecesse tão *grande* naquela sala fechada. – Certo. Certo.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Certo.

Ela engoliu em seco. O tom de voz de Gregory era de uma indulgência quase paternal, como se ela fosse divertida, mas não exatamente interessante. Lucy conhecia muito bem aquele tom. Era do tipo que os rapazes gostavam de usar com suas irmãs mais novas. E com qualquer amiga que levassem para casa nas férias escolares.

Ela detestava aquele tom.

Mas, apesar disso, prosseguiu com dificuldade:

– Concordo que o meu plano acabou não sendo o mais bem-sucedido, mas, para ser sincera, não sei muito bem se qualquer outra atitude teria tido um resultado melhor.

Aquilo não parecia ser o que ele queria ouvir. Pigarreou. Uma, duas, três vezes.

– Sinto muito – acrescentou, porque se sentia mal e sabia que um pedido de desculpas sempre funciona quando não se sabe bem o que dizer. – Mas realmente pensei...

– A senhorita me disse que se eu ignorasse a Srta. Watson... – interrompeu ele.

– Eu não lhe disse para *ignorá-la*!

– Disse, sim, com certeza.

– Não, eu não disse. Falei para se afastar um pouco. Para tentar não ser tão óbvio em sua deslumbração.

A palavra “deslumbração” não existia, mas Lucy não se importou com isso.

– Muito bem – retrucou Gregory, e seu tom ligeiramente superior de irmão mais velho foi substituído pela condescendência óbvia. – Se eu não devia ignorá-la, então exatamente o que a senhorita acha que eu deveria ter feito?

– Bem...

Ela coçou a nuca, que pareceu acometida de repente pela mais terrível das urticárias. Ou talvez estivesse apenas nervosa. Preferiria que fosse urticária. Ela não gostava muito daquela sensação de enjoo crescente enquanto tentava pensar em algo razoável para dizer.

– Fora o que eu fiz, é claro – acrescentou ele.

– Não tenho certeza – grunhiu ela. – Não sou exatamente a pessoa mais experiente nesse tipo de coisa.

– Ah, *agora* você me diz isso.

– Bem, valia a pena tentar – rebateu ela. – Deus é testemunha de que o senhor não estava se saindo bem por conta própria.

Os lábios de Gregory se contraíram e ela se permitiu um discreto sorriso de satisfação por ter atingido um ponto sensível. Lucy não era uma pessoa má, mas o momento parecia pedir um pouco de autocongratulação.

– Muito bem – disse ele austeramente, e, embora ela tivesse preferido um pedido de desculpas e o reconhecimento de que ela estava certa e ele, errado, Lucy acreditava que, em alguns círculos, um “Muito bem” *poderia* ser aceito como uma admissão de erro.

E, a julgar pelo rosto dele, era o máximo que conseguiria.

Ela assentiu regamente. Parecia o melhor a fazer. Agir como uma rainha para talvez ser tratada

como uma.

– A senhorita tem alguma outra ideia brilhante?

Ou não.

– Bem – respondeu ela, fingindo que ele de fato parecia se importar com o que ela tinha a dizer.

– Não acho que seja tanto uma questão *do que* fazer, e sim *por que* o que o senhor fez não deu certo.

Ele piscou.

– Ninguém jamais desistiu de Hermione – explicou Lucy com um toque de impaciência.

Detestava quando as pessoas não entendiam logo o que ela queria dizer. – O desinteresse dela só faz com que os homens redobrem os esforços. É muito constrangedor.

Ele pareceu levemente ofendido.

– O que disse?

– Não o *senhor* – disse Lucy com rapidez.

– Fico muitíssimo aliviado.

Lucy deveria ter se ofendido com o sarcasmo, mas o senso de humor de Gregory era tão parecido com o dela que não pôde deixar de achar graça.

– Como eu dizia – continuou, porque queria se concentrar no assunto em questão –, ninguém nunca parece admitir a derrota e transferir suas atenções para uma dama mais ao alcance. Quando um cavalheiro percebe que *todos* os outros a querem, parece ficar louco. É como se ela não passasse de um prêmio a ser conquistado.

– Não para mim – disse ele em voz baixa.

Nesse momento, Lucy olhou para o rosto de Gregory e percebeu imediatamente que, para ele, Hermione era *mais* do que um prêmio. Ele gostava dela. De verdade. Lucy não sabia muito bem por quê, ou mesmo como, já que ele mal conhecia a amiga. E Hermione não tinha sido muito receptiva em suas conversas – não que alguma vez fosse com os cavalheiros que a cortejavam. Mas o Sr. Bridgerton se importava com quem ela era por dentro, não só com o rosto perfeito. Ou, pelo menos, ele acreditava que sim.

Lucy assentiu lentamente, absorvendo tudo.

– Pensei que talvez, se alguém *deixasse* de cercá-la de atenção, ela pudesse achar intrigante. Não que Hermione considere conveniente toda essa atenção que os cavalheiros lhe dispensam – apressou-se em acrescentar. – Muito pelo contrário. Para ser honesta, na maior parte do tempo é um transtorno.

– Seus elogios não conhecem limites.

Mas ele sorria *um pouco* ao dizer isso.

– Nunca tive muito jeito para elogios – admitiu ela.

– Pelo jeito, não.

Lucy deu um sorriso irônico. Ele não pretendia insultá-la, e ela não encararia dessa forma.

– Ela vai mudar de ideia.

– A senhorita acha?

– Acho. Vai ter que mudar. Hermione é romântica, mas entende como o mundo funciona. No fundo ela sabe que não pode se casar com o Sr. Edmonds. É simplesmente impossível. Seus pais vão renegá-la, ou ameaçar fazer isso, e ela não é do tipo que arriscaria algo assim.

– Se ela amasse alguém de verdade, arriscaria tudo – murmurou ele.

Lucy ficou paralisada. Havia algo na voz dele. Algo direto, forte. Um arrepio percorreu sua pele, deixando-a estranhamente incapaz de se mover.

Ela precisava perguntar. Tinha de saber.

– E o senhor? – falou, num sussurro. – Arriscaria qualquer coisa?

Ele não se moveu, mas seus olhos arderam. E ele não hesitou:

– Qualquer coisa.

Os lábios dela se entreabriram. De surpresa? Espanto? Algo mais?

– E *a senhorita*? – devolveu ele.

– Eu... eu não tenho certeza.

Ela balançou a cabeça e teve a estranha sensação de que já não se conhecia mais. Porque deveria ter sido uma pergunta fácil. Apenas alguns dias antes, teria sido. Ela responderia *É claro que não*, e acrescentaria que era muito prática para esse tipo de bobagem.

E, principalmente, diria que esse tipo de amor não existia.

Mas alguma coisa havia mudado dentro dela, e Lucy não sabia o quê. Algo que a deixara desestabilizada.

Insegura.

– Não sei – acrescentou. – Acho que dependeria.

– Do quê? – perguntou Gregory, com a voz ainda mais baixa, incrivelmente baixa, e ainda assim Lucy conseguiu entender cada palavra.

– De... – Ela não sabia. Como podia não saber? Ela se sentia perdida, e sem chão, e... e... e então as palavras simplesmente surgiram e saíram de sua boca: – Do amor, eu acho.

– Do amor.

– Sim.

Deus do céu, algum dia ela já tivera uma conversa como aquela? As pessoas falavam *mesmo* sobre essas coisas? E será que existia alguma resposta?

Ou ela era a única pessoa no mundo que não entendia?

Sentiu um nó na garganta e de repente experimentou uma grande solidão em sua ignorância. Ele sabia, Hermione sabia e os poetas também diziam saber. Parecia que *ela* era a única alma perdida, a única que não compreendia o que era o amor, que não tinha nem certeza de que ele existia, ou, caso existisse, se era para ela.

– De como ele é – disse ela finalmente, porque não sabia mais o que falar. – De como o amor é.

O olhar dos dois se encontrou.

– A senhorita acha que há variações?

Ela não esperava outra pergunta. Ainda estava se recuperando da última.

– De amor, digo – esclareceu ele. – Acha que ele pode ser diferente dependendo da pessoa? Se a senhorita amasse alguém, verdadeira e profundamente, não seria... *tudo*?

Ela não sabia o que dizer.

Gregory se virou e deu alguns passos em direção à janela.

– Iria consumi-la – disse ele. – Como poderia ser diferente?

Lucy só olhava para as costas dele, hipnotizada pela maneira como seu paletó finamente cortado cobria-lhe os ombros. Era a coisa mais estranha, mas ela não conseguia deixar de olhar para o ponto em que o cabelo dele tocava o colarinho.

Quase pulou de susto quando ele se virou de volta para ela.

– Não haveria nenhuma dúvida – disse Gregory, a voz baixa, com a intensidade de uma pessoa que acredita mesmo no que está falando. – A senhorita simplesmente saberia. Seria tudo com que sempre sonhou, e então seria mais.

Ele deu um passo em direção a ela. Outro. E então concluiu:

– É assim que eu acho que é o amor.

E naquele momento Lucy soube que não estava destinada a se sentir assim. Se o amor existia mesmo da maneira como Gregory Bridgerton o imaginava, não era para ela. Não conseguia imaginar um turbilhão assim de emoções. E não iria gostar nem um pouco. Disso ela sabia. Não queria se sentir perdida em meio ao furacão, à mercê de algo além de seu controle.

Não queria infelicidade. Desespero. E, se isso significava que também teria de abrir mão da felicidade e do arrebatamento, que assim fosse.

Ela ergueu os olhos até os dele, sem ar por conta das revelações que acabara de ter.

– É de mais para mim – ouviu-se dizer. – Seria de mais. Eu não... não...

Lentamente, ele balançou a cabeça.

– A senhorita não teria escolha. Seria algo além do seu controle. Simplesmente... acontece.

A boca de Lucy se abriu com a surpresa.

– Foi o que ela disse.

– Quem?

E, quando ela respondeu, sua voz parecia estranhamente distante, como se as palavras viessem direto de suas lembranças.

– Hermione. Foi o que Hermione disse sobre o Sr. Edmonds.

Os lábios de Gregory se contraíram nos cantos.

– Ela disse?

Lucy assentiu devagar.

– Quase com as mesmas palavras. Falou que simplesmente acontece. Em um instante.

– Ela disse isso? – As palavras soaram como um eco, e, na verdade, era tudo o que ele podia fazer... sussurrar perguntas inúteis, aguardando uma confirmação, na esperança de que talvez tivesse ouvido mal e Lucy fosse responder algo totalmente diferente.

Mas é claro que não foi assim. Na verdade, era ainda pior do que ele temia.

– Hermione falou que estava no jardim, só olhando as rosas, quando o viu. E então ela soube.

Gregory olhou para ela. Seu peito estava vazio e ele sentia um nó na garganta. Aquilo não era o que queria ouvir. *Maldição*, aquela era a única coisa que ele não queria ouvir.

Lucy, então, virou para Gregory, e os olhos dela, cinzentos na penumbra da noite, encontraram os dele de uma forma estranhamente íntima. Era como se ele a conhecesse, soubesse o que ela iria dizer, e como estaria o rosto dela quando falasse. Era estranho, assustador e, acima de tudo, desconfortável, porque ela não era a Srta. Hermione Watson.

Aquela era Lady Lucinda Abernathy, não a mulher com quem ele pretendia passar o resto de sua vida.

Ela era incrivelmente bonita, inteligente e, com certeza, mais do que atraente. Mas não era para ele. Gregory quase riu, porque tudo teria sido muito mais fácil se seu coração tivesse disparado na primeira vez em que vira *Lucy*. Ela podia estar quase noiva, mas não estava apaixonada. Disso ele tinha certeza.

Já Hermione Watson...

– O que ela disse? – murmurou ele, temendo a resposta.

Lady Lucinda inclinou a cabeça para o lado, e parecia nada menos do que confusa.

– Ela disse que nem sequer viu o rosto dele. Só a parte de trás de sua cabeça...

Só a parte de trás do pescoço dela.

–... que então ele se virou e ela pensou ter ouvido música, e tudo em que conseguiu pensar foi...

Estou acabado.

–... “Estou arruinada”. Foi o que ela me disse. – Lucy olhou para ele com a cabeça ainda

inclinada, o ar curioso. – O senhor pode imaginar? Arruinada? Não consigo entender isso.

Mas *ele* entendia. Entendia muito bem.

Entendia perfeitamente.

Gregory olhou para Lady Lucinda e viu que ela o fitava. Ainda parecia confusa, preocupada e até um pouco desconcertada quando perguntou:

– O senhor não acha estranho?

– Acho.

Apenas uma palavra, mas dita com toda a sinceridade. Porque *era* estranho. E cortava como uma faca. Ela não deveria se sentir assim com relação a nenhuma outra pessoa que não fosse ele.

Não era assim que devia acontecer.

E então, como se um feitiço tivesse sido quebrado, Lady Lucinda virou e deu alguns passos para o lado. Olhou para as estantes – não que pudesse identificar qualquer título com aquela luz –, então correu os dedos pelas lombadas.

Gregory observou a mão dela, não soube dizer por quê. Só ficou ali vendo a mão dela se mover. Lucy era muito elegante, percebeu. Não era algo que ficasse evidente no início. Era de esperar que a elegância cintilasse como a seda, reluzisse, paralisasse. A elegância era uma orquídea, não uma simples margarida.

Mas quando Lady Lucinda se movia, ela parecia diferente. Parecia... deslizar.

Era uma boa dançarina, ele tinha certeza, embora não soubesse muito bem que importância tinha isso.

– Eu sinto muito – disse Lucy, virando-se de repente.

– Sobre a Srta. Watson?

– Sim. Não tive a intenção de ferir seus sentimentos.

– Não feriu – retrucou ele, talvez de forma um pouco brusca.

– Ah. – Ela piscou. – Que bom. Realmente não foi minha intenção.

Gregory sabia que ela não faria algo assim de propósito. Não era de seu feitio.

Os lábios de Lucy se abriram, mas ela não falou de imediato. Seus olhos pareciam focados para além do ombro de Gregory, como se procurasse as palavras certas a distância.

– É só que... Bem, quando o senhor disse aquelas coisas sobre o amor – começou ela –, me pareceu tão familiar. Eu não conseguia entender.

– Nem eu – disse ele em voz baixa.

Lucy ficou em silêncio, sem olhar bem para ele. Seus lábios estavam um pouco franzidos e de vez em quando ela piscava. Não de um jeito rápido e irrefletido, mas como uma ação deliberada.

Ela estava pensando, percebeu Gregory. Lucy era do tipo que *pensava* sobre as coisas, provavelmente para a frustração interminável de qualquer um encarregado da tarefa de orientá-la na vida.

– O que o senhor vai fazer agora? – perguntou ela.

– Com relação à Srta. Watson?

Lucy fez que sim.

– O que a senhorita sugere que eu faça?

– Não tenho certeza. Posso falar com ela sobre o senhor, se quiser.

– Não.

Isso parecia juvenil demais e Gregory só agora começava a se sentir verdadeiramente um homem adulto, pronto para deixar sua marca.

– O senhor pode esperar, então – disse ela, dando de ombros. – Ou pode continuar tentando

cortejá-la. Ela não terá oportunidade de ver o Sr. Edmonds por pelo menos um mês, e acho que... com o tempo... talvez ela perceba...

Mas ela não terminou. E ele queria saber.

– Perceba o quê? – pressionou Gregory.

Lucy levantou os olhos, como se arrancada de um sonho.

– Bem, que o senhor... que o senhor... é muito *melhor* do que os outros. Não sei por que ela não consegue ver. É bastante óbvio para mim.

Essa afirmação vinda de qualquer outra pessoa teria sido estranha. Fora fervorosa demais. Talvez até mesmo uma dica tímida de que a moça estava disponível. Mas a pessoa em questão era Lady Lucinda. Ela não usava artifícios – era o tipo de garota em quem um homem podia confiar. Um pouco como suas irmãs, imaginou, com uma inteligência vivaz e um senso de humor afiado. Lucy Abernathy nunca inspiraria poesia, mas daria uma ótima amiga.

– Vai acontecer – garantiu ela, a voz suave, mas segura. – Ela vai perceber. O senhor e Hermione vão ficar juntos. Tenho certeza.

Gregory observou os lábios de Lucy enquanto ela falava. Não soube por quê, mas o formato deles de repente lhe pareceu intrigante... a maneira como se moviam, desenhando as consoantes e as vogais. Eram lábios comuns. Nada neles havia atraído a sua atenção antes. Mas ali, na biblioteca escura, sem nada no ar além do suave sussurro de suas vozes...

Ele se perguntou como seria beijá-la.

Deu um passo para trás, sentindo que seus pensamentos eram súbita e avassaladoramente *errados*.

– Devemos voltar – falou, de forma abrupta.

Um brilho de mágoa passou pelos olhos de Lucy. Maldição. Ele não queria parecer ansioso para se livrar dela. Nada daquilo era culpa dela. Ele só estava cansado. E frustrado. E ela estava ali, a noite escura, os dois sozinhos...

Não tinha sido desejo. Não *podia* ser desejo. Gregory havia esperado a vida inteira para sentir por uma mulher o que sentira ao ver Hermione Watson pela primeira vez. Não era possível que desejasse qualquer outra mulher depois disso. Nem Lady Lucinda, nem ninguém.

Aquilo não era nada. *Ela* não era nada.

Não, isso não era justo. Ela era alguma coisa. Muita coisa, na verdade. Mas não para ele.

CAPÍTULO 6

No qual nosso herói faz progresso.

Deus do céu, *o que* ela dissera?

Esse único pensamento martelava a cabeça de Lucy quando ela deitou na cama naquela noite, horrorizada demais até para ficar se revirando. Ficou deitada de costas, olhando para o teto, totalmente imóvel e mortificada.

E na manhã seguinte, quando olhou no espelho, suspirando ao notar olheiras, lá estava tudo de novo...

Ah, Sr. Bridgerton, o senhor é muito melhor do que os outros...

E toda vez que ela pensava nisso, a voz em sua lembrança ficava mais aguda, mais risonha e boba, até ela se transformar em uma daquelas criaturas horríveis – as garotas que ficavam agitadas e nervosas toda vez que o irmão mais velho de alguém aparecia para uma visita na escola.

– Lucy Abernathy, sua tola – murmurou baixinho.

– Você disse alguma coisa?

Hermione, próxima à cama, olhou para a amiga. Lucy já estava com a mão na maçaneta da porta, pronta para sair para o café da manhã.

– Estou só fazendo umas contas na minha cabeça – mentiu Lucy.

Hermione voltou a colocar os sapatos.

– Pelo amor de Deus, *por quê?* – perguntou, mais para si mesma.

Lucy deu de ombros, embora Hermione não estivesse olhando para ela. Sempre dizia que estava fazendo contas em sua cabeça quando Hermione a pegava falando sozinha. Não fazia ideia de por que a amiga acreditava nela – Lucy detestava contas, quase tanto quanto odiava frações e tabuadas. Mas parecia o tipo de coisa que ela poderia fazer, por ser assim tão prática, e Hermione nunca questionara.

Às vezes Lucy murmurava um número, só para parecer mais real.

– Está pronta para descer? – perguntou a Hermione, girando a maçaneta.

Não que *ela* estivesse. A última coisa que queria era ver qualquer pessoa. O Sr. Bridgerton em particular, é claro, e pensar em enfrentar o mundo como um todo era assustador.

Mas ela estava com fome, e teria de aparecer alguma hora, então não via por que sua infelicidade deveria vir acompanhada de um estômago vazio.

Enquanto se dirigiam à sala do café da manhã, Hermione olhou para ela com ar curioso.

– Você está bem, Lucy? – perguntou. – Parece um pouco estranha.

Lucy lutou contra a vontade de rir. Ela *era* estranha. Era uma idiota e provavelmente não deveria ser deixada solta em público.

Deus do céu, havia mesmo dito a Gregory Bridgerton que ele era melhor do que os outros?

Ela queria morrer. Ou, pelo menos, esconder-se debaixo de uma cama.

Mas não, ela não conseguia nem fingir que estava se sentindo mal e aproveitar o descanso. Nem lhe ocorrera tentar. Ela era tão ridiculamente normal que estava de pé e pronta para tomar café antes mesmo de conseguir formar um único pensamento coerente.

Além de refletir sobre sua evidente loucura, é claro. Não tinha nenhuma dificuldade em se

concentrar *nisso*.

– Bem, você está ótima, de qualquer maneira – elogiou Hermione quando chegaram à escada. – Adorei essa fita verde com o vestido azul. Eu não teria pensado nisso, mas ficou lindo. E combinou de maneira tão adorável com os seus olhos...

Lucy olhou para sua roupa. Não tinha nenhuma recordação de ter se vestido. Era um milagre não parecer que tinha escapado de um circo cigano.

Embora...

Deixou escapar um suspiro. Fugir com os ciganos parecia uma ideia bastante atraente, prática, até, uma vez que tinha certeza de que nunca iria mostrar sua cara em uma sociedade civilizada de novo. Claramente estava lhe faltando uma conexão muito importante entre o cérebro e a boca, e só Deus sabia o que poderia sair de seus lábios em seguida.

Meu Deus, poderia muito bem ter dito a Gregory Bridgerton que o achava um deus.

O que ela *não* achava. De modo algum. Só acreditava que ele seria um melhor partido para Hermione. E tinha lhe dito isso. Não tinha?

O que *exatamente* ela dissera?

– Lucy?

Ela dissera... que...

Lucy congelou.

Santo Deus. Ele ia pensar que *ela* gostava dele.

Hermione andou mais alguns passos antes de perceber que Lucy não estava mais ao seu lado.

– Lucy?

– Sabe, acho que na verdade não estou com fome – disse ela, a voz um pouco estridente.

Hermione parecia incrédula.

– No café da manhã?

Era um *pouco* forçado. Lucy sempre comia como um marinheiro no café da manhã.

– Eu... hã... acho que algo não me fez bem ontem à noite. Talvez o salmão. – Ela colocou a mão na barriga para enfatizar o que dizia. – Acho que eu deveria me deitar.

E nunca mais levantar.

– Você parece mesmo um pouco pálida – observou Hermione.

Lucy abriu um fraco sorriso, decidindo ser grata pelas pequenas coisas.

– Que que eu lhe traga alguma coisa? – perguntou-lhe a amiga.

– Sim – respondeu Lucy fervorosamente, esperando que Hermione não tivesse ouvido o ronco de seu estômago.

– Ah, mas eu não devia – disse Hermione, levando um dedo aos lábios com ar pensativo. – Talvez seja melhor você não comer, se está se sentindo enjoada. A última coisa que você deve querer é vomitar.

– Não é enjoo, exatamente – improvisou Lucy.

– Não?

– É... hã... um pouco difícil de explicar. Eu...

Ela se escorou na parede. Quem poderia imaginar que tinha tanto talento para atriz?

Hermione correu para seu lado, a preocupação franzindo-lhe a testa.

– Ah, meu Deus... – falou, passando um braço pelas costas de Lucy. – Você está muito pálida.

Lucy piscou. Talvez *estivesse* ficando doente. Isso seria ainda melhor, porque a manteria afastada por dias.

– Vou levá-la de volta para a cama – disse Hermione, sem dar espaço para discussão. – E

depois vou chamar minha mãe. Ela vai saber o que fazer.

Lucy assentiu, aliviada. O remédio de Lady Watson para qualquer tipo de doença era chocolate e biscoitos. Nada ortodoxo, com certeza, mas como era o que a mãe de Hermione escolhia sempre que dizia estar doente, não podia negar isso a ninguém.

Hermione a guiou de volta ao quarto e até mesmo tirou os sapatos de Lucy antes que ela deitasse na cama.

– Se eu não a conhecesse tão bem, acharia que está fingindo – comentou Hermione, atirando os calçados descuidadamente no armário.

– Eu nunca faria isso.

– Ah, faria, sim. Com certeza faria. Mas nunca conseguiria levar até o fim. Você é muito tradicional.

Tradicional? O que *isso* tinha a ver?

Hermione bufou um pouco.

– Eu provavelmente vou ter que me sentar com aquele enfadonho Sr. Bridgerton no café.

– Ele não é tão terrível – disse Lucy, talvez com um pouco mais de entusiasmo do que se poderia esperar de alguém doente.

– É, acho que não – concordou Hermione. – Ao menos é melhor do que a maioria, me atrevo a dizer.

Lucy estremeceu com o eco das próprias palavras. *Muito melhor do que os outros*. Muito melhor do que *os outros*.

Devia ter sido a coisa mais terrível que já havia saído de seus lábios.

– Mas não é para mim – continuou Hermione, alheia à angústia da amiga. – Ele logo vai perceber isso. E então vai seguir em frente e cortejar outra pessoa.

Lucy duvidava disso, mas não disse nada. Que confusão. Hermione estava apaixonada pelo Sr. Edmonds, o Sr. Bridgerton estava apaixonado por Hermione e Lucy *não* estava apaixonada pelo Sr. Bridgerton.

Mas ele devia achar que ela estava.

O que era um absurdo, é claro. Ela nunca permitiria que isso acontecesse, estando praticamente noiva de lorde Haselby.

Haselby. Ela quase gemeu. Aquilo tudo seria muito mais fácil se ela se lembrasse do rosto dele.

– Talvez eu peça para trazerem o café da manhã – disse Hermione, o rosto se iluminando como se ela tivesse acabado de descobrir um novo continente. – Você acha que mandariam uma bandeja aqui para cima?

Ah, maldição. Lá se iam todos os seus planos. Agora Hermione tinha uma desculpa para ficar no quarto delas o dia todo. E no seguinte também, se Lucy continuasse a fingir que se sentia mal.

– Não sei por que não pensei nisso antes – continuou Hermione, indo em direção ao cordão da campainha. – Prefiro ficar aqui com você.

– Não! – gritou Lucy, o cérebro dando voltas, enlouquecido.

– Por que não?

Lucy pensou rapidamente.

– Se pedir que lhe tragam uma bandeja, pode não ter o que quer.

– Mas eu sei o que quero. Ovos cozidos e torradas. Com certeza podem trazer isso.

– Mas *eu* não quero ovos cozidos e torradas. – Lucy tentou manter a expressão o mais lastimável e patética possível. – Você conhece tão bem o meu gosto... Se for à sala de café da manhã, tenho certeza de que vai encontrar a coisa certa.

– Mas pensei que você não fosse comer.

Lucy colocou a mão de volta na barriga.

– Bem, eu posso querer comer um pouco.

– Ah, está bem – disse Hermione, agora soando mais impaciente do que qualquer outra coisa. –

O que você quer?

– Hã, talvez um pouco de bacon?

– Bacon? Mas você não está passando mal por causa do peixe?

– Não tenho certeza se foi o peixe.

Hermione ficou encarando-a por um longo instante.

– Só bacon, então? – perguntou finalmente.

– Hum, e qualquer outra coisa que você ache que eu possa gostar – respondeu Lucy, uma vez que seria muito fácil pedir para trazerem bacon.

Hermione deixou escapar um suspiro contido.

– Eu volto logo. – Depois olhou para Lucy com um ar um pouco desconfiado. – Não vá se cansar.

– Não vou – prometeu ela.

Então sorriu olhando para a porta, quando Hermione a fechou. Contou até dez e em seguida pulou da cama e correu para o armário para endireitar seus sapatos. Quando ficou satisfeita com o resultado, pegou um livro e voltou para se acomodar na cama e ler.

De um modo geral, aquela estava se tornando uma ótima manhã.



Quando Gregory entrou na sala de café da manhã, sentia-se muito melhor. O que tinha acontecido na noite anterior... não era nada. Estava praticamente esquecido.

Ele não havia *desejado* beijar Lady Lucinda. Só havia se perguntado como seria, o que era bem diferente.

Afinal, ele era homem. Já havia imaginado como seria beijar centenas de mulheres, na maioria das vezes sem a menor intenção de sequer falar com elas. Todo mundo se perguntava. A diferença era se você decidia fazer alguma coisa a respeito.

O que seus irmãos – seus irmãos felizes no casamento, ele devia acrescentar – disseram uma vez? O casamento não os deixava *cegos*. Eles podiam não estar à procura de outras mulheres, mas isso não significava que não notavam o que estava à sua frente. Quer fosse uma garçonne com seios muito grandes ou uma respeitável senhorita com... bem, com lindos lábios, um cavalheiro não podia simplesmente deixar de *ver* a parte do corpo em questão.

E se visse, então é claro que pensaria a respeito, e...

E nada. Aquilo não resultaria em nada.

O que significava que Gregory podia tomar seu café da manhã com a cabeça tranquila.

Ovos eram bons para a alma, ponderou. Bacon, também.

O único outro ocupante da sala era o cinquentão e sempre formal Sr. Snowe, que felizmente estava mais interessado em seu jornal do que em conversar. Após os obrigatórios cumprimentos

resmungados, Gregory sentou-se no extremo oposto da mesa e começou a comer.

A salsicha estava excelente. As torradas também estavam ótimas, com a quantidade certa de manteiga. Faltava um pouco de sal nos ovos, mas, fora isso, estavam bem saborosos.

Experimentou o bacalhau. Nada mau. Nada mau mesmo.

Deu outra mordida. Mastigou. Aproveitou o momento. Pensou coisas muito profundas sobre política e agricultura.

Depois passou, determinado, para a física newtoniana. Ele realmente devia ter prestado mais atenção às aulas em Eton, porque não conseguia lembrar a diferença entre força e trabalho.

Vejamos, trabalho era aquela parte com quilograma-metro, e força era...

Ele não estava nem exatamente *se perguntando*. Para ser sincero, a culpa de tudo podia ser um truque de luz. E seu humor. Estava se sentindo um pouco estranho. Ele tinha reparado nos lábios de Lady Lucinda porque ela estava falando, pelo amor de Deus. Para onde ele deveria olhar?

Gregory pegou o garfo com vigor renovado. De volta ao bacalhau. E ao seu chá. Nada ordenava melhor a mente do que chá.

Tomou um longo gole, espiando por cima da borda da xícara, quando ouviu alguém vindo pelo corredor.

E então *ela* surgiu à porta.

Ele piscou, surpreso, depois olhou por cima do ombro dela. Estava sozinha.

Agora que parava para pensar sobre isso, achava que nunca tinha visto a Srta. Watson sem Lady Lucinda.

– Bom dia – cumprimentou ele, em um tom cordial o suficiente para não parecer entediado, mas não cordial *demais*.

Um homem nunca quer parecer desesperado.

Gregory se levantou e a Srta. Watson olhou para ele sem registrar absolutamente nenhuma emoção. Nem felicidade, nem raiva, nada além de um discreto olhar confirmando que o vira. O que foi bem marcante.

– Bom dia – murmurou ela.

Mas que diabo, por que não?

– Quer se juntar a mim? – perguntou ele.

Os lábios de Hermione se entreabriram e ela fez uma pausa, como se não tivesse certeza do que queria fazer. E então, como numa prova perversa de que eles tinham de fato algum tipo de conexão maior, ele leu sua mente.

Leu mesmo. Sabia exatamente o que ela estava pensando.

Ah, tudo bem, tenho que tomar café da manhã de qualquer maneira.

Aquilo com certeza acalentava a alma.

– Não posso ficar muito tempo – disse a Srta. Watson. – Lucy não está se sentindo bem, e prometi levar uma bandeja para ela.

Era difícil imaginar a indomável Lady Lucinda doente, embora Gregory não soubesse por quê. Ele não podia dizer que a *conhecia*. Os dois só tinham tido algumas conversas. Se tanto.

– Não deve ser nada sério – murmurou ele.

– Acho que não – falou ela, pegando um prato. Hermione olhou para ele com aqueles olhos verdes incríveis. – O senhor comeu o peixe?

Ele olhou para o bacalhau.

– Agora?

– Não, ontem à noite.

– Acho que sim. Costumo comer de tudo.

Os lábios da Srta. Watson se contraíram por um instante, então ela murmurou:

– Eu também comi.

Gregory esperou alguma outra explicação, mas ela não parecia inclinada a falar mais nada. Então, em vez disso, ele continuou de pé enquanto ela colocava pequenas porções de ovos e presunto no prato. Após um instante de deliberação...

Estou realmente com fome? Porque, quanto mais comida eu colocar no prato, mais tempo ficarei aqui. Na sala de café da manhã. Com ele...

... ela pegou um pedaço de torrada.

Hummm. Sim, estou com fome.

Gregory esperou até que ela se acomodasse à sua frente e também se sentou. A Srta. Watson esboçou um pequeno sorriso – do tipo que não passava de um discreto erguer dos cantos dos lábios – e começou a comer seus ovos.

– A senhorita dormiu bem? – perguntou Gregory.

Ela levou o guardanapo à boca com delicadeza.

– Muito bem, obrigada.

– Eu não – declarou ele.

Mas que diabo, se uma conversa educada não conseguia fazê-la falar mais, talvez ele devesse optar pela surpresa.

Ela ergueu os olhos.

– Sinto muito.

Então abaixou a cabeça de novo e continuou a comer.

– Tive um sonho terrível – disse ele. – Um pesadelo. Assustador.

Ela pegou a faca e cortou o bacon.

– Sinto muito – falou, aparentemente sem notar que havia pronunciado essas mesmas palavras segundos antes.

– Não consigo lembrar o que era – prosseguiu Gregory. Ele estava inventando isso tudo, é claro. Não tinha dormido bem, só que não por causa de um pesadelo. Mas ia fazê-la conversar com ele ou morrer tentando. – A senhorita costuma se lembrar dos seus sonhos?

Ela parou o garfo a meio caminho da boca e ele sentiu aquela incrível conexão de mentes de novo.

Em nome de Deus, por que ele está me perguntando isso?

Bem, talvez não em nome de Deus. Isso exigiria um pouco mais de emoção do que ela parecia expressar.

– Hã, não – respondeu ela. – Em geral, não.

– É mesmo? Que intrigante. Lembro-me dos meus metade das vezes, eu acho.

Ela assentiu.

Se eu balançar a cabeça, não preciso pensar no que dizer.

Ele se esforçou para continuar:

– Meu sonho de ontem à noite foi bem vívido. Havia uma tempestade. Raios e trovões. Muito impressionante.

Ela virou o pescoço lentamente e olhou por cima do ombro.

– Srta. Watson?

Então ela olhou de volta para ele.

– Pensei ter ouvido alguém.

Eu esperava ter ouvido alguém.

Aquele talento para ler os pensamentos dela estava começando a ficar tedioso.

– Certo – disse ele. – Bem, onde eu estava?

A Srta. Watson começou a comer muito depressa.

Gregory se inclinou para a frente. Ela não ia escapar assim tão fácil.

– Ah, sim, a chuva. Estava caindo um temporal. Um completo dilúvio. E o chão começou a se desmanchar sob os meus pés. A me arrastar para baixo.

Ele parou, propositalmente, e então manteve os olhos fixos no rosto de Hermione, até ela ser forçada a dizer alguma coisa.

Depois de alguns instantes do mais estranho silêncio, ela enfim desviou os olhos da comida para o rosto dele. Um pequeno pedaço de ovo tremeu na ponta de seu garfo.

– O chão estava se desmanchando – disse ele.

E quase riu.

– Que... horrível.

– Foi mesmo – falou Gregory, com grande animação. – Pensei que fosse me engolir. Alguma vez já sentiu isso, Srta. Watson?

Silêncio. E então...

– Não. Não, acredito que não.

Ele mexeu indolentemente no lóbulo da orelha e então disse, de forma bem casual:

– Não gostei muito da experiência.

Gregory achou que ela fosse cuspir o chá.

– Bem, na verdade – continuou ele –, quem gostaria?

E, pela primeira vez desde que a conhecera, pensou ter visto o desinteresse deixar os olhos de Hermione quando ela disse, com um pouco mais de emoção:

– Não tenho ideia.

Ela até balançou a cabeça. Três coisas de uma vez! Uma frase completa, uma pitada de emoção e um aceno de cabeça. Por Deus, talvez ele estivesse enfim conseguindo quebrar a barreira até ela.

– E o que aconteceu depois, Sr. Bridgerton?

Meu Deus, ela tinha lhe feito uma pergunta. Ele quase caiu da cadeira.

– Na verdade, eu acordei – respondeu.

– Que sorte.

– Também achei. Dizem que, se você morrer em seus sonhos, morre durante o sono.

Os olhos dela se arregalaram.

– Dizem?

– Bem, meus irmãos dizem. Fique à vontade para avaliar as informações considerando a sua origem.

– Eu tenho um irmão – comentou ela. – Ele adora me atormentar.

Gregory assentiu gravemente com a cabeça.

– É o que os irmãos devem fazer.

– O senhor atormenta suas irmãs?

– Em geral, só a mais nova.

– Porque ela é a caçula.

– Não, porque ela merece.

Ela riu.

– Sr. Bridgerton, o senhor é terrível.

Ele abriu um sorriso, bem devagar.

– A senhorita não conheceu Hyacinth.

– Se ela o perturba tanto a ponto de fazê-lo querer atormentá-la, tenho certeza de que iria adorá-la.

Ele se recostou, apreciando a sensação de descontração e tranquilidade. Era bom não ter de se esforçar tanto.

– Seu irmão é mais velho que a senhorita, então?

Ela assentiu.

– E, de fato, ele me atormenta porque sou mais nova.

– Quer dizer que não merece isso?

– Claro que não.

Ele não sabia dizer se ela estava brincando.

– E onde está seu irmão agora?

– Em Trinity Hall. – Ela comeu o último pedaço de ovo. – Cambridge. O irmão de Lucy também estava lá. Faz um ano que ele se formou.

Gregory não sabia bem por que ela estava lhe dizendo isso. Não estava interessado no irmão de Lucinda Abernathy.

A Srta. Watson cortou outro pedaço pequeno de bacon e levou o garfo à boca. Gregory também continuou a comer, olhando furtivamente para ela enquanto mastigava. Deus do céu, era linda. Ele não acreditava já ter visto outra mulher com aquela cor de pele. A maioria dos homens devia achar que a beleza dela era resultado do cabelo e dos olhos, e na verdade eram mesmo essas coisas que a princípio hipnotizavam. Mas a pele dela era como alabastro sobre uma pétala de rosa.

Ele parou com a comida na boca. Não fazia ideia de que podia ser tão poético.

A Srta. Watson pousou o garfo.

– Bem – disse ela, com o mais breve suspiro –, acho que preciso preparar aquele prato para Lucy.

Ele se levantou de imediato para ajudá-la. Por Deus, ela havia mesmo falado como se não quisesse deixá-lo. Gregory elogiou a si mesmo pelo café da manhã extremamente produtivo.

– Vou pedir que alguém leve o prato para a senhorita – falou, fazendo sinal para um empregado.

– Ah, isso seria ótimo.

Ela sorriu, agradecida, e o coração de Gregory parou de bater por um segundo. Ele sempre achara que isso se tratava de uma figura de linguagem, mas agora sabia que não. O amor podia mesmo afetar seus órgãos internos.

– Por favor, diga a Lady Lucinda que estimo suas melhoras – disse ele, observando com curiosidade a Srta. Watson empilhar cinco fatias de bacon no prato.

– Lucy adora bacon – comentou ela.

– Estou vendo.

Então ela também pegou ovos, bacalhau, batatas, tomates e, em um prato à parte, colocou bolinhos e torradas.

– O café da manhã sempre foi a refeição favorita dela – disse a Srta. Watson.

– A minha também.

– Vou dizer isso a ela.

– Não acho que ela vá se interessar.

Uma empregada tinha entrado na sala com uma bandeja e a Srta. Watson pousou nela os pratos cheios.

– Ah, vai, sim – retrucou ela, descontraidamente. – Lucy se interessa por tudo. Ela até faz contas de cabeça. Por diversão.

– A senhorita está brincando.

Gregory não podia imaginar uma forma menos agradável de se manter ocupado.

A Srta. Watson levou a mão ao peito.

– Não, é verdade! Acho que ela deve estar tentando ficar com a mente mais afiada, porque nunca foi muito boa em matemática. – Caminhou até a porta, em seguida se virou para ele. – O café da manhã foi ótimo, Sr. Bridgerton. Obrigada pela companhia e pela conversa.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

– O prazer foi todo meu.

Só que não era verdade. Ela também tinha gostado do tempo que passaram juntos. Gregory podia ver isso no sorriso dela. E nos olhos.

E sentiu-se como um rei.



– Sabia que, se morrer em seus sonhos, você morre durante o sono?

Lucy nem sequer parou de cortar o bacon.

– Bobagem – respondeu ela. – Quem lhe disse isso?

Hermione se empoleirou na ponta da cama.

– O Sr. Bridgerton.

Aquilo, sim, merecia mais atenção do que o bacon. Lucy levantou os olhos imediatamente.

– Então, você o viu no café da manhã?

Hermione assentiu.

– Sentamos à mesma mesa. Ele me ajudou a conseguir a bandeja.

Lucy olhou sua enorme refeição com desânimo. Em geral, conseguia disfarçar seu apetite voraz demorando-se à mesa do café da manhã, depois se servindo de novo quando a primeira leva de convidados saía.

Ah, bem, não havia nada que pudesse fazer. Gregory Bridgerton já pensava que ela era um pato selvagem – não faria muita diferença achar que era um pato selvagem que pesaria uns 100 quilos até o fim do ano.

– Ele é bem divertido, na verdade – comentou Hermione, enrolando distraidamente o cabelo.

– Ouvi dizer que é muito charmoso.

– Hum.

Lucy observou a amiga com atenção. Hermione olhava para fora da janela e, embora não chegasse a estar com aquele ar ridículo de quem memoriza um soneto de amor inteiro, tinha evoluído para um verso ou dois.

– Ele é incrivelmente bonito – disse Lucy.

Parecia não haver mal em confessar. Ela não pretendia mesmo flertar com o Sr. Bridgerton, e ele era tão lindo que aquilo poderia ser interpretado como uma constatação, em vez de opinião.

– Você acha? – perguntou Hermione.

Então se virou para Lucy, inclinando a cabeça de maneira pensativa.

– Ah, sim – respondeu Lucy. – Sobretudo os olhos. Gosto muito de olhos castanho-claros, cor de avelã. Sempre gostei.

Na verdade, nunca tinha pensado muito sobre isso, mas, agora que considerava o assunto, olhos cor de avelã eram *mesmo* bem bonitos. Um pouco de marrom, um pouco de verde. O melhor de dois mundos.

Hermione olhou para ela com ar curioso.

– Eu não sabia disso.

Lucy deu de ombros.

– Eu não lhe conto tudo.

Outra mentira. Havia três anos que Hermione conhecia cada detalhe enfadonho da vida de Lucy. Exceto, é claro, os planos dela para juntar a amiga e o Sr. Bridgerton.

Sr. Bridgerton. Certo. Precisava voltar a falar *dele*.

– Mas você deve concordar que ele não é bonito *demais* – comentou Lucy com seu tom de voz mais ponderado. – O que é algo bom, na verdade.

– O Sr. Bridgerton?

– Sim. O nariz dele tem muita personalidade, não acha? E as sobrancelhas não são bem uniformes.

Lucy franziu a testa. Não tinha percebido que estava tão familiarizada com o rosto de Gregory Bridgerton.

Hermione não fez nada além de assentir, então Lucy continuou:

– Não acho que eu iria querer me casar com alguém bonito *demais*. Deve ser terrivelmente intimidante. Eu me sentiria como um pato toda vez que abrisse a boca.

Hermione riu.

– Um pato?

Lucy assentiu e decidiu não grasnar. Ela se perguntou se os homens que cortejavam Hermione se preocupavam com a mesma coisa.

– Os cabelos dele são bem escuros – observou Hermione.

– Não são tão escuros assim.

Lucy lembrava que eram castanhos.

– É, mas o Sr. Edmonds é tão louro...

O Sr. Edmonds tinha mesmo lindos cabelos louros, então Lucy decidiu não comentar. E ela sabia que tinha de ter muito cuidado naquele momento. Se tentasse empurrar Hermione na direção do Sr. Bridgerton com muito afínco, a amiga com certeza iria empacar e continuar apaixonada pelo Sr. Edmonds, o que, é claro, seria um completo desastre.

Não, Lucy precisava ser sutil. Se Hermione mudaria sua devoção para o Sr. Bridgerton, teria de descobrir isso por si mesma. Ou achar que descobriu.

– E a família dele é muito inteligente – murmurou Hermione.

– Do Sr. Edmonds? – perguntou Lucy, se fazendo de desentendida.

– Não, a do Sr. Bridgerton, é claro. Ouvi coisas muito interessantes a respeito deles.

– Ah, sim. Também ouvi. E admiro muito Lady Bridgerton. Ela tem sido uma anfitriã maravilhosa.

Hermione assentiu.

– Acho que ela prefere você a mim.

– Não seja boba.

– Eu não me importo – disse Hermione, dando de ombros. – Não é que ela *não goste* de mim. Só prefere você. As mulheres sempre gostam mais de você.

Lucy abriu a boca para contradizê-la, mas depois parou, percebendo que era verdade. Que estranho ela nunca ter notado isso.

– Bem, de qualquer forma, não é com *ela* que você iria se casar.

Hermione olhou para Lucy com ar sério.

– Eu não disse que queria me casar com o Sr. Bridgerton.

– Não, é claro que não – retrucou Lucy, sentindo vontade de se socar.

Percebera que aquelas palavras eram um erro no momento em que escaparam de sua boca.

– Mas... – Hermione suspirou e começou a olhar para o nada.

Lucy se inclinou para a frente. Então aquela era a sensação de ficar em expectativa.

Ela esperou, esperou... até não aguentar mais.

– Hermione? – chamou enfim.

Hermione se jogou de costas na cama.

– Ah, Lucy – gemeu ela, dramática. – Estou tão confusa...

– Confusa?

Lucy sorriu. Isso só podia ser uma coisa boa.

– Sim – respondeu Hermione, de sua posição desleal em cima da cama. – Quando eu estava sentada à mesa com o Sr. Bridgerton... bem, na verdade, no começo pensei que ele era completamente louco, mas então percebi que eu estava me divertindo. Ele é mesmo engraçado, e me fez rir.

Lucy permaneceu em silêncio, esperando Hermione formular melhor seus pensamentos.

Hermione deixou escapar um ruído em parte gemido, em parte suspiro, totalmente angustiado.

– E então, quando percebi isso, olhei para ele e... – Ela rolou de lado, erguendo-se no cotovelo e apoiando a cabeça em uma das mãos. – E *estremecei*.

Lucy ainda tentava digerir aquele insano comentário.

– Estremeceu? – ecoou ela. – O que quer dizer com isso?

– Meu estômago. Meu coração. Meu... meu alguma coisa. Não sei.

– Igual a quando você viu o Sr. Edmonds pela primeira vez?

– Não. *Não*. Não.

Cada não foi dito com uma ênfase diferente, e Lucy teve a nítida sensação de que Hermione tentava se convencer disso.

– Não foi igual mesmo – afirmou Hermione. – Mas foi... parecido. Em uma escala muito menor.

– Entendo – disse Lucy, com uma seriedade admirável, considerando que ela não entendia nem um pouco.

De qualquer maneira, ela nunca entendia mesmo esse tipo de coisa. E depois de sua estranha conversa com o Sr. Bridgerton na noite anterior, estava bastante convencida de que nunca entenderia.

– Mas você não acha que... como estou perdidamente apaixonada pelo Sr. Edmonds... enfim, não era de esperar que eu nunca mais estremeceria assim por ninguém?

Lucy pensou por um instante antes de responder:

– Não vejo por que o amor tem de ser esse desespero todo.

Hermione se levantou sobre os cotovelos e olhou para ela com curiosidade.

– Não foi isso que perguntei.

Não era? Não deveria ter sido?

– Bem – falou Lucy, escolhendo as palavras com cuidado –, talvez signifique...

– Eu sei o que você vai dizer – interrompeu Hermione. – Vai dizer que significa que não devo estar tão apaixonada pelo Sr. Edmonds como eu pensava. E então vai falar que preciso dar uma chance ao Sr. Bridgerton. E, depois, que eu deveria dar uma chance a todos os outros cavalheiros.

– Bem, não a *todos* eles – retrucou Lucy.

Mas o restante era bem parecido.

– Você não acha que isso tudo já me ocorreu? Não percebe como é terrivelmente angustiante? Ter tantas dúvidas assim? Deus do céu, Lucy, e se isso não for o fim? E se acontecer de novo? Com outra pessoa?

Lucy suspeitava que não *precisava* responder, mas falou assim mesmo:

– Não há nada de errado em ter dúvidas, Hermione. O casamento é uma decisão importantíssima. A maior que você terá de tomar na vida. Depois disso, não poderá mudar de ideia.

Lucy deu uma garfada no bacon, procurando lembrar como ficava grata pelo fato de lorde Haselby ser um cavalheiro tão apropriado. A situação dela poderia ser muito pior. Ela mastigou, engoliu e disse:

– Você só precisa se dar um pouco de tempo, Hermione. E deveria. Não há motivo para se casar com pressa.

Fez-se um longo silêncio antes de Hermione responder:

– Acho que você está certa.

– Se você e o Sr. Edmonds realmente foram feitos um para o outro, então ele vai esperá-la.

Ah, céus. Lucy não podia *acreditar* que tinha acabado de dizer isso.

Hermione pulou da cama, correu até Lucy e a abraçou.

– Ah, Lucy, essa é a coisa mais doce que você já me disse. Sei que não o aprova.

– Bem... – Lucy pigarreou, tentando pensar em uma resposta aceitável. Algo que a fizesse não se sentir *tão* culpada por não ter sido sincera. – Não é que...

Bateram à porta.

Ah, graças a Deus.

– Pode entrar – disseram as duas em uníssono.

Uma criada abriu a porta e fez uma rápida reverência.

– Milady – falou, olhando para Lucy –, o Sr. Fennsworth está aqui para vê-la.

Lucy ficou pasma.

– Meu *irmão*?

– Ele a espera no Salão Rosa, milady. Devo dizer-lhe que a senhorita já vai descer?

– Sim, sim, claro.

– Mais alguma coisa?

Lucy balançou a cabeça lentamente.

– Não, obrigada. É só.

A criada saiu, deixando as duas olhando uma para a outra em choque.

– O que você acha que Richard veio fazer aqui? – perguntou Hermione, os olhos arregalados de interesse. Ela vira o irmão da amiga várias vezes e eles sempre tinham se dado bem.

– Não sei. – Lucy desceu rápido da cama, esquecendo completamente a falsa dor de estômago. – Espero que não haja nada de errado.

Hermione assentiu e a seguiu até o armário.

– O seu tio está doente?

– Não que eu tenha sido informada. – Lucy pegou os sapatos e sentou-se na beira da cama para calçá-los de novo. – É melhor eu descer para falar com ele. Se Richard está aqui, é algo importante.

Hermione olhou para ela por um instante, então perguntou:

– Quer que eu a acompanhe? Não vou me intrometer em sua conversa, é claro. Mas posso descer com você, se quiser.

Lucy assentiu, e juntas foram para o Salão Rosa.

CAPÍTULO 7

No qual nosso convidado inesperado traz uma notícia angustiante.

Gregory conversava com a cunhada na sala de café da manhã quando o mordomo a informou sobre o convidado inesperado, e assim, naturalmente, ele decidiu acompanhá-la ao Salão Rosa para cumprimentar o Sr. Fennsworth, irmão mais velho de Lady Lucinda. Não tinha nada melhor para fazer, e teve a sensação de que deveria ir conhecer o jovem conde, considerando que a Srta. Watson falara sobre ele quinze minutos antes. Gregory só o conhecia de nome – os quatro anos de diferença entre os dois fizeram com que seus caminhos não tivessem se cruzado na universidade e Fennsworth ainda não tinha decidido assumir seu lugar na sociedade de Londres.

Gregory esperava um tipo estudioso, amante de livros – tinha ouvido falar que Fennsworth optava por permanecer em Cambridge mesmo quando a faculdade estava em recesso. Na verdade, o cavalheiro à espera junto à janela do Salão Rosa possuía mesmo uma certa seriedade que o fazia parecer um pouco mais velho do que era. Mas lorde Fennsworth também era um homem alto, em forma, e, embora talvez um pouco tímido, se portava com um ar centrado e seguro que vinha de algo mais profundo do que um título de nobreza.

O irmão de Lady Lucinda sabia quem ele era, não apenas quem devia ser pela sua origem. Gregory gostou dele imediatamente.

Até ficar óbvio que ele, assim como o restante dos homens do mundo, estava apaixonado por Hermione Watson.

O único mistério, na verdade, era por que Gregory estava surpreso.

O jovem Bridgerton tinha de reconhecer suas qualidades – Fennsworth conseguira passar um minuto perguntando sobre o bem-estar da irmã antes de acrescentar:

– E a Srta. Watson? Também vai se juntar a nós?

Era mais o tom que as palavras. Na verdade, era o brilho nos olhos – aquela faísca de ansiedade, de expectativa.

Ora, falando de forma bem clara, era pura e simplesmente um desejo irremediável. Gregory deveria saber – tinha certeza de que o mesmo brilho iluminara seus olhos mais de uma vez nos últimos dias.

Santo Deus.

Ele pensou que ainda considerava Fennsworth um bom sujeito, mesmo com aquela paixão irritante, mas na verdade toda aquela história já estava ficando cansativa.

– Estamos muito felizes em recebê-lo em Aubrey Hall, lorde Fennsworth – disse Kate, depois que explicou que não sabia se a Srta. Watson acompanharia a irmã dele até o Salão Rosa. – Espero que sua presença não indique uma emergência em casa.

– De forma alguma – retrucou Fennsworth. – Mas meu tio pediu que eu viesse buscar Lucy e a levasse para casa. Ele tem um assunto importante para tratar com ela.

Gregory sentiu um dos cantos de sua boca se curvar para cima.

– Você deve ser muito dedicado à sua irmã para vir de tão longe – observou. – Com certeza poderia apenas ter mandado uma carruagem.

Era preciso reconhecer que o irmão de Lucy não pareceu perturbado com a pergunta, mas

também não tinha uma resposta imediata.

– Ah, não – disse ele após uma longa pausa, as palavras saindo em um borbotão. – Fiquei mais do que feliz em fazer a viagem. Lucy é uma boa companhia, e já faz algum tempo que não nos vemos.

– Vocês precisam partir imediatamente? – perguntou Kate. – Tenho gostado tanto da companhia da sua irmã... E adoráramos incluir o senhor entre os nossos convidados.

Gregory se perguntou o que ela estava fazendo. Kate teria de convidar outra dama para igualar os números se lorde Fennsworth fosse participar da festa. Mas imaginou que, se Lady Lucinda fosse embora, ela teria de fazer o mesmo.

O jovem conde hesitou e Kate aproveitou o momento para insistir de forma primorosa:

– Ah, diga que vai ficar. Mesmo que não possa ser por todo o tempo da festa.

– Bem... – respondeu Fennsworth, piscando enquanto pensava no convite.

Estava claro que ele queria ficar (e Gregory tinha quase certeza de que sabia o motivo). Mas com ou sem título, ele ainda era jovem, e Gregory imaginava que se reportava ao tio em todos os assuntos relativos à família.

E parecia óbvio que o tal tio queria que Lady Lucinda regressasse rapidamente.

– Acredito que não haverá mal algum em ficarmos um dia – disse Fennsworth.

Ah, que maravilha. Ele estava disposto a desafiar o tio para conseguir um pouco mais de tempo com a Srta. Watson. E, como irmão de Lady Lucinda, era o único homem que Hermione nunca afastaria com seu educado enfado de costume. Gregory se preparou para mais um tedioso dia de competição.

– Por favor, diga que vai ficar até sexta – pediu Kate. – Estamos planejando um baile de máscaras para quinta à noite, e detestaria que vocês perdessem.

Gregory fez uma anotação mental para não esquecer de dar a Kate um presente bem simples em seu próximo aniversário. Pedras, talvez.

– É só mais um dia – acrescentou ela com um sorriso cativante.

Foi nesse momento que Lady Lucinda e a Srta. Watson entraram na sala, a primeira em um vestido simples azul-claro e a outra com o mesmo vestido verde que tinha usado para o café da manhã. Lorde Fennsworth olhou para as duas (mais para uma do que para a outra, e basta dizer que os laços de sangue não foram mais fortes do que o amor não correspondido) e murmurou:

– Sexta, então.

– Esplêndido – comemorou Kate, juntando as mãos. – Vou mandar preparar um quarto para o senhor imediatamente.

– Richard? – disse Lady Lucinda. – O que está fazendo aqui?

Ela parou à porta e olhou para todos, um por um, parecendo confusa com a presença de Kate e Gregory.

– Lucy – disse lorde Fennsworth. – Quanto tempo.

– Quatro meses – retrucou ela, quase sem pensar, como se uma pequena parte do seu cérebro precisasse de uma precisão absoluta, mesmo quando não havia importância.

– Minha nossa, mas isso é muito tempo – comentou Kate. – Vamos deixá-los agora, lorde Fennsworth. Tenho certeza de que o senhor e sua irmã gostariam de alguns momentos a sós.

– Não há pressa – disse Fennsworth, os olhos correndo brevemente para a Srta. Watson. – Não gostaria de ser rude, e ainda não tive chance de lhe agradecer por sua hospitalidade.

– Não seria rude de forma alguma – interrompeu Gregory, renunciando uma rápida saída do salão de braços dados com a Srta. Watson.

Lorde Fennsworth se virou, piscando, como se tivesse esquecido a presença de Gregory. Não

era de estranhar, já que Gregory permanecera estranhamente calado durante a conversa.

– Por favor, não se incomodem – disse o conde. – Lucy e eu teremos nossa conversa mais tarde.

– Richard, tem certeza? – perguntou Lucy, parecendo um pouco preocupada. – Eu não esperava vê-lo aqui, e se há algo errado...

Mas seu irmão balançou a cabeça.

– Nada que não possa esperar. Tio Robert quer falar com você. E me pediu para levá-la para casa.

– Agora?

– Ele não especificou, mas Lady Bridgerton nos pediu cortesmente para ficar até sexta, e eu concordei. Isto é – limpou a garganta –, supondo que seja do seu agrado.

– É claro – respondeu Lucy, parecendo confusa e desorientada. – Mas eu... bem... o tio Robert...

– Devemos nos retirar agora – disse a Srta. Watson com firmeza. – Lucy, você precisa de um instante com o seu irmão.

Lucy olhou para o lorde Fennsworth, mas ele aproveitou que a Srta. Watson entrou na conversa para olhar para ela e dizer:

– E como você está, Hermione? Quanto tempo.

– Quatro meses – disse Lucy.

A Srta. Watson deu uma risada e sorriu calorosamente para o conde.

– Estou bem, obrigada. E Lucy está certa, como sempre. Nós nos vimos pela última vez em janeiro, quando nos visitou na escola.

Fennsworth assentiu.

– Como eu poderia ter esquecido? Foram dias tão agradáveis...

Gregory teria apostado o braço direito que Fennsworth sabia até quantos minutos haviam se passado desde que estivera com a Srta. Watson pela última vez. Mas a dama em questão estava claramente alheia à paixão dele, porque apenas sorriu e disse:

– Foram, não foram? Foi tão gentil de sua parte nos levar para patinar no gelo. O senhor é sempre uma ótima companhia.

Meu Deus, como ela podia não perceber nada? Com certeza a Srta. Watson jamais agiria de forma tão encorajadora se tivesse notado a natureza dos sentimentos que o conde nutria por ela. Gregory sabia disso.

Mas, embora estivesse óbvio que a jovem gostava muito de lorde Fennsworth, não havia nenhuma indicação de que tivesse por ele algum tipo de afeição romântica. Gregory se consolou em pensar que os dois sem dúvida se conheciam havia anos e era natural a cordialidade dela para com Fennsworth, considerando sua amizade com Lady Lucinda.

Praticamente irmão e irmã, na verdade.

E por falar em Lady Lucinda... Gregory virou-se na direção dela e não se surpreendeu ao ver que ela franzia a testa. Seu irmão, que tinha viajado pelo menos um dia para vê-la, agora parecia não ter pressa alguma de falar com ela.

E, de fato, todos tinham ficado em silêncio também. Gregory observava, curioso, o estranho quadro. Todos estavam em volta, aparentemente esperando para ver quem falaria em seguida. Até mesmo Lady Lucinda, que ninguém chamaria de tímida, parecia não saber o que dizer.

– Lorde Fennsworth – disse Kate, quebrando o silêncio para o alívio geral –, o senhor deve estar faminto. Gostaria de fazer o desjejum?

– Adoraria, Lady Bridgerton.

Kate se virou, então, para Lady Lucinda.

– Também não a vi no café da manhã. Gostaria de comer alguma coisa agora?

Gregory pensou na enorme bandeja que a Srta. Watson havia levado para ela e se perguntou quanto teria conseguido comer antes de ter de ir falar com o irmão.

– É claro – murmurou Lady Lucinda. – Em todo caso, eu gostaria de fazer companhia a Richard.

– Srta. Watson – falou Gregory sutilmente –, a senhorita me acompanharia em um passeio pelos jardins? Acho que as peônias estão em flor. E aquelas coisas azuis de caule comprido... nunca me lembro o nome delas...

– Espora-dos-jardins. – Era Lady Lucinda, é claro. Ele sabia que ela não conseguiria resistir. Então ela virou e olhou para ele, estreitando um pouco os olhos. – Eu lhe falei no outro dia.

– Acho que falou – murmurou ele. – Nunca me ative muito a detalhes.

– Ah, Lucy se lembra de tudo – observou a Srta. Watson, descontraída. – E eu adoraria ver os jardins com o senhor. Isto é, se Lucy e Richard não se importarem.

Os dois asseguraram que não, embora Gregory tivesse certeza de ter visto um brilho de decepção e – ele ousaria dizer – irritação nos olhos de lorde Fennsworth.

Gregory sorriu.

– Encontro você em nosso quarto? – perguntou a Srta. Watson a Lucy.

A jovem fez que sim e, com uma sensação de triunfo – não havia nada como vencer alguém em uma competição –, Gregory colocou a mão da Srta. Watson na curva de seu cotovelo e a conduziu para fora da sala.

Seria uma manhã excelente, afinal.



Lucy seguiu o irmão e Lady Bridgerton até a sala de café da manhã, com o que não se importou nem um pouco, já que não tivera a oportunidade de comer quase nada do que Hermione levara para ela mais cedo. Mas isso significava ter de suportar cerca de meia hora de conversa trivial, enquanto seu cérebro não parava de pensar em todo tipo de desastre que poderia ser a causa de sua inesperada volta para casa.

Richard não poderia falar muito sobre qualquer coisa importante com Lady Bridgerton e metade dos convidados conversando descontraidamente sobre ovos cozidos e as últimas chuvas, então Lucy esperou, com toda a calma, que ele terminasse (o irmão sempre comera com uma vagarosidade irritante) e se esforçou ao máximo para não perder a paciência quando saíram para o gramado lateral e Richard lhe perguntou primeiro sobre a escola, depois sobre Hermione, então sobre a mãe de Hermione, sobre a estreia dela na alta sociedade, que estava próxima, e sobre Hermione de novo, aproveitando para falar sobre o irmão dela, com quem se encontrara em Cambridge, e depois mais uma vez sobre a estreia dela na sociedade, e até que ponto ela iria compartilhá-la com Hermione...

Até que Lucy parou, colocou as mãos nos quadris e exigiu que ele lhe contasse por que estava lá.

– Eu lhe falei – disse Richard, sem encará-la. – Tio Robert quer conversar com você.

– Mas *por quê?*

Não era uma pergunta com uma resposta óbvia. O tio não se dera o trabalho de falar com ela

mais do que poucas vezes nos últimos dez anos. Se ele estava planejando começar agora, havia uma razão para isso.

Richard pigarreou algumas vezes antes de enfim dizer:

– Bem, Lucy, acho que ele planeja casar você.

– Logo? – sussurrou Lucy, e não entendeu por que estava tão surpresa.

Sabia que isso iria acontecer – estava praticamente noiva havia anos. E dissera a Hermione, em mais de uma ocasião, que uma temporada para ela era uma grande tolice – por que gastar com isso se, de qualquer forma, ela se casaria com Haselby de qualquer maneira?

Mas agora, de repente, não era isso que queria. Pelo menos não tão rápido. Ela não queria passar de estudante a esposa, sem nada no meio. Não estava pedindo por aventura – ela nem *queria* aventura –, porque sinceramente, isso nem fazia seu tipo.

Ela não estava pedindo muito – só alguns meses de liberdade, de risadas.

De dançar sem fôlego, girando tão rápido que as chamas das velas pareceriam longas serpentes de luz.

Talvez ela fosse prática. Talvez fosse “aquela velha Lucy”, como muitos a chamavam na Escola da Srta. Moss. Mas ela gostava de dançar. E queria fazer isso. Agora. Antes de ficar velha. Antes de se tornar a esposa de Haselby.

– Não sei quando – disse Richard, olhando para ela com... aquilo era tristeza? Por que seria tristeza? – Em breve, eu acho. Tio Robert parece um pouco ansioso com isso.

Lucy só olhava para ele, perguntando-se por que não conseguia parar de pensar em dançar, não conseguia parar de pensar em si mesma com um vestido azul-claro, mágico e radiante, nos braços do...

– Ah! – Ela levou a mão à boca, como se isso de alguma forma pudesse silenciar seus pensamentos.

– O que foi?

– Nada – falou, balançando a cabeça.

Seus sonhos não tinham um rosto. Não podiam ter. Então ela disse de novo, com mais firmeza:

– Não foi nada. Absolutamente nada.

Seu irmão inclinou-se para examinar uma flor silvestre que havia, de alguma forma, passado despercebida pelo olhar atento dos jardineiros de Aubrey Hall. Era pequena, azul e começava a se abrir.

– É linda, não é? – murmurou Richard.

Lucy assentiu. Seu irmão sempre gostara de flores, sobretudo as silvestres. Eles eram diferentes nesse aspecto, ela percebeu. Lucy sempre preferira uma cama perfeitamente arrumada, cada flor em seu lugar, cada padrão mantido com cuidado e carinho.

Mas agora...

Ela olhou para aquela flor, pequena e delicada, brotando desafiadora num lugar a que não pertencia.

E concluiu que gostava das flores silvestres também.

– Sei que você devia ter uma temporada – disse Richard, em um tom de desculpas. – Mas, sinceramente, isso é tão terrível assim? Você nunca quis isso, não é mesmo?

Ela engoliu em seco.

– Não – respondeu, porque sabia que era o que ele queria ouvir, e ela não gostaria que o irmão se sentisse pior do que estava.

E, de uma forma ou de outra, ela nunca se importara mesmo com uma temporada em Londres.

Pelo menos não até recentemente.

Richard arrancou a pequena flor silvestre azul pela raiz, examinou-a com atenção e se levantou.

– Anime-se, Lucy – falou, batendo de leve no queixo da irmã. – Haselby não é má pessoa. Não será ruim ser casada com ele.

– Eu sei – disse ela em voz baixa.

– Ele não vai magoá-la – acrescentou Richard, e sorriu de um jeito não muito sincero.

O tipo de sorriso que devia ser reconfortante, mas, de alguma forma, nunca era.

– Não pensei isso – retrucou Lucy, em um tom... *diferente* de sua voz. – Por que tocou nesse assunto?

– Por nada – respondeu Richard com rapidez. – Mas sei que é uma preocupação para muitas mulheres. Nem todos os homens tratam as esposas com o respeito que Haselby terá por você.

Lucy assentiu. Claro. Era verdade. Ela ouvira histórias. Todos ouviam histórias.

– Não vai ser tão ruim – acrescentou Richard. – Você provavelmente vai até gostar dele. É um homem muito agradável.

Agradável. Isso era bom. Melhor do que desagradável.

– E ele será o conde de Davenport um dia – acrescentou Richard, embora, é claro, ela já soubesse disso. – Você vai ser uma condessa. Uma bem importante.

Tinha isso também. Suas colegas de escola sempre falavam que ela era afortunada por ter o futuro já acertado, e de maneira tão grandiosa. Ela era filha de um conde, irmã de um conde, e estava destinada a ser a esposa de um também. Não tinha do que reclamar. Nada.

Mas se sentia tão vazia...

Não era exatamente um mau pressentimento. Mas era desconcertante. E estranho. Ela se sentia sem chão. Sem rumo.

Não se sentia ela mesma. E isso era o pior de tudo.

– Você não está surpresa, está, Lucy? – perguntou Richard. – Sabia que isso iria acontecer. Todos nós sabíamos.

Ela balançou a cabeça.

– Não é nada – falou, tentando soar do seu jeito prático de sempre. – É só que nunca pareceu tão imediato.

– É claro – disse ele. – É uma surpresa, é só. Quando se acostumar com a ideia, tudo vai parecer muito melhor. Normal, até. Afinal, você sempre soube que seria a esposa de Haselby. E pense em como vai gostar de planejar o casamento. Segundo tio Robert, será um grande evento. Em Londres, acredito. Davenport insiste nisso.

Lucy assentiu de forma automática. Era verdade que gostava de planejar as coisas. Isso sempre vinha acompanhado da agradável sensação de estar no comando.

– Hermione pode ser sua madrinha – acrescentou Richard.

– É claro – murmurou Lucy.

Claro – quem mais ela escolheria?

– Existe alguma cor que não a favoreça? – perguntou Richard, franzindo a testa. – Porque você vai ser a noiva. E não vai querer ser ofuscada por ninguém.

Lucy revirou os olhos. Que irmão.

Mas ele pareceu não perceber que a havia insultado, e Lucy pensou que não deveria ter ficado surpresa. A beleza de Hermione era tão lendária que ninguém se ofendia com uma comparação desfavorável. A pessoa teria de ser louca para pensar diferente.

– Não posso mandá-la se vestir de preto – respondeu Lucy.

Era a única cor que talvez deixasse Hermione um pouco pálida.

– Não, não pode, não é? – Richard fez uma pausa, claramente poderando a respeito, e Lucy olhou para ele, incrédula.

O irmão dela, que nunca sabia o que estava ou não na moda, parecia interessado de *verdade* na cor do vestido de madrinha de Hermione.

– Ela pode usar a cor que quiser – concluiu Lucy.

E por que não? De todas as pessoas que estariam presentes, não havia ninguém mais importante para ela do que sua melhor amiga.

– Isso é muito gentil da sua parte – disse Richard. Olhou para ela, pensativo. – Você é uma boa amiga, Lucy.

Ela sabia que tinha sido um elogio, mas só conseguiu pensar por que ele tinha levado tanto tempo para perceber isso.

Richard abriu um sorriso, depois olhou para a flor ainda em sua mão. Ele ergueu-a e girou-a algumas vezes, o caule rolando para a frente e para trás entre o polegar e o indicador. Então piscou, franzindo um pouco a testa, e em seguida colocou a flor em frente ao vestido dela. Eram do mesmo tom de azul – ligeiramente arroxeados, com um toque acinzentado.

– Você deveria usar mais esta cor – disse Richard. – Está muito bonita hoje.

Ele parecia um pouco surpreso, então Lucy percebeu que não estava apenas falando da boca para fora.

– Obrigada. – Ela sempre havia pensado que aquele tom deixava seus olhos um pouco mais brilhantes. Richard era a primeira pessoa, além de Hermione, a falar sobre isso. – Talvez eu use.

– Vamos voltar lá para dentro? Tenho certeza de que vai querer contar tudo a Hermione.

Ela pensou por um momento, depois balançou a cabeça.

– Não, obrigada. Acho que vou ficar aqui mais um pouco. – Apontou para um local perto do caminho que levava até o lago. – Tem um banco não muito longe daqui. E estou gostando de sentir os raios de sol no meu rosto.

– Tem certeza? – Richard estreitou os olhos em direção ao céu. – Você está sempre dizendo que não quer ficar com sardas.

– Eu já tenho sardas, Richard. E não vou demorar.

Ela não planejava sair de casa quando fora recebê-lo, então não levava seu chapéu. Mas ainda estava cedo. Alguns minutos sob o sol não iriam destruir sua pele.

Além disso, ela queria. Não seria bom fazer algo só porque queria, e não porque era esperado?

Richard assentiu.

– Vejo você no almoço?

– Acho que é servido à uma e meia.

Ele sorriu.

– É claro que você saberia o horário exato.

– Não há nada como um irmão – resmungou ela.

– E não há nada como uma irmã.

Ele se curvou e beijou a testa dela, pegando-a completamente de surpresa.

– Ah, Richard – murmurou Lucy, consternada com sua reação sentimental.

Ela nunca chorava. Na verdade, era conhecida por jamais derramar uma lágrima sequer por nada.

– Vá lá – disse ele, de forma tão carinhosa que uma lágrima rolou pelo rosto dela.

Lucy a secou, envergonhada por ele ter visto, envergonhada por ter feito aquilo.

Richard apertou sua mão e fez um gesto com a cabeça em direção ao gramado sul.

– Vá olhar as árvores e fazer o que quer que precise fazer. Vai se sentir melhor depois de alguns minutos sozinha.

– Não estou me sentindo mal – disse Lucy rapidamente. – Não preciso me sentir *melhor*.

– É claro que não. Está apenas surpresa.

– Exatamente.

Exatamente. Exatamente. Na verdade, ela estava contente. Vinha esperando por esse momento havia anos. Não seria bom ter tudo resolvido? Ela gostava de tudo organizado. Gostava de ser decidida.

Era só a surpresa. Um pouco como quando alguém vê uma amiga em um local inesperado e quase não a reconhece. Ela não esperava o anúncio naquele momento. Ali, na festa dos Bridgertons. E essa era a única razão para se sentir tão estranha.

Mesmo.

CAPÍTULO 8

No qual nossa heroína descobre uma verdade sobre o irmão (mas não acredita), nosso herói descobre um segredo sobre a Srta. Watson (mas não está preocupado com isso) e os dois descobrem uma verdade sobre si mesmos (mas não se dão conta disso).

Uma hora mais tarde, Gregory ainda estava se regozijando pela combinação magistral de estratégia e senso de oportunidade que o levou ao seu passeio com a Srta. Watson. Eles tiveram momentos muito agradáveis, e lorde Fennsworth... bem, Fennsworth talvez também tivesse tido momentos muito agradáveis, mas, se fosse o caso, teria sido na companhia da irmã dele e não da adorável Hermione Watson.

A vitória era realmente doce.

Como prometido, Gregory a levava para um passeio pelos jardins de Aubrey Hall, deixando os dois – a Srta. Watson e ele mesmo – impressionados ao se lembrar do nome de seis plantas diferentes. Até mesmo da espora-dos-jardins, embora, para ser sincero, esta tivesse sido apenas graças a Lady Lucinda.

As outras, só para dar o devido crédito, haviam sido: rosa, margarida, peônia, jacinto e grama. De maneira geral, achou que tinha se saído bem. Detalhes nunca haviam sido o seu forte. E, na verdade, àquela altura tudo se resumia a um jogo.

A Srta. Watson parecia estar começando a gostar da companhia dele também. Podia não estar suspirando e piscando sonhadora, mas o véu do desinteresse educado tinha caído, e ele já até a fizera rir duas vezes.

A Srta. Watson, por sua vez, não o fizera rir, mas ele não sabia muito bem se ela havia tentado, e, além disso, ele tinha *sorrido*. Em mais de uma ocasião.

O que era uma coisa boa. Mesmo. Era ótimo ter seu juízo de volta. Não parecia mais fulminado por aquela sensação de soco no peito, o que certamente era ótimo para a sua saúde respiratória. Ele descobria que gostava muito de respirar, uma tarefa que parecia bem difícil ao contemplar a nuca da Srta. Watson.

Gregory franziu a testa, fazendo uma pausa em seu passeio solitário até o lago. Era uma reação *bem* estranha. E sem dúvida ele tinha visto sua nuca naquela manhã. Ela não tinha se adiantado no caminho para cheirar uma flor?

Hum. Talvez não. Ele não conseguia se lembrar.

– Bom dia, Sr. Bridgerton.

Ele se virou, surpreso ao ver Lady Lucinda sentada sozinha em um banco de pedra ali perto. Sempre pensara que era um lugar estranho para um banco, de frente para um monte de árvores e nada mais. Mas talvez fosse esse o ponto. Deixar para trás a casa – e seus muitos moradores. Sua irmã Francesca dissera muitas vezes que, depois de um dia ou dois com toda a família Bridgerton, as árvores podiam ser uma ótima companhia.

Lady Lucinda sorriu discretamente para cumprimentá-lo e ele notou que ela não parecia a mesma. Seu olhar estava cansado, e sua postura, não muito ereta.

Ela parece vulnerável, pensou Gregory, de maneira inesperada. Seu irmão deve ter trazido notícias tristes.

– Está com um ar abatido – comentou, caminhando até ela. – Posso me juntar à senhorita?

Ela fez que sim, abrindo outro sorriso discreto. Na verdade, dessa vez não era bem um sorriso.

Gregory se sentou ao lado dela.

– Teve oportunidade de conversar com seu irmão? – perguntou.

Ela assentiu.

– Ele trouxe notícias da minha família. Não era... nada importante.

Gregory inclinou a cabeça para o lado enquanto olhava para Lady Lucinda. Era claro que ela mentia. Mas ele não insistiu. Se ela quisesse se abrir, teria feito isso. E, de qualquer forma, não era da sua conta.

Mas ele estava curioso.

Lucy olhou ao longe, provavelmente para alguma árvore.

– É bastante agradável aqui – falou.

Era um comentário estranhamente sem graça, vindo dela.

– Sim – disse ele. – O lago fica a uma curta caminhada depois dessas árvores. Costumo vir aqui quando quero pensar.

Ela se virou de repente.

– Costuma?

– Por que está tão surpresa?

– Eu... eu não sei. – Ela deu de ombros. – Acho que o senhor não faz o tipo.

– O tipo que pensa?

Ora bolas.

– Claro que não – disse ela, olhando para Gregory com ar irritado. – Quis dizer o tipo que precisa se afastar dos outros para fazer isso.

– Perdoe o atrevimento, mas a senhorita também não.

Ela considerou por um instante o que ele falou.

– Tem razão.

Ele riu.

– A senhorita deve ter tido uma conversa daquelas com seu irmão.

Ela piscou, surpresa. Mas não deu mais detalhes. O que também não era do seu feitio.

– Está aqui para pensar em quê? – perguntou a Gregory.

Ele abriu a boca para responder, mas, antes que pudesse falar qualquer coisa, ela disse:

– Hermione, imagino.

Não havia por que negar.

– Seu irmão está apaixonado por ela.

Isso pareceu tirá-la do torpor.

– *Richard?* Não seja ridículo.

Gregory olhou para ela espantado.

– Não acredito que a senhorita não tenha percebido.

– Não acredito que o senhor *tenha* percebido alguma coisa. Pelo amor de Deus, ela o vê como um irmão.

– Isso pode ser verdade, mas ele não sente o mesmo.

– Sr. Br...

Mas ele ergueu a mão para interrompê-la.

– Chega, chega, Lady Lucinda. Atrevo-me a dizer que já vi mais tolos apaixonados do que a senhorita...

Lucy deixou escapar uma gargalhada.

– Sr. Bridgerton – disse ela, quando recuperou o ar –, tenho sido companhia constante de Hermione Watson nesses últimos três anos. *Hermione Watson* – acrescentou, para o caso de ele não haver entendido o que isso significava. – Acredite quando afirmo que ninguém viu mais tolos apaixonados do que eu nessa vida.

Por um instante, Gregory não soube o que responder. Lucy tinha um bom argumento.

– Richard não está apaixonado por Hermione – garantiu ela, balançando a cabeça.

E bufando. Como uma dama, mas ainda assim ela *bufou* para ele.

– Eu discordo – disse Gregory, porque tinha sete irmãos e não sabia abandonar uma discussão graciosamente.

– Ele não pode estar apaixonado por ela – retrucou Lucy, parecendo bem certa do que falava. – Gosta de outra pessoa.

– Ah, é mesmo? – perguntou Gregory, mas nem sequer se deixou animar.

– É. Ele está sempre falando sobre uma garota que um de seus amigos lhe apresentou. Acho que era a irmã de alguém. Não me lembro do nome dela. Mary, talvez.

Mary. Humpf. Ele *sabia* que Fennsworth não tinha criatividade.

– Portanto – continuou Lady Lucinda –, ele não está apaixonado por Hermione.

Pelo menos ela tinha voltado a ser como era. O mundo parecia um pouco mais no eixo com Lucy Abernathy ganindo como um terrier. Ele se sentira meio perdido ao vê-la olhando melancolicamente para as árvores.

– Acredite no que quiser – disse Gregory com um suspiro orgulhoso. – Mas saiba de uma coisa: o seu irmão estará tentando curar um coração partido em breve.

– Ah, é mesmo? – zombou ela. – E por quê? Porque o senhor está convencido do seu sucesso?

– Porque estou convencido de que ele não vai conseguir.

– O senhor nem mesmo o conhece.

– Agora está defendendo seu irmão? Há poucos instantes a senhorita disse que ele não estava interessado nela.

– E não está. – Ela mordeu o lábio. – Mas é meu irmão. E se ele *estivesse* interessado, eu teria que apoiá-lo, não acha?

Gregory levantou uma sobrancelha.

– Meu Deus, como a senhorita muda de lado rápido.

Ela parecia quase querer se desculpar.

– Ele é um conde. E o senhor... não.

– A senhorita daria uma ótima mãe da alta sociedade.

Ela se enrijeceu.

– Perdão?

– Leiloando sua amiga assim pelo maior lance. Já vai estar bem experiente quando tiver uma filha.

Ela se levantou, os olhos faiscando de raiva e indignação.

– Que coisa horrível de se falar. Minha maior preocupação sempre foi a felicidade de Hermione. E se ela puder ser feliz com um conde... que por acaso é meu *irmão*...

Ah, ótimo. Agora ela tentaria juntar Hermione e Fennsworth. Muito bem, Gregory. Muito bem mesmo.

– Eu posso fazê-la feliz – afirmou ele, levantando-se.

E era verdade. Ele a fizera rir duas vezes naquela manhã, mesmo que ela não tivesse feito o

mesmo por ele.

– É claro que pode – disse Lady Lucinda. – E, céus, é provável que vá mesmo, se não estragar tudo. De qualquer forma, Richard é muito jovem para se casar. Ele só tem 22 anos.

Gregory observou-a curiosamente. Agora ela parecia ter voltado a achar que ele era o melhor candidato. O que Lady Lucinda queria, afinal?

– E ele *não* está apaixonado por ela – acrescentou Lucy, impaciente, colocando uma mecha de seu cabelo louro-escuro atrás da orelha quando o vento o jogou em seu rosto. – Tenho certeza absoluta.

Nenhum deles parecia ter nada a acrescentar depois *disso*, então, uma vez que os dois já estavam de pé, Gregory apontou para a casa.

– Vamos voltar?

Ela assentiu e eles começaram a caminhar sem pressa.

– Isso ainda não resolve o problema do Sr. Edmonds – comentou Gregory.

Ela olhou para ele de um jeito engraçado.

– O que foi isso? – perguntou ele.

Lucy deu uma risadinha. Bem, talvez não uma risadinha, mas fez aquele som com o nariz de quando alguém acha graça.

– Não foi nada – disse ela, ainda sorrindo. – Estou bastante impressionada, na verdade, pelo fato de o senhor não ter fingido não se lembrar do nome dele.

– O quê? Eu deveria tê-lo chamado de Sr. Edwards, e então Sr. Ellington, e depois Sr. Edifice, e...

Lucy olhou para ele de um jeito maroto.

– O senhor teria perdido todo o meu respeito, eu lhe garanto.

– Que horror. Ah, que horror – retrucou ele, levando a mão ao peito.

Ela olhou para ele por cima do ombro com um sorriso travesso.

– Foi por pouco.

Ele parecia tranquilo.

– Tenho uma péssima pontaria, mas sei como me esquivar de uma bala.

Aquilo a deixou curiosa.

– Nunca conheci um homem que admitisse atirar mal.

Ele deu de ombros.

– Há coisas que simplesmente não podemos evitar. Sempre serei o Bridgerton que pode ser derrotado pela irmã.

– Aquela de quem o senhor me falou?

– Por todas elas – admitiu ele.

– Ah.

Ela franziu a testa.

Deveria haver algum tipo de comentário recomendado para tal situação. O que se diz quando um cavalheiro confessa uma inaptidão? Ela nem conseguia se lembrar de alguma vez ter ouvido um deles fazer isso, mas sem dúvida, em algum momento no curso da história, isso tinha ocorrido. E alguém teve de lhe dizer alguma coisa.

Ela piscou, esperando que alguma ideia incrível lhe viesse à cabeça. Mas nada.

E então...

– Hermione não sabe dançar.

Aquilo saiu de repente de sua boca, sem que sua mente tivesse qualquer envolvimento.

Meu Deus, *essa* era a ideia incrível?

Gregory parou e se virou para ela com uma expressão curiosa. Ou talvez assustada. Provavelmente os dois. E disse a única coisa que ela imaginou que alguém poderia dizer em tais circunstâncias:

– Perdão?

Lucy repetiu, já que não poderia retirar o que tinha falado.

– Ela não sabe dançar. É por isso que não dança. Porque não sabe.

Então esperou um buraco se abrir no chão para ela enfiar a cabeça. Não ajudava nada ele estar olhando-a como se ela fosse ligeiramente perturbada.

Lucy conseguiu abrir um fraco sorriso, e essa foi a única coisa que preencheu o longo instante até ele enfim falar:

– Deve haver uma razão para a senhorita estar me dizendo isso.

Lucy deixou escapar um suspiro nervoso. Ele não parecia irritado – estava mais curioso do que qualquer coisa. E ela *não pretendia* insultar Hermione. Mas quando ele contara que não sabia atirar, parecia fazer um estranho sentido lhe dizer que Hermione não sabia dançar. Tudo se encaixava bem, na verdade. Os homens deveriam saber atirar, as mulheres deveriam saber dançar, e as amigas de confiança deveriam manter a boca estúpida fechada.

Claramente, todos os três tinham algo que precisavam aprender.

– Pensei em fazê-lo se sentir melhor – explicou Lucy, por fim. – Por não saber atirar.

– Ah, eu sei *atirar* – retrucou ele. – Essa é a parte fácil. Só não sei *mirar* direito.

Lucy riu. Não pôde evitar.

– Eu poderia lhe ensinar.

Ele encarou-a.

– Ah, *Deus do céu*. Não me diga que a *senhorita* sabe atirar.

Ela se animou.

– Muito bem, na verdade.

Ele balançou a cabeça.

– Não me faltava mais nada hoje.

– É uma habilidade admirável – protestou ela.

– Sem dúvida, mas já existem quatro mulheres na minha vida que são melhores nisso do que eu. A última coisa de que preciso é... ah, Deus do céu, por favor, não me diga que a Srta. Watson é uma ótima atiradora também.

Lucy piscou.

– Sabe, não tenho certeza.

– Bem, então ainda há esperança.

– Isso não é peculiar? – murmurou ela.

Gregory a fitou com o rosto impassível.

– O fato de eu ter esperança?

– Não, que...

Lucy não podia dizer isso. Céus, parecia bobo até mesmo para ela.

– Ah, então a senhorita deve achar peculiar não ter certeza se a Srta. Watson sabe atirar.

E lá estava. Ele acabou adivinhando, de qualquer maneira.

– Sim – admitiu ela. – Mas, na verdade, por que eu saberia? Tiro ao alvo não fazia parte do currículo da Escola da Srta. Moss.

– Para grande alívio dos cavalheiros de toda parte, eu lhe garanto. – Ele abriu um sorriso torto.

– Quem lhe ensinou?

– Meu pai – disse Lucy, e foi um momento estranho, porque os lábios dela se entreabriram antes de responder.

Por um instante ela pensou ter ficado surpresa com a pergunta, mas não tinha sido isso.

Havia ficado surpresa com a própria resposta.

– Deus do céu, a senhorita ao menos já tinha largado os cueiros?

– Pouquíssimo tempo antes – disse Lucy, ainda intrigada com sua estranha reação.

Provavelmente era só porque ela não costumava pensar no pai. Ele já se fora havia tantos anos que não existiam muitas perguntas para as quais o antigo conde de Fennsworth fosse a resposta.

– Ele achava que era uma habilidade importante – acrescentou ela. – Até mesmo para as garotas. Nossa casa é perto da costa de Dover, e sempre houve contrabandistas por lá. A maioria era amigável, todo mundo sabia quem eles eram, até mesmo o magistrado.

– Ele devia gostar do brandy francês – murmurou o Sr. Bridgerton.

Lucy sorriu com a lembrança.

– Assim como meu pai. Mas nem todos os contrabandistas eram nossos conhecidos. Alguns, tenho certeza, eram bastante perigosos. E...

Ela se inclinou em direção a ele. Não se podia dizer algo assim sem se aproximar. Qual seria a graça?

– E...? – incentivou ele.

Ela baixou a voz.

– Acho que havia espiões.

– Em Dover? Há dez anos? Sem dúvida havia. Embora eu questione a prudência de dar armas até aos bebês.

Lucy riu.

– Eu era um pouco mais velha do que isso. Acho que começamos quando eu tinha 7 anos. Richard continuou a me dar aulas quando meu pai faleceu.

– Presumo que ele também seja um exímio atirador.

Ela assentiu pesarosamente.

– Sinto muito.

Eles retomaram a caminhada em direção à casa.

– Sendo assim, não vou desafiá-lo para um duelo – comentou ele, distraidamente.

– Eu preferiria que não.

Gregory, então, virou-se para ela com uma expressão um tanto astuciosa.

– Ora, Lady Lucinda, acredito que a senhorita tenha acabado de declarar sua afeição por mim.

A boca de Lucy se abriu como a de um peixe inarticulado.

– Eu não... o que o teria feito chegar a essa conclusão?

E *por que* as bochechas dela de repente pareciam tão quentes?

– Não seria uma disputa justa – disse ele, incrivelmente à vontade com suas inaptidões. – Embora, para ser sincero, eu não saiba se haveria um homem sequer na Grã-Bretanha com quem eu poderia ter uma disputa justa.

Ela ainda se sentia um pouco zozza com a surpresa anterior, mas conseguiu dizer:

– Tenho certeza de que está exagerando.

– Não – retrucou ele. – Sem dúvida seu irmão acertaria uma bala no meu ombro. – Fez uma pausa, pensando no assunto, e acrescentou: – Supondo que ele não quisesse acertar uma em meu coração.

– Ah, não seja bobo.

Ele deu de ombros.

– Independentemente disso, a senhorita deve se preocupar mais com meu bem-estar do que faz ideia.

– Preocupo-me com o bem-estar de todos – murmurou ela.

– Sim, tenho certeza disso – murmurou ele.

Lucy recuou.

– Por que isso soa como um insulto?

– É mesmo? Posso lhe assegurar de que não foi minha intenção.

Ela encarou-o desconfiada por tanto tempo que ele enfim levantou as mãos em sinal de rendição.

– Foi um elogio, eu juro – falou.

– A contragosto.

– Nem um pouco!

Ele a encarou sem conseguir conter um sorriso.

– O senhor está rindo de mim.

– Não – insistiu Gregory, e então, naturalmente, deu uma risada. – Perdão. Agora estou.

– Poderia pelo menos *tentar* ser gentil e dizer que está rindo *comigo*.

– Poderia. – Ele sorriu e seus olhos pareciam definitivamente endiabrados. – Mas seria uma mentira.

Lucy quase bateu no ombro dele.

– Ora, o senhor é terrível!

– A ruína da vida dos meus irmãos, eu lhe garanto.

– É mesmo? – Lucy nunca tinha sido a ruína da vida de ninguém, e naquele momento aquilo pareceu bastante atraente. – Como assim?

– Ah, as coisas normais. Preciso tomar juízo, encontrar um propósito, ser útil.

– Casar-se?

– Isso também.

– É por isso que está tão apaixonado por Hermione?

Ele parou... apenas por um instante. Mas estava lá. Lucy podia sentir.

– Não – afirmou ele. – Foi algo completamente diferente.

– Claro – disse ela, rápido, sentindo-se uma tola por ter perguntado.

Ele lhe falara tudo sobre isso na noite anterior – que o amor só acontece, e não se tem nenhuma escolha. Ele não desejava conquistar Hermione para agradar o irmão, e sim porque não podia *não* querê-la.

E isso a fez se sentir um pouco mais solitária.

– Chegamos – disse ele, apontando para a porta da sala de visitas, à qual ela não percebera que tinham chegado.

– Sim, é claro. – Lucy olhou para a porta, depois para ele, então se perguntou por que parecia tão estranho terem de se despedir. – Obrigada pela companhia.

– O prazer foi todo meu.

Ela deu um passo em direção à porta, mas em seguida se virou para olhar para ele, deixando escapar um discreto:

– Ah!

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Algo errado?

– Não. Mas devo me desculpar. Acabei fazendo o senhor seguir para o outro lado. O senhor disse que gosta de andar em direção ao lago quando precisa pensar. E não chegou a ir até lá.

Gregory olhou para ela com curiosidade, a cabeça inclinada de leve para o lado. E os olhos dele... Ah, Lucy gostaria de poder descrever o que viu neles. Porque ela não entendia, não conseguia compreender por que isso a fazia inclinar a cabeça junto com ele, por que lhe dava a sensação de que aquele momento se estendia... mais... e mais... até poder durar uma eternidade.

– O senhor não queria um tempo para si mesmo? – perguntou ela, baixinho, tão baixo que foi quase um sussurro.

Lentamente, ele balançou a cabeça.

– Queria – falou, como se não tivesse pensado nas palavras e elas chegassem até seus lábios naquele momento, como se fosse algo novo para ele e não exatamente o que esperava. – Queria, mas agora não mais.

Ela olhou para ele, e ele olhou para ela. E o pensamento de repente se formou na cabeça de Lucy...

Ele não sabe por quê...

Gregory não sabia por que não queria mais ficar sozinho.

E ela não sabia por que isso era algo tão significativo.

CAPÍTULO 9

No qual nossa história sofre uma reviravolta.

Na noite seguinte, haveria o baile de máscaras. Era para ser um grande acontecimento, não grande demais, é claro – Anthony, irmão de Gregory, não suportaria tamanha perturbação em sua confortável vida no campo. No entanto, era para ser o auge dos eventos daquela reunião em Aubrey Hall. Todos os hóspedes estariam lá, assim como uma centena de outros convidados – alguns de Londres, outros vindos direto de suas casas no campo. Todos os quartos tinham sido arejados e preparados para os ocupantes, e, mesmo assim, um bom número de convidados iria se hospedar em casas de vizinhos ou, no caso de uns poucos sem sorte, em pousadas próximas.

A intenção original de Kate era oferecer um baile à fantasia – queria muito se vestir de Medusa (para a surpresa de ninguém) –, mas enfim abandonara a ideia após Anthony lhe falar que, se ela fizesse mesmo a festa, *ele* escolheria a própria fantasia.

O olhar que ele lançou à esposa aparentemente foi o bastante para ela optar por uma desistência imediata.

Mais tarde ela contou a Gregory que Anthony ainda não a havia perdoado por fantasiá-lo de Cupido no baile em Billington no ano anterior.

– Angelical demais para ele? – murmurou Gregory.

– Mas o lado bom é que agora sei exatamente como ele era quando bebê. Muito fofo, na verdade.

– Acho que até este momento eu não sabia muito bem quanto meu irmão a amava – disse Gregory, estremecendo.

– Muito. – Ela sorriu e acenou com a cabeça. – Muito mesmo, posso garantir.

E assim chegaram a um acordo. Nada de fantasias, apenas máscaras. Anthony não se importou nem um pouco com isso, já que lhe permitiria abandonar completamente suas funções como anfitrião, se assim preferisse (afinal, quem iria notar sua ausência?), e Kate começou a trabalhar no projeto de uma máscara de Medusa com cobras saindo em todas as direções (o projeto não foi bem-sucedido).

Por insistência de Kate, Gregory chegou ao salão de festas pontualmente às oito e meia, o início anunciado do baile. Isso significava, é claro, que os únicos convidados presentes eram ele, seu irmão e Kate, mas havia criados suficientes andando por ali para que não parecesse tão vazio, e Anthony disse que estava adorando a reunião.

– A festa fica muito melhor sem todas aquelas pessoas esbarrando umas nas outras – comentou alegremente.

– Quando você ficou tão avesso a eventos sociais? – perguntou Gregory, pegando uma taça de champanhe de uma bandeja.

– Não é nada disso – respondeu Anthony, dando de ombros. – Só perdi a paciência para qualquer tipo de coisas estúpidas.

– Ele não está envelhecendo bem – confirmou a esposa.

Se Anthony se ressentiu com o comentário dela, não demonstrou.

– Só me recuso a lidar com idiotas – disse a Gregory. Seu rosto se iluminou. – Isso cortou minhas obrigações sociais pela metade.

– Qual é a razão de se ter um título se não se pode recusar alguns convites? – murmurou Gregory ironicamente.

– De fato – retrucou Anthony. – De fato.

Gregory se virou para Kate.

– Você não tem argumentos para isso?

– Ah, eu tenho muitos argumentos – respondeu ela, esticando o pescoço para examinar o salão de baile em busca de eventuais catástrofes de última hora. – Sempre tenho argumentos.

– É verdade – disse Anthony. – Mas ela sabe quando não pode vencer.

Kate se virou para Gregory ao falar, mas o que disse era claramente dirigido ao marido:

– O que eu *sei* é como escolher minhas batalhas.

– Não dê atenção a ela – aconselhou Anthony. – Essa é só a maneira dela de admitir a derrota.

– E ainda assim ele continua – disse Kate para ninguém em particular –, mesmo sabendo que eu sempre venço no final.

Anthony deu de ombros e abriu para o irmão um sorriso atipicamente constrangido.

– Ela está certa, é claro. – Ele terminou sua bebida. – Mas não há razão em se entregar sem lutar.

Gregory só podia sorrir. Ainda estavam para nascer dois tolos mais apaixonados. Era algo lindo de se ver, mesmo que o fizesse sentir uma ligeira pontada de inveja.

– Como vai a sua corte? – perguntou Kate a ele.

Anthony ficou todo interessado.

– Sua corte? – ecoou, o rosto assumindo a habitual expressão *me obedeça, sou o visconde*. – Quem é ela?

Gregory lançou a Kate um olhar irritado. Ele não havia compartilhado seus sentimentos com o irmão. Não sabia bem por quê, mas em parte era por não ter visto Anthony com muita frequência nos últimos dias. De qualquer forma, não parecia o tipo de coisa a ser compartilhada com um irmão. Sobretudo com um que estava bem mais para pai do que irmão.

Isso sem falar... Que se ele não tivesse sorte...

Bem, não iria querer que sua família soubesse.

Mas ele *ia* conseguir. Por que estava duvidando de si mesmo? Mesmo antes, quando a Srta. Watson ainda o tratava como um estorvo, ele tinha certeza do resultado. Não fazia sentido que agora, que a amizade dos dois crescia, ele de repente questionasse suas possibilidades de sucesso.

Kate, como era de esperar, ignorou a irritação de Gregory.

– Adoro quando você não sabe de alguma coisa – disse ela ao marido. – Principalmente quando eu sei.

Anthony virou para Gregory.

– Tem certeza de que quer se casar com uma dessas?

– Não com essa, exatamente – respondeu Gregory. – Mas com uma bem parecida.

Kate pareceu bastante contrariada por ter sido tratada por “essa”, mas logo se recuperou, dirigindo-se a Anthony ao dizer:

– Ele declarou seu amor por...

Ela balançou uma das mãos no ar como se afastasse uma ideia tola.

– Ah, esqueça, acho que não vou lhe dizer.

Seu jeito de falar era um pouco suspeito. Ela provavelmente tivera a intenção de não lhe contar o tempo todo. Gregory não sabia direito o que era melhor – Kate ter honrado seu segredo ou Anthony ter ficado desconcertado.

– Veja se consegue adivinhar – desafiou Kate, com um sorriso travesso. – Isso deve dar à sua noite um senso de propósito.

Anthony encarou Gregory com ar sério.

– Quem é?

Gregory deu de ombros. Ele sempre ficava do lado de Kate quando era para contrariar o irmão.

– Longe de mim lhe negar um senso de propósito.

Anthony resmungou, chamando-o de *fedelho arrogante*, e Gregory soube que a noite tinha começado bem.

Os convidados foram chegando e, em cerca de uma hora, o salão de baile já estava preenchido pelo zumbido baixo da conversa e dos risos. Todos pareciam um pouco mais arrojados com uma máscara no rosto, e logo a brincadeira tornou-se mais ousada, e as piadas, mais irreverentes.

E as risadas... Era difícil explicar com palavras, mas eram diferentes. Havia mais do que alegria no ar. Tudo beirava a excitação, como se os foliões de alguma forma soubessem que aquela era uma noite para se arriscar.

Para se soltar.

Porque, na manhã seguinte, ninguém saberia.

De modo geral, Gregory gostava de noites como aquela.

Por volta das nove e meia, no entanto, estava ficando frustrado. Não podia afirmar, mas tinha quase certeza de que a Srta. Watson não aparecera. Mesmo com uma máscara, seria quase impossível para ela manter a identidade em segredo. Seu cabelo era impressionante demais, etéreo demais à luz das velas, para ela ser confundida com outra pessoa.

Já Lady Lucinda, por outro lado, não teria nenhum problema em se misturar aos demais. Seu cabelo sem dúvida tinha um belo tom de mel, mas não era nada inesperado ou único. Metade das damas da alta sociedade devia ter o cabelo dessa cor.

Ele olhou ao redor do salão. Muito bem, não metade. E talvez nem mesmo um quarto. Mas sem dúvida o cabelo de Lady Lucinda não tinha o brilho do luar do de sua amiga.

Gregory franziu a testa. A Srta. Watson realmente já deveria ter chegado àquela altura. Como estava hospedada ali, não precisava lidar com estradas lamacentas, cavalos ruins ou mesmo a longa fila de carruagens à frente da casa esperando para deixar os convidados. E, embora duvidasse que ela fosse querer chegar tão cedo quanto ele, com certeza não se atrasaria mais de uma hora.

Se não por outro motivo, porque Lady Lucinda não teria aceitado. Ela era claramente do tipo pontual.

De um jeito bom. Não de um jeito insuportável e irritante.

Ele sorriu para si mesmo. Ela não era assim.

Era mais como Kate. Ou pelo menos seria, quando fosse mais velha. Inteligente, prática e só um pouco ardilosa.

Na verdade, bem divertida. Lady Lucinda era uma boa esportista.

Mas ele também não a via entre os convidados. Ou, pelo menos, achava que não. Não dava para ter certeza. Ele já tinha avistado várias damas com o cabelo da cor aproximada do dela, mas nenhuma parecia ser a própria. Uma se movia da maneira errada – muito deselegante, talvez até um pouco desajeitada. E outra tinha a altura errada. Não por muita diferença, provavelmente apenas alguns centímetros. Mas ele sabia.

Não era ela.

Devia estar junto com a Srta. Watson. O que, de certa forma, ele achava reconfortante. A Srta. Watson não poderia se meter em problemas com Lady Lucinda por perto.

Sua barriga começou a roncar e ele decidiu abandonar a busca por um tempo, para procurar algo para comer. Como sempre, Kate tinha providenciado uma farta seleção de petiscos para seus convidados beliscarem durante o correr da noite. Ele foi direto para a bandeja de sanduichinhos – que se pareciam bastante com os que havia na noite em que ele chegara, dos quais gostara muito. Dez deles deviam bastar.

Hum. Ele viu pepino – um desperdício de pão, na sua opinião. Queijo – não, não era o que ele estava procurando. Talvez...

– Sr. Bridgerton?

Lady Lucinda. Ele reconheceria aquela voz em qualquer lugar.

Ele virou. Lá estava ela. Gregory se parabenizou. Estava certo com relação às outras mascaradas com cabelo louro-escuro. Definitivamente ainda não havia cruzado com ela naquela noite.

Seus olhos se arregalaram e ele percebeu que a máscara dela, coberta com feltro azul-acinzentado, era da cor exata de seus olhos. Ele se perguntou se a Srta. Watson tinha arrumado uma parecida em verde.

– É o *senhor*, não é?

– Como a senhorita sabia? – perguntou ele.

Ela piscou.

– Não sei bem. Apenas sabia. – Então os lábios dela se abriram, apenas o suficiente para revelar um suave brilho de dentes brancos, e ela disse: – Sou a Lucy. Lady Lucinda.

– Eu sei – murmurou ele, ainda olhando para sua boca.

O que havia com as máscaras? Era como se, ao cobrirem a parte de cima, fizessem a parte inferior ficar mais intrigante. Quase hipnotizante.

Como ele podia não ter notado a forma como os lábios dela se curvavam ligeiramente para cima nos cantos? Ou as sardas em seu nariz? Havia sete, todas ovais, a não ser pela última, que na verdade parecia um pouco o mapa da Irlanda.

– Está com fome? – perguntou ela.

Ele piscou, forçando os olhos a voltarem para os dela.

Lucy apontou para os sanduíches.

– O de presunto está muito bom. O de pepino também. Em geral não tenho nenhuma predileção especial por sanduíches de pepino... nunca parecem satisfazer, embora eu goste do fato de ser crocante, mas esses têm um pouco de queijo cremoso em vez de apenas manteiga. Foi uma agradável surpresa.

Ela fez uma pausa e olhou para ele, virando a cabeça de lado enquanto esperava sua resposta.

E Gregory sorriu. Não pôde evitar. Havia algo tão peculiarmente divertido com relação a ela quando tagarelava sobre comida.

Ele estendeu a mão e colocou um sanduíche de pepino em seu prato.

– Com tal recomendação, como eu poderia recusar?

– Bem, o de presunto está bom também, se o senhor não gostar de pepino.

Mais uma vez, aquilo era tão típico dela... Querer que todos ficassem felizes. *Tente isto. E se não gostar, experimente este, ou este, ou este. E se isso não der certo, fique com o meu.*

Lucy nunca disse isso, é claro, mas de alguma forma ele sabia que era assim que ela agiria.

Ela olhou para a bandeja.

– Eu gostaria que eles não estivessem todos misturados.

Gregory olhou para ela com ar curioso.

– Perdão?

– Bem... – disse Lucy, aquele tipo singular de *bem* que pressagia uma explicação longa e profunda. – O senhor não acha que faria muito mais sentido separar os sanduíches por tipo? Colocar cada um em uma bandeja menor? Assim, se a pessoa provasse um que a agradasse, saberia exatamente onde conseguir outro. *Ou* – nesse ponto ela ficou ainda mais animada, como se estivesse cuidando de um problema de grande importância social – *se* havia outro. Pense só. – Ela acenou em direção à bandeja. – Pode não haver mais nenhum sanduíche de presunto ainda na pilha. E não seria possível revirar todos eles, procurando. Seria muito indelicado.

Ele a observou, pensativo, depois disse:

– A senhorita gosta das coisas organizadas, não é?

– Ah, gosto – disse ela com convicção. – Gosto mesmo.

Gregory pensou em seu próprio jeito desorganizado. Ele jogava os sapatos no armário, deixava convites espalhados... No ano anterior, havia liberado seu criado pessoal do serviço por uma semana para que ele visitasse o pai doente, e quando o pobre homem voltara, o caos na mesa de Gregory quase o matara.

Gregory olhou para o rosto sério de Lady Lucinda e riu. Ele provavelmente a deixaria maluca em menos de uma semana também.

– Gostou do sanduíche? – perguntou ela, quando ele deu uma mordida. – De pepino?

– Muito intrigante – murmurou ele.

– Fico me perguntando se a comida deveria ser algo intrigante.

Ele terminou o sanduíche.

– Não tenho certeza.

Ela assentiu distraidamente, e em seguida disse:

– O de presunto está bom.

Eles passaram então para um silêncio sociável enquanto olhavam ao redor da sala. Os músicos tocavam uma valsa animada e as saias das damas ondulavam como sinos de seda quando giravam e rodopiavam. Era impossível assistir à cena e não ter a sensação de que a noite em si estava viva, inquieta com toda aquela energia, esperando para fazer a sua jogada.

Algo iria acontecer naquela noite. Gregory tinha certeza disso. A vida de alguém mudaria.

Se tivesse sorte, seria a dele.

Suas mãos começaram a formigar. Os pés também. Ele estava tendo de se controlar ao máximo para conseguir ficar parado. Queria se mexer, *fazer* alguma coisa. Queria colocar sua vida em movimento, estender a mão e alcançar seus sonhos.

Queria se mexer. Não podia ficar parado. Ele...

– A senhorita quer dançar?

Ele não tinha a intenção de perguntar. Mas quando se virara, Lucy estava bem ali ao seu lado e as palavras simplesmente saíram.

Os olhos dela se iluminaram. Mesmo com a máscara, ele podia ver que ela estava encantada.

– Sim – respondeu. E estava quase suspirando quando acrescentou: – Adoro dançar.

Ele pegou sua mão e levou-a até a pista de dança. A valsa estava no auge e eles logo se ajustaram ao ritmo, que parecia contagiá-los, torná-los um só. Gregory só precisava pressionar a mão na cintura de Lucy e ela se movia exatamente como ele havia imaginado. Os dois giravam, rodopiavam, o ar correndo pelos seus rostos tão rápido que os fazia rir.

Era perfeito. De tirar o fôlego. Era como se a música os tivesse invadido e guiado todos os seus movimentos.

E então acabou.

Tão depressa... Depressa *demais*. Por um instante depois do fim da música eles continuaram ali, ainda nos braços um do outro, envoltos pela lembrança da melodia.

– Ah, isso foi formidável – disse Lady Lucinda, os olhos brilhando.

Gregory a soltou e fez uma reverência.

– A senhorita é uma excelente dançarina, Lady Lucinda. Eu sabia que seria.

– Obrigada, eu... – Ela o encarou. – O senhor sabia?

– Eu... – Por que ele tinha dito isso? Não tivera essa intenção. – A senhorita é muito graciosa – falou finalmente, levando-a de volta para a lateral do salão de baile.

Muito mais graciosa do que a Srta. Watson, na verdade, apesar de isso fazer sentido, considerando o que Lucy dissera sobre a habilidade para a dança da amiga.

– É seu jeito de andar – acrescentou, já que ela parecia estar esperando uma explicação mais detalhada.

E aquilo teria de bastar, porque ele não estava disposto a falar mais nada sobre o assunto.

– Ah – disse ela, e os lábios se curvaram só um pouquinho para cima.

Mas foi o suficiente para surpreendê-lo. Ela parecia... feliz. Gregory percebeu que não era o caso da maioria das pessoas. Elas pareciam se divertir, ou ficarem entretidas, ou satisfeitas.

Lady Lucinda parecia *feliz*. Ele gostava disso.

– Queria saber onde Hermione está – disse ela, olhando ao redor.

– Ela não veio com a senhorita? – perguntou Gregory, surpreso.

– Veio. Mas então encontramos com Richard e ele a chamou para dançar. *Não* – acrescentou Lucy com veemência – porque esteja apaixonado por ela. Ele estava apenas sendo educado. Isso é o que se faz pelas amigas da irmã.

– Tenho quatro irmãs – lembrou Gregory. – Eu sei. – Mas então ele se lembrou. – Pensei que a Srta. Watson não dançasse.

– E não dança. Mas Richard não sabe disso. Ninguém sabe. A não ser eu. E o senhor. – Ela olhou para ele com certa urgência. – Por favor, não conte a ninguém. Eu imploro. Hermione ficaria arrasada.

– Meus lábios estão selados – prometeu Gregory.

– Imagino que tenham saído para ir atrás de alguma bebida – sugeriu Lucy, inclinando-se um pouco para o lado para tentar ver a mesa de limonada. – Hermione falou algo sobre o calor. É a sua desculpa favorita. E quase sempre funciona quando alguém a convida para dançar.

– Não estou vendo os dois – disse Gregory, seguindo o olhar dela.

– Não, o senhor não veria mesmo. – Ela virou de volta para ele, balançando de leve a cabeça. – Não sei por que eu estava procurando. Isso já foi há algum tempo.

– Mais do que se leva para tomar uma bebida?

Ela riu.

– Hermione pode fazer um copo de limonada durar a noite inteira quando precisa. Mas acho que Richard teria perdido a paciência.

Gregory achava que o irmão dela ficaria feliz em cortar o braço direito se isso lhe desse a chance de olhar para a Srta. Watson enquanto ela fingia beber limonada, mas não havia muito sentido em tentar convencer Lucy disso.

– Acredito que tenham decidido dar um passeio – disse ela, obviamente despreocupada.

Mas Gregory se sentiu logo meio inquieto.

– Lá fora?

Ela deu de ombros.

– Imagino que sim. Com certeza não estão aqui no salão de baile. Hermione não pode se esconder na multidão. O cabelo dela, o senhor sabe.

– Mas a senhorita acha que é prudente os dois saírem sozinhos? – pressionou Gregory.

Lady Lucinda olhou para ele como se não conseguisse entender a urgência em sua voz.

– Acho difícil estarem sozinhos – disse ela. – Há pelo menos umas vinte pessoas lá fora. Olhei pelas portas de vidro.

Gregory se forçou a ficar calmo enquanto pensava no que fazer. Era óbvio que precisava encontrar a Srta. Watson, e rápido, antes que ela fosse submetida a qualquer situação que pudesse ser considerada irrevogável.

Irrevogável.

Jesus.

Vidas podiam mudar em um único instante. Se a Srta. Watson estava mesmo lá fora com o irmão de Lucy... Se alguém os pegasse...

Um calor estranho começou a subir dentro dele, uma sensação de raiva e ciúme completamente desagradável. A Srta. Watson podia estar em perigo... ou podia não estar. Talvez ela gostasse dos avanços de Fennsworth...

Não. Não, ela não faria isso. Ele afastou o pensamento. A Srta. Watson achava estar apaixonada por aquele ridículo Sr. Edmonds, quem quer que ele fosse. E não ficaria feliz com os avanços de Gregory *nem* com os de lorde Fennsworth.

Mas será que o irmão de Lucy tinha aproveitado uma oportunidade que *Gregory* perdera? Doía, bem ali em seu peito, como uma bala de canhão, aquela *sensação*, aquela emoção, aquela coisa maldita... terrível... enlouquecedora...

– Sr. Bridgerton?

Nojenta. Sim, definitivamente nojenta.

– Sr. Bridgerton, há alguma coisa errada?

Ele moveu a cabeça apenas o necessário para encarar Lady Lucinda, mas mesmo assim levou vários segundos para conseguir se concentrar em suas feições. Os olhos dela estavam aflitos, a boca contraída em uma linha de preocupação.

– O senhor não parece bem – disse ela.

– Estou bem – grunhiu ele.

– Mas...

– Estou *bem*.

Lucy recuou.

– Sim, é claro que está.

Como Fennsworth tinha feito isso? Como tinha conseguido sair sozinho com a Srta. Watson? Ele ainda era tão inexperiente, pelo amor de Deus... Mal tinha saído da universidade, e nunca tinha morado em Londres. E Gregory era... Bem, mais experiente do que isso.

Devia ter prestado mais atenção.

Nunca devia ter permitido isso.

– Acho que vou procurar Hermione – disse Lucy, afastando-se devagar. – Posso ver que o senhor prefere ficar sozinho.

– Não – disparou Gregory, com um pouco mais de veemência do que pretendia. – Vou acompanhá-la. Vamos procurar juntos.

– O senhor acha isso prudente?

– Por que não seria?

– Eu... não sei. – Ela parou e o fitou com os olhos arregalados, sem piscar, e por fim disse: – Só não acho que seja. O senhor mesmo acabou de questionar se teria sido prudente Richard e Hermione saírem juntos.

– A senhorita com certeza não pode revistar a casa sozinha.

– É claro que não – retrucou Lucy, como se ele fosse tolo por sequer ter sugerido isso. – Eu estava indo procurar Lady Bridgerton.

Kate? Meu Deus.

– Não faça *isso* – disse ele, depressa.

E talvez com um pouco de desdém também, embora não tivesse sido sua intenção.

Mas ela claramente se ofendeu, porque sua voz saiu bem firme e direta quando perguntou:

– E por que não?

Ele se aproximou, o tom de voz baixo e urgente:

– Se Kate encontrá-los e eles não estiverem dentro das regras do decoro, estarão casados em menos de duas semanas. Guarde minhas palavras.

– Não seja ridículo. É claro que eles estarão dentro das regras do decoro – sibilou Lucy, e Gregory se surpreendeu, porque nunca lhe ocorreu que ela pudesse defendê-los com tanto vigor. – Hermione nunca se comportaria de forma indevida – continuou, furiosamente. – Nem Richard, aliás. Ele é meu irmão. Meu *irmão*.

– Ele a ama – disse Gregory simplesmente.

– Não. Ele. *Não*. Ama. – Deus do céu, ela parecia prestes a explodir. – E, mesmo que amasse – seguiu, afrontando-o –, o que não é verdade, ele *nunca* a desonraria. Nunca. Ele, não. Não...

– Não o quê?

Ela engoliu em seco.

– Ele não faria isso *comigo*.

Gregory não podia acreditar na ingenuidade dela.

– Ele não está pensando na *senhorita*, Lady Lucinda. Na verdade, creio que a senhorita não tenha passado pela cabeça dele nem uma vez.

– Que coisa terrível de se dizer.

Gregory deu de ombros.

– Ele é um homem apaixonado. Portanto, é um homem insensato.

– Ah, é *assim* que funciona? – retrucou ela. – Então isso faz com que o *senhor* também seja insensato?

– Não – respondeu ele laconicamente, e percebeu que era verdade.

Gregory já havia se acostumado a esse estranho fervor. Tinha recuperado seu equilíbrio. E, como um cavalheiro com muito mais experiência, estava, mesmo quando a Srta. Watson não era uma questão, mais em posse de seu juízo do que Fennsworth.

Lady Lucinda encarou-o com um olhar impaciente e desdenhoso.

– Richard não está apaixonado por ela. Não sei de quantas maneiras posso lhe explicar isso.

– A senhorita está enganada – disse Gregory, sem rodeios.

Vinha observando Fennsworth havia dois dias. E o vira olhando para a Srta. Watson. Rindo de suas piadas. Buscando bebidas para ela. Escolhendo uma flor silvestre e colocando atrás da orelha dela.

Se aquilo não era amor, então Richard Abernathy era o irmão mais velho mais atencioso, carinhoso e altruísta da história da humanidade.

E, sendo ele mesmo um irmão mais velho – um que muitas vezes tinha sido obrigado a cercar de atenção as amigas da caçula –, Gregory poderia dizer categoricamente que não existia um homem na mesma condição que a sua com níveis tão elevados de consideração e devoção.

Era natural amar a irmã, é claro, mas não a ponto de sacrificar cada minuto pelo bem da melhor amiga dela, sem nenhum tipo de compensação.

A menos que um amor patético e não correspondido entrasse na equação.

– Não estou enganada – afirmou Lady Lucinda, parecendo querer cruzar os braços. – E vou chamar Lady Bridgerton.

Gregory fechou a mão em torno do pulso dela.

– Isso seria um erro de proporções grandiosas.

Ela puxou a mão, mas ele não a soltou.

– Não seja condescendente comigo – sibilou.

– Não estou sendo. Estou só orientando-a.

Lucy ficou boquiaberta. Gregory teria apreciado a visão, se não estivesse tão furioso com tudo mais no mundo naquele momento.

– O senhor é insuportável – disse ela, quando se recuperou.

Ele deu de ombros.

– Às vezes.

– *E* delirante.

– Muito bem, Lady Lucinda. – Tendo sete irmãos, Gregory não podia deixar de apreciar qualquer piada ou réplica bem colocada. – Mas eu admiraria muito mais suas habilidades verbais se não estivesse tentando impedi-la de fazer algo assim tão monumentalmente estúpido.

Ela estreitou os olhos em direção a ele e disse:

– Não vou mais me dar o trabalho de falar com o senhor.

– Nunca mais?

– Vou procurar Lady Bridgerton – anunciou ela.

– Vai me procurar? Por quê?

Era a última voz que Gregory queria ouvir.

Ele se virou. Kate estava de frente para os dois, observando-os com uma sobrancelha levantada.

Ninguém falou nada.

Kate olhou enfaticamente para a mão de Gregory, ainda no pulso de Lady Lucinda. Ele a soltou, dando um passo rápido para trás.

– Há algo que queiram me contar? – perguntou Kate, a voz uma mistura terrível de indagação refinada e autoridade moral.

Gregory lembrou que sua cunhada podia ser bastante imponente quando desejava.

Lady Lucinda – é *claro* – se pronunciou no mesmo instante:

– O Sr. Bridgerton acha que Hermione pode estar em perigo.

O comportamento de Kate mudou na mesma hora.

– Perigo? Aqui?

– Não – grunhiu Gregory.

Mas o que realmente queria ter dito era “Eu vou *matar* a senhorita”. Lady Lucinda, para ser mais preciso.

– Já faz algum tempo que eu não a vejo – continuou a tola irritante. – Chegamos juntas, mas isso já faz quase uma hora.

Kate correu os olhos em volta, parando ao ver as portas que davam para fora.

– Ela não pode estar no jardim? Muitos convidados foram para lá.

Lady Lucinda balançou a cabeça.

– Eu não a vi. Já olhei.

Gregory não disse nada. Era como se estivesse assistindo à destruição do mundo diante de seus olhos. E, pensando bem, o que poderia fazer para impedir?

– Não está lá fora? – indagou Kate.

– Não achei que houvesse nada errado – disse Lady Lucinda, importunamente. – Mas o Sr. Bridgerton ficou logo preocupado.

– Ficou? – Kate virou de repente para ele. – Você ficou? Por quê?

– Podemos falar sobre isso outra hora? – resmungou Gregory.

Kate imediatamente o ignorou e encarou Lucy.

– Por que ele ficou preocupado?

Lady Lucinda engoliu em seco. Então, sussurrou:

– Acho que ela pode estar com o meu irmão.

Kate ficou pálida.

– Isso não é bom.

– Richard nunca faria nada impróprio – falou Lucy. – Eu garanto.

– Ele está apaixonado por ela – observou Kate.

Gregory não falou nada. A vingança nunca fora menos doce.

Lucy olhou de Kate para Gregory, a expressão quase beirando o pânico.

– Não – sussurrou. – Não, a senhora está enganada.

– Não estou, não – retrucou Kate com a voz grave. – E nós precisamos encontrá-los. Depressa.

Ela então se virou e imediatamente foi em direção à porta. Gregory a seguiu, as longas pernas alcançando-a com facilidade. Lady Lucinda pareceu ficar paralisada por um instante, então de repente pôs-se em ação, saindo depressa atrás deles.

– Ele nunca faria nada contra a vontade de Hermione – disse ela com urgência. – Eu garanto.

Kate parou e se virou. Olhou para Lucy, o rosto franco e, talvez, um pouco triste também, como se reconhecesse que a jovem estava, naquele momento, perdendo um pouco de sua inocência, e ela, Kate, lamentasse ser a responsável por isso.

– Ele pode não precisar – falou Kate, calmamente.

Forçá-la. Kate não disse isso, mas as palavras pairaram no ar.

– Ele pode não... O que a senhora...

Gregory viu o momento em que ela se deu conta. Seus olhos, de coloração sempre tão mutável, nunca pareceram mais cinzentos.

Chocados.

– Precisamos encontrá-los – sussurrou Lucy.

Kate assentiu e os três silenciosamente deixaram a sala.

CAPÍTULO 10

No qual o amor triunfa... mas não para nosso herói e nossa heroína.

Lucy seguiu Lady Bridgerton e Gregory pelo corredor, tentando conter a ansiedade que crescia dentro dela. Sentia algo estranho no estômago e sua respiração não parecia normal.

Além disso, sua mente não clareava. Ela precisava se concentrar no assunto em questão. Sabia que tinha de dedicar todos os esforços na busca, mas parecia que parte de seu cérebro continuava zonzona, em pânico, incapaz de evitar uma terrível sensação de mau presságio.

Que ela não entendia. Lucy não *queria* que Hermione se casasse com seu irmão? Não dissera ao Sr. Bridgerton que ver os dois juntos, ainda que fosse improvável, seria maravilhoso? Hermione seria sua irmã no papel, não apenas de coração, e Lucy não podia imaginar nada mais perfeito. Mas ainda assim, ela se sentia... Apreensiva.

E um pouco irritada também.

Além de culpada, é claro. Afinal, que direito tinha de se sentir irritada?

– É melhor nos separarmos para procurar – instruiu o Sr. Bridgerton, após dobrarem várias esquinas e os sons do baile de máscaras parecerem distantes.

Ele arrancou a máscara, as duas damas fizeram o mesmo e eles deixaram todas elas em uma mesinha em um recanto do corredor.

Lady Bridgerton balançou a cabeça.

– Não podemos. *Você* com certeza não pode encontrá-los sozinho – disse a ele. – Não quero nem pensar nas consequências de a Srta. Watson estar a sós com dois cavalheiros solteiros.

Sem mencionar a reação dele, pensou Lucy. O Sr. Bridgerton lhe parecia um homem calmo, portanto ela não sabia se ele seria capaz de encontrar os dois sozinho e não se sentir na obrigação de fazer um discurso sobre a honra e a defesa da virtude, o que sempre levava ao desastre. Sempre. No entanto, dada a intensidade dos sentimentos dele por Hermione, sua reação poderia ser um pouco menos honrada e virtuosa e um pouco mais furiosa e ciumenta.

Pior ainda: embora o Sr. Bridgerton não soubesse mirar direito, Lucy não tinha dúvida de que ele seria capaz de deixar um olho roxo com velocidade letal.

– E *ela* não pode ficar sozinha – continuou Lady Bridgerton, apontando na direção de Lucy. – Está escuro. E deserto. E os cavalheiros estão usando máscaras, pelo amor de Deus. Isso relaxa a consciência.

– Eu também não saberia onde procurar – acrescentou Lucy.

Era uma casa grande. Estava ali havia cerca de uma semana, mas duvidava que tivesse visto metade do lugar.

– Vamos permanecer juntos – disse Lady Bridgerton com firmeza.

Pareceu que Gregory queria argumentar, mas se controlou e, em vez disso, falou:

– Ótimo. Então não vamos perder tempo.

Em seguida saiu andando, as pernas compridas dando passos largos que as duas teriam que correr para acompanhar.

Ele escancarava portas e as largava abertas, empenhado demais em chegar ao próximo cômodo para deixar as coisas como encontrara. Lucy vinha atrás dele, procurando do outro lado do corredor.

Lady Bridgerton estava um pouco mais à frente, fazendo o mesmo.

– Ah! – exclamou Lucy em certo momento, dando um pulinho para trás e batendo uma porta.

– Achou os dois? – perguntou Gregory, correndo até ela ao mesmo tempo que Kate.

– Não – respondeu Lucy, ficando ruborizada. Engoliu em seco. – Outras pessoas.

Lady Bridgerton gemeu.

– Meu Deus. Por favor, diga que não era uma dama solteira.

Lucy abriu a boca, mas vários segundos se passaram antes que dissesse:

– Não sei. Por causa das máscaras...

– Eles estavam usando máscaras? – disse Lady Bridgerton. – São casados, então. E não um com o outro.

Lucy queria muito perguntar como ela havia chegado a essa conclusão, mas não teve coragem, e, além disso, o Sr. Bridgerton interrompeu seus pensamentos, passando na frente dela e abrindo a porta com força. Um grito feminino cortou o ar, seguido de uma voz masculina irritada, proferindo palavras que Lucy não se atrevia a repetir.

– Desculpe – resmungou o Sr. Bridgerton. – Continuem. – Enquanto fechava a porta, anunciou: – Morley e a esposa de Winstead.

– Ah – falou Lady Bridgerton, surpresa. – Eu não tinha ideia.

– Devemos fazer alguma coisa? – quis saber Lucy.

Deus do céu, havia pessoas cometendo *adultério* a menos de 3 metros dela.

– Isso é problema de Winstead – respondeu o Sr. Bridgerton severamente. – Temos nossos próprios assuntos para tratar.

Os pés de Lucy continuaram grudados no lugar quando ele se afastou depressa de novo, pisando firme pelo corredor. Lady Bridgerton olhou para a porta, parecendo querer abrir e dar uma espiada lá dentro, mas por fim suspirou e seguiu o cunhado.

Lucy ficou parada, tentando descobrir exatamente o que perturbava sua mente. O casal em cima da mesa – da *mesa* – tinha sido um choque, mas outra coisa a incomodava. Havia algo errado com relação à cena. Alguma coisa fora do lugar. Fora de contexto.

Ou talvez algo que estivesse despertando uma lembrança.

O que era?

– A senhorita não vem? – perguntou Lady Bridgerton.

– Sim – respondeu Lucy. Então ela se aproveitou de sua inocência e juventude e acrescentou: – Foi um choque, entende? Só preciso de um instante.

Lady Bridgerton lançou-lhe um olhar compreensivo e acenou com a cabeça, mas continuou em frente, inspecionando os cômodos do lado esquerdo do corredor.

O que ela vira? Havia o homem e a mulher, é claro, e a já mencionada mesa. Duas cadeiras cor-de-rosa. Um sofá listrado. Uma mesa lateral, com um vaso de flores...

Flores. Era isso.

Ela sabia onde estavam.

Se Lucy estivesse errada e todos os outros, certos, e seu irmão realmente estivesse apaixonado por Hermione, só havia um lugar para onde ele a levaria para tentar convencê-la a retribuir seus sentimentos.

O jardim de inverno. Ficava do outro lado da casa, longe do salão de baile. Era repleto de laranjeiras, flores e lindas plantas tropicais que lorde Bridgerton devia ter gastado uma fortuna para importar. Orquídeas refinadas, rosas raras e até mesmo humildes flores silvestres, levadas lá para dentro e replantadas com cuidado e devoção.

Não havia lugar mais romântico à luz do luar, e nenhum outro local em que seu irmão se sentiria mais à vontade. Ele adorava flores. Sempre gostara, e tinha uma memória impressionante para guardar seus nomes, tanto os científicos quanto os comuns. Estava sempre falando sobre alguma planta, citando algum tipo de curiosidade – “Esta só se abre ao luar”, “Aquela se assemelha a tal planta trazida da Ásia”. Lucy sempre achara isso um tanto tedioso, mas via como podia parecer romântico quando quem falava não era seu irmão.

Ela olhou para o corredor. Os Bridgertons tinham parado para falar algo entre si e Lucy podia ver, pela postura deles, que a conversa estava sendo bem intensa.

Não seria melhor se fosse ela, Lucy, que os encontrasse? Sem *nenhum* dos Bridgertons?

Se conseguisse fazer isso sozinha, poderia alertá-los e evitar o desastre. Se Hermione quisesse se casar com seu irmão... bem, seria por escolha própria, não por obrigação, depois de ter sido flagrada em uma situação comprometedoras.

Lucy sabia o caminho do jardim de inverno. Poderia chegar lá em minutos.

Deu um passo cauteloso para trás em direção ao salão de baile. Nem Gregory nem Lady Bridgerton pareceram notá-la.

Ela se decidiu.

Deu seis passos silenciosos, recuando até a esquina. Então, após dar uma última olhada rápida no corredor, sumiu de vista e saiu em disparada.

Levantou as saias e correu como o vento – ou ao menos tão rápido quanto pôde, com seu pesado vestido de baile de veludo. Não tinha ideia de quanto tempo levaria para que os Bridgertons notassem sua ausência, e, embora eles não soubessem para onde estava indo, não tinha dúvidas de que a achariam. Tudo o que Lucy tinha a fazer era encontrar Hermione e Richard primeiro. Se conseguisse fazer isso, poderia empurrar Hermione para fora do jardim e dizer que tinha encontrado Richard sozinho lá dentro.

Ela não teria muito tempo, mas tinha certeza de que daria certo.

Lucy chegou ao corredor principal, diminuindo o ritmo ao máximo que a situação permitia ao passar por ele. Havia criados por ali, talvez alguns convidados atrasados também, e ela não podia levantar suspeitas correndo.

Saiu depressa para o corredor oeste, derrapando em uma curva quando começou a correr novamente. Seus pulmões começaram a arder e sua pele estava úmida de suor por baixo do vestido, mas ela não reduziu o passo. Não faltava muito agora. Ela ia conseguir. Sabia que era capaz.

Tinha de ser.

Então Lucy enfim estava de frente para as pesadas portas duplas do jardim de inverno. Levou a mão decididamente a uma das maçanetas e já ia girá-la, mas, em vez disso, curvou-se, tentando recuperar o fôlego.

Seus olhos ardiam e ela tentou se reerguer, porém foi atingida por uma imensa onda de pânico. Era física, palpável e a dominou tão depressa que ela teve de se agarrar à parede em busca de apoio.

Por Deus, não queria abrir aquela porta. Não queria vê-los ou saber o que tinham andado fazendo, nem como, nem por quê. Queria que tudo voltasse ao que era apenas três dias antes.

Será que não era possível voltar no tempo? Eram apenas *três dias*. Três dias e Hermione ainda estaria apaixonada pelo Sr. Edmonds, o que não chegava a ser um problema verdadeiro, já que não daria em nada mesmo, e Lucy ainda seria...

Ainda seria ela mesma, feliz e confiante. *Praticamente* noiva.

Por que tudo tinha de *mudar*? A vida de Lucy estava mais do que aceitável do jeito que era. Todos tinham seu lugar, as coisas encontravam-se na mais perfeita ordem e ela não precisava *pensar*

tanto a respeito de tudo. Não se importava com o que o amor significava ou como era, seu irmão não era secretamente apaixonado por sua melhor amiga e seu casamento era um plano distante. Lucy era *feliz*.

E queria tudo de volta.

Agarrou a maçaneta com mais força e tentou girá-la, mas sua mão não se movia. O pânico ainda estava lá, paralisando seus músculos, pressionando seu peito. Ela não conseguia se concentrar. Não conseguia pensar.

E suas pernas começaram a tremer.

Ah, meu Deus, ela ia cair. Bem ali, a centímetros de seu objetivo, ela ia desabar no chão. E então...

– *Lucy!*

Era o Sr. Bridgerton, que vinha correndo até ela, e então Lucy percebeu que falhara.

Tinha conseguido chegar à estufa a tempo, mas ficara ali parada junto à porta como uma idiota, com os dedos na maldita maçaneta e...

– Meu Deus, Lucy, no que você estava pensando?

Ele a agarrou pelos ombros e Lucy se apoiou em sua força. Ela queria desabar em cima dele e esquecer.

– Me desculpe – sussurrou. – Me desculpe.

Não sabia pelo que estava se desculpando, mas falou isso assim mesmo.

– Aqui não é lugar para uma mulher sozinha – disse Gregory, e sua voz soou diferente. Rouca. – Os homens andaram bebendo, e usam as máscaras para se permitirem... – Ele se calou por um tempo e depois completou: – As pessoas não estão em seu estado normal.

Ela assentiu e enfim ergueu os olhos do chão até o rosto dele. Então viu aqueles traços que tinham se tornado tão familiares. As ondas suaves de seu cabelo, a pequena cicatriz perto de sua orelha esquerda...

Lucy engoliu em seco e tentou respirar fundo. Não conseguiu fazer isso normalmente, mas chegou perto.

– Me desculpe – repetiu, porque não sabia mais o que dizer.

– Meu Deus – disse Gregory, examinando o rosto dela com urgência –, o que aconteceu? Você está bem? Por acaso alguém...

Ele afrouxou um pouco as mãos enquanto olhava com desespero em volta.

– Quem fez isso? – perguntou. – Quem fez você...

– Não – respondeu Lucy, balançando a cabeça. – Não foi ninguém. Fui só eu. Eu... queria encontrá-los. Achei que se eu... Bem, não queria que vocês... E então eu... E depois cheguei aqui, e...

Os olhos de Gregory correram rapidamente para as portas da estufa.

– Eles estão aí dentro?

– Não sei. Acho que sim. Não consegui...

O pânico enfim estava diminuindo – tinha quase sumido, na verdade – e tudo parecia tão estúpido agora. Sentia-se tão tola. Tinha ficado ali junto à porta e não fizera nada. Nada.

– Eu não consegui abrir a porta – sussurrou ela, finalmente.

Precisava lhe dizer isso. Não sabia explicar o que tinha acontecido, mas tinha de dizer a ele. Porque ele a encontrara. E isso fizera a diferença.

– Gregory! – Lady Bridgerton chegou de repente e quase se chocou contra eles, claramente sem fôlego por ter tentado acompanhá-lo. – Lady Lucinda! Por que a senhorita... A senhorita está bem?

Ela parecia tão preocupada que Lucy se perguntou como devia estar. Sentia-se pálida. Sentia-se

pequena, na verdade, mas como devia estar seu rosto para fazer com que Lady Bridgerton olhasse para ela com uma aflição tão óbvia?

– Eu estou bem – disse Lucy, aliviada por Lady Bridgerton não tê-la visto como Gregory a encontrara. – Só um pouco agitada. Acho que corri rápido demais. Que tolice a minha. Sinto muito.

– Quando nos viramos a senhorita havia sumido... – falou Lady Bridgerton.

Parecia tentar ser severa, mas a preocupação franzira sua testa e seus olhos brilhavam de delicadeza.

Lucy queria chorar. Ninguém nunca tinha olhado para ela assim. Hermione a amava e Lucy sentia-se muito reconfortada com isso, mas aquilo era diferente. Lady Bridgerton não devia ser muito mais velha do que ela – dez, talvez quinze anos –, mas a maneira como a fitava... Era quase maternal.

Durou apenas um instante – só alguns segundos, na verdade –, mas ela podia fingir. E talvez desejar, só um pouco.

Lady Bridgerton se aproximou depressa e passou um braço pelos ombros de Lucy, puxando-a para longe de Gregory, que ficou parado no mesmo lugar.

– Tem certeza de que está bem? – perguntou.

Lucy anuiu.

– Estou. Agora estou.

Lady Bridgerton olhou para Gregory. Ele assentiu. Uma vez.

Lucy não sabia o que aquilo significava.

– Achei que eles poderiam estar dentro do jardim – disse ela, sem saber direito o que ouvia em sua voz... resignação ou arrependimento.

– Muito bem – retrucou Lady Bridgerton, aprumando os ombros quando foi até a porta. – Não temos muitas opções, não é?

Lucy balançou a cabeça. Gregory não fez nada.

Lady Bridgerton respirou fundo e abriu a porta. Lucy e Gregory na mesma hora se aproximaram para espiar lá dentro, mas o jardim de inverno estava escuro, e a única luz era a do luar, que brilhava através das amplas janelas.

– Droga.

Lucy se retraiu de surpresa. Ela nunca tinha ouvido uma mulher praguejar antes.

Por um momento o trio ficou parado, e depois Lady Bridgerton adiantou-se e gritou:

– Lorde Fennsworth! Lorde Fennsworth, por favor responda. O senhor está aqui?

Lucy começou a chamar Hermione, mas Gregory tapou sua boca.

– Não – sussurrou ele em seu ouvido. – Se há mais alguém aqui, não queremos que saiba que estamos procurando os dois.

Lucy assentiu, sentindo-se aflitivamente ingênua. Ela pensara que sabia alguma coisa sobre o mundo, mas nos últimos dias parecia entender cada vez menos. O Sr. Bridgerton se afastou, avançando para dentro do jardim. Parou, então, com as mãos nos quadris, a expressão bem atenta, enquanto examinava o lugar.

– Lorde Fennsworth! – chamou Lady Bridgerton de novo.

Dessa vez, eles ouviram um farfalhar suave e lento. Como se alguém tentasse se esconder.

Lucy se virou em direção ao som, mas ninguém apareceu. Ela mordeu o lábio. Talvez fosse apenas um animal. Havia vários gatos em Aubrey Hall. Dormiam num cercadinho perto da porta da cozinha, mas talvez um deles tivesse perdido o caminho e ficado preso no jardim.

Só podia ser um gato. Se fosse Richard, ele teria aparecido quando ouviu seu nome.

Ela olhou para Lady Bridgerton, esperando para ver o que ela faria em seguida. A viscondessa

fitava o cunhado fixamente, murmurando alguma coisa, fazendo um gesto com as mãos e apontando na direção do barulho.

Gregory assentiu para ela, em seguida caminhou em silêncio, as pernas compridas atravessando a sala com uma velocidade impressionante, até...

Lucy engasgou. Antes que tivesse tempo de piscar, Gregory havia disparado para a frente, um som estranho e primitivo escapando-lhe da boca. Em seguida ele saltou no ar e aterrissou com um baque surdo, grunhindo:

– Peguei você!

– Ah, não.

Lucy cobriu a boca com a mão. O Sr. Bridgerton tinha prendido alguém no chão e suas mãos pareciam estar muito perto da garganta da pessoa.

Lady Bridgerton disparou em direção a eles, e Lucy, ao vê-la, finalmente se lembrou dos próprios pés e também correu até lá. Se fosse Richard – *Ah, por favor, que não seja Richard* –, precisava alcançá-lo antes que o Sr. Bridgerton o matasse.

– Me... *solte!*

– Richard! – gritou Lucy, com a voz estridente.

Era a voz dele. Sem dúvida alguma.

A figura no chão se contorcia e então ela pôde ver seu rosto.

– Lucy?

Ele parecia surpreso.

– *Ah, Richard...* – disse ela, as duas palavras carregadas de decepção.

– Cadê ela? – exigiu Gregory.

– Ela quem?

Lucy sentiu-se mal. Richard fingia não saber de quem ele falava. Ela o conhecia bem demais. O irmão estava mentindo.

– A Srta. Watson – grunhiu Gregory.

– Eu não sei do que...

Um horrível barulho gorgolejante veio da garganta de Richard.

– Gregory! – exclamou Lady Bridgerton, agarrando o braço do cunhado. – Pare!

Ele relaxou um pouco as mãos em torno do pescoço de Richard.

– Talvez ela não esteja aqui – disse Lucy. Sabia que não era verdade, mas de alguma forma parecia ser a melhor maneira de salvar a situação. – Richard adora flores. Sempre adorou. E ele não gosta de festas.

– É verdade – concordou Richard, arfando.

– Gregory, você precisa deixá-lo se levantar – falou Lady Bridgerton.

Lucy virou para ela quando a ouviu, e foi nesse momento que viu. Atrás de Lady Bridgerton.

A cor rosa. Apenas de relance. Mais como um risco, na verdade, mal visível através das plantas.

Hermione estava usando um vestido daquele mesmo tom.

Os olhos de Lucy se arregalaram. Talvez fosse apenas uma flor. Havia montes de flores rosa. Virou de volta para Richard. Bem rápido.

Rápido demais. O Sr. Bridgerton viu quando ela virou a cabeça.

– O que você viu? – perguntou ele.

– Nada.

Mas ele não acreditou nela. Solto Richard e começou a ir na direção em que ela estava

olhando, mas o irmão de Lucy rolou para o lado e agarrou um dos tornozelos dele. Gregory caiu com um grito e revidou o golpe rapidamente, agarrando a camisa de Richard e puxando com força suficiente para arrastar a cabeça dele no chão.

– Não! – gritou Lucy, correndo até eles.

Deus do céu, eles iam se matar. Primeiro o Sr. Bridgerton estava por cima, então Richard, depois o Sr. Bridgerton, em seguida ela não sabia dizer *quem* estava ganhando, só tinha certeza de que eles não paravam de se esmurrar.

Lucy queria desesperadamente separá-los, mas não via como poderia fazer isso sem o risco de se machucar. Os dois estavam incapacitados de notar algo tão mundano quanto uma pessoa.

Talvez Lady Bridgerton pudesse detê-los. Era sua casa, e os convidados, sua responsabilidade. Ela teria como cuidar daquela situação com mais autoridade do que Lucy podia esperar ter.

– Lady Br... – começou a dizer ela, mas parou.

Lady Bridgerton não estava no lugar em que Lucy a vira momentos antes.

Ah, *não*.

Lucy procurou freneticamente.

– Lady Bridgerton? Lady Bridgerton?

De repente a viu, voltando em sua direção, passando por entre as plantas e segurando Hermione pelo pulso. O cabelo de Hermione estava desgrehado, seu vestido, amassado e sujo, e ela parecia prestes a chorar.

– Hermione? – sussurrou Lucy.

O que tinha acontecido? O que Richard fizera?

Por um instante, Hermione não fez nada. Só ficou ali parada como um cãozinho culpado, o braço estendido à frente, quase como se tivesse esquecido que Lady Bridgerton ainda a segurava.

– Hermione, o que aconteceu?

Lady Bridgerton a soltou e ela correu até a amiga.

– Ah, Lucy – disse, com a voz trêmula. – Eu sinto muito.

Lucy ficou em estado de choque, abraçando-a, sem jeito. Hermione a agarrava como uma criança, mas Lucy não sabia como agir. Seus braços pareciam estranhos, não propriamente ligados ao corpo. Ela olhou para além do ombro de Hermione, para o chão. Os homens enfim haviam parado de lutar, mas ela não tinha certeza se isso importava.

– Hermione? – Lucy deu um passo para trás, afastando-se o suficiente para ver o rosto da amiga.
– O que aconteceu?

– Ah, Lucy... – disse Hermione. – Eu *estremeci*.



Uma hora mais tarde, Hermione e Richard estavam noivos e Lady Lucinda tinha sido conduzida de volta à festa. Não que fosse conseguir se concentrar em qualquer coisa que alguém dissesse, mas Kate insistira.

Gregory estava bêbado. Ou, pelo menos, fazendo de tudo para ficar.

Ele imaginava que a noite tinha lhe feito alguns pequenos favores. Não tinha chegado de fato a

se deparar com lorde Fennsworth e a Srta. Watson em flagrante delito. O que quer que estivessem fazendo – e Gregory estava gastando uma boa dose de energia para *não* pensar nisso –, tinham interrompido quando Kate chamara Fennsworth.

Mesmo agora, tudo parecia um teatro. Hermione se desculpara, então Lucy se desculpara, depois *Kate* se desculpara, o que parecera completamente sem sentido até ela terminar a frase com:

–... mas, a partir de agora, vocês estão noivos.

Fennsworth parecera maravilhado, aquele cretino irritante, e então tivera a ousadia de dar um risinho triunfante para Gregory.

E Gregory lhe dera uma joelhada nas partes íntimas. Não com *muita* força. Poderia ter sido um acidente. Mesmo. Eles ainda estavam no chão, um imobilizando o outro. Era completamente plausível que seu joelho pudesse ter escorregado. Para cima.

Qualquer que fosse o caso, Fennsworth gemera, saindo definitivamente derrotado do embate. Gregory rolara para o lado assim que o conde afrouxara a mão e se colocara de pé sem nenhuma dificuldade.

– Sinto muito – dissera para as damas. – Não sei o que houve com ele.

E, pelo jeito, isso foi tudo. A Srta. Watson pedira desculpas a ele – depois de se desculpar com Lucy, depois com Kate, então com Fennsworth, embora só Deus soubesse por quê, uma vez que ele tinha sido o grande vencedor da noite.

– Não precisa pedir desculpas – retrucara Gregory com firmeza.

– Não, mas eu... – Ela parecia angustiada, mas Gregory não se importara muito na hora. – Gostei muito mesmo de tomar café da manhã com o senhor. Só queria que soubesse disso.

Por quê? Por que ela falara isso? Será que achara que o faria se sentir melhor?

Gregory não falara nem uma palavra. Apenas acenara para ela uma vez com a cabeça e depois se afastara. Os outros poderiam resolver os detalhes sozinhos. Ele não tinha nenhum vínculo com o casal de noivos recém-formado, nenhum dever para com eles ou com o decoro. E não se importava quando ou como as famílias seriam informadas.

Não era preocupação sua. Nada daquilo era.

Então saía. Precisava encontrar uma garrafa de brandy.

Agora, ali estava ele. No escritório de Anthony, tomando a bebida do irmão e se perguntando o que diabo aquilo tudo significava. Não tinha mais nenhuma chance com a Srta. Watson, isso estava claro. A menos que estivesse disposto a raptá-la.

O que não era o caso. Ela provavelmente se esgoelaria pelo caminho todo. Isso sem falar que devia ter se entregado a Fennsworth. Sem falar também que, ao fazer isso, Gregory destruiria sua boa reputação. Não é possível sequestrar uma jovem bem criada – sobretudo a noiva de um conde – e querer que seu nome permaneça intacto.

Ele se perguntou que argumento Fennsworth usara para ficar sozinho com ela.

E se perguntou o que Hermione quisera dizer ao falar que estremecera.

E se perguntou se o convidariam para o casamento.

Provavelmente. Lucy insistiria nisso, não é? Ela era uma defensora da etiqueta. Das boas maneiras em geral.

Então, e agora? Depois de tantos anos sentindo-se meio sem rumo, de esperar que as peças de sua vida se encaixassem, ele havia pensado que enfim entendera tudo. Ao conhecer a Srta. Watson, sentira-se pronto para tomar as rédeas da própria vida e vencer.

O mundo parecia bonito, bom e cheio de promessas.

Ora, tudo bem, o mundo já era bonito, bom e cheio de promessas antes. Ele não vinha sendo nem

um pouco infeliz. Na verdade, não se importava com a espera. Não tinha nem certeza se queria encontrar sua noiva tão cedo. Só porque sabia que seu verdadeiro amor existia não significava que ele o queria imediatamente.

A vida estava sendo bastante agradável antes. Mas que diabo, a maioria dos homens daria tudo para trocar de lugar com ele.

Não Fennsworth, é claro. O maldito imbecil provavelmente estava planejando todos os detalhes de sua noite de núpcias naquele exato momento.

Desgraçado...

Gregory tomou a bebida de um só gole e se serviu um pouco mais.

Então o que aquilo significava? O que significava conhecer a mulher que o faz esquecer como se respira e ela estar prestes a se casar com outro homem? O que ele deveria fazer agora? Sentar e esperar até que a visão da nuca de outra moça o deixasse extasiado?

Tomou outro gole. Já estava farto de pescoços. Eram valorizados demais.

Ele se recostou, apoiando os pés na mesa do irmão. Anthony iria odiar isso, é claro, mas estava ali na sala? Não. Tinha acabado de ver a mulher com quem esperava se casar nos braços de outro homem? Não. E, indo direto ao ponto, o rosto dele tinha servido como saco de pancadas para um jovem conde surpreendentemente em forma? Definitivamente, não.

Gregory tocou com cuidado a bochecha esquerda. E o olho direito. Não estaria nada atraente no dia seguinte, isso era certo.

Mas Fennsworth também não, pensou, animado.

Animado? Ele estava animado? Quem poderia imaginar?

Deixou então escapar um longo suspiro, tentando alcançar a sobriedade. Devia ser o brandy. A alegria e a animação não estavam na agenda para aquela noite.

Embora...

Gregory se levantou. Apenas como um teste. Um pouco de investigação científica. Ele podia ficar de pé? Podia.

Podia andar? Sim!

Ah, mas podia andar direito?

Quase.

Hum. Não estava tão embriagado quanto tinha pensado.

Poderia muito bem sair. Não havia sentido em desperdiçar um bom humor inesperado.

Caminhou até a porta e colocou a mão na maçaneta. Então parou e inclinou a cabeça para o lado, pensativo.

Devia ser o brandy. Realmente, não havia outra explicação para isso.

CAPÍTULO 11

No qual nosso herói faz uma coisa que nunca teria imaginado.

Lucy não deixou de notar a ironia daquela noite quando fez seu caminho de volta para o quarto.

Sozinha.

Depois de o Sr. Bridgerton ter entrado em pânico pelo desaparecimento de Hermione... depois de Lucy ter sido severamente repreendida por fugir sozinha no meio do que estava se transformando em uma noite um tanto turbulenta... pelo amor de Deus, depois que um casal fora forçado a ficar noivo... ninguém notou quando Lucy deixou o baile de máscaras sozinha.

Ainda não conseguia acreditar que Lady Bridgerton tivesse insistido para ela voltar à festa e que praticamente tinha arrastado Lucy pela gola, deixando-a aos cuidados da tia solteirona de alguém antes de ir chamar a mãe de Hermione, que, era de presumir, não fazia ideia da emoção que a aguardava.

E assim Lucy ficara no canto do salão como uma tola, olhando para o restante dos convidados, perguntando-se como não poderiam ter notado os acontecimentos da noite. Parecia inconcebível que três vidas tivessem sido completamente transformadas e o resto do mundo seguisse como de costume.

Não, pensara ela, na verdade tinham sido quatro vidas – a do Sr. Bridgerton também. Os planos dele para o futuro com certeza eram bem diferentes no início da noite.

De qualquer forma, todos pareciam se comportar de maneira perfeitamente normal. Dançavam, riam, comiam sanduíches que ainda estavam perturbadoramente misturados em uma única bandeja.

Era a mais estranha visão. Algo não deveria parecer diferente? Alguém não deveria ter ido até Lucy e dizer, com olhos indagadores: *Você parece um pouco angustiada. Ah, já sei. Seu irmão deve ter seduzido sua melhor amiga.*

Ninguém fizera isso, é claro, e quando Lucy vira a própria imagem em um espelho, ficara espantada ao notar que parecia exatamente a mesma. Um pouco cansada, quem sabe, talvez um pouco pálida também, mas, fora isso, a mesma boa e velha Lucy.

Cabelos louros, não *muito* louros. Olhos azuis, também não *muito* azuis. Boca de um formato estranho, que nunca ficava quieta como ela queria, e o mesmo nariz comum, com aquelas sete sardas de sempre, incluindo a próxima a seu olho que ninguém nunca notara, a não ser ela.

E que parecia a Irlanda. Ela não sabia por que isso a interessava, mas sempre ficara intrigada com esse fato.

Suspirou. Nunca tinha ido à Irlanda, e provavelmente nunca iria. Parecia tolo que isso de repente a incomodasse, já que nunca nem quisera ir à Irlanda.

Mas, se um dia tivesse esse desejo, teria de pedir a lorde Haselby, não é? Não era muito diferente de ter de pedir ao tio Robert permissão para fazer... bem, qualquer coisa, mas de alguma forma...

Ela balançou a cabeça. Já era o bastante. Tinha sido uma noite estranha, e ela estava com um humor estranho, presa em toda a sua estranheza no meio de um baile de máscaras.

Era óbvio que o que precisava era ir para a cama.

Assim, depois de ter passado trinta minutos fingindo se divertir, por fim percebera que a tia solteirona encarregada de tomar conta dela não havia entendido muito bem sua tarefa. Não fora

difícil deduzir: quando Lucy tentara falar com ela, a mulher estreitara os olhos através da máscara e gritara:

– Levante o queixo, garota! Eu conheço você?

Lucy concluíra que não devia desperdiçar a oportunidade, e por isso respondera:

– Sinto muito. Pensei que fosse outra pessoa.

E saíra do salão. Sozinha.

Realmente, era quase engraçado.

Quase.

Mas ela não era tola, e tinha andado bastante pela casa naquela noite para saber que, embora os convidados tivessem se espalhado para oeste e sul do salão de baile, não haviam se aventurado pela ala norte, onde ficavam os aposentos particulares da família. Rigorosamente falando, Lucy também não deveria ir por ali, mas, depois do que tinha passado nas últimas horas, achava que merecia um pouco mais de liberdade.

No entanto, quando chegou ao longo corredor que levava à ala norte, viu uma porta fechada. Piscou, surpresa. Nunca tinha notado uma porta ali antes. Imaginou que os Bridgertons deviam deixá-la sempre aberta. Então desanimou. Sem dúvida estaria trancada, afinal, qual era o propósito de uma porta fechada se não manter as pessoas fora?

Mas a maçaneta girou facilmente. Lucy entrou e fechou a porta com todo o cuidado, quase desmaiando de alívio. Não podia voltar à festa. Só queria ir para a cama, meter-se debaixo das cobertas, fechar os olhos e dormir, dormir, dormir.

Parecia o paraíso. E, com um pouco de sorte, Hermione ainda não teria voltado. Ou, melhor ainda, sua mãe insistiria para que a amiga passasse a noite no quarto dela.

Sim, um pouco de privacidade parecia algo muito atraente.

Estava tudo escuro à sua volta à medida que andava, e silencioso também. Depois de mais ou menos um minuto, os olhos de Lucy se ajustaram à luz fraca. Não havia lampiões ou velas para iluminar o caminho, mas algumas portas haviam sido deixadas abertas, permitindo que pálidos feixes de luar fizessem paralelogramos no tapete. Ela avançava bem devagar, cada passo cuidadosamente calculado, como se estivesse se equilibrando sobre uma linha fina, estendida pelo meio do corredor.

Um, dois...

Nada de extraordinário nisso. Ela costumava contar seus passos. E *sempre* fazia isso nas escadas. Ficara surpresa quando chegara à escola e percebera que as outras pessoas não tinham esse hábito.

... três, quatro...

O tapete comprido do corredor parecia monocromático ao luar, mas Lucy sabia que os grandes losangos eram vermelhos, e os menores, dourados. Perguntou-se se seria possível pisar apenas nos dourados.

... cinco, seis...

Ou talvez nos vermelhos. Nos vermelhos seria mais fácil. Aquela não era uma noite para grandes desafios.

... sete, oito, n...

– Ooops!

Ela bateu em alguma coisa. Ou, Deus do céu, em *alguém*. Vinha olhando para baixo, seguindo os losangos vermelhos, e não tinha visto... Mas a outra pessoa não devia tê-la visto?

Mãos fortes a pegaram pelos braços e a firmaram. E então...

– Lady Lucinda?

Ela congelou.

– Sr. Bridgerton?

A voz dele soou baixa e tranquila na escuridão.

– Que *coincidência*.

Lucy se desvencilhou dele – o Sr. Bridgerton a segurara pelos braços para evitar que caísse – e recuou. Ele parecia muito grande no espaço estreito do corredor.

– O que o senhor está fazendo aqui? – perguntou ela.

Ele abriu um sorriso tranquilo e desconfiado.

– O que a *senhorita* está fazendo aqui?

– Indo para a cama. Este corredor parecia o melhor caminho – explicou ela. Depois acrescentou, com um ar irônico: – Dado o meu estado de desacompanhamento.

Ele inclinou a cabeça para o lado. Franziu a testa. Piscou. Então, disse:

– Essa palavra existe?

Por alguma razão aquilo a fez sorrir. Não com os lábios, exatamente, mas por dentro, que era o mais importante.

– Acho que não – respondeu –, mas, na verdade, não me importo.

Ele abriu um discreto sorriso, em seguida fez um sinal com a cabeça em direção ao cômodo de onde devia ter acabado de sair.

– Eu estava no escritório do meu irmão. Ponderando.

– Ponderando?

– Temos bastante em que pensar esta noite, não acha?

– Sim. – Ela olhou em volta do corredor, só para ver se havia mais alguém por perto, mesmo tendo quase certeza de que não. – Eu realmente não deveria estar aqui sozinha com o senhor.

Ele assentiu com um ar grave.

– Eu não iria querer prejudicar seu quase noivado.

Lucy ainda não tinha pensado *nisso*.

– Eu quis dizer depois do que aconteceu com Hermione e... – De repente pareceu insensível continuar. – Bem, o senhor sabe.

– De fato.

Ela engoliu em seco, em seguida tentou fingir que não olhava para o rosto dele para ver se estava chateado.

Gregory só piscou, então deu de ombros, com um ar... Indiferente?

Lucy mordeu o lábio. Não, não podia ser. Ela devia ter interpretado mal. Ele era um homem apaixonado. Tinha dito a ela.

Só que isso não era da sua conta. Exigia um certo grau de autorrelembramento (para acrescentar outra palavra à sua coleção de termos inexistentes, que crescia rapidamente), mas era isso. Não era da sua conta. Nem um pouco.

Bem, exceto pela parte sobre seu irmão e sua melhor amiga. Ninguém poderia dizer que *isso* não lhe dizia respeito. Se tivesse sido só com Hermione, ou só com Richard, poderia haver quem opinasse que ela deveria manter o nariz fora do assunto, mas como se tratava dos dois – bem, era bastante claro que ela estava envolvida.

No entanto, com relação ao Sr. Bridgerton... não era da sua conta.

Lucy olhou para ele. O colarinho de sua camisa estava frouxo e ela podia ver um pedacinho de pele, num lugar que sabia que não deveria olhar.

Não. Nada daquilo... era da sua conta. Nada!

– Certo – disse ela, arruinando seu tom determinado com uma tosse involuntária. Espasmo. Espasmo de tosse. Seguido por: – Preciso ir.

Mas a frase saiu mais parecida com... Bem, com algo que Lucy tinha quase certeza de que não poderia ser descrito com as 26 letras do nosso alfabeto.

– Você está bem? – perguntou Gregory.

– Ótima – respondeu ela, engasgada, então percebeu que tinha voltado a olhar para aquele ponto que não era nem mesmo o pescoço dele.

Estava mais para o peito, o que significava que era um lugar ainda mais inadequado.

Ela desviou os olhos depressa, então tossiu de novo, dessa vez de propósito, porque tinha de fazer *alguma coisa*, do contrário seus olhos voltariam para onde não deveriam.

Gregory observou Lucy com ar sério, enquanto ela se recuperava.

– Está melhor? – perguntou.

Ela assentiu.

– Fico feliz – disse ele.

Feliz? *Feliz?* Ela pensou no que *isso* queria dizer.

Gregory deu de ombros.

– Odeio quando isso acontece – falou.

Só que ele é um ser humano, Lucy, sua idiota. Alguém que sabe como é ruim sentir a garganta arranhando.

Ela estava ficando louca. Tinha certeza disso.

– É melhor eu ir – disparou.

– É melhor.

– É o que eu realmente deveria fazer.

Mas ficou ali parada.

Gregory a estava fitando de uma maneira muito estranha, com os olhos estreitados. Não com irritação, motivo pelo qual em geral as pessoas estreitam os olhos, mas como se estivesse pensando muito a respeito de algo.

Ponderando. Era isso. Ele estava ponderando, justo como dissera.

Só que estava ponderando a respeito *dela*.

– Sr. Bridgerton? – disse Lucy, hesitante.

Não que soubesse o que perguntar quando ele lhe desse atenção.

– A senhorita bebe, Lady Lucinda?

Se ela bebia?

– Perdão?

Ele abriu um sorriso um pouco envergonhado.

– Brandy. Sei onde meu irmão guarda as bebidas boas.

– Ah. – *Deus do céu.* – Não, é claro que não.

– Que pena – murmurou ele.

– Eu realmente não poderia – acrescentou ela, porque, bem, sentia como se tivesse de explicar.

Embora fosse claro que não tomava bebidas alcoólicas. E, é claro, ele sabia disso.

Gregory deu de ombros.

– Não sei por que perguntei.

– Eu deveria ir – disse ela.

Mas ele não se mexeu. Nem ela.

Lucy se perguntou como seria o gosto de brandy. E se algum dia saberia.

– Gostou da festa? – perguntou Gregory.

– Da festa?

– A senhorita não foi obrigada a voltar?

Ela assentiu, revirando os olhos.

– Recomendaram fortemente que eu voltasse.

– Ah, então ela arrastou a senhorita.

Para grande surpresa de Lucy, ela riu.

– Quase isso. E eu não estava de máscara, o que fez com que eu me destacasse um pouco.

– Como um cogumelo?

– Como um...?

Ele olhou para o vestido dela e acenou a cabeça, ao confirmar a cor.

– Um cogumelo azul.

Ela olhou para si mesma e depois para ele.

– Sr. Bridgerton, o senhor está embriagado?

Ele se curvou para a frente com um sorriso dissimulado e um pouco bobo. Ergueu a mão, com um espaço de uns 2 centímetros entre o polegar e o indicador.

– Só um pouquinho.

Lucy olhou para ele com ar de dúvida.

– Tem certeza?

Gregory olhou para os dedos com a testa franzida, então acrescentou mais uns 2 centímetros ao espaço entre eles.

– Bem, talvez um tanto assim.

Lucy não conhecia muito bem nem os homens nem bebidas, mas sabia o bastante sobre os dois juntos para perguntar:

– O senhor sempre esquece quanto bebeu?

– Não. – Ele levantou as sobrancelhas e olhou de cara feia para ela. – Em geral, sei exatamente até que ponto estou bêbado.

Lucy não fazia ideia de como responder a isso.

– Mas, de fato, hoje eu não tenho certeza.

Ele parecia surpreso com isso.

– Ah.

Lucy não estava nada articulada naquela noite.

Gregory sorriu.

Ela sentiu um frio na barriga, algo muito estranho.

Tentou sorrir de volta. Deveria mesmo ir embora.

Apesar de ter essa consciência, ela não se moveu.

Gregory virou a cabeça de lado, pensativo, e deixou escapar um suspiro. Ocorreu a Lucy, então, que ele estava fazendo exatamente o que dissera... ponderando.

– Eu estava pensando que – falou Gregory, devagar –, dados os acontecimentos de hoje à noite...

Ela se inclinou para a frente, esperando. Por que as pessoas sempre param de falar quando estão prestes a dizer algo importante?

– Sr. Bridgerton? – insistiu Lucy, porque agora ele estava só olhando para uma pintura na parede.

Os lábios dele se contraíram.

– A senhorita não acha que eu deveria estar um pouco mais chateado?

Lucy entreabriu os lábios, surpresa.

– O senhor não está chateado?

Como isso era possível?

Ele deu de ombros.

– Não tanto quanto deveria, uma vez que meu coração quase parou de bater na primeira vez em que vi a Srta. Watson.

Lucy abriu um sorriso discreto.

Ele piscou para ela e assumiu um ar bem decidido, como se tivesse acabado de chegar a uma conclusão óbvia.

– É por isso que suspeito do brandy.

– Entendo. – Ela não entendia, é claro, mas o que mais poderia dizer? – O senhor... hã... o senhor certamente parecia chateado.

– Eu estava irritado – corrigiu Gregory.

– Não está mais?

Ele pensou um pouco.

– Ah, sim, ainda estou.

E Lucy sentiu a necessidade de se desculpar. O que ela *sabia* ser ridículo, porque nada daquilo era culpa sua. Mas a necessidade de se desculpar por tudo estava muito arraigada nela. Não conseguia evitar. Queria que todos fossem felizes. Sempre quisera.

– Perdão por não ter acreditado no que o senhor disse sobre meu irmão – disse ela. – Eu não sabia. Não sabia mesmo.

Ele a encarou, e seu olhar era gentil. Lucy não tinha certeza do que havia acontecido, porque um instante atrás ele fora indiferente e petulante. Mas agora... estava diferente.

– Sei que não sabia – falou Gregory. – E não há necessidade de se desculpar.

– Eu fiquei tão surpresa quanto vocês quando nós os encontramos.

– Eu não fiquei muito surpreso – disse ele com delicadeza, como se estivesse tentando poupar os sentimentos dela e não fazê-la se sentir tão tola por não ver o óbvio.

Lucy assentiu.

– Não, imagino que não. O senhor percebeu o que estava acontecendo, e eu não.

E ela se sentia mesmo uma idiota. Como podia não ter notado nada? Eram Hermione e seu irmão, pelo amor de Deus. Se alguém tivesse de ter percebido algum indício de romance, deveria ter sido ela.

Seguiu-se um silêncio bem estranho – e, em seguida, Gregory falou:

– Eu vou ficar bem.

– Ah, é claro que vai – disse Lucy, de maneira tranquilizadora.

E então *ela* se sentiu mais tranquila, porque era tão bom e *normal* ser a pessoa que tentava fazer tudo ficar bem. Porque esta era sua especialidade: tentar deixar todo mundo feliz e confortável.

Mas, então, ele perguntou...

– A senhorita vai?

Ah, *por que* ele perguntou isso?

Ela não disse nada.

– Ficar bem – esclareceu Gregory. – Vai ficar bem – ele fez uma pausa, em seguida deu de ombros – também?

– Claro – respondeu Lucy, um pouco rápido demais.

Pensou que o assunto se encerraria ali, mas então ele disse:

– Tem certeza? Porque a senhorita parecia um pouco...

Ela engoliu em seco, esperando desconfortavelmente pelo restante da frase.

–... transtornada.

– Bem, eu fiquei surpresa – explicou ela, feliz por ter o que dizer. – E então, é claro, fiquei um pouco desconcertada.

Lucy notou um leve gaguejar em sua voz e se perguntou qual dos dois ela estava tentando convencer.

Gregory não disse nada.

Ela engoliu em seco. Aquilo era desconfortável. *Ela* estava desconfortável, e ainda assim continuava falando, continuava explicando tudo.

– Não sei bem o que aconteceu – acrescentou.

Ele continuou em silêncio.

– Me senti um pouco... Bem aqui... – tentou explicar, levando a mão ao peito, ao local onde se sentira paralisada.

Então ela fitou Gregory, praticamente implorando com os olhos que ele dissesse alguma coisa, para mudar de assunto e finalizar a conversa.

Mas ele não falou nada. E o silêncio a fez continuar falando.

Se Gregory tivesse feito uma pergunta, se tivesse dito ao menos uma palavra de conforto, ela não teria falado mais nada. Mas o silêncio era muito desconfortável. Tinha de ser preenchido.

– Eu não conseguia me mexer – prosseguiu Lucy, testando as palavras à medida que saíam de seus lábios. Era como se, ao falar, ela enfim estivesse confirmando o que acontecera. – Cheguei à porta, e não conseguia.

Ela olhou para ele, em busca de respostas. Mas é claro que ele não tinha nenhuma.

– Eu... eu não sei por que estava tão abalada. – Sua voz soava ofegante, nervosa até. – Quero dizer... era Hermione. E meu irmão. Eu... sinto muito pelo seu sofrimento, Sr. Bridgerton, mas isso tudo, na verdade, é perfeito. É ótimo. Ou pelo menos deveria ser. Hermione será minha irmã. Eu sempre quis uma.

– Às vezes elas são divertidas – disse ele com um meio sorriso, o que fez Lucy se sentir melhor.

Foi incrível o poder dessa simples frase. Foi o suficiente para fazer com que as palavras jorrassem da boca de Lucy, desta vez sem hesitação.

– Eu não podia acreditar que eles tinham saído juntos. Deviam ter dito alguma coisa. Deviam ter me contado que se gostavam. Eu não deveria precisar descobrir daquela forma. Não está certo. – Ela agarrou o braço de Gregory e o encarou, o olhar sério e urgente. – Não está certo, Sr. Bridgerton. Não está certo.

Ele balançou a cabeça, mas apenas ligeiramente. Seu queixo mal se moveu, assim como seus lábios, quando ele disse:

– Não.

– Tudo está mudando – sussurrou ela, e não estava mais falando de Hermione, mas isso não tinha importância. Ela só não queria mais pensar. Não sobre isso. Não sobre o futuro. – Tudo está mudando, e eu não posso impedir.

De alguma forma, o rosto de Gregory estava mais perto quando ele repetiu:

– Não.

– É de mais para mim.

Ela não conseguia parar de olhar para ele, não conseguia desviar o olhar, e ainda estava sussurrando “É de mais mesmo” quando já não havia mais distância nenhuma entre os dois.

E os lábios dele... tocaram os dela.

Era um beijo.

Ela havia sido beijada.

Ela. Lucy. Dessa vez, tratava-se dela. Ela mesma estava no centro do seu mundo. Era a vida, acontecendo com *ela*.

Era incrível, porque aquilo parecia algo tão *importante*, tão transformador. E ainda assim era só um simples beijo – suave, apenas um roçar de lábios, tão leve que quase fazia cócegas. Lucy sentiu um calor, um arrepio, uma leveza no peito. Seu corpo parecia ter ganhado vida e, ao mesmo tempo, ficado paralisado, como se tivesse medo de que o movimento errado pudesse fazer tudo desaparecer.

Mas ela não queria que desaparecesse. Santo Deus, Lucy queria aquilo. Aquele momento, aquela lembrança, aquele...

Ela só *queria*.

Ela queria tudo. Qualquer coisa que conseguisse. Qualquer coisa que pudesse sentir.

Os braços de Gregory a envolveram e ela se inclinou, suspirando junto aos lábios dele quando seus corpos se tocaram. Era isso, pensou ela vagamente. Aquilo era a música a que Hermione tinha se referido. Era uma verdadeira sinfonia.

O tal estremecimento de que a amiga havia falado. Mais do que um estremecimento.

O beijo ficou mais urgente e ela se entregou, deleitando-se com o calor de Gregory, que lhe chegava à alma. As mãos dele a agarravam cada vez com mais força, e as dela serpentearam em torno dele, finalmente pousando no ponto em que o cabelo dele encontrava o colarinho.

Lucy não tivera a intenção de tocá-lo – ainda não tinha pensado nisso. Suas mãos pareciam ter vida própria e saber aonde ir, como encontrá-lo e trazê-lo para mais perto. As costas dela se arquearam e o calor entre eles aumentou.

E o beijo continuou... e continuou.

Ela o sentiu em todos os poros. Parecia estar em toda parte, por toda a sua pele, e ir direto até seu íntimo.

– Lucy – sussurrou ele, os lábios finalmente se afastando dos dela e indo percorrer uma trilha ardente até a orelha. – Meu Deus, Lucy.

Ela não queria falar, não queria fazer nada que pudesse interromper o momento. Não sabia como chamá-lo, não conseguia dizer *Gregory*, mas *Sr. Bridgerton* já não parecia certo. Ele era mais do que isso agora para ela.

Tinha razão antes. Tudo *estava* mudando. Já não se sentia mais a mesma. Sentia-se... Desperta.

Lucy arqueava o pescoço e gemia enquanto ele mordiscava o lóbulo de sua orelha, sons suaves e incoerentes que escapuliam de seus lábios como uma canção. Ela queria se afundar nele. Queria deslizar para o tapete e levá-lo com ela. Queria sentir o calor e o peso dele, e queria *tocá-lo*. Queria *fazer* algo. Ser ousada.

Levou as mãos ao cabelo de Gregory e afundou os dedos nos fios sedosos. Ele deixou escapar um pequeno gemido, e só o som da voz dele foi o suficiente para fazer seu coração bater mais rápido. Ele estava fazendo coisas incríveis com seu pescoço – os lábios dele, a língua, os dentes pareciam atizar fogo em seu corpo.

Então os lábios de Gregory foram descendo e as mãos dele percorriam-na inteira, agarrando-a, pressionando-a contra ele, e tudo parecia tão *urgente*.

Já não se tratava mais do que ela queria, e sim do que precisava.

Será que havia sido o mesmo que acontecera com Hermione? Teria sua amiga saído inocentemente para um passeio com Richard e então...?

Lucy entendia agora o que significava querer algo que você sabia que estava errado, permitir que uma coisa acontecesse apesar da possibilidade de levar a um escândalo e...

E então ela não aguentava mais ficar em silêncio.

– Gregory – sussurrou, testando o nome em seus lábios.

Parecia uma carícia, uma intimidade, quase como se pudesse mudar o mundo e tudo ao seu redor com uma única palavra.

Se ela dissesse o nome dele, então ele poderia ser dela, e Lucy poderia esquecer todo o resto, poderia esquecer... *Haselby*.

Deus do céu, ela estava noiva. Já não era mais só um acordo. Os papéis tinham sido assinados. E ela estava...

– Não – falou, pressionando as mãos no peito dele. – Não, eu não posso.

Gregory permitiu que Lucy o afastasse. Ela virou a cabeça, com medo de encará-lo. Sabia que, se visse o rosto dele...

Ela era fraca. Não conseguiria resistir.

– Lucy – disse Gregory, e ela percebeu que ouvir a voz dele era tão difícil quanto teria sido ver o rosto.

– Não posso fazer isso. – Ela balançou a cabeça, ainda sem olhar para ele. – É errado.

– Lucy.

Dessa vez ela sentiu os dedos de Gregory em seu queixo, delicados, fazendo-a olhar para ele.

– Por favor, permita-me que eu a acompanhe até lá em cima – falou.

– Não! – A afirmação acabou saindo muito alta e ela parou, engolindo em seco desconfortavelmente. – Não posso arriscar – concluiu, enfim permitindo que seus olhos encontrassem os dele.

Era um erro. A maneira como ele estava olhando para ela... O olhar de Gregory era sério, mas havia mais. Uma certa suavidade, um toque de ternura. E curiosidade. Como se... Como se ele não tivesse certeza do que estava vendo. Como se a estivesse vendo pela primeira vez.

Deus do céu, essa era a parte que Lucy não podia suportar. Ela não sabia nem bem por quê. Talvez fosse porque ele estava olhando para *ela*. Talvez fosse porque aquela expressão era tão... *ele*. Talvez fossem as duas coisas.

Talvez isso não tivesse importância. Mas a aterrorizava mesmo assim.

– Não serei dissuadido – falou Gregory. – Sua segurança é minha responsabilidade.

Lucy se perguntou o que tinha acontecido com o homem ligeiramente embriagado com quem estivera conversando minutos antes. Em seu lugar estava uma pessoa completamente diferente. Alguém muito responsável.

– Lucy – disse ele, e não era uma pergunta.

Estava mais para um lembrete. Aquilo seria resolvido do jeito dele, e ela teria de aceitar.

– Meu quarto não fica longe – disse ela, fazendo uma última tentativa. – Não precisa mesmo me acompanhar. É logo subindo a escada.

E seguindo por um corredor e dobrando uma esquina, mas ele não precisava saber disso.

– Então vou levá-la até a escada.

Ela sabia que não adiantava discutir. Gregory não iria ceder. Sua voz estava calma, mas havia algo nela que Lucy não tinha certeza de já ter ouvido antes.

– E vou ficar lá até você chegar ao seu quarto.

– Isso não é necessário.

Ele a ignorou.

- Bata três vezes quando chegar lá.
- Eu não vou...
- Se eu não ouvir suas batidas, subirei até lá para ver com meus próprios olhos que você está bem.

Gregory cruzou os braços e, ao encará-lo, Lucy se perguntou se ele seria o mesmo homem se fosse o primogênito. Havia uma imperiosidade inesperada nele. Teria dado um ótimo visconde, concluiu ela, embora não tivesse certeza de que, nesse caso, teria gostado tanto assim dele. Lorde Bridgerton simplesmente a aterrorizava, embora ele devesse ter um lado mais suave, pela maneira óbvia como adorava a esposa e os filhos.

Ainda assim...

– *Lucy*.

Ela engoliu em seco e cerrou os dentes, odiando ter de admitir que tinha mentido.

– Muito bem – falou, a contragosto. – Se quiser me ouvir bater, é melhor subir até o alto da escada.

Gregory assentiu e a seguiu até o topo dos dezessete degraus.

– Vejo você amanhã – disse ele.

Lucy não falou nada. Tinha a sensação de que seria imprudente.

– Vejo você amanhã – repetiu ele.

Ela assentiu, já que ele parecia esperar uma resposta.

E, de qualquer forma, queria vê-lo. Não deveria querer, e sabia que não deveria fazer isso, mas não se conteve.

– Acho que iremos embora – falou. – Tenho que voltar a pedido do meu tio, e Richard... Bem, ele também terá assuntos a tratar.

Mas suas explicações não mudaram a expressão de Gregory. O rosto dele ainda estava decidido, os olhos tão firmemente fixos nos dela que Lucy estremeceu.

– Vejo você pela manhã – foi tudo o que disse.

Ela assentiu mais uma vez e saiu, andando o mais rápido que podia sem correr. Dobrou a esquina e enfim viu seu quarto, apenas três portas adiante.

Mas ela parou. Bem ali na esquina, fora do alcance da vista dele.

E bateu três vezes.

CAPÍTULO 12

No qual nada é resolvido.

Quando Gregory se acomodou para o café da manhã no dia seguinte, Kate já estava lá, de cara fechada e cansada.

– Sinto muito – foi a primeira coisa que ela disse quando se sentou ao lado dele.

Por que a cunhada estava se desculpando?, ele se perguntou. Estava ouvindo muitas desculpas naqueles últimos dias.

– Sei que você esperava...

– Não foi nada – interrompeu ele, olhando para o prato que ela havia deixado do outro lado da mesa.

A dois lugares de distância.

– Mas...

– Kate – disse, e nem ele reconheceu a própria voz.

Parecia mais velho, se isso era possível. Mais grave.

Ela se calou, os lábios ainda entreabertos, como se as palavras tivessem se congelado em sua língua.

– Não foi nada – repetiu Gregory, e tornou a se concentrar nos ovos.

Ele não queria falar sobre isso, não queria ouvir explicações. O que estava feito não tinha volta.

Não sabia direito o que Kate estava fazendo antes que ele voltasse a olhar para o próprio prato – provavelmente checando a sala ao redor, avaliando se algum dos convidados podia ouvir a conversa deles. De vez em quando, ele a ouvia se remexer no assento, mudando de posição na expectativa de falar alguma coisa.

Ele começou a comer o bacon. E então...

– Mas você está... – começou Kate.

Gregory sabia que ela não conseguiria ficar de boca fechada por muito tempo.

Levantou o rosto e encarou-a com um ar sério.

– *Não* – disse apenas.

Por um momento, ela pareceu perplexa. Em seguida, arregalou os olhos e ergueu um dos cantos da boca. Só um pouco.

– Quantos anos você tinha quando nos conhecemos? – perguntou Kate.

Mas que diabo ela queria?

– Não sei – respondeu Gregory, impaciente, tentando se lembrar do casamento do irmão. Havia milhares daquelas malditas flores. Lembrava-se de ter ficado espirrando por semanas. – Treze, talvez. Doze?

Ela o observou com curiosidade.

– Deve ser difícil, eu acho, ser assim tão mais jovem do que seus irmãos.

Ele pousou o garfo.

– Anthony, Benedict e Colin... eles vieram um atrás do outro – continuou Kate. – Como livros numa prateleira, eu sempre pensei, embora não seja tão tola de dizer isso. E então... hum... São quantos anos de diferença entre você e Colin?

– Dez.

– Só isso?

Kate pareceu surpresa, o que ele não sabia se achava particularmente lisonjeiro.

– São seis anos de diferença entre Colin e Anthony – continuou ela, pressionando um dedo contra o queixo, indicando uma reflexão profunda. – Um pouco mais do que isso, na verdade. Mas suponho que pareça menos, com Benedict no meio deles.

Gregory esperou.

– Bem, não importa – logo acrescentou ela. – Afinal de contas, todo mundo encontra o seu lugar na vida. Agora, então...

Ele olhou para a cunhada, espantado. Como ela podia mudar de assunto assim, antes que ele tivesse alguma ideia do que estava falando?

–... creio que eu deveria informá-lo sobre o restante dos acontecimentos de ontem à noite. Depois que você saiu. – Kate suspirou. Gemeu, na verdade, balançando a cabeça. – Lady Watson ficou um pouco irritada quando soube que a filha não tinha sido supervisionada de perto, mas de quem é a culpa por isso, não é? Então, logo depois, ela ficou transtornada pelo fato de a temporada da Srta. Watson em Londres estar acabada antes que ela tivesse a chance de renovar o guarda-roupa da filha. Porque, afinal de contas, Hermione não vai mais debutar agora.

Kate fez uma pausa, esperando Gregory dizer alguma coisa. Ele ergueu de leve as sobrancelhas, apenas o suficiente para dizer que não tinha nada a acrescentar à conversa.

A cunhada lhe deu mais um segundo, em seguida continuou:

– Mas Lady Watson mudou de ideia rapidamente quando lhe disseram que Fennsworth é um conde, ainda que jovem. – Ela fez uma pausa, contraindo os lábios. – Ele é muito jovem, não é?

– Não muito mais do que eu – respondeu Gregory, mesmo que tivesse achado Fennsworth um crição na noite anterior.

Kate pareceu ter pensando o mesmo.

– Não – falou ela –, há uma diferença. Ele não... Bem, não sei. De qualquer forma...

Por que ela ficava mudando de assunto bem quando começava a dizer algo que ele realmente queria ouvir?

–... o noivado está arranjado – continuou –, e eu acredito que todas as partes envolvidas estejam contentes.

Gregory supôs que ele não contava como uma parte envolvida. Porém, mais uma vez, sentiu mais irritação do que qualquer outra coisa. Não gostava de ser derrotado. Em nada.

Bem, exceto no tiro ao alvo. Ele já tinha desistido disso havia muito tempo.

Como poderia não ter lhe ocorrido, nem mesmo uma vez, que ele talvez não ficasse com a Srta. Watson no final? Admitira que não seria fácil, mas, em sua cabeça, era um fato consumado. Predestinado.

Na verdade, vinha fazendo progressos com ela. Santo Deus, ela rira com ele. Rira. Com certeza isso tinha de significar alguma coisa.

– Eles estão indo embora hoje – contou Kate. – Todos eles. Separados, é claro. A Srta. Watson e a mãe vão cuidar dos preparativos do casamento, e lorde Fennsworth vai levar a irmã para casa. Afinal, foi isso que ele veio fazer aqui.

Lucy. Ele tinha de ver Lucy.

Vinha tentando não pensar sobre ela e obtivera resultados variados.

Mas ela estava lá, o tempo todo, pairando em sua mente, mesmo enquanto se irritava pela perda da Srta. Watson.

Lucy. Era impossível agora pensar nela como Lady Lucinda. Mesmo que ele não a tivesse beijado, ela seria Lucy. O apelido combinava com ela.

Mas ele a *havia* beijado. E tinha sido maravilhoso. E, acima de tudo, inesperado.

Tudo com relação ao beijo o surpreendera, até mesmo o fato de ele ter feito isso. Era Lucy. Ele não devia beijar *Lucy*.

Mas ela estava segurando seu braço. E os olhos dela... Ele queria entender o poder que um olhar tem... Ela o fitava, procurando algo.

Procurando algo *nele*.

Gregory não tivera a intenção de beijá-la. Simplesmente acontecera. Ele se sentira atraído para ela de forma implacável, e o espaço entre eles fora ficando cada vez menor...

E então lá estava ela. Em seus braços.

Gregory quisera deslizar até o chão, perder-se nela e nunca mais soltá-la.

Quisera beijá-la até os dois enlouquecerem de paixão.

Quisera...

Bem. Quisera fazer muitas coisas, para dizer a verdade. Mas, também, estava um pouco bêbado.

Não muito, porém o suficiente para duvidar da veracidade de sua reação.

E estava com raiva. E não muito equilibrado.

Não por causa de Lucy, é claro, mas tinha certeza de que isso prejudicara seu julgamento.

Ainda assim, ele deveria vê-la. Ela era uma jovem bem-criada. Não se beija uma moça dessas sem dar as devidas explicações. E ele deveria pedir desculpas também, embora não fosse bem o que queria fazer.

Mas era o que *devia* fazer.

Ele olhou para Kate.

– Quando vão embora?

– A Srta. Watson e a mãe? Hoje à tarde, acredito.

Não, ele quase deixou escapar, *quis dizer Lady Lucinda*. Mas se conteve e manteve a voz despreocupada ao dizer:

– E Fennsworth?

– Logo, eu acho. Lady Lucinda já desceu para o café da manhã. – Kate pensou por um instante. – Acho que Fennsworth disse que queria estar em casa para o jantar. Mas eles podem fazer a viagem em um dia. Não moram muito longe.

– Perto de Dover – murmurou Gregory distraidamente.

Kate franziu a testa.

– Sim, acho que sim.

Gregory olhou aborrecido para a comida. Ele tinha pensado em esperar Lucy ali – ela não iria perder o café da manhã. Mas, se ela já havia comido, então não demoraria a ir embora. E ele precisava encontrá-la.

Levantou-se, de forma um tanto abrupta. Bateu a coxa na beirada da mesa, fazendo com que Kate olhasse para ele com uma expressão assustada.

– Não vai terminar seu café da manhã? – perguntou ela.

Ele balançou a cabeça.

– Não estou com fome.

Kate olhou para ele com óbvia incredulidade. Afinal, já fazia parte da família havia mais de dez anos.

– Como isso é possível?

Ele ignorou a pergunta.

– Tenha uma ótima manhã.

– Gregory?

Ele virou. Não queria, mas algo na voz dela lhe deu a entender que precisava prestar atenção.

Os olhos de Kate se encheram de compaixão... e apreensão.

– Você não vai procurar a Srta. Watson, não é?

– Não – disse ele, e foi quase engraçado, porque essa era a última coisa em sua mente.



Lucy olhou para seus baús cheios e fechados, sentindo-se cansada, triste e confusa.

Esgotada também. Era assim que se sentia. Tinha observado as empregadas torcerem as toalhas de banho até a última gota de água e concluiu que era isso.

Ela era uma toalha espremida.

– Lucy?

Era Hermione, entrando silenciosamente nos aposentos delas. Quando ela retornara, na noite anterior, Lucy já tinha pegado no sono, e quando Lucy saíra para o café da manhã, Hermione ainda não tinha acordado. Quando Lucy voltara do desjejum, Hermione não estava no quarto. De muitas maneiras, Lucy tinha ficado grata por isso.

– Eu estava com a minha mãe – explicou Hermione. – Partiremos hoje à tarde.

Lucy assentiu. Lady Bridgerton a encontrara no café da manhã e falara dos planos de todos. Quando voltara ao quarto, seus pertences já estavam todos guardados e prontos para serem levados para a carruagem.

Então era isso.

– Eu queria falar com você – disse Hermione, empoleirando-se na beirada da cama, mas mantendo uma distância respeitosa de Lucy. – Queria explicar.

Lucy continuou olhando fixamente para os baús.

– Não há nada para explicar. Estou muito feliz por você se casar com Richard. – Ela abriu um sorriso esgotado. – Você será minha irmã agora.

– Você não parece feliz.

– Estou cansada.

Hermione ficou em silêncio por um instante, e depois, quando se tornou claro que Lucy já tinha acabado de falar, ela disse:

– Queria deixar claro que eu não estava guardando segredos de você. Eu nunca faria isso. Espero que saiba.

Lucy assentiu, porque era verdade, ainda que tivesse se sentido abandonada, e talvez até um pouco traída, na noite anterior.

Hermione engoliu em seco, depois contraiu a mandíbula e respirou fundo. E Lucy soube, naquele momento, que ela tinha ensaiado por horas o que diria, tentando encontrar a forma perfeita de colocar os sentimentos em palavras.

Era o que Lucy também teria feito, e ainda assim, de alguma forma, isso a fez querer chorar.

No entanto, apesar de todo o treino de Hermione, ela ainda não tinha chegado a uma conclusão definitiva e ia escolhendo novos termos e frases à medida que falava:

– Eu realmente amava... Não. Não. O que eu quero dizer é que achava, do fundo do coração, que amava o Sr. Edmonds. Mas o fato é que eu estava enganada. Porque primeiro foi o Sr. Bridgerton, e então... Richard.

Lucy olhou para ela com atenção.

– O que quer dizer com “primeiro foi o Sr. Bridgerton”?

– Eu... eu não tenho certeza – respondeu Hermione, perturbada com a pergunta. – Quando tomei café da manhã com ele, foi como se eu estivesse acordando de um sonho longo e estranho. Você se lembra de que lhe falei sobre isso? Ah, eu não ouvi música ou algo assim, e nem sequer senti... Bem, não sei como explicar, mas mesmo que eu não tenha ficado de nenhuma forma *arrebatada*, como eu estava pelo Sr. Edmonds, eu... fiquei pensando. Sobre ele. E se talvez eu *poderia* sentir alguma coisa. Se tentasse. E eu não via como podia estar apaixonada pelo Sr. Edmonds se o Sr. Bridgerton me fazia pensar sobre essas coisas.

Lucy assentiu. Gregory Bridgerton a fizera pensar sobre aquelas coisas também. Mas não se ela poderia. Isso ela sabia. Ela só queria saber como fazer para *não* sentir.

Mas Hermione não notou sua angústia. Ou talvez Lucy escondesse bem. De um jeito ou de outro, ela continuou com sua explicação:

– E então... com Richard... Não sei bem como aconteceu, mas nós estávamos andando, e conversando, e era tão agradável. Mais do que agradável – acrescentou rapidamente. – Agradável soa tedioso, e não foi assim. Parecia... certo. Como se eu estivesse em casa.

Hermione sorriu, quase como se não conseguisse acreditar em sua sorte. E Lucy estava feliz por ela. De verdade. Mas se perguntava como era possível estar tão feliz e tão triste ao mesmo tempo. Porque ela nunca iria se sentir daquela forma. E, mesmo que não acreditasse naquelas coisas antes, tinha passado a acreditar agora. E isso era muito pior.

– Sinto muito se não pareci feliz por você ontem à noite – disse Lucy, baixinho. – Estou. Muito. Foi o choque, só isso. Tantas mudanças ao mesmo tempo...

– Mas mudanças *boas*, Lucy – retrucou Hermione, os olhos brilhando. – Mudanças boas.

Lucy queria ter a confiança e a certeza da amiga. Queria abraçar seu otimismo, mas em vez disso se sentia oprimida. Não podia dizer isso a ela, é claro. Não naquele momento em que Hermione estava radiante de felicidade.

Então Lucy sorriu e falou apenas:

– Você vai ser feliz com Richard.

E estava sendo sincera.

Hermione agarrou a mão dela e a apertou com força, colocando nesse gesto toda a sua amizade e devoção.

– Ah, Lucy, eu sei. Eu o conheço há tanto tempo, e ele é *seu* irmão, então sempre me fez sentir segura. Confortável, mesmo. Não preciso me preocupar com o que ele pensa de mim. Você certamente já lhe disse tudo a meu respeito, de bom e de ruim, e ele ainda acha que valho a pena.

– Ele não sabe que você não sabe dançar – admitiu Lucy.

– Não sabe? – Hermione deu de ombros. – Vou contar-lhe, então. Talvez ele possa me ensinar. Ele dança bem?

Lucy balançou a cabeça.

– Está vendo? – disse Hermione, o sorriso melancólico, esperançoso e alegre ao mesmo tempo. – Somos perfeitos um para o outro. Ficou tudo tão claro... É tão fácil conversar com ele, e ontem à

noite... Eu estava rindo, e ele também, e foi tudo tão... *maravilhoso*. Eu realmente não sei explicar.

Mas ela não precisava explicar. Lucy estava apavorada por saber exatamente o que Hermione queria dizer.

– E de repente estávamos dentro do jardim de inverno, e estava tudo tão bonito, com o luar brilhando através do vidro. Parecia tudo tão embaçado, indistinto e... e então eu olhei para ele.

Os olhos dela ficaram enevoados e distantes, e Lucy sabia que ela estava perdida na lembrança. Perdida e feliz.

– Eu olhei para ele – repetiu Hermione –, e ele estava olhando para mim. Eu não consegui desviar o olhar. Não podia. E então nos beijamos. Foi... Eu nem sequer pensei a respeito. Só aconteceu. E foi a coisa mais maravilhosa e natural do mundo.

Lucy assentiu com um ar de tristeza.

– Eu percebi que não entendia antes. Com o Sr. Edmonds... ah, eu me achava tão perdidamente apaixonada, mas não sabia o que era o amor. Ele era tão bonito, e me deixava tímida e empolgada, mas eu nunca desejei beijá-lo. Nunca olhei para ele e me inclinei para a frente, oferecendo os lábios. Não porque eu queria, mas só porque... porque...

Porque o quê?, Lucy queria gritar. Mas, mesmo tendo vontade, faltava-lhe energia.

– Porque era onde eu deveria estar – concluiu Hermione, baixinho, e parecia espantada, como se não tivesse se dado conta daquilo até aquele momento.

Lucy de repente começou a se sentir muito estranha, agitada. Teve o desejo insano e inesperado de cerrar os punhos. O que ela *queria dizer*? Por que estava falando isso? Todo mundo tinha passado tanto tempo dizendo-lhe que o amor era algo mágico, algo selvagem e incontrollável que vinha como uma tempestade.

E agora era *reconfortante*? Tranquilo? Algo que, na verdade, parecia *bom*?

– O que aconteceu com a parte de ouvir música? – perguntou. – Olhar para a parte de trás da cabeça dele e *saber*?

Hermione deu de ombros com ar desamparado.

– Eu não sei. Mas não confiaria nisso, se fosse você.

Lucy fechou os olhos, desesperada. Não precisava do aviso de Hermione. Nunca teria confiado nesse tipo de coisa. Não era, e nunca seria, do tipo que memorizava sonetos de amor. Mas naquele outro tipo – o das risadas, da sensação reconfortante, de se sentir *bem* –, ela confiaria num piscar de olhos.

E, Deus do céu, era isso que ela havia sentido com o Sr. Bridgerton.

Tudo isso e a música, também.

Lucy sentiu o sangue se esvaír de seu rosto. Ela ouvira *música* quando o beijara. Tinha sido uma verdadeira sinfonia, com magníficos crescendos, uma percussão ritmada e até aquela batida pulsante mais baixa que ninguém percebe até ir aumentando aos poucos e assumir o ritmo do seu coração.

Lucy flutuara. E sentira frêmitos. Experimentara todas as sensações que Hermione dissera ter experimentado com o Sr. Edmonds – e com Richard também.

Tudo isso com uma pessoa.

Ela estava apaixonada por ele. Estava apaixonada por Gregory Bridgerton. Não poderia ser mais claro... ou mais cruel.

– Lucy? – chamou Hermione, hesitante. – Lucy?

– Quando vai ser o casamento? – perguntou Lucy abruptamente. Porque mudar de assunto era a única coisa que podia fazer. Ela virou e encarou Hermione pela primeira vez durante a conversa. – Já começou a fazer os planos? Será em Fenchley?

Detalhes. Detalhes eram sua salvação. Sempre foram.

Hermione pareceu confusa, então preocupada, e depois disse:

– Eu... não, acho que será em Abbey. É mais grandioso. E... você tem certeza de que está bem?

– Muito bem – respondeu Lucy rapidamente. – Mas você não falou quando.

– Ah. Muito em breve. Soube que havia pessoas perto do jardim de inverno ontem à noite. Não sei bem o que ouviram ou falaram, mas os rumores já começaram, por isso precisamos resolver logo tudo. – Hermione abriu um sorriso doce. – Eu não me importo. E acho que Richard também não.

Lucy se perguntou qual delas subiria ao altar primeiro. Esperava que fosse Hermione.

Bateram à porta. Era uma empregada, seguida por dois criados, que estavam ali para pegar os baús de Lucy.

– Richard quer ir embora cedo – explicou ela à amiga, mesmo não tendo visto o irmão desde os acontecimentos da noite anterior.

Hermione provavelmente sabia mais sobre os planos deles do que ela.

– Pense só, Lucy – disse Hermione, levando-a até a porta. – Nós duas seremos condessas. Eu, de Fennsworth, e você, de Davenport. Vamos causar uma impressão e tanto, nós duas.

Lucy sabia que ela estava tentando animá-la, então usou toda a sua energia para forçar o sorriso a alcançar seus olhos quando disse:

– Vai ser muito divertido, não é?

Hermione pegou sua mão e apertou-a.

– Ah, vai sim, Lucy. Você vai ver. Estamos no alvorecer de um novo dia, que será, de fato, radiante.

Lucy abraçou a amiga. Era a única maneira de esconder seu rosto.

Porque não havia como fingir um sorriso desta vez.



Gregory a encontrou bem a tempo. Ela estava na entrada, surpreendentemente sozinha, a não ser por um punhado de criados correndo de um lado para outro. Ele a viu de perfil, o queixo erguido de leve, enquanto observava seus baús sendo levados para a carruagem. Ela parecia... serena. Contida.

– Lady Lucinda! – gritou ele.

Ela ficou imóvel por alguns instantes antes de se virar. E, ao fazer isso, seus olhos pareciam aflitos.

– Fico feliz por tê-la encontrado – disse Gregory, embora já não tivesse certeza disso.

Ela claramente não estava feliz em vê-lo. Ele não esperava por isso.

– Sr. Bridgerton – falou Lucy.

Seus lábios estavam contraído nos cantos, mas ela não estava sorrindo, ao contrário do que parecia pensar.

Havia uma centena de coisas que ele poderia ter dito, então é claro que escolheu a menos significativa e mais óbvia:

– A senhorita está indo embora.

– Estou – disse ela, após uma ligeira pausa. – Richard quer sair cedo.

Gregory olhou em volta.

– Ele está aqui?

– Ainda não. Imagino que esteja se despedindo de Hermione.

– Ah. Sim. – Ele pigarreou. – Claro.

Olhou para ela, que também o encarou, e os dois ficaram em silêncio.

Um silêncio embaraçoso.

– Queria dizer que sinto muito – disse Gregory.

Ela... não sorriu. Ele não sabia direito o que viu em seu rosto, mas não foi um sorriso.

– Tudo bem – falou Lucy.

Tudo bem? *Tudo bem?*

– Desculpas aceitas. – Ela olhou por sobre o ombro dele. – Por favor, não pense mais nisso.

Sem dúvida era o que ela devia dizer, mas ainda assim Gregory ficou incomodado. Ele a beijara, e tinha sido maravilhoso, e, se quisesse pensar no beijo, faria isso.

– Vejo a senhorita em Londres? – perguntou Gregory.

Os olhos dela enfim encontraram os dele, à procura de algo. Por fim, Gregory achou que ela não encontrou o que buscava.

Lucy parecia muito abatida, muito cansada. Muito diferente do que era.

– Creio que sim – respondeu. – Mas as coisas não serão as mesmas. Estou noiva, o senhor sabe.

– *Praticamente* noiva – lembrou ele, sorrindo.

– Não. – Ela balançou a cabeça, lenta e resignadamente. – Agora estou mesmo. É por isso que Richard veio me levar para casa. Meu tio concluiu o acordo. Acredito que os proclamas devam ser lidos em breve. Está feito.

Os lábios de Gregory se abriram de surpresa.

– Entendo – disse ele, os pensamentos se sucedendo em disparada, sem formar conclusão alguma. – Faço votos de que seja feliz – acrescentou, porque o que mais poderia falar?

Ela assentiu, em seguida acenou com a cabeça em direção ao grande gramado verde na frente da casa.

– Acho que vou dar uma volta pelo jardim. Tenho uma longa viagem pela frente.

– É claro – disse Gregory, fazendo uma reverência educada.

Ela não queria sua companhia. Não poderia ter deixado isso mais claro nem se tivesse dito em voz alta.

– Foi ótimo conhecê-lo – falou Lucy.

Os olhos dela encontraram novamente os dele e, pela primeira vez durante a conversa, Gregory a viu de verdade, enxergou seu interior cansado e machucado.

E viu que ela estava se despedindo.

– Eu sinto muito... – Ela parou e olhou para o lado. Para uma parede de pedra. – Sinto muito que as coisas não tenham saído como o senhor esperava.

Eu não, pensou ele, e percebeu que era verdade. Teve um súbito vislumbre de como seria sua vida casado com Hermione Watson e viu que parecia... Entediado.

Meu Deus, como só agora ele percebia isso? Ele e a Srta. Watson não combinavam de forma nenhuma, e, na verdade, ele tinha escapado por um triz.

Aparentemente ele não podia mais confiar no próprio julgamento em matéria de assuntos do coração, mas isso parecia muito melhor do que um casamento sem graça. Talvez devesse agradecer a Lady Lucinda, embora não soubesse muito bem por quê. Ela não impedira seu casamento com a Srta. Watson; na verdade, havia incentivado isso o tempo todo.

Mas, de alguma forma, havia sido responsável por Gregory recuperar a razão. Se havia alguma coisa importante para ele se dar conta naquela manhã, era isso.

Lucy fez sinal para o gramado mais uma vez.

– Vou dar aquela volta, então – falou.

Ele acenou um cumprimento e observou enquanto Lucy se afastava. O cabelo dela estava perfeitamente arrumado em um coque, os fios louro-escuros capturando a luz do sol como mel e manteiga.

Gregory ficou ali por algum tempo, não porque imaginasse que ela fosse virar, ou mesmo porque esperasse isso. Era só para o caso de acontecer.

Porque ela poderia. Ela poderia se virar, e poderia ter algo a lhe dizer, e então ele poderia responder, e ela...

Mas Lucy não virou. Continuou andando. Não olhou para trás nem uma vez e então ele passou os últimos minutos observando a nuca dela. E tudo em que conseguia pensar era... *Algo não está certo.* Mas ele não sabia o que era.

CAPÍTULO 13

*No qual nossa heroína tem um vislumbre do seu futuro.
Um mês depois.*

A comida era requintada, os talheres, magníficos, tudo em volta mais do que luxuoso.

Lucy, no entanto, estava infeliz.

Lorde Haselby e o pai, o conde de Davenport, tinham ido à Casa Fennsworth, em Londres, para o jantar. Tinha sido ideia de Lucy, um fato que agora ela achava penosamente irônico. Ela se casaria em apenas uma semana, e ainda assim, até aquela noite, ainda não tinha visto seu futuro marido. Não desde que o casamento tinha passado de provável para iminente, pelo menos.

Ela e o tio tinham chegado a Londres duas semanas antes e, após onze dias sem que visse seu pretendente, ela procurara o tio e perguntara se poderiam organizar algum tipo de reunião. Ele parecera um pouco irritado, embora não porque achasse o pedido tolo, Lucy tinha certeza disso. Não, a simples presença dela bastava para provocar tal reação nele. Ela esperara à frente dele por uma resposta, e ele tinha sido forçado a levantar os olhos.

Tio Robert não gostava de ser interrompido.

Mas aparentemente tinha chegado à conclusão de que era prudente permitir que um casal de noivos trocasse uma ou duas palavras antes de se encontrarem na igreja, então lhe dissera, em poucas palavras, que iria tomar as providências.

Estimulada por sua pequena vitória, Lucy também tinha perguntado se poderia comparecer a um dos muitos eventos sociais que aconteciam praticamente à sua porta. A temporada londrina tinha começado, e todas as noites Lucy ficava à janela, observando as elegantes carruagens passarem. Certa noite houvera uma festa do outro lado da St. James Square, bem em frente à Casa Fennsworth. A fila de carruagens dera a volta à praça e Lucy tinha apagado as velas em seu quarto, para sua silhueta não ser vista à janela, enquanto ela acompanhava tudo. Alguns convidados ficaram impacientes com a espera e, como o clima estava ameno, desembarcaram do lado dela da praça e andaram o resto do caminho.

Lucy dissera a si mesma que só queria ver os vestidos, mas, no fundo do seu coração, sabia a verdade.

Ela procurava o Sr. Bridgerton.

Não sabia bem o que faria se chegasse a vê-lo. Provavelmente se abaixaria para não ser vista. Ele devia saber que aquela era a casa dela, e com certeza teria a curiosidade de olhar para a fachada, mesmo que a presença de Lucy em Londres não fosse um fato amplamente conhecido.

Mas ele não tinha ido àquela festa, ou, se fora, sua carruagem o deixara bem na entrada.

Ou talvez ele não estivesse em Londres. Lucy não tinha como saber. Estava presa em casa com seu tio e sua tia idosa e um pouco surda Harriet, que fora chamada para lá por uma questão de decoro. Lucy saía de casa para ir à costureira e para alguns passeios no parque, mas, fora isso, passava o tempo inteiro sozinha com um tio que não falava e uma tia que não ouvia direito.

Então ela em geral não estava a par de fofocas. Sobre Gregory Bridgerton ou qualquer outra pessoa, aliás.

E, mesmo quando por acaso encontrava alguém que conhecia, ela não podia simplesmente

perguntar por ele. As pessoas iriam pensar que estava interessada, o que era verdade, só que ninguém jamais poderia saber disso.

Ela iria se casar com outra pessoa. Em uma semana. E, mesmo que não fosse, Gregory Bridgerton não tinha demonstrado nenhum sinal de querer tomar o lugar de Haselby.

Ele a havia beijado, isso era verdade, e parecia preocupado com o bem-estar dela, mas, se acreditava que um beijo implicava a necessidade de um pedido de casamento, não dera nenhuma indicação disso. Ele não sabia que o noivado dela com Haselby tinha sido formalizado, não quando a beijara, e não na manhã seguinte, quando se encontraram meio sem jeito na entrada da casa. Gregory devia ter imaginado que estava beijando uma jovem sem compromisso. Não se faz uma coisa dessas a menos que se esteja pronto e disposto para subir ao altar.

Mas não Gregory. Quando ela enfim lhe contara sobre o noivado, ele não parecera abalado. Nem mesmo ligeiramente angustiado. Não houvera nenhum apelo para que ela reconsiderasse, ou tentasse encontrar uma maneira de cancelar o compromisso. Tudo o que ela vira em seu rosto – e, ah, como ela tinha *procurado*... – fora... nada.

Seu rosto, seus olhos pareciam quase inexpressivos. Talvez um pouco surpresos, mas ela não vira nenhuma tristeza ou alívio. Nada que indicasse que o casamento iminente de Lucy significava alguma coisa para ele.

Ah, não, ela não achava que Gregory era um cafajeste, e tinha certeza de que ele teria se casado com ela se houvesse sido necessário. Mas ninguém os vira, e assim, no que dizia respeito ao restante do mundo, nada havia acontecido.

Não houvera consequências. Para nenhum deles.

Mas não teria sido bom se ele tivesse parecido pelo menos um pouco chateado? Gregory a beijara e a terra *tremera* – não era possível que ele não tivesse sentido. Então ele não deveria querer mais? Não deveria querer, se não casar com ela, pelo menos ter a chance de fazer isso?

Mas ele dissera “Faço votos de que seja feliz”, e isso soara tão definitivo... Enquanto estava lá, vendo seus baús sendo levados para a carruagem, Lucy sentira o coração se partir. Sentira *dor*. E, quando se afastara, a sensação só piorara, fazendo-a achar que ficaria sem ar. Ela, então, começara a caminhar o mais rápido que podia sem sair correndo, até que enfim dobrara uma esquina e desabara em um banco, enterrando o rosto desamparadamente nas mãos.

E rezara para que ninguém a visse.

Ela quisera olhar para trás. Quisera roubar um último olhar e guardar na memória a imagem de Gregory naquele momento – aquela maneira singular que ele tinha de ficar em pé, as mãos atrás das costas, as pernas ligeiramente afastadas. Lucy sabia que centenas de homens paravam daquela mesma forma, mas com ele era diferente. Gregory poderia estar virado para o outro lado, a centenas de metros de distância, e ela saberia que era ele.

Ele tinha um jeito próprio de caminhar também, tranquilo e descontraído, como se uma pequena parte do seu coração ainda tivesse 7 anos de idade. Era algo em seus ombros, nos quadris talvez – o tipo de coisa que quase ninguém notaria, mas Lucy sempre fora atenta aos detalhes.

Mas ela não olhara para trás. Só teria piorado tudo. Ele provavelmente não estaria olhando para ela, mas se estivesse... e a visse se virar...

Teria sido devastador. Ela não sabia bem por quê, mas teria sido. Não queria que ele visse seu rosto. Tinha conseguido manter-se tranquila durante a conversa, mas, quando virara para sair, ela sentira que mudara. Seus lábios se entreabriram, ela respirara fundo, e era como se tivesse se esvaziado.

Era horrível. E ela não queria que ele visse isso.

Além disso, Gregory não estava interessado. Ele só fizera questão de se desculpar pelo beijo. Lucy sabia que era o que ele tinha de fazer – a sociedade exigia isso (ou, se não isso, então uma rápida ida ao altar). Mas, ainda assim, doía. Lucy queria pensar que ele compartilhara, pelo menos um pouco, do que ela sentira. Não que alguma coisa pudesse resultar disso, mas com certeza a faria ter uma sensação melhor. Ou talvez pior.

E, no fim, não importava. Não importava o que o coração dela sentia ou deixava de sentir, porque ela não poderia fazer nada a respeito. Que sentido fazia ter sentimentos se eles não poderiam ser direcionados para um fim tangível? Lucy tinha de ser prática. E ela era assim. Era sua única constante em um mundo que estava girando rápido demais para seu gosto.

Mas, ainda assim, ali em Londres, ela queria vê-lo. Era tolo, estúpido e, quase sem dúvida, desaconselhável, mas ela queria assim mesmo. Ela não tinha nem que falar com ele. Na verdade, provavelmente não *deveria* falar com ele. Mas vê-lo de relance não faria mal a ninguém.

Só que, quando ela perguntara a tio Robert se poderia ir a uma festa, ele recusara, alegando que não fazia muito sentido perder tempo ou dinheiro com a temporada se ela já tinha alcançado o resultado esperado: um pedido de casamento.

Além disso, ele lhe informara que lorde Davenport gostaria que Lucy fosse apresentada à sociedade como Lady Haselby, e não como Lady Lucinda Abernathy. Lucy não sabia muito bem por que isso era importante, principalmente porque vários membros da sociedade já a conheciam como Lucinda Abernathy. Mas tio Robert indicara (à sua inimitável maneira, ou seja, sem dizer uma palavra) que a conversa havia acabado e já tinha voltado a atenção para os papéis em sua mesa.

Por um breve instante, Lucy permanecera no lugar. Se dissesse o nome dele, talvez ele levantasse os olhos. Ou talvez não. Mas, se fizesse isso, estaria impaciente, e ela se sentiria um estorvo, e, de qualquer forma, não receberia nenhuma resposta às suas perguntas.

Então, ela apenas acenou com a cabeça e saiu da sala. Embora só Deus soubesse por que se dava ao trabalho de cumprimentá-lo. Tio Robert nunca voltava a olhar para ela depois que a dispensava.

E agora ali estava, no jantar que ela mesma solicitara, desejando fervorosamente que nunca tivesse aberto a boca. Haselby era gentil, até mesmo bem agradável. Mas seu pai...

Lucy rezava para não ter de morar na casa dos Davenports. Por favor, *por favor*, Deus permita que Haselby tenha sua própria casa.

No País de Gales. Ou talvez na França.

Lorde Davenport, depois de reclamar do tempo, da Câmara dos Comuns e da ópera (que achava, respectivamente, chuvoso, cheia de idiotas mal-educados e, *por Deus, nem mesmo era em inglês!*), voltara seu olhar crítico para ela.

Lucy precisara de toda sua força para não recuar enquanto ele a atacava. O homem parecia um um peixe acima do peso, com os olhos saltados e os lábios grossos. Para ser sincera, Lucy não teria ficado surpresa se ele tivesse aberto a camisa e revelado brânquias e escamas.

E então... *ecaaa...* ela estremeceu só de lembrar. Ele se aproximara tanto, tanto, que Lucy sentira seu hálito quente e fedido no rosto. Ela ficara rígida, com a postura perfeita que havia aprendido desde criança. E ele lhe dissera para mostrar os dentes.

Tinha sido humilhante.

Lorde Davenport a inspecionara como se fosse uma égua reprodutora, chegando ao ponto de colocar as mãos em seus quadris para medi-los para um possível parto! Lucy engasgara e olhara desesperada para o tio, em busca de ajuda, mas ele continuara impassível, o olhar fixo em um local que não era o seu rosto.

E agora que tinham se sentado para comer... Santo Deus! Lorde Davenport decidira *interrogá-la*. Fizera todas as perguntas possíveis sobre sua saúde, cobrindo áreas que Lucy tinha quase certeza que não eram apropriadas para uma conversa entre homens e mulheres, e então, quando ela achou que o pior já tinha passado...

– Você sabe a tabuada?

Lucy piscou.

– Perdão?

– A tabuada – disse ele, impaciente. – De seis, de sete...

Por um instante, Lucy não conseguiu falar. Ele queria que ela fizesse *contas*?

– Bem...? – insistiu ele.

– É c-claro – gaguejou Lucy.

E olhou de novo para o tio, mas ele mantinha a expressão de determinado desinteresse.

– Mostre-me. – A boca de Davenport contraiu-se em uma linha firme entre as bochechas salientes. – Pode ser a de sete.

– Eu... hã...

Totalmente desesperada, ela ainda tentou chamar a atenção de tia Harriet, mas esta se mostrava alheia a tudo. Na verdade, não havia dito uma palavra desde que a noite começara.

– Pai – interrompeu Haselby –, com certeza o senhor...

– É tudo uma questão de criação – retrucou lorde Davenport, bruscamente. – O futuro da família está no ventre dela. Temos o direito de saber o que estamos recebendo.

Os lábios de Lucy se abriram com o choque. Então ela percebeu que tinha levado a mão ao abdômen e abaixou de imediato. Ficou olhando alternadamente para o pai e para o filho, sem saber direito se deveria falar.

– A última coisa que você quer é uma mulher que pense demais – dizia lorde Davenport –, mas ela deve ser capaz de fazer coisas simples como a multiplicação. Santo Deus, filho, pense nas implicações.

Lucy olhou para Haselby. Ele retribuiu o olhar como quem pede desculpas.

Ela engoliu em seco e fechou os olhos por um instante para reunir forças. Quando os abriu, lorde Davenport a encarava e começava a abrir a boca. Quando Lucy percebeu que ele ia falar de novo, pensou que não poderia suportar isso, então...

– Sete, catorze, vinte e um – disparou ela, interrompendo-o da melhor forma que pôde. – Vinte e oito, trinta e cinco, quarenta e dois...

Ela se perguntou o que ele faria se ela errasse. Será que cancelaria o casamento?

–... quarenta e nove, cinquenta e seis...

Era tentador. Tão tentador...

–... sessenta e três, setenta, setenta e sete...

Ela olhou para o tio. Ele estava comendo. E nem olhava para ela.

–... oitenta e dois, oitenta e nove...

– Hã, já basta – disse lorde Davenport, começando a falar no *oitenta e dois*.

A euforia rapidamente se esvaiu do peito de Lucy. Ela havia se rebelado – talvez pela primeira vez na vida – e ninguém tinha notado. Tinha esperado demais.

E se perguntou o que mais já deveria ter feito.

– Muito bem – disse Haselby, com um sorriso encorajador.

Lucy conseguiu retribuir com um sorriso discreto. Ele não era nada mau. Na verdade, se não fosse por Gregory, ela o consideraria bem razoável. O cabelo talvez fosse um pouco fino demais, e

ele também era meio magro demais, mas isso não era exatamente um motivo de reclamação. Sobretudo porque a personalidade dele – sem dúvida o aspecto mais importante de qualquer homem – era bastante agradável. Eles tinham conseguido conversar um pouco antes do jantar, enquanto lorde Davenport e o tio de Lucy discutiam sobre política, e ele fora encantador. Até fizera um comentário sarcástico sobre o pai e ainda revirara os olhos, fazendo Lucy rir.

Ela não devia mesmo reclamar.

E não estava reclamando. Não faria isso. Só queria outra coisa.

– Posso crer que se saiu bem na Escola da Srta. Moss? – perguntou lorde Davenport, com os olhos semicerrados de forma que sua indagação não soasse exatamente amigável.

– Sim, claro – respondeu Lucy, piscando, surpresa.

Tinha pensado que já não era mais o foco da conversa.

– Excelente instituição – comentou o conde, mastigando um pedaço de cordeiro assado. – Eles têm exata noção do que uma garota deve e não deve saber. A filha de Winslow estudou lá. A de Fordham também.

– Sim – murmurou Lucy, uma vez que uma resposta parecia esperada. – As duas são meninas muito gentis – mentiu.

Sybilla Winslow era uma tirana bastante desagradável que achava divertido beliscar as alunas mais jovens.

Mas, pela primeira vez naquela noite, lorde Davenport parecia satisfeito com ela.

– Você as conhece bem, então? – indagou.

– Hã, um pouco – falou Lucy, de forma evasiva. – Lady Joanna era um pouco mais velha, mas não é uma escola grande. Não há como *não* conhecer as outras alunas.

– Bom – comentou lorde Davenport, em aprovação, as bochechas sacudindo com o movimento.

Lucy tentou não olhar.

– Essas são as pessoas que você precisa conhecer – continuou ele. – Ligações que deve cultivar.

Lucy assentiu respeitosamente, fazendo ao mesmo tempo uma lista mental de onde preferiria estar. Paris, Veneza, Grécia... se bem que... esses lugares não estavam em guerra? Não importava. Ela ainda preferiria estar na Grécia.

–... responsabilidade com o nome... certos padrões de comportamento...

Será que era muito quente no Oriente? Ela sempre admirara os vasos chineses.

–... não vamos tolerar qualquer desvio...

Qual era o nome daquela parte terrível da cidade? St. Giles? Sim, ela também preferiria estar lá.

–... obrigações. Obrigações!

Ao dizer a última palavra, ele bateu com o punho na mesa, fazendo a prataria sacudir e Lucy dar um pulo no assento. Até mesmo tia Harriet levantou os olhos da comida.

Lucy logo voltou a prestar atenção e, como todos os olhos estavam voltados para ela, disse:

– Sim?

Lorde Davenport se inclinou de forma quase ameaçadora.

– Algum dia você será Lady Davenport. E terá obrigações. Muitas.

Lucy conseguiu esticar os lábios apenas o suficiente para simular uma resposta. Santo Deus, quando aquela noite iria acabar?

Lorde Davenport se inclinou ainda mais e, ainda que a mesa fosse grande e estivesse cheia de comida, Lucy instintivamente se afastou.

– Você não deve desprezar suas responsabilidades – continuou ele, o volume da voz aumentando

de maneira assustadora. – Está me entendendo, garota?

Lucy se perguntou o que aconteceria se levasse as mãos à cabeça e gritasse:

Deus do céu, ponha um fim a esta tortura!!!

Sim, pensou ela, isso provavelmente o faria desistir da ideia do casamento. Talvez ele a achasse insana e...

– É claro, lorde Davenport – ela se ouviu dizer.

Era uma covarde. Uma covarde desprezível.

E então, como se ele fosse uma espécie de brinquedo de corda que alguém tivesse acionado até o fim, recostou-se na cadeira, perfeitamente composto.

– Fico feliz em ouvir isso – falou, limpando o canto da boca com o guardanapo. – E tranquilo em ver que ainda ensinam deferência e respeito na Escola da Srta. Moss. Não me arrependo de ter decidido mandá-la para lá.

Lucy parou o garfo a meio caminho da boca.

– Não sabia que a decisão havia sido do senhor.

– Eu tinha de fazer alguma coisa – resmungou ele, olhando para Lucy como se ela fosse tonta. – Você não tinha uma mãe para se certificar de que você fosse devidamente instruída para o papel que irá desempenhar na vida. E há coisas que você precisa saber para ser uma condessa. Habilidades que deve ter.

– Claro – disse ela com deferência, concluindo que uma demonstração de absoluta humildade e obediência seria a maneira mais rápida de pôr um fim àquela tortura. – Hã, e muito obrigada.

– Por quê? – quis saber Haselby.

Lucy virou para o noivo. Ele parecia genuinamente curioso.

– Ora, por ter me enviado para a Escola da Srta. Moss – explicou ela, tomando o cuidado de se referir diretamente a Haselby.

Talvez, se não *olhasse* para lorde Davenport, ele esquecesse que ela estava lá.

– Então a senhorita gostou de lá? – perguntou Haselby.

– Sim, muito – respondeu ela, um tanto surpresa ao perceber como era *agradável* que lhe fizessem uma pergunta educada. – Foi ótimo. Fui muito feliz lá.

Haselby abriu a boca para falar, mas, para o horror de Lucy, a voz que ouviu foi a do pai dele.

– Não se trata do que faz alguém feliz! – rugiu lorde Davenport, enfurecido.

Lucy não conseguia tirar os olhos da boca ainda aberta de Haselby. Sinceramente, pensou ela, em um estranho momento de calma absoluta, isso foi quase assustador.

Haselby fechou a boca e virou para o pai com um sorriso tenso.

– Do que se trata, então? – perguntou ele, e Lucy ficou impressionada com a absoluta falta de desagrado em sua voz.

– Trata-se do que se aprende – respondeu o conde, batendo um dos punhos na mesa de uma maneira bastante inadequada. – E das amizades que se faz.

– Bem, com certeza eu aprendi a tabuada – disse Lucy com delicadeza, embora ninguém parecesse ouvi-la.

– Ela será uma condessa! – bradou Davenport. – Uma condessa!

Haselby encarou o pai com tranquilidade.

– Ela só será uma condessa quando o senhor morrer – murmurou.

Lucy ficou boquiaberta.

– Então, na verdade – continuou Haselby, levando casualmente um minúsculo pedaço de peixe à boca –, isso não importa muito para o senhor, não é?

Lucy virou em direção a lorde Davenport, os olhos muito arregalados.

O conde estava vermelho. Era uma cor horrível – sombria, forte e colérica, agravada pela veia que saltava em sua têmpora esquerda. Ele fuzilava Haselby com os olhos estreitos de raiva. Não havia ódio ali, nenhum desejo de fazer mal ou ferir, mas, embora não fizesse absolutamente nenhum sentido, Lucy poderia jurar que naquele momento Davenport odiava o filho.

E Haselby disse apenas:

– Como o tempo anda bom, não é mesmo?

E sorriu. Sorriu!

Lucy encarou-o, perplexa. Fazia dias que não parava de chover. Mas, mais importante que isso, será que ele não tinha percebido que seu pai estava a um comentário atrevido de distância de um ataque apoplético? Lorde Davenport parecia prestes a explodir, e Lucy tinha certeza de que podia ouvir seus dentes rangendo do outro lado da mesa.

E então, quando a sala praticamente pulsava de fúria, tio Robert entrou na conversa.

– Estou satisfeito por termos decidido realizar o casamento aqui em Londres – disse ele, a voz tranquila e objetiva. – Como você sabe – continuou ele, enquanto os outros recuperavam a compostura –, Fennsworth se casou em Abbey há apenas duas semanas, e, embora isso lembre a todos de nossa história ancestral já que, se não me engano, os últimos sete condes se casaram em casa, quase ninguém pôde comparecer.

Lucy suspeitava que isso tinha a ver tanto com a pressa com que o evento fora realizado quanto com o local, mas aquele não parecia o momento propício de abordar o assunto. E ela havia adorado o fato de ter sido uma cerimônia mais íntima. Richard e Hermione estavam muito felizes e todos os presentes tinham comparecido em nome do amor e da amizade. Tinha sido uma ocasião realmente alegre.

Até eles partirem no dia seguinte em viagem de lua de mel para Brighton. Lucy nunca se sentira tão infeliz e sozinha como quando acenara em despedida para eles na entrada de casa.

Os dois estariam de volta em breve, procurou se lembrar. Antes do casamento dela. Hermione seria sua única madrinha, e Richard a levaria ao altar.

Nesse meio-tempo, tinha tia Harriet como companhia. E lorde Davenport. E Haselby, que era ou totalmente brilhante ou completamente insano.

Uma risada – irônica, absurda e bastante inadequada – subiu pela sua garganta, escapando pelo nariz num bufar deselegante.

– Hã? – resmungou lorde Davenport.

– Não é nada – disse ela com rapidez, tossindo para disfarçar. – Engasguei com a comida. Uma espinha de peixe, é provável.

Foi quase engraçado. Teria sido engraçado, até, se ela estivesse lendo a cena em um livro. Teria de ser uma sátira, pensou, porque certamente não poderia ser um romance.

E ela não suportava pensar que poderia se tornar uma tragédia.

Lucy olhou ao redor da mesa para os três homens com poder de decisão sobre sua vida. Teria de tentar tirar o melhor disso. Não havia outra opção. Não fazia sentido continuar infeliz, por mais difícil que fosse ver as coisas pelo lado positivo. E, na verdade, poderia ter sido pior.

Então ela fez o que fazia melhor e tentou encarar aquilo tudo de um ponto de vista prático, catalogando mentalmente de que formas as coisas poderiam ser piores.

Mas, em vez disso, continuava pensando no rosto de Gregory Bridgerton – e de que formas tudo poderia ser melhor....

CAPÍTULO 14

No qual nosso herói e nossa heroína se reúnem e as aves de Londres ficam em êxtase.

Quando Gregory a viu, bem ali no Hyde Park, em seu primeiro dia de volta a Londres, seu primeiro pensamento foi...

Bem, é claro.

Parecia natural se deparar com Lucy Abernathy literalmente em sua primeira hora em Londres. Ele não sabia *por quê* – não havia nenhuma razão lógica para que seus caminhos se cruzassem. Mas ela não saía de seus pensamentos desde que cada qual seguira para um lado em Kent. E, embora achasse que Lucy ainda estava em Fennsworth, de alguma forma não lhe causava surpresa o fato de ela ser o primeiro rosto familiar que via em seu retorno após um mês no campo.

Ele tinha chegado à cidade na noite anterior, atipicamente cansado após uma longa viagem por estradas inundadas, e fora direto para a cama. Quando acordara – bem mais cedo do que o normal –, ainda estava tudo molhado lá fora em razão da chuva, mas o sol já saíra e brilhava no céu.

Na mesma hora, Gregory se vestira para sair. Ele adorava o cheiro fresco do ar logo após uma boa tempestade – mesmo em Londres. Não, *sobretudo* em Londres. Era o único momento em que a cidade tinha aquele odor – forte e límpido, quase como o aroma de folhas.

Gregory era proprietário de alguns quartos em um bonito prédio em Marylebone, e, embora seus aposentos tivessem poucos móveis, e estes fossem simples, gostava do lugar. Sentia-se em casa ali.

Em várias ocasiões, seu irmão e sua mãe o haviam convidado a morar com eles. Seus amigos o achavam louco de recusar – as duas residências eram consideravelmente mais luxuosas e, mais importante, tinham mais empregados do que seu humilde lar. Mas ele preferia sua independência.

Não era que se importasse que eles lhe dissessem o que fazer – todos sabiam que ele não iria ouvir e na maior parte das vezes encaravam isso de forma tranquila. Era a sensação de ser constantemente observado que Gregory não conseguia suportar. Mesmo que a mãe fingisse não interferir em sua vida, ele sabia que ela estava sempre vendo tudo o que fazia, acompanhando todos os seus compromissos sociais.

E *falando* sobre eles, além de observá-los. Violet Bridgerton podia, quando lhe dava vontade, conversar sobre senhoritas, cartões de dança e a interseção dos mesmos (no que dizia respeito a seu filho solteiro) com uma rapidez e facilidade capaz de deixar mesmo um homem já adulto zonzinho.

E muitas vezes deixava.

Havia esta senhorita, e aquela outra, e ele não podia se esquecer de dançar com as duas – duas vezes – no próximo evento, e, principalmente, nunca, de forma alguma, podia esquecer aquela *terceira* senhorita. Aquela junto à parede, estava vendo, ali sozinha? A tia dela, como devia se lembrar, era uma amiga íntima.

A mãe de Gregory tinha várias amigas íntimas.

Violet Bridgerton tinha conseguido que sete dos seus oito filhos se casassem e fossem felizes, e agora Gregory carregava sozinho o fardo de seu fervor casamenteiro. Ele a amava, é claro, e adorava ver que se importava tanto com seu bem-estar e sua felicidade, mas às vezes ela o fazia querer arrancar os cabelos.

E Anthony era pior. Ele nem precisava *dizer* nada. Sua simples presença costumava ser o

bastante para Gregory sentir que, de alguma forma, não estava fazendo jus ao nome da família. Era difícil construir seu caminho no mundo com o poderoso lorde Bridgerton de olho em tudo o que fazia. Até onde Gregory sabia, seu irmão mais velho nunca tinha cometido um erro na vida.

O que tornava os seus ainda mais evidentes.

Mas, por sorte, esse fora um problema relativamente fácil de resolver. Gregory simplesmente se mudara. Gastava boa parte da mesada para manter seu lar, que, embora fosse pequeno, valia cada centavo.

Até mesmo algo tão simples assim – como sair de casa sem ninguém perguntar por quê ou para onde (ou, no caso de sua mãe, *para a casa de quem*) – era ótimo. Encorajador. Era estranho como um simples passeio podia fazer alguém se sentir senhor de si mesmo, mas era verdade.

E então lá estava ela. Lucy Abernathy. No Hyde Park, quando era de esperar que ainda estivesse em Kent.

Encontrava-se sentada em um banco, jogando migalhas de pão para um bando de pássaros esqueléticos, e Gregory se lembrou daquele dia em que tinha esbarrado com ela atrás de Aubrey Hall. Ela também estava sentada em um banco e parecia bem desanimada. Pensando melhor agora, Gregory percebeu que o irmão dela provavelmente havia lhe contado que o noivado tinha sido formalizado.

E se perguntou por que ela não lhe dissera nada na hora.

Queria que ela tivesse dito alguma coisa.

Se soubesse que Lucy estava comprometida, nunca a teria beijado. Isso ia contra todos os códigos de conduta em que acreditava. Um cavalheiro não fazia algo do tipo com a noiva de outro homem. Isso simplesmente não era possível. Se ele soubesse a verdade, teria se afastado dela naquela noite, e teria...

Ficou paralisado. Não sabia o que teria feito. Como era possível ter reescrito aquela cena na cabeça tantas vezes e só agora percebido que nunca chegara ao ponto em que a afastava?

Se ele soubesse, teria feito Lucy seguir seu caminho logo naquele primeiro momento? Tivera de segurá-la nos braços para ajudá-la a se equilibrar, mas poderia tê-la virado em direção a seu destino quando a soltou. Não teria sido difícil, apenas um girar de pés. Teria terminado o que quer que fosse ali na hora, antes que existisse a chance de começar.

Mas em vez disso, ele sorria e perguntara o que ela estava fazendo ali, e então – *Deus do céu*, no que estava pensando – se ela bebia brandy.

Depois disso... bem, ele não sabia direito como havia acontecido, mas se lembrava de tudo. Cada detalhe. A maneira como ela olhava para ele, com a mão em seu braço. Lucy o segurava e, por um instante, quase parecera precisar dele. Gregory poderia ser sua rocha, seu porto seguro.

Ele nunca fora o porto seguro de ninguém.

Mas não tinha sido isso. Não a beijara por essa razão. Beijara-a porque...

Porque...

Mas que diabo, ele não sabia *por que* a beijara. Só sabia que houvera aquele momento estranho e inescrutável em que tudo ficara tão quieto... um silêncio incrível, mágico, hipnotizante, que pareceu se infiltrar nele e roubar seu fôlego.

A casa estava cheia, fervilhando de convidados, mas naquele momento o corredor era só dos dois. Lucy olhava para ele, procurando alguma coisa, e então... de alguma forma... de repente ela estava mais perto. Ele não se lembrava de ter se movido, ou abaixado a cabeça, mas o rosto dela estava a poucos centímetros de distância. E a próxima coisa de que se lembrava... Era de tê-la beijado.

Daquele momento em diante, era como ele tivesse simplesmente se perdido. Era como se não

soubesse mais falar, raciocinar ou pensar. Sua cabeça havia se tornado um estranho emaranhado pré-verbal. O mundo era cor e som, calor e sensação. Era como se sua mente tivesse sido absorvida pelo corpo.

E agora, quando se permitia pensar, ele se perguntava se poderia ter evitado aquilo. Se Lucy não tivesse dito *não*, se não tivesse colocado as mãos em seu peito e lhe dito para parar... Ele teria parado por conta própria?

Conseguiria parar?

Endireitou os ombros e aprumou o queixo. É claro que poderia. Ela era Lucy, pelo amor de Deus. Era maravilhosa de inúmeras formas, mas não fazia o tipo pelo qual os homens perdem a cabeça. Tinha sido uma anomalia temporária. Insanidade momentânea provocada por uma noite estranha e perturbadora.

Mesmo agora, sentada em um banco no Hyde Park, com um pequeno bando de pombos a seus pés, ela era a mesma boa e velha Lucy. Ainda não o vira, e era incrível ficar observando. Estava sozinha, a não ser por sua criada, que girava os polegares com as mãos entrelaçadas a dois bancos de distância. E sua boca se mexia.

Gregory sorriu. Lucy estava conversando com os pássaros. Provavelmente estava lhes dando algum tipo de orientação, talvez marcando uma data para jogar-lhes migalhas de novo outro dia. Ou dizendo-lhes para mastigar com os bicos fechados.

Ele riu. Não pôde se conter.

Ela se virou e o viu. Os olhos dela se arregalaram e lábios se entreabriram, e aquilo o atingiu em cheio no peito...

Era *bom* vê-la.

O que lhe causou bastante estranheza, dada a maneira como se despediram.

– Lady Lucinda – disse Gregory, aproximando-se. – Que surpresa. Não pensei que estivesse em Londres.

Por um momento, pareceu que ela não sabia como agir, então sorriu – talvez de forma um pouco mais hesitante do que de costume – e estendeu uma fatia de pão.

– Para os pombos? – murmurou ele. – Ou para mim?

O sorriso dela mudou, ficou mais familiar.

– Como o senhor preferir. Embora eu deva avisá-lo... está um pouco velho.

Os lábios dele se contraíram.

– Então a senhorita já experimentou?

E de repente parecia que nada daquilo tinha acontecido. O beijo, a conversa constrangedora na manhã seguinte... tudo isso se fora. Eles tinham voltado à sua amizade peculiar e estava tudo certo com o mundo.

A boca de Lucy se franziu, como se achasse que deveria repreendê-lo, e ele riu, porque era muito divertido provocá-la.

– É o meu segundo café da manhã – disse ela, com desfaçatez.

Gregory se sentou na extremidade oposta do banco e começou a despedaçar o pão. Quando tinha um punhado de bom tamanho, atirou-os todos de uma vez, em seguida aprumou-se para assistir ao frenesi de bicos e penas que se seguiu.

Já Lucy jogava suas migalhas metodicamente, uma após a outra, com precisos três segundos de intervalo, como ele pôde observar.

– Eles me abandonaram – comentou ela, franzindo a testa.

Gregory riu quando o último pombo pulou para o banquete Bridgerton. E atirou outro punhado.

– Sempre ofereço as melhores festas.

Ela virou e lhe lançou um olhar mordaz por cima do ombro.

– O senhor é insuportável.

Ele a encarou com um ar travesso.

– É uma das minhas melhores qualidades.

– De acordo com quem?

– Bem, minha mãe parece gostar muito de mim – disse ele modestamente.

Ela engasgou com o riso.

Gregory considerou aquilo uma vitória.

– Minha irmã... nem tanto.

Lucy ergueu uma das sobrancelhas.

– A que o senhor gosta de torturar?

– Eu não a torturo porque *gosto* – respondeu ele. – Faço isso porque é *necessário*.

– Para quem?

– Para toda a Grã-Bretanha. Confie em mim.

Lucy olhou para ele com ar de dúvida.

– Ela não pode ser tão ruim assim.

– Acho que não – disse ele. – Minha mãe parece gostar muito dela, por mais que isso me espante.

Lucy riu de novo e o som era... *bom*. Uma palavra nada específica, sem dúvida, mas que de alguma forma ia direto ao ponto. A risada dela vinha de dentro e era quente, rica e sincera.

Então ela o fitou e seus olhos pareceram bem sérios.

– O senhor gosta de provocar, mas aposto que daria a vida por ela.

Ele fingiu pensar a respeito.

– De quanto seria essa aposta?

– Que vergonha, Sr. Bridgerton. O senhor está fugindo do assunto.

– Claro que daria – disse ele em voz baixa. – Ela é minha irmã caçula. Minha para torturar e proteger.

– Ela não está casada agora?

Ele deu de ombros, olhando para o parque.

– Sim, creio que St. Clair possa cuidar dela agora, que Deus o ajude. – Ele a encarou, abrindo um sorriso torto. – Perdão.

Mas Lucy não se sentia tão superior assim para julgá-lo por ter proferido o nome do Senhor em vão. E, na verdade, ela o surpreendeu completamente ao dizer com convicção:

– Não há necessidade de se desculpar. Há momentos em que só o nome do Senhor pode transmitir com exatidão o tamanho do nosso desespero.

– Por que tenho a impressão de que a senhorita está falando em razão de alguma experiência recente?

– Ontem à noite – confirmou ela.

– É mesmo? – Ele se inclinou, muito interessado. – O que aconteceu?

Mas ela só balançou a cabeça.

– Não foi nada.

– Não se a *senhorita* usou o nome de Deus em vão...

Ela suspirou.

– Eu já lhe disse que o senhor é insuportável, não é mesmo?

– Uma vez hoje, e quase certamente várias outras antes.

Lucy fuzilou-o com os olhos, o azul-acinzentado se intensificando quando encontraram os dele.

– O senhor andou contando?

Gregory fez uma pausa. Era uma pergunta estranha, não porque ela havia feito – pelo amor de Deus, ele teria perguntado a mesma coisa se tivessem lhe provocado daquela forma. Era estranho porque ele tinha a sensação de que, se pensasse a respeito por algum tempo, poderia de fato saber a resposta.

Gostava de conversar com Lucy. E quando ela lhe dizia alguma coisa... Ele lembrava. O que era bastante peculiar.

– Andei pensando... – disse Gregory, uma vez que parecia um bom momento para mudar de assunto. – *Suportável* é uma palavra?

Ela ficou em silêncio por alguns instantes.

– Acredito que deva ser, não acha?

– Ninguém jamais disse isso na minha frente.

– E isso o surpreende?

Ele abriu lentamente um sorriso. De admiração.

– A senhorita é terrível, Lady Lucinda.

Ela arqueou as sobrancelhas e, naquele momento, pareceu diabólica.

– É um dos meus segredos mais bem guardados.

Gregory começou a rir.

– Não sou só uma intrometida.

Ele riu ainda mais. A risada retumbava no fundo de sua barriga, chegando a sacudir seu corpo.

Lucy o observava com um sorriso indulgente e, por alguma razão, ele achou isso tranquilizador. Ela parecia feliz. Serena, até.

E ele se sentia feliz por estar na companhia dela. Era muito agradável. Então ele virou. E sorriu.

– A senhorita tem outro pedaço de pão?

Ela lhe entregou três.

– Trouxe o pão inteiro.

Ele começou a despedaçá-los.

– Está tentando engordar os pássaros?

– Adoro torta de pombo – retrucou ela, voltando à sua distribuição avarenta de migalhas.

Gregory tinha quase certeza de que era sua imaginação, mas poderia jurar que os pássaros olhavam ansiosamente na direção dele.

– A senhorita vem sempre aqui? – perguntou.

Ela não respondeu de imediato. Em vez disso, inclinou a cabeça, quase como se tivesse de pensar sobre a resposta.

O que era estranho, uma vez que era uma pergunta bem simples.

– Eu gosto de alimentar os pássaros – disse ela. – É relaxante.

Ele atirou mais um punhado de pedaços de pão e abriu um sorriso.

– A senhorita acha?

Lucy estreitou os olhos e jogou a próxima migalha com um movimento preciso, e quase militar, do pulso. E a seguinte da mesma forma. Então virou para ele com os lábios franzidos.

– É, se a pessoa não estiver tentando incitar uma revolta.

– Está falando de mim? – rebateu ele, com ar de inocência. – A senhorita é quem está forçando os pássaros a lutarem até a morte por uma patética migalha de pão dormido.

– É um belo pedaço de pão, muito bem-feito e extremamente saboroso, fique o senhor sabendo.

– Em matéria de comida – disse ele com exagerada graciosidade –, sempre acatarei o que a senhorita decidir.

Lucy encarou-o com ar mordaz.

– A maioria das mulheres não acharia isso um elogio.

– Ah, mas a senhorita não é uma delas. E... – acrescentou ele – eu já a vi tomar café da manhã.

Ela abriu a boca, mas, antes que pudesse expressar sua indignação, ele a interrompeu:

– Isso foi um elogio, aliás.

Lucy balançou a cabeça. Ele realmente era insuportável. E ela estava *tão* grata por isso. Assim que o vira, ali parado observando-a alimentar os pássaros, sentira um aperto no estômago, ficara apreensiva, sem saber o que dizer ou como agir.

Mas então ele se aproximara e fora tão... *ele mesmo*. Gregory logo a deixara à vontade, o que, dadas as circunstâncias, era muito surpreendente.

Afinal, ela estava apaixonada por ele.

Ele dera aquele seu sorriso indolente e familiar e fizera alguma piada sobre os pombos, e, antes que percebesse, ela estava sorrindo também. E se sentindo à vontade, o que era muito reconfortante.

Não se sentia assim havia semanas.

E então, no espírito de tirar o melhor proveito das coisas, Lucy decidira não se concentrar em sua afeição inapropriada por ele e, em vez disso, ficar grata por poder estar junto em sua companhia sem se transformar em uma tola atrapalhada que só fazia gaguejar.

Aparentemente ainda *havia* alguns pequenos prazeres no mundo.

– Faz muito tempo que o senhor voltou a Londres? – indagou ela, bastante determinada a manter uma conversa agradável.

Ele pareceu surpreso. Claramente não esperava aquela pergunta.

– Não. Só cheguei ontem à noite.

– Entendo.

Lucy parou para pensar sobre isso. Era estranho, mas não tinha nem considerado a hipótese de que ele pudesse não estar na cidade. Mas isso explicava... Bem, ela não sabia direito o que explicava. O fato de não o ter visto em nenhum momento? De qualquer forma, ela não ia a nenhum outro lugar que não fosse sua casa, o parque e a costureira.

– Estava em Aubrey Hall, então?

– Não, fui embora pouco depois de você e decidi visitar o meu irmão. Ele mora com a esposa e os filhos em Wiltshire, alegremente longe de tudo o que é civilizado.

– Wiltshire não é assim tão longe.

Ele deu de ombros.

– Na metade do tempo eles nem sequer recebem o *Times*. E dizem não estar interessados.

– Que estranho...

Lucy não conhecia ninguém que não recebesse o jornal, mesmo nos condados mais distantes.

Ele assentiu.

– Mas achei isso bastante revigorante dessa vez. Não faço ideia do que ninguém anda fazendo e não estou me importando nem um pouco com isso.

– O senhor normalmente é tão fofoqueiro?

Gregory olhou para ela meio de lado.

– Os homens não fofocam. Nós conversamos.

– Entendo – disse ela. – Isso explica muita coisa.

Ele riu.

– A *senhorita* está há muito tempo na cidade? Achei que também estivesse no campo.

– Duas semanas – respondeu ela. – Chegamos logo depois do casamento.

– *Nós*? Então o seu irmão e a Srta. Watson estão aqui?

Ela odiava estar procurando pela ansiedade na voz dele, mas achava que não havia como evitar.

– Ela é Lady Fennsworth agora, e não, eles estão em viagem de lua de mel. Estou aqui com o meu tio.

– Para a temporada?

– Para o meu casamento.

Isso interrompeu o fluxo fácil da conversa.

Ela pegou outra fatia de pão.

– Será daqui a uma semana.

Gregory olhou para ela em estado de choque.

– Tão rápido?

– Tio Robert diz que não há razão para esperar.

– Entendo.

E talvez entendesse. Talvez houvesse algum tipo de etiqueta para tudo o que Lucy, sendo a garota do campo que era, não aprendera. Talvez não houvesse *mesmo* nenhuma razão para adiar o inevitável. Talvez tudo fosse parte daquela filosofia de tirar o melhor das coisas que vinha procurando tão diligentemente adotar.

– Bem – disse Gregory.

Então piscou algumas vezes e Lucy percebeu que ele não sabia o que falar.

Era uma reação bastante incomum, que ela achou gratificante. Era um pouco como Hermione não saber dançar. Se Gregory Bridgerton não conseguia encontrar as palavras, então havia esperança para o resto da humanidade.

Finalmente, ele disse:

– Meus parabéns.

– Obrigada.

Lucy se perguntou se ele havia recebido um convite. Tio Robert e lorde Davenport estavam determinados a realizar a cerimônia diante de absolutamente todo mundo. Segundo eles, seria sua grande apresentação à sociedade, e queriam que a alta sociedade em peso soubesse que ela era a esposa de Haselby.

– Será na igreja St. George – acrescentou ela, sem nenhuma razão.

– Aqui em Londres? – Ele parecia surpreso. – Achei que se casaria em Fennsworth Abbey.

Era engraçado, pensou Lucy, o fato de *não* ser doloroso discutir seu casamento iminente com ele. Sentia-se entorpecida, na verdade.

– Foi o que meu tio decidiu – explicou, pegando outra fatia de pão.

– Seu tio continua a ser o chefe da família? – perguntou Gregory, olhando para ela com uma leve curiosidade. – Seu irmão é o conde. Ele não chegou à maioridade?

Lucy jogou a fatia inteira no chão, depois observou com mórbido interesse os pombos enlouquecerem.

– Chegou – respondeu ela. – Ano passado. Mas deixou meu tio cuidar dos negócios da família enquanto fazia sua pós-graduação em Cambridge. Espero que assumo seu lugar em breve, agora que está... – Ela abriu um sorriso como quem se desculpa – casado.

– Não se preocupe em ferir meus sentimentos – tranquilizou-a Gregory. – Já estou recuperado.

– É mesmo?

Ele ergueu ligeiramente um dos ombros.

– Para ser sincero, acho que dei sorte.

Ela pegou outra fatia de pão, mas seus dedos ficaram paralisados antes de tirar um pedaço.

– Acha? – perguntou Lucy, virando-se para ele com interesse. – Como isso é possível?

Ele piscou, surpreso.

– A senhorita é bem direta, não é?

Ela corou. Pôde sentir isso de forma horrível em suas bochechas, que arderam.

– Sinto muito – falou. – Foi muito rude de minha parte. É só que o senhor estava tão...

– Não precisa dizer mais nada – interrompeu Gregory, e então ela se sentiu ainda pior, porque estava prestes a descrever, provavelmente com detalhes meticulosos, como ele tinha ficado caído de amores por Hermione.

O que, se ela estivesse em seu lugar, não gostaria que fosse lembrado.

– Sinto muito – repetiu Lucy.

Ele se virou e a encarou com uma curiosidade contemplativa.

– A senhorita diz isso com bastante frequência.

– “Sinto muito”?

– Sim.

– Eu... eu não sei. – Sentiu seus dentes rangerem e ficou muito tensa. Desconfortável. Por que ele tinha de reparar em algo do tipo? – É o meu jeito – falou, com firmeza.

Ele assentiu. E isso a fez se sentir ainda pior.

– É quem eu sou – acrescentou Lucy defensivamente, mesmo que ele já tivesse concordado com ela. – Eu tento resolver as coisas, acalmar os ânimos, corrigir situações.

Ao terminar de falar, ela atirou o último pedaço de pão no chão.

Gregory arqueou as sobrancelhas e os dois viraram ao mesmo tempo para observar o caos que se seguiu.

– Muito bem – murmurou ele.

– Eu tiro o melhor das coisas – disse ela. – Sempre.

– É uma característica louvável – falou ele em voz baixa.

E isso, de alguma forma, a deixou irritada. Verdadeiramente irritada. Não queria ser elogiada por saber se contentar com o que não era o melhor. Era irrelevante e *não* a coisa principal na vida.

– E quanto ao senhor? – perguntou ela, a voz ficando estridente. – Acha que tira o melhor das coisas? É por isso que se diz recuperado? Não era o senhor que ficava todo enlevado só de pensar no amor? Não tinha dito que o amor era *tudo*, que não lhe deixava escolha? Que...

Lucy parou, horrorizada com seu tom. Gregory a encarava como se ela tivesse enlouquecido, e talvez tivesse mesmo.

– O senhor disse muitas coisas – murmurou ela, esperando que isso pudesse encerrar a conversa.

Precisava encerrá-la. Já estava ali no banco pelo menos quinze minutos antes de Gregory chegar, e o clima estava úmido e ventoso, e sua criada não usava uma roupa quente o suficiente, e, se pensasse bem, provavelmente se lembraria de uma centena de coisas que precisava fazer em casa.

Ou, pelo menos, de um livro que poderia ler.

– Sinto muito se aborreci a senhorita – disse Gregory, com toda a calma.

Ela não conseguia olhar para ele.

– Mas não menti quando disse aquelas coisas – acrescentou ele. – Sinceramente, não penso mais

na Srta... me desculpe, em Lady Fennsworth... com frequência, exceto, talvez, para concluir que, no fim das contas, não combinaríamos mesmo.

Ela virou para Gregory e percebeu que queria acreditar nele. Queria muito.

Porque, se ele conseguira esquecer Hermione, talvez ela pudesse esquecê-lo.

– Não sei como explicar isso – disse Gregory, e balançou a cabeça, como se estivesse tão confuso quanto ela. – Mas se algum dia a senhorita se apaixonar perdida e inexplicavelmente...

Lucy congelou. *Ele não ia falar aquilo.*

Gregory deu de ombros.

– Bem, eu não confiaria nisso.

Santo Deus. As exatas palavras de Hermione.

Ela tentou se lembrar do que respondera à amiga. Porque tinha de falar algo, ou ele notaria o silêncio e então se viraria e a veria nervosa daquele jeito. E iria começar a fazer perguntas, e ela não saberia as respostas, e...

– Não é provável que aconteça comigo – disse Lucy, sem conseguir conter as palavras.

Gregory virou, mas ela manteve o rosto rigidamente virado para a frente. E desejou com todas as forças que não tivesse jogado todo o pão. Seria muito mais fácil evitar olhar para ele se pudesse fingir estar concentrada em outra coisa.

– A senhorita não acredita que vai se apaixonar? – perguntou ele.

– Bem, talvez – disse ela, tentando parecer alegre e superior. – Mas não *assim*.

– *Assim?*

Ela respirou fundo, odiando que ele a forçasse a explicar.

– Dessa maneira desesperada que você e Hermione agora renegam – respondeu ela. – Não faço o tipo, o senhor não acha?

Lucy mordeu o lábio, então enfim se permitiu virar na direção dele. Porque... e se ele pudesse ver que ela estava mentindo? E se percebesse que já estava apaixonada... por ele? Lucy ficaria extremamente envergonhada, mas não seria melhor *saber* que ele sabia? Pelo menos, assim, não ficaria na dúvida.

A ignorância não era uma bênção. Não para alguém como ela.

– De qualquer maneira, não vem ao caso – continuou ela, porque não podia suportar o silêncio.

– Vou me casar com lorde Haselby daqui a uma semana, e *nunca* trairia os meus votos. Eu...

– *Haselby?* – Gregory virou o tronco inteiro para encará-la. – Vai se casar com *Haselby*?

– Vou – respondeu ela, piscando furiosamente. Que tipo de reação era *aquela*? – Pensei que o senhor soubesse.

– Não. Eu não...

Gregory parecia chocado. Estupefato. Deus do céu.

Ele balançou a cabeça.

– Não consigo imaginar por que eu não sabia.

– Não era um segredo.

– *Não* – disse ele vigorosamente. – Quero dizer, não. Não, é claro que não. Não quis dizer isso.

– O senhor não tem lorde Haselby em boa conta? – perguntou ela, escolhendo as palavras com muito cuidado.

– Não é isso – respondeu Gregory, balançando a cabeça de leve, como se não se desse conta do gesto. – Não. Eu o conheço há vários anos. Estudamos juntos no colégio. E na faculdade.

– Os dois são da mesma idade, então? – perguntou Lucy, e ocorreu-lhe que algo estava errado se ela não sabia a idade de seu noivo.

Por outro lado, ela também não sabia direito a idade de Gregory.

Ele assentiu.

– Ele é muito... afável. Vai tratá-la bem. – Gregory pigarreou. – Com delicadeza...

– Delicadeza? – repetiu ela.

Parecia uma escolha estranha de palavra.

O olhar dos dois se encontrou e foi só nesse momento que Lucy percebeu que ele não tinha olhado diretamente para ela desde que lhe dissera o nome de seu noivo. Mas Gregory não falou nada. Em vez disso, só a encarou com tanta intensidade que os olhos dele pareceram mudar de cor. Eram castanho-esverdeados, depois ficaram verdes com tons de castanho, e então tudo ficou meio turvo.

– O que foi? – sussurrou ela.

– Nada importante – disse Gregory, mas já não parecia o mesmo. – Eu... – E então ele virou, quebrando o encanto. – Minha irmã – falou, limpando a garganta. – Minha irmã vai oferecer uma *soirée* amanhã à noite. Gostaria de ir?

– Ah, sim, seria ótimo – respondeu Lucy, embora soubesse que não deveria.

Mas já fazia tanto tempo que não participava de nenhuma interação social, e não poderia passar mais tempo nenhum na companhia de Gregory quando estivesse casada... Não deveria se torturar agora, ansiando por algo que não poderia ter, mas não conseguia evitar.

Colha seus botões de rosa enquanto podes. *Agora*. Porque, se não agora, quando mais...

– Ah, mas eu não posso – disse ela, a decepção transformando sua voz quase em um gemido.

– Por que não?

– É o meu tio – respondeu Lucy, suspirando. – E lorde Davenport... pai de Haselby.

– Eu sei quem ele é.

– Claro. Sinto mui... – Ela parou. Não ia dizer. – Eles não querem que eu debute ainda.

– Perdão, por quê?

Lucy deu de ombros.

– Não há razão para ser apresentada à sociedade como Lady Lucinda Abernathy quando me tornarei Lady Haselby em uma semana.

– Isso é ridículo.

– É o que eles dizem. – Ela franziu a testa. – E acho que também não querem arcar com a despesa.

– A senhorita vai à festa amanhã à noite – disse Gregory com firmeza. – Vou cuidar disso.

– O senhor? – perguntou Lucy, duvidando.

– Não *eu* – respondeu ele, como se ela tivesse enlouquecido. – Minha mãe. Confie em mim. Quando se trata de assuntos de etiqueta social, ela pode conseguir qualquer coisa. Já tem uma acompanhante?

Lucy assentiu.

– Minha tia Harriet. Ela é um pouco frágil, mas tenho certeza de que poderia ir a uma festa se meu tio deixasse.

– Ele vai deixar – garantiu Gregory, confiante. – Minha irmã em questão é a mais velha. Daphne. – Em seguida, esclareceu: – Sua graça, a duquesa de Hastings. Seu tio não diria não a uma duquesa, não é?

– Acho que não – falou Lucy, lentamente.

Não conseguia pensar em ninguém que diria não a uma duquesa.

– Então está resolvido – disse Gregory. – A senhorita deve ter notícias de Daphne hoje à tarde.

Ele se levantou, oferecendo a mão para ajudá-la.

Lucy engoliu em seco. Seria um pouco melancólico tocá-lo, mas deu a mão a ele. Parecia quente e confortável. E segura.

– Obrigada – murmurou, antes de recolher a mão.

Então acenou para a empregada, que começou a andar até ela.

– Até amanhã – disse ele, curvando-se de maneira quase formal ao se despedir.

– Até amanhã – repetiu Lucy, perguntando-se se era verdade.

Nunca soubera de seu tio ter mudado de ideia antes. Mas talvez...

Era possível.

Com um pouco de esperança.

CAPÍTULO 15

No qual nosso herói descobre que não é, e provavelmente nunca será, tão sábio quanto sua mãe.

Uma hora mais tarde, Gregory estava esperando na sala de estar do número 5 da Bruton Street, a casa de sua mãe em Londres desde que ela insistira em deixar a Casa Bridgerton, quando Anthony se casara. Ali tinha sido o lar de Gregory também, até ele encontrar sua própria residência, anos antes. Lady Bridgerton morava lá sozinha desde que a irmã mais nova dele tinha se casado. Gregory fazia questão de visitá-la pelo menos duas vezes por semana, quando estava em Londres, mas nunca deixava de se surpreender com o silêncio que imperava ali agora.

– Querido! – exclamou a mãe, entrando na sala com um sorriso largo. – Achei que só fosse vê-lo hoje à noite. Como foi a viagem? E me conte tudo sobre Benedict, Sophie e as crianças. É um crime eu ver tão pouco os meus netos.

Gregory sorriu de maneira indulgente. Sua mãe visitara Wiltshire no mês anterior, e fazia isso várias vezes por ano. Então ele obedientemente lhe deu notícias dos quatro filhos de Benedict, com ênfase maior ao contar sobre a pequena Violet, batizada em homenagem à avó. Quando por fim ela esgotou seu estoque de perguntas, Gregory disse:

– Na verdade, mãe, eu tenho um favor a lhe pedir.

A postura de Violet era sempre ereta, mas ainda assim ela pareceu se aprumar um pouco.

– Tem? Do que você precisa?

Ele lhe contou sobre Lucy, encurtando a história o máximo possível, para que ela não chegasse a conclusões inadequadas sobre o interesse dele por ela.

Sua mãe tendia a ver qualquer moça solteira como uma noiva em potencial. Mesmo aquelas com um casamento marcado para o final da semana.

– É claro que vou ajudá-lo – disse ela. – Isso vai ser fácil.

– O tio dela está determinado a mantê-la isolada – lembrou Gregory.

Ela dispensou a advertência.

– Coisa fácil, meu filho querido. Deixe isso comigo. Vou cuidar de tudo num piscar de olhos.

Gregory decidiu não insistir no assunto. Se sua mãe garantia que alguém iria a um baile, acreditava nela. Continuar perguntando só a levaria a acreditar que ele tinha um motivo oculto. E não tinha.

Apenas gostava de Lucy. E a considerava uma amiga. Então queria que ela tivesse um pouco de diversão.

Era admirável, na verdade.

– Pedirei à sua irmã para mandar um convite com um bilhete – ponderou Violet. – E talvez eu fale diretamente com o tio dela. Posso mentir e dizer que a conheci no parque.

– Mentir? – Gregory contraiu os lábios. – A senhora?

Violet abriu um sorriso diabólico.

– Não importa se ele não acreditar em mim. É uma das vantagens da idade avançada. Ninguém se atreve a contrariar uma velha ranheta como eu.

Gregory ergueu as sobrancelhas, recusando-se a morder a isca. Violet Bridgerton podia ter oito

filhos adultos, mas, com sua pele clara e sem rugas e o sorriso sempre no rosto, ela não parecia de forma alguma uma velha. Na verdade, Gregory sempre se perguntava por que ela não se casara novamente. Não fora por falta de arrojados viúvos querendo levá-la para jantar ou tirá-la para dançar. Gregory suspeitava que nenhum deles perderia a oportunidade de se casar com sua mãe, se ela demonstrasse algum interesse.

Mas ela não demonstrava, e Gregory tinha de admitir que ficava feliz por isso. Apesar da intromissão da mãe, havia algo muito reconfortante em sua sincera devoção aos filhos e netos.

O pai dele tinha morrido havia mais de vinte anos. Gregory não tinha a menor lembrança dele. Mas sua mãe falava muito a respeito do falecido marido e, sempre que fazia isso, sua voz mudava. Os olhos dela se suavizavam e os cantos dos lábios se mexiam de uma forma só um pouco diferente, o suficiente para Gregory ver as lembranças em seu rosto.

Era nesses momentos que ele entendia por que a mãe era tão inflexível em sua regra de que os filhos deviam escolher seus cônjuges por amor.

Gregory sempre planejava obedecê-la nesse quesito em particular. Era irônico, na verdade, dada a história com a Srta. Watson.

Naquele instante, uma criada chegou com uma bandeja de chá, que colocou na mesa baixa entre eles.

– Cook fez seus biscoitos favoritos – disse Violet, entregando-lhe uma xícara preparada exatamente como ele gostava: sem açúcar, com um pouco de leite.

– A senhora estava esperando minha visita? – perguntou ele.

– Não esta tarde – disse Violet, tomando um gole do chá. – Mas eu sabia que não demoraria a aparecer. Uma hora, você precisaria de sustância.

Gregory abriu um sorriso torto. Era verdade. Como muitos homens de sua idade e posição, ele não tinha espaço em sua residência para uma cozinha adequada. Comia em festas, em seu clube, e, é claro, na casa da mãe e dos irmãos.

– Obrigado – murmurou, aceitando o prato em que a mãe empilhara seis biscoitos.

Violet olhou para a bandeja de chá por um instante, a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, em seguida colocou dois biscoitinhos no próprio prato.

– Estou muito comovida que você tenha vindo pedir minha ajuda com Lady Lucinda.

– Está? – disse ele, curioso. – Quem mais eu poderia procurar para resolver um problema desses?

Ela deu uma delicada mordida em seu biscoito.

– Sim, sou a escolha mais óbvia, é claro, mas você deve perceber que é raro procurar a família quando precisa de alguma coisa.

Gregory ficou imóvel, em seguida virou-se bem devagar na direção dela. Os olhos de sua mãe – tão azuis e tão perturbadoramente observadores – estavam fixos em seu rosto. O que ela teria querido dizer com isso? Ninguém podia amar a família mais do que ele.

– Isso não pode ser verdade – disse, por fim.

Mas sua mãe apenas sorriu.

– Você acha que não?

Ele cerrou a mandíbula.

– Acho *mesmo* que não.

– Ah, não se ofenda – retrucou ela, estendendo a mão até o outro lado da mesa para dar um tapinha em seu braço. – Não quero dizer que você não nos ama. Mas prefere resolver as coisas sozinho.

– Coisas como...?

– Ah, encontrar uma esposa...

Ele a interrompeu na hora:

– Está tentando me dizer que Anthony, Benedict e Colin aceitaram sua interferência de bom grado quando procuravam uma esposa?

– Não, claro que não. Nenhum homem faz isso. Mas... – Ela agitou rapidamente uma das mãos no ar, como se pudesse apagar a frase. – Perdoe-me. Não foi um bom exemplo.

Violet deixou escapar um pequeno suspiro enquanto olhava para fora da janela e Gregory percebeu que ela iria deixar o assunto para lá. Para sua surpresa, no entanto, ele não iria.

– O que há de errado em preferir resolver as coisas sozinho? – perguntou.

Ela virou para ele como se não tivesse acabado de abordar um assunto potencialmente desconfortável.

– Ora, nada. Estou muito orgulhosa de ter criado filhos independentes. Afinal, três de vocês devem achar o seu próprio caminho. – Ela parou para pensar, então acrescentou: – Com a ajuda de Anthony, é claro. Eu ficaria muito decepcionada se ele não cuidasse do resto de vocês.

– Anthony é muitíssimo generoso – disse Gregory, calmamente.

– Ele é, não é? – falou Violet, sorrindo. – Com seu dinheiro *e* seu tempo. Se parece com o seu pai nisso. – Ela o fitou com o olhar melancólico. – Sinto muito que você não o tenha conhecido.

– Anthony foi um bom pai para mim – retrucou Gregory, porque sabia que isso a deixaria feliz, mas também porque era verdade.

Sua mãe franziu os lábios e, por um instante, Gregory achou que ela fosse chorar. Ele imediatamente pegou seu lenço e o estendeu para ela.

– Não, não é necessário – disse Violet, mas pegou assim mesmo e enxugou os olhos. – Estou bem. Apenas um pouco... – Ela engoliu em seco, depois sorriu. Mas seus olhos ainda brilhavam. – Um dia você vai entender, quando tiver seus filhos, como foi bom ouvir isso.

Ela pousou o lenço e pegou a xícara de chá. Então bebeu, pensativa, deixando escapar um pequeno suspiro de contentamento.

Gregory sorriu para si mesmo. Sua mãe adorava chá. Ia muito além da habitual devoção britânica. Ela dizia que a ajudava a pensar, o que Gregory em geral acharia algo bom, só que, muitas vezes, *ele* era o assunto de seus pensamentos, e depois de sua terceira xícara ela normalmente já tinha concebido um plano bastante minucioso para casá-lo com a filha de qualquer amiga que tivesse visitado nos últimos dias.

Mas dessa vez, pelo jeito, sua mente não estava no casamento. Violet pousou a xícara e, justo quando Gregory pensou que estivesse pronta para mudar de assunto, ela disse:

– Mas ele não é o seu pai.

Ele parou, a xícara a meio caminho da boca.

– Perdão.

– Anthony. Ele não é o seu pai.

– Sim? – disse ele lentamente, porque o que mais poderia dizer?

– Ele é seu irmão – continuou ela. – Como são Benedict e Colin, e quando você era pequeno... ah, você queria participar de tudo o que eles faziam.

Gregory ficou muito quieto.

– Mas é claro que eles nunca queriam levá-lo junto. E quem poderia culpá-los?

– Quem, não é mesmo? – murmurou ele, contido.

– Ah, não se ofenda, Gregory – disse Violet, voltando-se para ele com uma expressão que era

um pouco pesarosa e um pouco impaciente. – Eles foram irmãos maravilhosos, e, para ser sincera, muito pacientes na maioria das vezes.

– Na maioria das vezes?

– Algumas vezes – corrigiu ela. – Mas você era tão mais novo do que eles... Simplesmente não havia muita coisa que pudessem fazer juntos. E então, quando você cresceu, bem...

Ela parou de falar e suspirou. Gregory se curvou para a frente.

– Bem...? – insistiu.

– Ah, não é nada.

– Mãe.

– Muito bem – disse Violet, e Gregory notou na mesma hora que ela sabia *exatamente* o que estava dizendo, e que quaisquer suspiros e hesitações tinham a única intenção de causar impacto. – Acho que você pensa que tem algo a provar a eles.

Gregory a encarou, surpreso.

– E não tenho?

Os lábios de sua mãe se abriram, mas ela não emitiu nenhum som por alguns segundos.

– Não – respondeu, enfim. – Por que você pensaria isso?

Que pergunta tola. Porque... Porque...

– Não é o tipo de coisa que se coloca em palavras com facilidade – murmurou ele.

– É mesmo? – Ela tomou um gole de chá. – Devo dizer que essa não é a reação que eu esperava.

Gregory sentiu-se cerrar a mandíbula.

– E o que precisamente a senhora esperava?

– O que eu esperava? – Ela olhou para ele com um ar bem-humorado que o irritou completamente. – Não tenho certeza se posso ser precisa, mas acho que eu esperava que você fosse negar isso.

– Só porque eu não gostaria que fosse assim não faz com que não seja verdade – retrucou ele, dando de ombros.

– Seus irmãos o respeitam – observou Violet.

– Eu não disse que não respeitam.

– Eles reconhecem que você é dono do próprio nariz.

Isso, pensou Gregory, não era exatamente verdade.

– Não é um sinal de fraqueza pedir ajuda – continuou Violet.

– Nunca achei que fosse. Inclusive não vim aqui atrás do seu auxílio?

– Com um assunto que só poderia ser tratado por uma mulher – retrucou ela, com ar de desdém.

– Você não tinha escolha a não ser me procurar.

Era verdade, então Gregory não fez nenhum comentário.

– Você está acostumado a ter as coisas de mão beijada – disse ela.

– Mãe.

– Hyacinth é assim também – acrescentou ela, rápido. – Acho que deve ser um sintoma de serem os mais novos. E, sinceramente, não quis dizer que nenhum de vocês dois é preguiçoso, ou mimado, ou mesquinho.

– O que quis dizer, então? – perguntou ele.

Ela levantou os olhos com um sorriso travesso.

– Precisamente?

Ele sentiu um pouco da tensão ir embora.

– Precisamente – falou, com um aceno de cabeça para mostrar que havia entendido seu jogo de

palavras.

– Só quis dizer que você nunca precisou batalhar de verdade por nada. Você tem muita sorte nesse sentido. Coisas boas parecem simplesmente acontecer com você.

– E, como minha mãe, a senhora está incomodada com isso porque...?

– Ah, Gregory... Não estou nem um pouco incomodada. Desejo-lhe apenas coisas boas. Você sabe disso.

Ele não sabia bem qual seria a resposta adequada, então ficou em silêncio, apenas erguendo as sobrancelhas de maneira indagadora.

– Eu fiz uma confusão enorme com isso, não é? – perguntou Violet, franzindo a testa. – Só estou tentando dizer que você nunca teve de se esforçar muito para alcançar seus objetivos. Se isso é um resultado de suas habilidades ou de seus objetivos, eu não tenho certeza.

Gregory não falou nada. Seus olhos encontraram um local particularmente intrincado no padrão do tecido que cobria as paredes e ele ficou hipnotizado, incapaz de se concentrar em qualquer outra coisa enquanto sua mente fervilhava. E ansiava.

E então, antes mesmo que percebesse no que estava pensando, perguntou:

– O que isso tem a ver com meus irmãos?

Ela piscou, sem compreender, e depois enfim murmurou:

– Ah, você quer dizer com sua sensação de ter sempre algo a provar?

Ele assentiu.

Violet franziu os lábios, pensativa, e em seguida disse:

– Não tenho certeza.

Gregory abriu a boca. Essa não era a resposta que esperava.

– Não sei tudo – disse ela, e Gregory suspeitava que era a primeira vez que aquelas palavras saíam de seus lábios. – Eu acho – continuou, lenta e cuidadosamente – que você... Bem, é uma combinação estranha, eu preciso pensar. Ou talvez não tão estranha, quando se tem tantos irmãos mais velhos.

Gregory esperou que ela formulasse melhor os pensamentos. A sala estava silenciosa, o ar, tranquilo, e ainda assim parecia que havia algo caindo sobre ele, pressionando-o de todos os lados.

Ele não tinha certeza sobre o que a mãe ia dizer, mas de alguma forma sabia... que era importante.

Talvez mais do que qualquer outra coisa que já tivesse ouvido.

– Você não gosta de pedir ajuda porque é importante para você que seus irmãos o vejam como um homem crescido – falou Violet. – E, no entanto, ao mesmo tempo... Bem, as coisas vêm para você com facilidade, por isso às vezes eu acho que você não tenta.

Os lábios dele se abriram.

– Não é que você se recuse a tentar – apressou-se ela em acrescentar. – É só que, na maioria das vezes, não precisa. E, quando algo exige muito esforço... Se for alguma coisa de que você não pode cuidar sozinho, conclui que não vale a pena o esforço.

Gregory sentiu seus olhos serem atraídos de volta ao ponto na parede, aquele onde a videira se retorcia tão curiosamente.

– Eu sei o que significa trabalhar por alguma coisa – disse ele em voz baixa. Então se virou para ela, encarando-a. – Querer algo desesperadamente e saber que pode não ser seu.

– Sabe? Fico feliz. – Ela estendeu a mão para o chá, depois mudou de ideia e ergueu os olhos. – E você conseguiu o que queria?

– Não.

Os olhos dela ficaram um pouco tristes.

– Sinto muito.

– Eu não – disse ele. – Não mais.

– Ah. Bem. – Ela se remexeu no assento. – Então não sinto muito. Imagino que você seja um homem melhor agora em razão disso.

O impulso inicial de Gregory foi se ofender, mas, para sua grande surpresa, ele se viu dizendo:

– Acho que a senhora tem razão.

E, para a surpresa ainda maior, ele estava sendo sincero.

Sua mãe abriu um sorriso sábio.

– Fico tão feliz que você seja capaz de ver isso dessa forma... A maioria dos homens não é. – Ela olhou para o relógio e soltou uma exclamação de surpresa. – Ah, meu Deus, a hora. Prometi a Portia Featherington que a visitaria hoje à tarde.

Gregory se levantou quando a mãe ficou de pé.

– Não se preocupe com Lady Lucinda – disse ela, correndo para a porta. – Vou cuidar de tudo. E, por favor, termine seu chá. Eu me preocupo em vê-lo morando sozinho, sem nenhuma mulher para cuidar de você. Mais um ano assim e vai ficar só pele e ossos.

Ele a levou até a porta.

– Em matéria de indiretas sobre casamento, essa foi particularmente nada sutil.

– Foi? – Ela o encarou com um olhar travesso. – Que bom que eu já nem tento mais ser sutil. Descobri que a maioria dos homens não percebe nada que não esteja bem claro.

– Nem mesmo os seus filhos.

– *Principalmente* os meus filhos.

Ele deu um sorriso irônico.

– Eu pedi isso, não pedi?

– Praticamente implorou.

Ele tentou acompanhá-la ao salão principal, mas ela o enxotou.

– Não, não, isso não é necessário. Vá terminar seu chá. Pedi às criadas que providenciassem sanduíches quando soube que você estava aqui. Devem chegar a qualquer momento e com certeza vão para o lixo se você não comê-los.

O estômago de Gregory roncou naquele exato momento, então ele se curvou e disse:

– A senhora é uma mãe maravilhosa, sabia disso?

– Porque eu lhe dou de comer?

– Bem, sim, mas talvez por algumas outras coisas também.

Ela ficou na ponta dos pés e lhe deu um beijo no rosto.

– Você já não é mais meu menininho, não é?

Gregory sorriu. Era como ela o chamava desde que se lembrava.

– Vou ser pelo tempo que desejar, mãe. Pelo tempo que desejar.

CAPÍTULO 16

No qual nosso herói se apaixona. Mais uma vez.

Quando se tratava de maquinações sociais, Violet Bridgerton era tão habilidosa quanto afirmava, e, de fato, quando Gregory chegou à Casa Hastings na noite seguinte, sua irmã Daphne, a atual duquesa de Hastings, informou-lhe que Lady Lucinda Abernathy iria mesmo comparecer ao baile.

Ele ficou inexplicavelmente satisfeito com isso. Lucy parecera tão desapontada quando lhe dissera que não poderia ir, e, de fato, a garota não deveria desfrutar de uma última noite de festa antes de se casar com Haselby?

Haselby.

Gregory ainda não conseguia acreditar. Como pudera lhe escapar o fato de que ela iria se casar com Haselby? Não havia nada que pudesse fazer para impedir, e, para ser sincero, não cabia a ele, mas, Deus do céu, era *Haselby*. Lucy não deveria saber?

O sujeito era muito agradável e, Gregory tinha de admitir, dotado de um bom senso mais do que razoável. Não bateria em Lucy, e não seria rude com ela, mas ele não... ele não podia... Não seria um bom marido para ela.

Só de pensar nisso, Gregory já ficava triste. Lucy não teria um casamento normal, porque Haselby não *gostava* de mulheres. Não do jeito que um homem deveria gostar.

Seria gentil com ela, e provavelmente lhe daria uma mesada bem generosa, o que era mais do que muitas mulheres tinham em seu casamento, não importava a inclinação de seu marido.

Mas não parecia justo que logo Lucy estivesse destinada a uma vida assim. Ela merecia tão mais... Uma casa cheia de crianças. E cães. Talvez um gato ou dois. Ela parecia do tipo que iria querer um zoológico inteiro.

E flores. Na casa de Lucy haveria flores por todos os lugares, ele tinha certeza disso. Peônias cor-de-rosa, rosas amarelas e aquela coisa azul de caule comprido de que ela gostava tanto. Esporados-jardins. Era isso.

Ele parou. Guardou na memória. Esporados-jardins.

Lucy podia dizer que seu irmão era o entendido de plantas da família, mas Gregory não podia imaginá-la vivendo em uma casa sem cor.

Haveria risadas, barulho e uma desordem esplêndida – apesar de suas tentativas de manter tudo arrumado com perfeição. Gregory podia facilmente vê-la em seus pensamentos, correndo de um lado para outro, organizando tudo, tentando fazer com que todos cumprissem seus compromissos.

Ele quase riu alto só de pensar nisso. Não importava se haveria um batalhão de criados limpando, arrumando, polindo e varrendo. Com crianças as coisas nunca permaneciam em seus lugares corretos.

Lucy era uma gerente. Era o que a fazia feliz, e ela deveria ter uma casa para gerir.

Crianças. Muitas crianças. Talvez oito.

Ele olhou em volta do salão de baile, que começava lentamente a encher. Não viu Lucy, e ainda não estava tão cheio que pudesse deixar de notá-la. No entanto, viu sua mãe. E ela vinha em sua direção.

– Gregory – falou Violet, estendendo as mãos para ele quando o alcançou –, você está

especialmente bonito esta noite.

Ele pegou as mãos dela e levou-as aos lábios.

– Ah, a opinião honesta e imparcial de uma mãe... – murmurou ele.

– Bobagem – disse ela com um sorriso. – É um fato que todos os meus filhos são extremamente inteligentes e bonitos. Se fosse apenas a minha opinião, você não acha que alguém já teria me corrigido?

– Como se alguém fosse ter a coragem.

– Bem, você tem razão, eu suponho – falou ela, mantendo o rosto impressionantemente impassível. – Mas vou ser teimosa e insistir que a questão é irrelevante.

– Como quiser, mãe – disse ele com extrema solenidade. – Como quiser.

– Lady Lucinda já chegou?

Gregory balançou a cabeça.

– Ainda não.

– Não é estranho que eu ainda não a conheça? – ponderou ela. – Era de esperar que já tivéssemos sido apresentadas, uma vez que ela já está na cidade há duas semanas... Ah, bem, não importa. Tenho certeza de que vou achá-la encantadora, se você se esforçou tanto para garantir a presença dela esta noite.

Gregory olhou para ela. Conhecia aquele tom. Era uma mistura perfeita de indiferença e precisão absoluta, que em geral ela utilizava enquanto tentava conseguir mais informações. Sua mãe era mestre nisso.

E, de fato, ela estava ajeitando os cabelos discretamente, sem olhar direto para ele, quando disse:

– Você falou que foram apresentados quando estava visitando Anthony, não é mesmo?

Ele não via razão para fingir que não sabia aonde ela queria chegar.

– Ela está prestes a se casar, mãe – falou com firmeza. E, em seguida, por medida de segurança, acrescentou: – Daqui a uma semana.

– Sim, sim, eu sei. Com o filho de lorde Davenport. É um acordo de longa data, pelo que entendi.

Gregory assentiu. Imaginava que a mãe não tinha como saber a verdade sobre Haselby. Não era um fato de conhecimento geral. Havia rumores, claro. Mas ninguém se atreveria a repeti-los na presença de damas.

– Recebi um convite para o casamento – comentou Violet.

– É mesmo?

– Deve ser um grande acontecimento, pelo que soube.

Gregory trincou um pouco os dentes.

– Ela será uma condessa.

– Sim, imagino. Não é o tipo de coisa que possa ser simples.

– Não.

Violet suspirou.

– Adoro casamentos.

– A senhora?

– Sim. – Ela suspirou de novo, de forma ainda mais dramática, mesmo que isso não parecesse possível. – É tudo tão romântico... A noiva, o noivo...

– Os dois são presença obrigatória na cerimônia, pelo que sei.

Sua mãe encarou-o com um olhar irritado.

– Como pude ter criado um filho tão pouco romântico?

Gregory concluiu que não havia uma resposta para isso.

– Que vergonha – disse Violet. – Eu pretendo ir. Quase nunca recuso um convite para um casamento.

E então veio *a voz*:

– Quem vai se casar?

Gregory virou. Era a sua irmã mais nova, Hyacinth. Vestida de azul e metendo o nariz nos assuntos dos outros, como de costume.

– Lorde Haselby e Lady Lucinda Abernathy – respondeu Violet.

– Ah, sim. – Hyacinth franziu a testa. – Recebi um convite. Na igreja St. George, não é mesmo?

Violet assentiu.

– E em seguida haverá uma recepção na Casa Fennsworth.

Hyacinth olhou ao redor da sala. Fazia isso com bastante frequência, mesmo quando não procurava ninguém em particular.

– Não é estranho que eu não a conheça? Ela é irmã do conde de Fennsworth, não é? – Deu de ombros. – Estranho eu ainda não conhecê-lo também.

– Acredito que Lady Lucinda ainda não tenha se “apresentado” – disse Gregory. – Não formalmente, pelo menos.

– Então ela irá debutar esta noite – observou Violet. – Que empolgante para todos nós.

Hyacinth virou para o irmão com o olhar afiado.

– E como você já conhece Lady Lucinda, Gregory?

Ele abriu a boca, mas ela já estava falando:

– E não diga que não, porque Daphne já me contou tudo.

– Então por que você está perguntando?

Hyacinth revirou os olhos.

– Ela não me contou *como* vocês se conheceram.

– Você devia rever seu entendimento da palavra *tudo*. – Gregory virou para a mãe. – Vocabulário e compreensão nunca foram os pontos fortes dela.

Violet fez uma expressão de enfado.

– Não canso de me admirar por vocês dois terem conseguido chegar à idade adulta.

– A senhora temia que pudéssemos nos matar antes? – brincou Gregory.

– Não, que eu mesma fosse fazer isso.

– Bem – declarou Hyacinth, ignorando os comentários anteriores –, Daphne me disse que você estava ansioso para que Lady Lucinda recebesse um convite, e mamãe, pelo que soube, chegou até a enviar um bilhete dizendo como gosta da companhia dela, o que todos sabemos ser uma mentira deslavada, já que nenhum de nós a conhece...

– Você alguma hora consegue parar de falar? – interrompeu Gregory.

– Não por você – respondeu Hyacinth. – Como a conheceu? E, mais precisamente, quão bem a conhece? *E* por que está tão ansioso em estender um convite a uma jovem que vai se casar em uma semana?

E então, surpreendentemente, Hyacinth *parou* de falar.

– Eu também estava me perguntando isso – murmurou Violet.

Gregory olhou da irmã para a mãe e concluiu que não podia estar falando sério quando dissera aquela besteira a Lucy sobre ser reconfortante pertencer a uma família grande. Na verdade, era incômodo, invasivo e uma série de outras coisas que ele não conseguia colocar em palavras.

O que talvez fosse melhor, porque era provável que nenhuma delas fosse educada.

Apesar de tudo, foi com extrema paciência que ele disse:

– Fui apresentado a Lady Lucinda em Kent, no mês passado, na reunião na casa de Kate e Anthony. E pedi a Daphne para convidá-la esta noite porque ela é uma jovem adorável, e a encontrei por acaso ontem no parque. Seu tio não a deixou participar da temporada, e achei que seria gentil lhe dar uma oportunidade de se divertir por uma noite.

Ele ergueu as sobrancelhas, desafiando-as silenciosamente a responder.

O que elas fizeram, é claro. Não com palavras – palavras nunca teriam sido tão eficientes quanto os olhares duvidosos que lançavam em sua direção.

– Ah, pelo amor de Deus – disparou Gregory, irritado. – Ela está *noiva*. Vai se casar.

Isso teve pouco efeito visível.

Ele fechou a cara.

– Eu pareço estar tentando impedir o casamento?

Hyacinth piscou. Várias vezes, como sempre fazia quando pensava seriamente a respeito de algo que não era da sua conta. Mas, para grande surpresa de Gregory, ela deixou escapar um *hum* de aquiescência e disse:

– Acho que não. – Então olhou em volta da sala. – Mas eu gostaria de conhecê-la.

– Tenho certeza de que vai – retrucou Gregory, e deu os parabéns a si mesmo, como fazia ao menos uma vez por mês, por não estrangular a irmã.

– Kate escreveu que ela é adorável – comentou Violet.

Gregory virou para ela desanimado.

– *Kate* escreveu para você?

Deus do céu, o que será que ela havia revelado? Já era ruim o suficiente Anthony saber sobre o fiasco com a Srta. Watson – ele tinha percebido, é claro –, mas, se sua mãe descobrisse, a vida de Gregory seria o mais absoluto inferno.

Ela o afogaria em gentilezas. Ele tinha certeza disso.

– Kate me escreve duas vezes por mês – retrucou Violet, erguendo delicadamente um dos ombros. – Ela me conta tudo.

– Anthony sabe disso? – murmurou Gregory.

– Não faço ideia – respondeu Violet, encarando-o com um olhar superior. – Não é da conta dele.

Deus do céu. Gregory conseguiu não dizer isso em voz alta.

– Entendi que o irmão dela foi pego em uma situação comprometedor com a filha de lorde Watson – continuou a mãe.

– É mesmo? – falou Hyacinth, que observava a multidão e virou de repente ao ouvir isso.

Violet assentiu, pensativamente.

– Eu me perguntava por que aquele casamento aconteceu tão depressa.

– Bem, foi por isso – disse Gregory, quase como um grunhido.

– Hum – murmurou Hyacinth.

Era o tipo de som que alguém nunca queria ouvir sair da boca de Hyacinth.

Violet virou para a filha e disse:

– Foi uma confusão.

– Na verdade – retrucou Gregory, ficando mais irritado a cada segundo –, tudo foi tratado com bastante discrição.

– Sempre há rumores – observou Hyacinth.

– Que você não seja mais uma a engrossar o coro – advertiu Violet.

– Não vou dizer uma palavra – prometeu Hyacinth, acenando com a mão como se nunca tivesse participado de nenhuma fofoca na vida.

Gregory bufou.

– Ah, *por favor*.

– Não vou – repetiu ela. – Sou ótima para guardar segredos, desde que eu *saiba* que é um segredo.

– Ah, então o que você quer dizer é que não tem nenhum senso de discrição?

Hyacinth estreitou os olhos.

Gregory levantou as sobrancelhas.

– Quantos *anos* vocês têm? – ralhou Violet. – Meu Deus, vocês não mudaram nada desde que largaram os cueiros. Daqui a pouco estarão puxando o cabelo um do outro.

Gregory cerrou a mandíbula e olhou resolutamente para a frente. Nada como uma repreensão da mãe para fazer a pessoa se sentir uma criança.

– Ora, não precisa ficar nervosa, mãe – pediu Hyacinth, reagindo à bronca com um sorriso. – Ele sabe que eu só o provoco desse jeito porque o amo muito.

Então, ela abriu um sorriso radiante e caloroso para o irmão.

Gregory suspirou, porque era verdade, porque sentia o mesmo e porque, apesar de tudo, era cansativo ser irmão de Hyacinth. Mas os dois eram bem mais jovens do que os outros e, como resultado, sempre foram próximos.

– A recíproca é verdadeira, a propósito – disse Hyacinth para Violet –, mas, como homem, ele nunca admitiria isso.

Violet assentiu.

– É verdade.

Hyacinth virou para Gregory.

– E, só para deixar claro, nunca puxei seu cabelo.

Sem dúvida isso era um sinal de que ele deveria se retirar. Ou ficar e perder a sanidade. A escolha era dele.

– Hyacinth, eu adoro você – falou. – Você sabe. Mãe, também adoro a senhora. Mas agora vou deixá-las.

– Espere! – gritou Violet.

Ele virou. Devia saber que não seria tão fácil.

– Você seria meu acompanhante?

– Quando?

– Ora, no casamento, é claro.

Deus, o que era aquele gosto horrível em sua boca?

– No casamento de quem? De Lady Lucinda?

Sua mãe o observava com os mais inocentes olhos azuis.

– Eu não gostaria de ir sozinha.

Ele acenou com a cabeça na direção da irmã.

– Leve Hyacinth.

– Ela vai querer ir com Gareth – observou Violet.

Fazia quatro anos que Hyacinth tinha se casado com Gareth St. Clair. Gregory gostava imensamente dele e os dois tinham se tornado ótimos amigos. Por isso, sabia que Gareth preferiria fazer qualquer coisa a participar de um evento social longo e arrastado.

No entanto, Hyacinth, como ela não se importava de dizer, estava sempre interessada em uma

fofoca, o que significava que com certeza detestaria perder um casamento tão importante. Alguém sem dúvida beberia demais, alguém dançaria muito próximo a seu par, e Hyacinth odiaria ser a última a saber dessas coisas.

– Gregory? – instigou Violet.

– Eu não vou.

– Mas...

– Eu não fui convidado.

– Um equívoco, sem dúvida. Que será corrigido, tenho certeza, depois de seus esforços esta noite.

– Mãe, eu adoraria transmitir meus votos de felicidades a Lady Lucinda, mas não tenho a menor vontade de assistir ao casamento dela ou de mais ninguém. São sentimentais demais.

Silêncio. O que nunca era um bom sinal.

Ele olhou para Hyacinth. Ela o encarava com os olhos arregalados.

– Você gosta de casamentos – disse ela.

Ele resmungou. Parecia a melhor reação.

– Gosta, sim – insistiu ela. – No meu casamento, você...

– Hyacinth, você é minha irmã. É diferente.

– Sim, mas você também foi ao casamento de Felicity Albansdale, e eu me lembro bem...

Gregory virou de costas para ela antes que a irmã pudesse falar mais sobre sua felicidade.

– Mãe – disse ele –, obrigado pelo convite, mas não tenho intenção alguma de ir ao casamento de Lady Lucinda.

Violet abriu a boca como se fosse fazer uma pergunta, mas desistiu.

– Muito bem – falou, simplesmente.

Na mesma hora, Gregory ficou desconfiado. Sua mãe não costumava desistir de nada com tanta facilidade. Mas procurar saber quais eram seus motivos eliminaria qualquer possibilidade de uma fuga rápida.

Não foi uma decisão difícil.

– E agora, *adieu* às duas – falou.

– Aonde você vai? – quis saber Hyacinth. – E por que está falando francês?

Ele olhou para a mãe.

– Ela é toda sua.

– Sim – disse Violet, suspirando. – Eu sei.

Hyacinth imediatamente se virou para ela.

– O que *isso* quer dizer?

– Ah, pelo amor de Deus, Hyacinth, você...

Gregory aproveitou o momento em que uma estava concentrada na outra e escapuliu.

A festa ficava cada vez mais cheia, e então lhe ocorreu que Lucy poderia ter chegado enquanto conversava com a mãe e a irmã. Se fosse o caso, ela ainda não teria conseguido ir muito longe no salão de baile, então ele se dirigiu à recepção. Foi um processo lento – ele tinha passado mais de um mês fora da cidade, e todo mundo parecia ter algo a lhe dizer, nada nem remotamente interessante.

– Boa sorte, então – murmurou para lorde Trevelstam, que tentava convencê-lo a se interessar por um cavalo com o qual não podia arcar. – Tenho certeza de que não terá dificuldade em...

Ele perdeu a voz. Não conseguia falar. Não conseguia *pensar*.

Ah, Deus, de novo não.

– Bridgerton?

Do outro lado da sala, perto da porta, havia três cavalheiros, uma senhora idosa, duas mulheres de meia-idade e...

Ela.

Era ela. E ele estava sendo atraído com tanta força que era como se houvesse uma corda entre os dois. Precisava alcançá-la.

– Bridgerton, foi alguma coisa...

– Perdão – conseguiu dizer Gregory, passando por Trevelstam.

Era ela. Só que... Era uma *ela* diferente. Não era Hermione Watson. Era... Ele não sabia bem quem – só conseguia ver suas costas. Mas lá estava... aquela mesma sensação a um só tempo terrível e esplêndida, que o deixava zozinho. Em êxtase. Sem ar. E ele a queria.

Foi como sempre imaginara – aquela sensação mágica e arrebatadora de saber que sua vida estava completa, que *ela* era a garota certa.

Só que Gregory já tinha passado por isso antes. E Hermione Watson *não era* a garota certa.

Santo Deus, um homem podia se apaixonar completa e perdidamente duas vezes?

Ele não dissera a Lucy para ser cautelosa e atenta, e que, se algum dia ela fosse tomada por tal sentimento, não deveria confiar nisso?

E, no entanto... lá estava ela.

E lá estava *ele*.

E estava acontecendo tudo de novo.

Foi exatamente como tinha sido com Hermione. Não, pior. Seu corpo formigava e ele não conseguia ficar parado. Queria correr pelo salão e... só... só...

Só *vê-la*.

Queria que ela virasse. Queria ver seu rosto. Queria saber quem ela era. Queria *conhecê-la*.

Não.

Não, disse a si mesmo, tentando forçar os pés a seguirem em outra direção. Aquilo era loucura. Gregory devia sair dali. Devia sair naquele exato momento.

Só que não podia. Mesmo com todo o lado racional de sua alma gritando que ele fosse embora dali, Gregory não era capaz. Tinha que esperar que ela virasse.

Esperou e rezou. E então a dama virou. E era...

Lucy.

Ele tropeçou como se tivesse sido fulminado.

Lucy?

Não. Não era possível. Ele conhecia Lucy.

Ela não fazia aquilo com ele.

Já a vira dezenas de vezes, até mesmo a beijara, e nunca se sentira daquele jeito, como se o mundo pudesse engoli-lo se não fosse até ela e pegasse sua mão.

Tinha de haver uma explicação. Ele já tinha experimentado aquela sensação. Com Hermione.

Mas agora... não era exatamente a mesma coisa. Com Hermione tinha sido vertiginoso, novo. Houvera a emoção da descoberta, da conquista. Mas aquela era Lucy, e...

De repente, tudo voltou. A cabeça de Lucy inclinada para o lado quando ela dissera por que os sanduíches deviam ficar separados por sabor. O olhar encantadoramente irritado dela quando tentara lhe explicar por que ele estava fazendo tudo errado em sua corte à Srta. Watson.

A forma como parecera tão certo apenas ficar sentado com ela em um banco do Hyde Park, jogando pão para os pombos.

E o beijo. Deus do céu, o *beijo*. Ele ainda sonhava com aquele beijo. E queria que ela sonhasse

com isso também.

Deu um passo à frente. Apenas um, para poder ver melhor o seu perfil. Era tudo tão familiar agora... a forma como ela inclinava a cabeça, ou o modo como seus lábios se moviam quando falava. Como podia não tê-la reconhecido de imediato, mesmo a vendo de costas? As lembranças estavam lá, escondidas nos recônditos de sua mente, mas ele não quisera – na verdade, não se permitira – admitir.

E então ela o viu. Seus olhos brilharam e seus lábios se curvaram num sorriso.

Ela sorriu. Para ele.

Aquilo o preencheu quase a ponto de fazê-lo explodir. Foi apenas um sorriso, mas era tudo de que precisava.

Gregory começou a andar. Mal podia sentir seus pés, quase não tinha controle sobre o corpo. Simplesmente se mexeu, sabendo do fundo da alma que precisava chegar até ela.

– Lucy – falou quando a alcançou, esquecendo que estavam cercados por estranhos e, pior, amigos, e não devia chamá-la pelo primeiro nome.

Mas nada mais parecia certo em seus lábios.

– Sr. Bridgerton – disse ela, mas seus olhos falavam *Gregory*.

E ele sabia.

Ele a amava.

Era a sensação mais estranha e mais maravilhosa. Era emocionante. Era como se o mundo de repente tivesse se aberto para ele. Claro. Ele entendeu tudo o que precisava saber, e estava tudo bem ali nos olhos dela.

– Lady Lucinda – falou, com uma grande reverência. – A senhorita me concederia esta dança?

CAPÍTULO 17

No qual a irmã de nosso herói faz as coisas acontecerem.

Era o paraíso.

Esqueça os anjos, esqueça São Pedro e harpas brilhantes. O paraíso era uma dança nos braços do seu verdadeiro amor. E quando a pessoa em questão estava a apenas uma semana de se casar com outro, era preciso agarrar o paraíso com força, com ambas as mãos.

Metaforicamente falando.

Lucy sorria enquanto deslizava e girava. Agora tinha uma imagem a zelar. O que as pessoas diriam se ela corresse e o agarrasse com força? E não soltasse mais?

A maioria diria que estava louca. Alguns, que estava apaixonada. Os perspicazes diriam as duas coisas.

– No que está pensando? – perguntou Gregory.

Ele a olhava de um jeito... diferente.

Lucy virou para o outro lado e depois de volta. Sentia-se ousada, quase mágica.

– O senhor não iria querer saber.

Gregory contornou a senhora à sua esquerda e voltou ao lugar.

– Iria, sim – respondeu ele, abrindo um sorriso selvagem.

Mas Lucy apenas sorriu e balançou a cabeça. Naquele momento, queria fingir ser outra pessoa. Alguém um pouco menos convencional, muito mais impulsivo.

Não queria ser a Lucy de sempre. Não naquela noite. Estava cansada de planejar, de apaziguar, de não fazer nada sem antes pensar em cada possibilidade e consequência.

Se eu agir assim, então isso vai acontecer, mas se eu fizer aquilo, então isso, isso, e aquela outra coisa vão acontecer, o que geraria um resultado completamente diferente, o que poderia significar que...

Era o suficiente para deixar uma garota zonza. O suficiente para fazê-la se sentir paralisada, incapaz de tomar as rédeas da própria vida.

Mas não naquela noite. Naquele noite, de alguma forma, por meio de um milagre incrível chamado duquesa de Hastings – ou talvez a viúva Lady Bridgerton, Lucy não tinha certeza –, ela usava um vestido de uma delicada seda verde, no baile mais reluzente que poderia ter imaginado.

E estava dançando com o homem que tinha certeza de que amaria até o fim dos tempos.

– A senhorita está diferente – disse ele.

– Eu me sinto diferente.

Ela tocou a mão dele quando passaram um pelo outro. E os dedos de Gregory agarraram os dela, quando deveriam apenas tê-los roçado. Ela levantou os olhos e viu que ele a fitava, os olhos quentes e intensos...

Santo Deus, ele olhava para ela da maneira como olhara para Hermione.

O corpo de Lucy começou a formigar, desde as pontas dos dedos do pé até alguns lugares em que não se atrevia a pensar.

Eles passaram um pelo outro novamente, mas dessa vez Gregory se curvou, talvez um pouco mais do que deveria, e disse:

– Eu me sinto diferente também.

A cabeça dela girou, mas Gregory já tinha virado e estava de costas para ela. Como assim, ele estava diferente? Por quê? O que ele quis *dizer*?

Lucy deu a volta no cavalheiro à sua esquerda, em seguida passou por Gregory.

– Está feliz por ter vindo ao baile esta noite? – murmurou ele.

Ela apenas assentiu, uma vez que havia se afastado muito para responder sem falar alto demais.

Mas, então, eles estavam juntos novamente, e Gregory sussurrou:

– Eu também.

Eles voltaram aos seus lugares originais e ficaram parados enquanto outro casal começava a dançar. Lucy ergueu os olhos até encontrar os dele.

Que não se afastavam mais do rosto dela.

E, mesmo em meio à luz bruxuleante da noite – as centenas de velas e tochas que iluminavam o reluzente salão –, ela podia ver o brilho que havia naquele olhar. A maneira como ele a fitava era ardente, possessiva e orgulhosa.

Aquilo a fez estremecer. E duvidar de sua capacidade de ficar de pé.

Então a música acabou e Lucy percebeu que algumas coisas deviam ser mesmo arraigadas, porque ela se viu fazendo uma reverência, sorrindo e acenando para a mulher ao lado como se toda a sua vida não tivesse sido alterada durante a dança anterior.

Gregory pegou sua mão e levou-a para a lateral da pista de dança, onde os acompanhantes circulavam, observando, por cima da borda dos copos de limonada, aqueles sob sua responsabilidade. Mas, antes de chegarem ao seu destino, ele se curvou e sussurrou no ouvido dela:

– *Preciso falar com você.*

Lucy arregalou os olhos e o encarou.

– Em particular – acrescentou Gregory.

Ela sentiu que ele desacelerou o passo, provavelmente para lhes dar um pouco mais de tempo antes de levá-la até tia Harriet.

– O que foi? – perguntou ela. – Há algo errado?

Ele balançou a cabeça.

– Não mais.

E ela se permitiu ter esperança. Só um pouco, porque não podia suportar pensar na mágoa que sentiria se estivesse errada, mas talvez... Talvez ele a amasse. Talvez quisesse se casar com ela. O casamento dela seria em menos de uma semana, mas ainda não fizera os votos.

Talvez houvesse uma chance.

Ela procurou no rosto de Gregory por pistas, por respostas. Mas quando o pressionou para obter mais informações, ele só balançou a cabeça e sussurrou:

– A biblioteca. Fica a duas portas do lavabo das senhoras. Encontre-me lá em meia hora.

– Você está louco?

Ele sorriu.

– Só um pouco.

– Gregory, eu...

Ele a encarou com avidez e isso a silenciou. O modo como olhava para ela... tirou seu fôlego.

– Eu não posso – sussurrou Lucy, porque, independentemente do que sentiam um pelo outro, ela ainda estava noiva de outro homem. E, mesmo que não estivesse, tal comportamento só podia levar a um escândalo. – Não posso ficar sozinha com você. Sabe disso.

– Mas você precisa.

Ela tentou balançar a cabeça, mas não conseguia se mexer.

– Lucy, você precisa.

Então ela assentiu. Seria provavelmente o maior erro que cometeria na vida, mas não tinha como dizer não.

– Sra. Abernathy – disse Gregory, a voz demasiado alta quando cumprimentou tia Harriet. – Devolvo Lady Lucinda aos seus cuidados.

A velha senhora acenou com a cabeça, embora Lucy suspeitasse que ela não fazia ideia do que Gregory havia lhe dito. Em seguida, ela virou para a sobrinha e gritou:

– Vou me sentar!

Gregory riu, antes de dizer:

– Devo dançar com outras damas.

– É claro – retrucou Lucy, embora suspeitasse de que não estava totalmente a par das complexidades envolvidas em se marcar um encontro ilícito. – Estou vendo uma conhecida – mentiu.

Então, para seu grande alívio, de fato viu alguém que conhecera na escola. Não uma grande amiga, mas ainda assim um rosto familiar o suficiente para ir cumprimentar.

Mas, antes que pudesse sequer tirar o pé do chão, Lucy ouviu uma voz feminina chamar o nome de Gregory.

Não viu de imediato quem era, mas podia ver Gregory. Ele fechou os olhos e parecia bastante aflito.

– Gregory!

A voz tinha se aproximado e, quando Lucy virou para a esquerda, viu uma jovem que só poderia ser uma das irmãs de Gregory. A mais nova, provavelmente, a não ser que estivesse muito bem conservada.

– Essa deve ser Lady Lucinda – disse a mulher.

O cabelo dela, Lucy notou, tinha o mesmo tom do de Gregory: um castanho vivo e brilhoso. Mas os olhos eram azuis e aguçados.

– Lady Lucinda – falou Gregory, como quem cumpria uma obrigação –, permita-me que lhe apresente minha irmã, Lady St. Clair.

– Hyacinth – disse ela, com firmeza. – Devemos dispensar as formalidades. Tenho certeza de que seremos grandes amigas. Agora precisa me contar tudo sobre você. E depois eu gostaria de saber tudo sobre a festa de Anthony e Kate, no mês passado. Queria ter ido, mas já tinha um compromisso. Soube que foi muito divertida.

Assustada com o furacão humano à sua frente, Lucy olhou para Gregory em busca de algum conselho, mas ele só deu de ombros e informou:

– Esta é a que eu gosto de torturar.

Hyacinth virou para ele.

– Perdão?

Gregory fez uma reverência.

– Preciso ir.

Então Hyacinth Bridgerton St. Clair fez a coisa mais estranha. Estreitou os olhos e encarou Gregory, depois Lucy e em seguida Gregory de novo. E disse:

– Vocês vão precisar da minha ajuda.

– Hy... – começou Gregory.

– Vão – cortou ela. – Vocês têm planos. Não tente negar.

Lucy não podia acreditar que Hyacinth tinha deduzido tudo isso a partir de uma reverência e um

Preciso ir. Ela abriu a boca para fazer uma pergunta, mas tudo o que conseguiu dizer, antes de Gregory silenciá-la com um olhar de advertência, foi:

– Como...

– Sei que você está tramando alguma coisa – falou Hyacinth para Gregory. – Ou não teria se empenhado tanto para garantir que ela viesse ao baile hoje.

– Ele só estava sendo gentil – observou Lucy.

– Não seja boba – retrucou Hyacinth, dando-lhe um tapinha tranquilizador no braço. – Ele nunca faria isso.

– Isso não é verdade – protestou Lucy.

Gregory podia ser um pouco terrível, mas seu coração era bom e sincero, e ela não iria permitir que ninguém, nem mesmo a irmã dele, falasse o contrário.

Hyacinth olhou para ela com um sorriso satisfeito.

– Gostei de você – disse lentamente, como se acabasse de se dar conta disso. – Está errada, é claro, mas gostei de você mesmo assim. – Então virou para o irmão. – Eu gostei dela.

– Sim, você já disse isso.

– E você precisa da minha ajuda.

Lucy observou os irmãos trocarem um olhar que ela não conseguiu entender.

– Precisa hoje – prosseguiu Hyacinth, tranquilamente – e precisará depois também.

Gregory encarou a irmã, sério, e então disse, em uma voz tão baixa que Lucy teve de se inclinar para a frente para ouvir:

– Preciso falar com Lady Lucinda. A sós.

Hyacinth abriu um sorriso discreto.

– Posso conseguir isso.

Lucy tinha a sensação de que ela podia conseguir qualquer coisa.

– Quando? – perguntou Hyacinth.

– Quando for mais fácil – respondeu Gregory.

Hyacinth olhou em volta do salão, embora Lucy não fizesse ideia do que ela poderia encontrar ali que tivesse a ver com a decisão que precisava tomar.

– Daqui a uma hora – anunciou ela, com a precisão de um general militar. – Gregory, vá fazer o que costuma fazer nesses eventos. Dançar. Buscar limonada. Interagir com aquela tal de Whitford, cujos pais não desgrudam de você há meses.

– E você – acrescentou Hyacinth, voltando-se para Lucy com um brilho autoritário nos olhos – deve continuar comigo. Vou apresentá-la a todos que precisa conhecer.

– Quem eu preciso conhecer? – perguntou Lucy.

– Não tenho certeza ainda. Isso não importa muito.

Lucy não conseguia fazer mais nada além de olhar para ela espantada.

– Daqui a exatos 55 minutos, o vestido de Lady Lucinda vai se rasgar – disse Hyacinth.

– Vai?

– *Eu* vou rasgá-lo – respondeu Hyacinth. – Sou boa nesse tipo de coisa.

– Você vai rasgar o vestido dela? – indagou Gregory, inseguro. – Bem aqui no salão de baile?

– Não se preocupe com os detalhes – falou Hyacinth, acenando com a mão de maneira descontraída. – Só vá e faça a sua parte, e encontre-a no toucador de Daphne em uma hora.

– No quarto da duquesa? – gemeu Lucy.

Ela não poderia fazer algo assim.

– Nós a conhecemos como Daphne – retrucou Hyacinth. – Agora, todo mundo, fora daqui.

Lucy olhou para ela e piscou. Não devia ficar ao lado de Hyacinth?

– Quero dizer *ele* – esclareceu Hyacinth.

E então Gregory fez a coisa mais surpreendente. Pegou a mão de Lucy. Bem ali, no meio do salão de baile, onde qualquer um poderia ver, ele pegou sua mão e beijou.

– Estou deixando-a em boas mãos – falou, dando um aceno educado com a cabeça. E lançou à irmã um olhar de advertência antes de acrescentar: – Por mais difícil que seja acreditar.

Então saiu, provavelmente para cortejar alguma pobre dama desavisada que não tinha ideia de que não passava de um peão inocente nos planos de sua irmã.

Lucy olhou de novo para Hyacinth, um pouco esgotada em razão daquele encontro. Hyacinth sorria para ela.

– Muito bem – disse, embora Lucy tenha tido a impressão de que ela se autocongratulava. – Agora, por que meu irmão precisa falar com você? E não diga que não faz ideia, porque não vou acreditar.

Lucy pensou em várias respostas e por fim falou:

– Não faço ideia.

Não era exatamente verdade, mas ela não revelaria suas esperanças e seus sonhos mais secretos para uma mulher que tinha acabado de conhecer, não importava de quem fosse irmã.

E isso lhe deu a sensação de que tinha vencido o embate.

– Verdade? – perguntou Hyacinth, desconfiada.

– Verdade.

Hyacinth claramente não estava convencida.

– Bem, pelo menos você é inteligente. Tenho de admitir isso.

Lucy decidiu que não seria intimidada.

– Sabe, pensei que eu fosse a pessoa mais organizada e habilidosa do mundo para resolver as coisas, mas acho que você me superou.

Hyacinth riu.

– Ah, não sou nem um pouco organizada. Mas *realmente* sou boa em resolver as coisas. E vamos nos dar muito bem. – Ela passou o braço pelo de Lucy. – Como irmãs.



Uma hora depois, Lucy tinha percebido três coisas sobre Lady Hyacinth St. Clair.

Primeiro, ela conhecia todo mundo. E sabia tudo sobre todos.

Segundo, era uma excelente fonte de informações sobre o irmão. Lucy não precisara fazer uma única pergunta e, quando deixaram o salão de baile, já sabia a cor preferida de Gregory (azul), a comida preferida (queijo, de qualquer tipo) e que, quando criança, ele falava com a língua presa.

Também descobriu que ninguém deveria cometer o erro de subestimar a irmã mais nova dele. Não só Hyacinth tinha rasgado o vestido de Lucy, como fizera isso com talento e astúcia, garantindo que quatro pessoas soubessem do incidente (e da necessidade de consertá-lo). E fizera todo o estrago próximo à bacia, preservando convenientemente o recato de Lucy.

Era muito impressionante.

– Já fiz isso antes – confidenciou Hyacinth, enquanto a guiava para fora do salão.

Lucy não ficou surpresa.

– É um talento bastante útil – acrescentou Hyacinth, com o semblante bem sério. – Por aqui.

Lucy a seguiu por uma escadaria na parte de trás da casa.

– Há muito poucas desculpas para uma mulher deixar um evento social – continuou Hyacinth, exibindo um talento notável para se manter fiel ao assunto escolhido. – Cabe a nós dominarmos todas as armas em nosso arsenal.

Lucy começava a acreditar que havia levado uma vida muito isolada e protegida de tudo.

– Ah, aqui estamos nós. – Hyacinth abriu uma porta e espiou lá dentro. – Ele não está aqui ainda. Ótimo. Isso me dá tempo.

– Para quê?

– Para consertar seu vestido. Confesso que me esqueci desse detalhe quando elaborei meu plano. Mas sei onde Daphne guarda as agulhas.

Então ela foi até uma penteadeira e abriu uma gaveta.

– Exatamente onde pensei que estavam – falou, com um sorriso triunfante. – Adoro quando estou certa. Isso torna a vida muito mais prática, não acha?

Lucy assentiu, mas estava concentrada na pergunta que queria fazer.

– Por que você está me ajudando?

Hyacinth a encarou como se ela fosse idiota.

– Você não pode voltar ao baile com o vestido rasgado. Não depois de falarmos para todo mundo que íamos sair para consertá-lo.

– Não, não é isso.

– Ah. – Hyacinth olhou para uma agulha, pensativa. – Esta vai servir. Que cor de linha você acha melhor?

– Branca, e você não respondeu à minha pergunta.

Hyacinth arrebitou um pedaço de linha e enfiou no buraco da agulha.

– Gostei de você – disse ela. – E amo meu irmão.

– Você sabe que estou noiva e prestes a me casar – retrucou Lucy, em voz baixa.

– Eu sei.

Hyacinth se ajoelhou aos pés de Lucy e, com pontos rápidos e desleixados, começou a costurar.

– Em uma *semana*. Menos de uma semana.

– Eu sei. Fui convidada.

– Ah. – Lucy imaginou que devia saber disso. – Hã, você pretende ir?

Hyacinth levantou os olhos.

– *Você* pretende?

Os lábios de Lucy se entreabriram. Até aquele momento, pensar em não se casar com Haselby era uma ideia frágil e absurda, mais uma sensação do tipo *ah, como eu gostaria de não ter de me casar com ele*. Mas agora, com Hyacinth observando-a tão atentamente, a ideia começava a parecer um pouco mais sólida. Ainda impossível, é claro, ou pelo menos...

Bem, talvez...

Talvez não impossível. *Quase* impossível.

– Os papéis já estão assinados – acrescentou Lucy.

Hyacinth voltou a atenção para sua costura.

– Estão?

– Meu tio *o escolheu* – disse Lucy, pensando em quem estava tentando convencer. – Isso foi

decidido há anos.

– Hum.

Hum? Que diabo aquilo queria dizer?

– E ele não... Seu irmão não... – Lucy procurava encontrar as palavras, mortificada por estar desabafando com uma quase desconhecida, com a irmã de Gregory, pelo amor de Deus. Mas Hyacinth não *falava* nada; estava só ali, sentada, com os olhos focados na agulha entrando e saindo da bainha de Lucy. E já que ela não dizia nada, então Lucy precisava falar. Porque... Porque... Bem, porque sim. – Ele não me fez nenhuma promessa – disse Lucy, a voz quase tremendo. – Não declarou suas intenções.

Ao ouvir isso, Hyacinth levantou o rosto. Então olhou em volta do quarto, como se dissesse: *Olhe bem para nós, consertando seu vestido no quarto da duquesa de Hastings*. Depois murmurou:

– Não declarou?

Lucy fechou os olhos em agonia. Não era como Hyacinth St. Clair. Só eram necessários quinze minutos na companhia dela para saber que ela ousaria qualquer coisa, arriscaria tudo para garantir sua felicidade. Desafiaria as convenções, enfrentaria as mais duras críticas e emergiria de tudo intacta de corpo e alma.

Lucy não era tão audaciosa. Não era governada por paixões. Seu cerne sempre estivera ligado ao bom senso. Ao pragmatismo.

Não fora ela que dissera a Hermione que a amiga precisava se casar com um homem que os pais aprovassem?

Não dissera a Gregory que não queria um amor forte e avassalador? Que não fazia o seu tipo?

Ela não era esse tipo de pessoa. Simplesmente não era. Quando sua professora fazia desenhos para ela colorir, Lucy nunca ultrapassava as linhas.

– Acho que não consigo fazer isso – sussurrou Lucy.

Hyacinth a encarou por um instante agonizantemente longo antes de voltar os olhos para a costura.

– Eu a julguei mal – disse, baixinho.

Isso atingiu Lucy como um tapa na cara.

– O q... o q...

O que você disse?

Mas os lábios de Lucy não formavam as palavras. Ela não queria ouvir a resposta. E Hyacinth já estava de volta ao seu enérgico eu, olhando para ela com ar irritado, quando ordenou:

– Não se mexa tanto.

– Desculpe – resmungou Lucy.

E então pensou... Aqui estou eu me desculpando de novo. Sou tão previsível, tão convencional e sem imaginação...

– Você ainda está se mexendo.

– Ah. – Deus do céu, será que ela não conseguiria fazer nada direito naquela noite? – Perdão.

Hyacinth espetou-a com a agulha.

– Você *ainda* está se mexendo.

– Não estou! – exclamou Lucy, quase gritando.

Hyacinth sorriu para si mesma.

– Assim é melhor.

Lucy olhou para baixo, com a cara feia.

– Estou sangrando?

– Se está, a culpa é só sua – respondeu Hyacinth, levantando-se.

– Perdão?

Mas Hyacinth já estava de pé, com um sorriso satisfeito no rosto.

– Aí está – anunciou, apontando para sua obra. – Não ficou como novo, mas passará por qualquer inspeção esta noite.

Lucy se ajoelhou para examinar sua bainha. Hyacinth tinha sido generosa nos elogios a si mesma. A costura estava um horror.

– Nunca fui muito boa em corte e costura – comentou Hyacinth, dando de ombros, despreocupada.

Lucy se levantou, lutando contra o impulso de rasgar os pontos e refazê-los todos.

– Você devia ter me falado – murmurou.

Os lábios de Hyacinth se curvaram em um sorriso lento e dissimulado.

– Ai, ai, você ficou toda nervosa de repente.

E então Lucy se chocou ao dizer:

– *Você* ficou muito difícil.

– Talvez – retrucou Hyacinth, como se não se importasse muito com o que Lucy achava. Então olhou para a porta com ar de quem estava estranhando algo. – Ele já deveria estar aqui.

O coração de Lucy bateu estranhamente no peito.

– Você ainda pretende me ajudar? – sussurrou ela.

Hyacinth virou de volta.

– Eu espero – respondeu ela, os olhos encontrando os de Lucy de forma avaliadora – que você tenha julgado mal a si mesma.



Gregory estava dez minutos atrasado. Não conseguira evitar. Depois que dançara com uma jovem, ficou claro que teria de repetir o gesto com mais meia dúzia.

E, embora fosse difícil se manter atento às conversas que precisou manter, ele não se importava com o atraso. Isso significava que Lucy e Hyacinth já teriam deixado o salão muito antes de ele ir atrás delas. Queria encontrar uma maneira de fazer Lucy ser sua esposa, mas não havia necessidade de arrumar um escândalo.

Seguiu, então, para o quarto da irmã. Já havia passado incontáveis horas na Casa Hastings e conhecia bem o lugar. Quando chegou a seu destino, entrou sem bater, as dobradiças bem lubrificadas da porta se movendo sem um som sequer.

– Gregory.

Era a voz de Hyacinth. Ela estava de pé ao lado de Lucy, que parecia...

Abatida.

O que Hyacinth teria feito com ela?

– Lucy? – chamou ele, correndo em sua direção. – Algo errado?

Ela balançou a cabeça.

– Não foi nada.

Ele então virou para a irmã com olhos acusadores.

Hyacinth deu de ombros.

– Estarei na sala ao lado.

– Escutando atrás da porta?

– Vou esperar na escrivaninha de Daphne – disse ela. – É no meio da sala, e, antes que faça alguma objeção, não posso me afastar mais. Se alguém aparecer, vocês vão precisar que eu entre depressa para fazer tudo parecer respeitável.

O argumento era válido, por mais que Gregory não gostasse de admitir, então assentiu e a observou sair, esperando o clique do trinco na porta antes de falar.

– Hyacinth disse algo indelicado? – perguntou a Lucy. – Ela pode ser constrangedoramente rude, mas tem bom coração.

Lucy balançou a cabeça.

– Não – respondeu, gentil. – Na verdade, acho que ela pode ter dito a coisa certa.

– Lucy...? – falou Gregory, fitando-a com ar indagador.

Os olhos dela, que pareciam tão enevoados, de repente entraram em foco.

– O que você precisava me dizer? – perguntou.

– Lucy – começou ele, perguntando-se qual era a melhor forma de falar.

Vinha ensaiando discursos na mente durante todo o tempo que passara dançando lá embaixo, mas, agora que estava ali, não sabia o que dizer.

Ou melhor, sabia. Só não sabia a ordem, nem o tom. Devia dizer que a amava? Abrir o coração a uma mulher que pretendia se casar com outro? Ou devia optar pelo mais seguro e explicar por que ela não podia se casar com Haselby?

Um mês antes, a escolha teria sido óbvia. Ele era um romântico, apreciador de grandes gestos. Teria declarado seu amor, certo de que suas palavras seriam bem recebidas. Teria pegado a mão dela. Ficado de joelhos.

Ele a teria beijado.

Mas agora...

Não estava mais tão seguro. Confiava em Lucy, mas não no destino.

– Você não pode se casar com Haselby – falou.

Ela arregalou os olhos.

– Como assim, não posso?

– Você não pode se casar com ele – repetiu Gregory. – Vai ser um desastre. Vai... Você tem de confiar em mim. Não pode se casar com ele.

Ela balançou a cabeça.

– Por que está me dizendo isso?

Porque eu quero você para mim.

– Porque... porque... – Ele procurava as palavras certas. – Porque você se tornou minha amiga. E desejo a sua felicidade. Ele não será um bom marido para você, Lucy.

– Por que não?

A voz dela soou baixa, inexpressiva, dolorosamente diferente da sua voz de sempre.

– Ele... – Santo Deus, como falar aquilo? Será que ela sequer entenderia o que ele queria dizer?

– Ele não... – Engoliu em seco. Tinha de haver uma maneira delicada de tratar do assunto. – Ele não... Algumas pessoas...

Gregory olhou para Lucy e o lábio inferior dela tremia.

– Ele prefere os homens – desabafou o mais rápido que pôde. – Às mulheres. Alguns homens

são assim.

E então esperou. Por um longo instante, Lucy não esboçou nenhuma reação, só ficou parada como uma estátua trágica. De vez em quando ela piscava, mas, fora isso, nada. E então finalmente...

– Por quê?

Por quê? Ele não entendeu.

– Por que ele...

– Não! – interrompeu Lucy vigorosamente. – Por que você me contou? Por que me disse isso?

– Eu lhe contei...

– Não, você não fez isso para ser gentil. Por que me contou? Foi só para ser cruel? Para fazer com que eu me sinta como você, porque Hermione se casou com meu irmão e não com você?

– Não! – A palavra irrompeu do âmago de Gregory, e ele segurava Lucy com as duas mãos em torno dos braços dela. – Não, Lucy. Eu nunca faria isso. Quero que você seja feliz. Quero...

Você. Ele a queria, e não sabia como dizer isso. Não naquele momento, não quando ela olhava para ele como se tivesse partido seu coração.

– Eu poderia ser feliz com ele – sussurrou ela.

– Não. Não, não poderia. Você não entende, ele...

– Sim, poderia! – gritou ela. – Talvez eu não fosse amá-lo, mas poderia ser feliz. Era o que eu esperava. Era para isso que eu estava preparada. E você... você... – Ela se desvencilhou dele, virando-se até não ver mais o seu rosto. – Você arruinou tudo.

– Como?

Ela levantou os olhos e o encarou, e o que Gregory viu ali era tão enérgico, tão intenso, que ele não conseguiu respirar. E Lucy disse:

– Porque me fez querer você em vez disso.

O coração dele bateu forte no peito.

– Lucy – disse Gregory, porque não conseguia falar mais nada. – Lucy.

– Eu não sei o que fazer – confessou ela.

– Me beije. – Ele tomou o rosto dela entre as mãos. – Apenas me beije.

Desta vez, o beijo foi diferente. Ela era a mesma mulher, mas *ele* não era o mesmo homem. A ânsia que sentia por ela era mais profunda, mais elementar.

Ele a amava.

Beijou-a com todo o seu ser, com todo o ar, com cada batida do seu coração. Os lábios dele encontraram suas bochechas, a testa, as orelhas, e, durante todo o tempo, ele sussurrava o nome dela como uma prece.

Lucy. Lucy. Lucy.

Ele a queria. Precisava dela. Ela era como o ar. Comida. Água.

Ele deslizou os lábios para o pescoço dela, em seguida até a borda rendada de seu corpete. A pele de Lucy se incendiava sob os lábios dele, e, quando Gregory puxou o vestido, descobrindo um de seus ombros, ela arfou... Mas não o deteve.

– Gregory – sussurrou, enfiando os dedos no cabelo dele enquanto ele distribuía beijos pelo seu colo. – Gregory, ah, meu Gregory.

Ele passou a mão reverentemente pelo ombro dela. A pele reluzia, pálida, à luz das velas, e ele foi atingido por uma intensa sensação de posse. De orgulho.

Nenhum outro homem a vira assim, e ele rezava para que nenhum outro jamais visse.

– Você não pode se casar com ele, Lucy – sussurrou com urgência, as palavras quentes contra a pele dela.

– Gregory, não diga isso – gemeu Lucy.

– Não pode.

E então, como sabia que aquilo não podia ir mais longe, ele se endireitou, pressionando um último beijo nos lábios dela antes de afastá-la, obrigando-a a encará-lo.

– Você não pode se casar com ele – insistiu.

– Gregory, o que eu posso...

Ele agarrou os braços dela. Com força. E disse:

– *Eu te amo.*

Os lábios dela se abriram. Mas ela não conseguia falar.

– Eu te amo – repetira.

Lucy desconfiara – esperara – aquilo, mas não se permitira de fato acreditar. E assim, quando finalmente encontrou as palavras, o que disse foi:

– Você me ama?

Ele sorriu, então gargalhou, depois apoiou a testa na dela.

– Com todo o meu coração. Só agora percebi isso. Sou um idiota. Um cego. Um...

– Não – interrompeu ela, balançando a cabeça. – Não se repreenda. As pessoas nunca reparam em mim quando Hermione está por perto.

Ele apertou as mãos dela com ainda mais força.

– Ela não chega a seus pés.

Uma sensação de calor começou a se espalhar pelo corpo de Lucy. Não desejo, não paixão, apenas a mais pura e completa felicidade.

– Você está sendo sincero? – sussurrou.

– O suficiente para fazer o que for preciso para que você não se case com Haselby.

Ela empalideceu.

– Lucy?

Não. Ela conseguiria. Faria aquilo. Era quase engraçado, na verdade. Passara três anos dizendo a Hermione que ela deveria ser prática, seguir as regras. Havia inclusive zombado quando a amiga discursara sobre amor e paixão. E agora...

Respirou fundo, procurando se fortalecer. E agora iria romper seu noivado.

Que tinha sido combinado havia anos. Cinco dias antes do casamento. Com o filho de um conde. Deus do céu, mas que escândalo.

Ela deu um passo para trás, levantando o queixo para poder ver o rosto de Gregory. Ele a fitava com todo o amor que ela mesma sentia.

– Eu te amo – sussurrou Lucy, porque ainda não tinha dito isso. – Eu também te amo.

Pela primeira vez ela iria parar de pensar em todos. Não aceitaria as coisas do jeito que elas eram, tentando tirar o melhor proveito disso. Iria atrás da própria felicidade, iria construir o próprio destino.

Não iria fazer o que era esperado. Iria fazer o que queria. Já era hora.

Ela apertou as mãos de Gregory e sorriu. Não de uma forma hesitante, mas com confiança, um sorriso largo, cheio de esperanças e sonhos – e da certeza de que iria realizar todos.

Seria difícil. Seria assustador. Mas valeria a pena.

– Vou falar com meu tio – disse ela, as palavras firmes e seguras. – Amanhã.

Gregory puxou-a para si para um último beijo, rápido e apaixonado, cheio de promessas.

– Devo estar com você? – perguntou. – Fazer-lhe uma visita para assegurá-lo das minhas intenções?

A nova Lucy, a Lucy ousada e corajosa, perguntou:

– E quais *são* suas intenções?

Os olhos de Gregory se arregalaram de surpresa, depois aprovação, e então ele segurou a mão dela.

Lucy percebeu o que ele fazia antes mesmo de ver. As mãos de Gregory pareceram deslizar pela dela enquanto se abaixava...

Até ficar apoiado em um joelho, olhando para ela como se não houvesse mulher mais bonita no mundo.

Ela levou a mão à boca e percebeu que tremia.

– Lady Lucinda Abernathy – disse ele, a voz fervorosa e segura –, você me daria a imensa honra de se tornar minha esposa?

Ela tentou falar. Tentou assentir.

– Case comigo, Lucy – pediu Gregory. – Case comigo.

Desta vez ela conseguiu responder:

– Sim. Sim! Ah, sim!

– Vou fazê-la feliz – disse ele, ficando de pé para abraçá-la. – Eu prometo.

– Não precisa prometer. – Ela balançou a cabeça, piscando para afastar as lágrimas. – Não haveria como você não fazer.

Ele abriu a boca, provavelmente para falar mais, mas foi interrompido por uma batida na porta, suave, mas rápida.

Hyacinth.

– Vá – disse Gregory. – Deixe Hyacinth levá-la de volta ao salão de baile. Vou depois.

Lucy assentiu, endireitando o vestido até tudo estar de volta em seu devido lugar.

– Meu cabelo – sussurrou ela, os olhos arregalados quando encontraram os dele.

– Está lindo – assegurou Gregory. – Você está deslumbrante.

Ela correu para a porta.

– Tem certeza?

Eu te amo, disse ele, movendo os lábios, sem emitir nenhum som. E seus olhos diziam o mesmo.

Lucy abriu a porta e Hyacinth entrou depressa.

– Meu Deus, vocês dois são lentos – falou. – Precisamos voltar. Agora.

Ela caminhou até a porta que levava ao corredor, então parou, olhando primeiro para Lucy, depois para o irmão e para Lucy de novo, erguendo uma sobrancelha indagadora.

Lucy encarou-a com orgulho de si mesma.

– Você não me julgou mal – disse ela calmamente.

Os olhos de Hyacinth se arregalaram, depois seus lábios se curvaram num sorriso.

– Que bom.

E era, percebeu Lucy. Era muito bom mesmo.

CAPÍTULO 18

No qual nossa heroína faz uma terrível descoberta.

Ela podia fazer isso.

Sim, podia.

Só precisava bater.

E, ainda assim, lá estava ela, em frente à porta do escritório do tio, a mão em punho, *pronta* para bater à porta. Mas não completamente.

Fazia quanto tempo que ela estava nessa posição? Cinco minutos? Dez? De qualquer maneira, era o suficiente para rotulá-la como uma tola ridícula. Uma covarde.

Como isso acontecera? *Por que* acontecera? Na escola, ela era conhecida por ser competente e pragmática. Era a garota que fazia as coisas acontecerem. Não era tímida. Não era medrosa.

Mas quando se tratava de tio Robert...

Ela suspirou. Sempre fora assim com seu tio. Ele era tão severo, tão taciturno... Tão diferente do pai dela, que sempre fora tão risonho...

Ela se sentira como uma borboleta ao ir para a escola, mas, sempre que voltava para casa, era como se fosse enfiada de volta em seu pequeno casulo apertado. Ficava desanimada, calada. Solitária.

Mas não desta vez. Ela respirou fundo e endireitou os ombros. Desta vez, colocaria para fora o que precisava dizer. Iria se fazer ouvir.

Levantou a mão, bateu na porta e esperou.

– Entre.

– Tio Robert – disse ela, adentrando no escritório.

Parecia escuro, mesmo com a luz do fim de tarde entrando pela janela.

– Lucinda – falou ele, levantando brevemente os olhos antes de voltar para seus papéis. – O que foi?

– Preciso falar com o senhor.

Ele fez uma anotação, olhou de cara feia para o papel, então riscou o texto.

– Fale.

Lucy limpou a garganta. Aquilo seria muito mais fácil se ele *olhasse* para ela. Odiava falar com o topo da cabeça dele. Odiava.

– Tio Robert – chamou, novamente.

Ele resmungou uma resposta, mas continuou escrevendo.

– *Tio Robert.*

Ela observou-o desacelerar os movimentos e então, enfim, erguer os olhos.

– O que é, Lucinda? – perguntou, claramente irritado.

– Precisamos ter uma conversa sobre lorde Haselby.

Pronto. Ela falara.

– Algum problema? – perguntou ele, devagar.

– Não – ela se ouviu dizer, embora isso não estivesse nem perto da verdade.

Mas era o que sempre respondia quando alguém perguntava se havia um problema. Era uma

daquelas coisas que simplesmente saía, como *Desculpe-me*, ou *Perdão*. Era o que tinha sido treinada a dizer.

Algum problema?

Não, claro que não. Não, não se aflija por minha causa. Não, por favor, não se preocupe comigo.

– Lucinda? – chamou o tio com a voz severa, quase rude.

– Não – repetiu ela, dessa vez mais alto, como se o volume pudesse lhe dar coragem. – Quero dizer, sim, há um problema. E preciso falar com o senhor sobre isso.

Seu tio olhou para ela com ar de enfado.

– Tio Robert – começou ela, como se estivesse andando em campo minado –, o senhor sabia... – Mordeu o lábio, olhando para todos os lados, menos o rosto dele. – Quer dizer, o senhor estava ciente...

– Fale logo – disparou ele.

– Lorde Haselby – disse Lucy rapidamente, desesperada para acabar logo com aquilo. – Ele não gosta de mulheres.

Por um instante, tio Robert não fez nada além de encará-la. E então ele...

Riu. Ele *riu*.

– Tio Robert? – O coração de Lucy começou a bater mais rápido. – O senhor sabia disso?

– É claro que eu sabia – retrucou ele. – Por que você acha que o pai dele está tão ansioso para que vocês se casem? Ele sabe que você não vai falar nada.

Por que ela não falaria?

– Você devia me agradecer – disse tio Robert, áspero, interrompendo os pensamentos de Lucy. – Os homens da alta sociedade são quase todos uns brutos. Estou lhe oferecendo o único que não vai incomodá-la.

– Mas...

– Você faz ideia de quantas mulheres gostariam de estar no seu lugar?

– Essa não é a questão, tio Robert.

O olhar dele ficou frio como gelo.

– Perdão?

Lucy ficou completamente imóvel, ao perceber que era isso. O momento havia chegado. Ela nunca o contrariara antes, e era provável que nunca o fizesse de novo.

Engoliu em seco. E então disse:

– Não quero me casar com lorde Haselby.

Silêncio. Mas os olhos dele eram como um trovão.

Lucy encarou-o com frio distanciamento. Podia sentir uma força nova e estranha crescendo dentro de si. Não iria recuar. Não agora, quando sua vida estava em jogo.

Seu tio franziu e contraiu os lábios, embora o restante de seu rosto parecesse feito de pedra. Finalmente, bem quando Lucy estava certa de que não suportaria mais o silêncio, ele falou, a voz direta:

– Posso perguntar por quê?

– Eu... eu quero ter filhos – respondeu ela, agarrando-se à primeira desculpa em que pensou.

– Ah, mas você terá filhos.

Então ele sorriu e o sangue dela gelou.

– Tio Robert? – sussurrou Lucy.

– Ele pode não gostar de mulheres, mas será capaz de fazer o trabalho com frequência suficiente

para gerar um pirralho em você. E se ele não conseguir...

Seu tio deu de ombros.

– O quê? – Lucy sentiu o pânico crescer em seu peito. – O que o senhor quer dizer?

– Davenport cuidará disso.

– O pai dele? – indagou Lucy, engasgando.

– De qualquer maneira, será um herdeiro do sexo masculino, e isso é tudo o que importa.

Lucy levou a mão à boca.

– Ah, não. Eu não posso, não posso. – Ela pensou em lorde Davenport, com seu hálito horrível, suas bochechas balançantes, os olhos assustadoramente cruéis.

Ele não seria gentil. Lucy não tinha certeza de como sabia disso, mas sabia.

Tio Robert se inclinou para a frente na cadeira, estreitando os olhos de forma ameaçadora.

– Todos temos nossas obrigações na vida, Lucinda, e a sua é ser esposa de um nobre. Seu dever é prover um herdeiro. E você fará isso, da forma que Davenport julgar necessário.

Lucy engoliu em seco. Sempre fizera o que lhe diziam. Sempre aceitara que o mundo funcionava de determinada maneira. Sonhos podiam ser ajustados; a ordem social, não.

Aceite o que a vida lhe der e tire o melhor proveito disso. Era isso que sempre dizia. Era o que sempre fizera.

Mas não agora. Ela levantou o rosto e olhou bem dentro dos olhos do tio.

– Eu não vou fazer isso – afirmou, e sua voz não vacilou. – Não vou me casar com ele.

– O que... você... disse? – Cada palavra saiu como uma pequena frase, fria e afiada.

Lucy engoliu em seco.

– Eu disse...

– Eu sei o que você disse! – gritou ele, batendo com as mãos na mesa enquanto se levantava. – Como se atreve a me questionar? Eu criei você, a alimentei e lhe dei cada maldita coisa de que sempre precisou. Cuidei de vocês e protegi esta família por dez anos, e nada disso... *nada disso...* será meu.

– Tio Robert – tentou dizer Lucy.

Mas ela mal podia ouvir a própria voz.

Tudo o que ele dissera era verdade. Ele não era dono daquela casa. Não era dono de Abbey ou de qualquer outra propriedade dos Fennsworths. Não possuía nada e nunca possuiria nada além do que Richard fosse querer lhe dar quando assumisse sua posição como conde.

– Sou seu guardião – disse o tio, a voz baixa e sibilante. – Está entendendo? Você vai se casar com Haselby e não falaremos mais sobre isso.

Lucy olhou para ele horrorizada. Aquele homem era seu guardião havia dez anos, e em todo aquele tempo nunca o vira perder a paciência. Seu descontentamento era sempre servido frio.

– É aquele idiota do Bridgerton, não é? – disparou ele, derrubando alguns livros que estavam na mesa e caíram no chão com um baque alto.

Lucy pulou para trás.

– Diga-me! – exclamou ele.

Ela não falou nada, observando o tio com cautela enquanto ele avançava em sua direção.

– Diga-me!

– Sim – respondeu ela, dando mais um passo para trás. – Como o senhor... Como o senhor sabia?

– Você acha que sou idiota? A mãe e a irmã dele pedirem, no mesmo dia, que eu autorizasse sua presença numa festa da família? – Ele praguejou baixinho. – Estavam obviamente conspirando para

roubá-la.

– Mas o senhor me deixou ir ao baile.

– Porque a irmã dele é uma duquesa, sua tola! Até Davenport concordou que você tinha de ir.

– Mas...

– Jesus Cristo – blasfemou tio Robert, deixando Lucy chocada e muda. – Não consigo acreditar na sua estupidez. Será que ele ao menos lhe prometeu casamento? Você está mesmo preparada para abrir mão de herdar um condado pela *possibilidade* de se casar com o quarto filho de um visconde?

– Sim – sussurrou Lucy.

O tio deve ter visto a determinação no rosto dela, porque empalideceu.

– O que você fez? – perguntou ele. – Você deixou que ele a tocasse?

Lucy pensou no beijo, e corou.

– Sua vaca estúpida – sibilou ele. – Bem, sorte sua que Haselby não saberá distinguir uma virgem de uma prostituta.

– *Tio Robert!* – Lucy estremeceu de horror. Não tinha ficado tão valente a ponto de permitir que ele achasse que era impura. – Eu nunca iria... Eu não... Como o senhor pode pensar isso de mim?

– Porque você está agindo como uma maldita idiota – retrucou ele. – A partir de agora, não vai sair desta casa até o dia do seu casamento. Se eu tiver que colocar vigias na porta do seu quarto, farei isso.

– Não! – gritou Lucy. – Como pode fazer isso comigo? Que importância tem isso? Não precisamos do dinheiro deles. Não precisamos dos contatos deles. Por que não posso me casar por amor?

A princípio, seu tio não reagiu. Ficou como se estivesse congelado, o único movimento era uma veia pulsando em sua têmpora. E então, bem quando Lucy pensou que poderia começar a respirar de novo, ele praguejou furiosamente e se lançou em direção a ela, imobilizando-a contra a parede.

– Tio Robert! – exclamou, engasgando. A mão dele estava em seu queixo, forçando sua cabeça para trás. Ela tentou engolir, mas era quase impossível com o pescoço arqueado daquele jeito. – Não... – gemeu. – Por favor... Pare.

Mas ele apertou ainda mais, pressionando o antebraço contra a clavícula de Lucy, os ossos de seu pulso afundando-se dolorosamente na pele dela.

– Você vai se casar com lorde Haselby – sibilou ele. – Vai se casar com ele, e eu vou dizer por quê.

Lucy não tentou mais falar, só o encarou com olhos desesperados.

– Você, minha querida Lucinda, é o último pagamento de uma dívida de longa data com lorde Davenport.

– O que o senhor quer dizer? – sussurrou ela.

– Chantagem – respondeu tio Robert com uma voz amarga. – Estamos pagando Davenport há anos.

– Mas por quê? – perguntou Lucy.

O que eles poderiam ter feito para justificar uma chantagem?

Os lábios de seu tio se curvaram em um sorriso irônico.

– Seu pai, o amado oitavo conde de Fennsworth, era um traidor.

Lucy arfou e teve a sensação de que sua garganta se fechava. Não podia ser verdade. Ela havia pensado, talvez, em um caso extraconjugal. Quem sabe um conde que não fosse realmente um Abernathy. Mas traição? Santo Deus... *não*.

– Tio Robert – disse ela, tentando soar inteligível. – Deve haver algum engano. Um mal-

entendido. Meu pai... Ele não era um traidor.

– Ah, eu lhe asseguro que era, e Davenport sabe disso.

Lucy pensou em seu pai. Ainda podia vê-lo em sua mente – alto, bonito, com olhos azuis luminosos. Ele gastava dinheiro de maneira um pouco inconsequente; mesmo ainda sendo uma criança pequena, ela podia ver isso. Mas não era um traidor. Não podia ter sido. Ele tinha a honra de um cavalheiro. Ela se lembrava disso. Dava para ver na maneira como se portava, nas coisas que lhe ensinara.

– O senhor está mentindo – acusou ela, as palavras queimando em sua garganta. – Ou mal informado.

– Há provas – disse Robert, soltando-a abruptamente e atravessando a sala até sua garrafa de brandy. Encheu um copo e tomou um longo gole. – E Davenport está com elas.

– Como?

– Eu não sei *como*. Só sei que está. Eu mesmo vi.

Lucy engoliu em seco e envolveu o corpo com os braços, ainda tentando absorver o que ele estava dizendo.

– Que tipo de provas?

– Cartas. Escritas com a letra do seu pai.

– Podem ter sido forjadas.

– Têm o selo dele! – trovejou o tio, batendo o copo na mesa.

Os olhos de Lucy se arregalaram ao verem o brandy espirrar na mesa.

– Você acha que eu aceitaria algo assim sem verificar pessoalmente? – perguntou ele. – Havia informações... detalhes... coisas que só seu pai poderia saber. Você acha que eu teria aceitado pagar pela chantagem de Davenport durante todos esses anos se houvesse uma chance de ser mentira?

Lucy balançou a cabeça. Seu tio podia ser muitas coisas, mas não era um tolo.

– Ele veio me procurar seis meses após a morte do seu pai. E venho pagando a ele desde então.

– Mas por que eu? – perguntou ela.

Seu tio riu amargamente.

– Porque você vai ser a perfeita noiva honrada e obediente. Vai compensar as imperfeições de Haselby. Davenport tinha que casar o rapaz com alguém, e precisava de uma família que não fosse dar com a língua nos dentes. – Ele a encarou com um olhar firme. – E nós não vamos. Não podemos. Ele sabe disso.

Lucy assentiu. Nunca falaria sobre essas coisas, independentemente de ser ou não casada com Haselby. Ela *gostava* de Haselby. Não queria tornar a vida difícil para ele. Mas também não queria ser sua esposa.

– Se não se casar com ele – disse o tio, devagar –, toda a família Abernathy estará arruinada. Você entende?

Lucy ficou paralisada.

– Não estamos falando de uma transgressão infantil, um cigano na árvore genealógica. Seu pai cometeu alta traição. Vendeu segredos de Estado para os franceses, passando-os a agentes disfarçados de contrabandistas na costa.

– Mas por quê? – sussurrou Lucy. – Nós não precisávamos do dinheiro.

– Como você acha que *conseguimos* o dinheiro? – rebateu o tio, amargo. – E seu pai... – Ele praguejou em voz baixa. – Seu pai sempre foi atraído pelo perigo. Provavelmente fez tudo isso pela emoção. Não é uma piada? O próprio condado está em perigo, e tudo porque seu pai queria um pouco de aventura.

– Meu pai não era assim – disse Lucy, mas não estava tão segura.

Só tinha 8 anos quando ele foi morto por um salteador em Londres. Disseram-lhe que ele tentara defender uma dama, mas e se aquilo também fosse uma mentira? Será que ele fora assassinado por sua traição? Ele era seu pai, mas até que ponto Lucy realmente sabia sobre sua vida?

Mas tio Robert não pareceu ter ouvido o comentário dela.

– Se você não se casar com Haselby – disse ele, as palavras baixas e precisas –, lorde Davenport irá revelar a verdade sobre seu pai, e você trará vergonha para toda a casa de Fennsworth.

Lucy balançou a cabeça. Tinha que haver outra solução. A responsabilidade não podia estar toda em seus ombros.

– Você acha que não? – Tio Robert riu com desdém. – Quem você acha que vai sofrer, Lucinda? Você? Bem, sim, suponho que vá, mas sempre podemos mandá-la para alguma escola e deixá-la apodrecer lá como professora. Você provavelmente iria gostar.

Ele deu alguns passos na direção dela, sem deixar de encará-la por um só momento.

– Mas pense no seu irmão – continuou ele. – Como ele se sairá como o filho de um traidor? É provável que o rei tire seu título. E a maior parte de sua fortuna também.

– Não – falou Lucy.

Não. Ela não queria acreditar. Richard não fizera nada de errado. Não poderia ser culpado pelos pecados do pai.

Ela afundou em uma cadeira, tentando desesperadamente ordenar seus pensamentos e emoções.

Traição. Como seu pai poderia ter feito uma coisa dessas? Isso ia contra tudo o que ela fora criada para acreditar. Ele não amava a Inglaterra? Não lhe dissera que os Abernathys tinham um dever sagrado com toda a Grã-Bretanha?

Ou tinha sido tio Robert? Lucy fechou os olhos com força, tentando lembrar. Alguém lhe dissera isso. Tinha certeza. Recordava o lugar onde estava na hora, em frente ao retrato do primeiro conde. Lembrava-se do cheiro do ar, e das palavras exatas, e... maldição, ela se lembrava de tudo, menos da pessoa que havia falado.

Abriu os olhos e fitou o tio. Provavelmente tinha sido ele. Parecia algo que diria. Ele não falava muito com ela, mas, quando fazia isso, dever era sempre um de seus temas preferidos.

– Ah, pai... – sussurrou ela.

Como ele tinha sido capaz? Vender segredos para Napoleão... Ele havia colocado em risco a vida de milhares de soldados britânicos. Até mesmo...

Seu estômago revirou. Deus do céu, ele podia ter sido responsável pelas mortes deles. Quem sabia o que havia revelado ao inimigo, quantas vidas tinham sido perdidas em razão de seus atos?

– Depende de você, Lucinda – disse o tio. – É a única maneira de acabar com isso.

Ela balançou a cabeça, sem compreender.

– O que o senhor quer dizer?

– Quando for uma Davenport, não poderá mais haver chantagem. Qualquer vergonha de que quisessem nos acusar iria cair sobre os ombros deles também. – Ele caminhou até a janela, apoiando-se pesadamente no parapeito enquanto olhava para fora. – Depois de dez anos, eu enfim... *Nós* enfim ficaremos livres.

Ela não respondeu. Não havia nada a dizer. Tio Robert a olhou por cima do ombro, em seguida virou-se e caminhou até ela, observando-a com atenção o tempo todo.

– Vejo que você enfim compreendeu a gravidade da situação – falou.

Ela encarou o tio, assombrada. Não havia nenhuma compaixão no rosto dele, nenhuma

solidariedade ou afeição. Apenas uma máscara fria de dever. Ele fizera o que se esperava dele, e ela teria de fazer o mesmo.

Pensou em Gregory, na expressão dele quando a pedira em casamento. Ele a amava. Ela não sabia que milagre provocara isso, mas ele a amava.

E ela também o amava.

Deus do céu, era quase engraçado. Ela, que sempre debochava do amor romântico, tinha se apaixonado. Completa e perdidamente – o suficiente para deixar de lado tudo em que pensara acreditar. Por Gregory, Lucy estava disposta a mergulhar no escândalo e no caos. Por ele, enfrentaria a fofoca, os rumores e as insinuações.

Ela, que enlouquecia quando seus sapatos ficavam fora de ordem no armário, estava preparada para romper com o filho de um conde quatro dias antes do casamento! Se isso não era amor, ela não sabia o que era.

Só que agora estava tudo acabado. Suas esperanças, seus sonhos, os riscos que ansiava correr... estava tudo acabado.

Ela não tinha escolha. Se desafiasse lorde Davenport, sua família estaria arruinada. Pensou em Richard e Hermione – tão felizes, tão apaixonados... Como poderia condená-los a uma existência de vergonha e pobreza?

Se ela se casasse com Haselby, sua vida não seria o que queria, mas não sofreria. Haselby era sensato. Era gentil. Se recorresse a ele, sem dúvida ele iria protegê-la de Davenport. E a vida dela seria... Confortável. Rotineira.

Muito melhor do que o que Richard e Hermione enfrentariam se a desonra de seu pai se tornasse pública. Seu sacrifício não era nada comparado ao que sua família seria forçada a suportar se ela recusasse.

Um dia ela já não quisera apenas conforto e rotina? Não poderia aprender a querer isso de novo?

– Vou me casar com ele – disse Lucy, olhando cegamente pela janela.

Estava chovendo. Quando tinha começado a chover?

– Que bom – respondeu seu tio.

Ela se sentou na cadeira e ficou imóvel. Podia sentir a energia deixando seu corpo, fluindo por seus membros, escorrendo pelos dedos das mãos e dos pés. Santo Deus, ela estava cansada. Esgotada. E não parava de pensar que queria chorar.

Mas não tinha lágrimas. Mesmo depois de se levantar e caminhar lentamente de volta para o quarto dela... não tinha lágrimas.

No dia seguinte, quando o mordomo perguntou se podia receber o Sr. Bridgerton e ela balançou a cabeça dizendo que não... não tinha lágrimas.

E no dia depois desse, quando foi forçada a repetir o mesmo gesto... não tinha lágrimas.

Mas no terceiro dia, depois de passar vinte horas segurando o cartão de visita dele, deslizando suavemente o dedo pelo seu nome, contornando cada letra – *O Honrável Gregory Bridgerton* –, ela começou a finalmente sentir as lágrimas se formando em seus olhos.

Então ela o viu em pé na calçada, olhando para a fachada da Casa Fennsworth.

Nesse momento, Gregory a viu. Ela sabia que sim – os olhos dele se arregalaram e o corpo ficou tenso, e Lucy conseguiu sentir todo seu espanto e sua raiva.

Fechou a cortina rapidamente, e ficou ali tremendo, incapaz de se mover. Seus pés estavam pregados ao chão, e ela começou a sentir aquilo de novo – a terrível sensação de pânico crescendo dentro de si.

Aquilo estava errado. Estava tudo tão errado, e ainda assim ela sabia que estava fazendo o que precisava.

Permaneceu ali, junto à janela, olhando para as ondulações na cortina, enquanto seus membros ficavam cada vez mais tensos e ela se forçava a respirar. Continuou no mesmo lugar quando seu coração começou a doer cada vez mais, e ainda quando tudo foi lentamente se acalmando.

Depois, de alguma forma, conseguiu ir até a cama e se deitou.

E então, enfim, encontrou suas lágrimas.

CAPÍTULO 19

No qual nosso herói toma o problema – e nossa heroína – em suas mãos.

Quando a sexta-feira chegou, Gregory estava desesperado.

Tentara falar com Lucy, na Casa Fennsworth, três vezes. Em todas, tinha sido mandado embora. Estava ficando sem tempo. *Eles* estavam ficando sem tempo.

O que *diabo* estava acontecendo? Mesmo que o tio de Lucy tivesse negado seu pedido de cancelar o casamento – e ele não deveria ter ficado satisfeito, afinal, ela estava tentando romper com um futuro conde –, com certeza Lucy teria tentado entrar em contato com ele.

Ela o amava.

Ele sabia disso como sabia que a Terra era redonda, que os olhos dela eram azul-esverdeados e que dois mais dois sempre, *sempre*, seriam quatro.

Lucy o amava. Ela não mentira sobre algo assim. Era impossível.

O que significava que havia algo errado. Não poderia existir outra explicação.

Ele a procurara no parque, esperando por horas no banco onde ela gostava de alimentar os pombos, mas Lucy não aparecera. Vigilara a porta da casa dela, planejando interceptá-la quando estivesse a caminho de fazer alguma coisa, mas ela não saía de casa.

E então, quando não o deixaram entrar pela terceira vez, ele a viu, apenas de relance, pela janela, e ela fechara as cortinas rapidamente. Mas tinha sido suficiente. Não conseguira ver o rosto de Lucy – não bem o bastante para saber como ela estava. Mas havia algo na maneira como ela se movera, na maneira apressada e quase frenética com que soltara as cortinas.

Algo estava errado.

Será que ela estava sendo mantida presa contra a vontade? Será que tinha sido drogada? A mente de Gregory avaliava todas as possibilidades, cada uma mais terrível do que a outra.

E agora já era noite de sexta. O casamento seria em menos de doze horas. E não havia nenhum boato, nenhum comentário, nenhum vestígio de fofoca. Se houvesse qualquer indício de que o casamento Haselby-Abernathy pudesse não acontecer como o planejado, Gregory teria ouvido falar. No mínimo, Hyacinth teria dito alguma coisa. Ela sabia de tudo, em geral antes dos próprios implicados na fofoca.

Ele estava em meio à sombra em frente à Casa Fennsworth e se recostou no tronco de uma árvore, só olhando. Será que aquela era a janela dela, à qual a vira mais cedo naquele dia? Não avistava nenhuma luz de vela, mas as cortinas provavelmente eram pesadas e grossas. Ou talvez ela tivesse ido para a cama. Era tarde. E ela iria se casar pela manhã. Santo Deus.

Ele não podia deixá-la se casar com lorde Haselby. Se tinha certeza de alguma coisa, era de que ele e Lucinda Abernathy tinham sido feitos para serem marido e mulher. O rosto dela era o que ele deveria ver todas as manhãs à mesa do café.

Gregory riu pelo nariz, uma risada nervosa e desesperada, o som que se faz quando a única alternativa é chorar. Lucy tinha de se casar com ele, nem que fosse só para devorarem toneladas de comida juntos todas as manhãs.

Continuou olhando para a janela dela. A que *esperava* que fosse dela. Com sua sorte, ele podia estar todo sonhador olhando para a janela do banheiro dos criados.

Não soube quanto tempo ficou lá. Pela primeira vez, sentia-se impotente, e pelo menos aquilo – ficar olhando para uma maldita janela – era algo que ele podia controlar.

Então pensou em sua vida. Uma vida glamorosa, com certeza. Muito dinheiro, uma família maravilhosa, montes de amigos. Tinha saúde, sensatez e – até o fiasco com Hermione Watson – uma crença inabalável em sua capacidade de julgamento. Podia não ser o mais disciplinado dos homens, e talvez devesse ter dado mais atenção a todas as coisas a respeito das quais Anthony gostava de importuná-lo, mas sabia o que era certo e o que era errado, e tinha absoluta *certeza* de que sua vida continuaria transcorrendo de maneira feliz e contente.

Ele era um homem que acreditava nesse tipo de coisa.

Não era melancólico. Não era dado a acessos de raiva.

E nunca tivera de se esforçar muito para nada.

Ainda olhando para a janela, pensou que tinha se tornado complacente. Tão confiante em seu próprio final feliz que não acreditara – *ainda* não conseguia acreditar – que poderia não conseguir o que queria.

Ele a pedira em casamento. Lucy tinha aceitado. Sim, era verdade que ela havia sido prometida a Haselby – e as coisas continuavam assim, aliás –, mas o verdadeiro amor não deveria triunfar? Não tinha sido assim com todos os seus irmãos? Por que diabo ele era tão desafortunado?

Pensou na mãe e lembrou-se do olhar dela quando dissecara tão habilmente seu caráter. Ela acertara quase tudo. Mas só quase.

Sim, ele nunca tivera de se esforçar muito por nada. Mas isso era só parte da história. Não era indolente. E seria capaz de fazer tudo por alguma coisa se...

Se tivesse um motivo.

Encarando a janela, pensou que agora tinha um motivo.

Então percebeu que até o momento só tinha esperado. Esperara Lucy convencer o tio a liberá-la do noivado. Esperara as peças do quebra-cabeça da sua vida se encaixarem para poder colocar a última no lugar com um triunfante “A-ha!”.

Esperara o amor. Um chamado.

Esperara a clareza, aquele momento em que saberia exatamente como proceder.

Era hora de parar de esperar, hora de esquecer o destino. Era o momento de agir. De se esforçar. Muito.

Ninguém ia lhe entregar aquela penúltima peça do quebra-cabeça – ele tinha de encontrá-la sozinho.

Precisava ver Lucy. E tinha de ser naquele momento, uma vez que parecia que estava proibido de visitá-la de uma forma mais convencional.

Atravessou a rua, depois furtivamente deu a volta na esquina e foi até os fundos da casa. As janelas do térreo encontravam-se bem fechadas e tudo estava escuro. Mais no alto, algumas cortinas esvoaçavam com a brisa, mas não havia como Gregory escalar o prédio sem cair e morrer.

Ele avaliou os arredores. À esquerda, a rua. À direita, o beco e as cavalariças. E à sua frente... A entrada de serviço.

Observou-a, pensativo. Bem, por que não?

Então se aproximou e colocou a mão na maçaneta. Que girou.

Gregory quase riu de alegria. No mínimo, voltou a acreditar – bem, talvez só um pouco – no destino e todas aquelas besteiras. Com certeza aquilo não era o usual. Um criado devia ter escapulado, talvez para ir a seu próprio encontro amoroso. Se a porta estava destrancada, então claramente era porque Gregory devia entrar.

Ou estava maluco.

Ele preferia acreditar no destino.

Entrou e fechou a porta silenciosamente, então aguardou por um minuto que os olhos se acostumassem à escuridão. Parecia estar em uma grande despensa, com a cozinha à direita. Havia uma boa chance de alguns dos criados de atribuições mais humildes dormirem ali por perto, então tirou as botas e carregou-as enquanto se aventurava mais para o interior da casa.

Seus pés, calçados só com as meias, não fizeram barulho quando ele subiu a escada dos fundos para chegar ao segundo andar – aquele em que achava ficar o quarto de Lucy. Fez uma pausa no patamar, para um breve instante de reflexão e bom senso antes de sair no corredor.

Em que estava pensando? Ele não tinha a menor ideia do que poderia acontecer se fosse pego ali. Estava violando alguma lei? Provavelmente. Não conseguia imaginar como poderia não estar. E, embora ser irmão de um visconde fosse salvá-lo da forca, não conseguiria escapar sem nenhuma consequência quando a casa que tinha invadido pertencia a um conde.

Mas ele tinha de ver Lucy. Estava cansado de esperar.

Ficou mais um tempo ali no patamar para se orientar, em seguida caminhou em direção à frente da casa. Havia duas portas no final. Ele parou, pensando na fachada da construção, depois seguiu para a esquerda. Se Lucy estava mesmo em seu quarto quando a vira, então aquela era a porta correta. Se não...

Bem, então ele não tinha a menor ideia. Nem uma pista. E ali estava, perambulando pela casa do conde de Fennsworth depois da meia-noite.

Santo Deus.

Girou a maçaneta devagar, deixando escapar um suspiro de alívio ao constatar que não fez nenhum clique ou rangido. Abriu a porta apenas o suficiente para passar, então a fechou cuidadosamente, para só depois examinar o quarto.

Estava escuro e o luar mal passava pelas frestas nas cortinas. Mas seus olhos já haviam se ajustado à escuridão e ele conseguia identificar vários móveis – uma penteadeira, um armário... Uma cama.

Era bem grande e pesada, de dossel, com cortinas a toda a volta. Se havia mesmo alguém ali dentro, dormia silenciosamente – nenhum ronco, nenhum farfalhar, nada.

Deve ser assim que Lucy dorme, pensou de repente. Como os mortos. Sua Lucy não era uma flor delicada e não toleraria nada menos do que uma noite de descanso perfeita. Parecia estranho ele ter tanta certeza disso, mas tinha.

Ele a *conhecia*, percebeu. Realmente conhecia. Não só as coisas usuais. Na verdade, ele não sabia as coisas usuais, como a cor favorita dela, ou seu animal ou comida preferidos.

Mas não importava se não sabia se ela preferia rosa, azul, roxo ou preto. Ele conhecia o seu coração. *Queria* o seu coração.

E não podia deixar que ela se casasse com outra pessoa.

Cuidadosamente, abriu a cortina em torno da cama. Não havia ninguém deitado ali.

Gregory praguejou baixinho, até perceber que os lençóis estavam amassados, o travesseiro com a marca recente da cabeça de alguém.

Virou bem a tempo de ver um castiçal balançando com força no ar em direção a ele.

Deixou escapar um gemido de surpresa e se abaixou, mas não rápido o suficiente para evitar um golpe de raspão na têmpora. Praguejou de novo, dessa vez sem abaixar a voz, e então ouviu...

– Gregory?

Ele piscou.

– Lucy?

Ela correu até ele.

– O que você está fazendo aqui?

Gregory acenou com impaciência para a cama.

– Por que não está dormindo?

– Porque vou me casar amanhã.

– Bem, é por isso que estou aqui.

Ela olhou para ele em silêncio, como se sua presença fosse tão inesperada que ela não soubesse como reagir.

– Pensei que você fosse um intruso – disse Lucy, finalmente, apontando para o castiçal.

Ele se permitiu abrir um discreto sorriso.

– Bem, atrevo-me a dizer que, de fato, sou – murmurou.

Por um instante, parecia que ela ia retribuir o sorriso. Mas, em vez disso, ela se encolheu e disse:

– Você deve ir. Agora.

– Não até você falar comigo.

Ela olhou por cima do ombro dele.

– Não há nada a dizer.

– Que tal... eu te amo?

– Não diga isso – sussurrou ela.

Ele chegou mais perto.

– Eu te amo.

– Gregory, por favor.

Ainda mais perto.

– Eu te amo.

Ela respirou fundo. Empertigou os ombros.

– Vou me casar com lorde Haselby amanhã.

– Não, não vai.

Os lábios dela se abriram.

Gregory estendeu o braço e pegou a mão de Lucy. Ela não se afastou.

– Lucy – sussurrou ele.

Ela fechou os olhos.

– Fique comigo – pediu ele.

– Por favor, não – disse ela, balançando a cabeça lentamente.

Gregory a puxou para mais perto e pegou o castiçal da mão dela, que já não o segurava com firmeza.

– Fique comigo, Lucy Abernathy. Seja meu amor, seja minha esposa.

Ela abriu os olhos, mas o encarou apenas por um instante, antes de virar.

– Você está tornando tudo isso muito pior – sussurrou.

A dor em sua voz era insuportável.

– Lucy – disse Gregory, tocando o rosto dela –, deixe-me ajudá-la.

Ela balançou a cabeça, mas fez uma pausa quando seu rosto se aninhou na palma da mão dele.

Não por muito tempo. Pouco mais de um segundo. Mas ele percebeu.

– Você não pode se casar com ele – afirmou Gregory, virando o rosto dela em sua direção. – Não vai ser feliz.

Os olhos dela brilharam ao encontrarem os dele. Na penumbra da noite, pareciam de um tom de cinza muito, muito escuro, e dolorosamente tristes. Gregory podia imaginar o mundo inteiro ali, nas profundezas do olhar dela. Tudo o que precisava saber, tudo o que podia *um dia* precisar saber... estava lá, dentro dela.

– Você não vai ser feliz, Lucy – sussurrou. – Sabe que não.

Ela continuou em silêncio. O único som era o de sua respiração. E, então, finalmente...

– Serei contente.

– *Contente?* – repetiu Gregory, a mão deixando o rosto dela e caindo do lado do corpo enquanto se afastava. – Você vai ser contente?

Ela assentiu.

– E isso é o *suficiente*?

Lucy assentiu de novo, mas de maneira mais contida.

A raiva começou a faiscar dentro dele. Ela estava disposta a deixá-lo por isso? Por que não queria lutar?

Ela o amava, mas será que o bastante?

– É a posição dele? – perguntou. – Significa tanto assim para você ser uma condessa?

Lucy esperou muito tempo antes de responder, e Gregory sabia que ela estava mentindo quando disse:

– Sim.

– Eu não acredito – disse ele, e sua voz soou terrível.

Ferida. Irritada.

Ele olhou para a mão e piscou, surpreso, ao perceber que ainda segurava o castiçal. Queria atirá-lo na parede. Mas, em vez disso, só o pousou. Pôde ver que suas mãos não estavam muito firmes.

Olhou para ela, que não falou nada.

– Lucy, me diga o que é – implorou. – Deixe-me ajudá-la.

Ela engoliu em seco e ele percebeu que não o olhava mais.

Pegou as mãos dela. Lucy ficou tensa, mas não se afastou. Seus corpos estavam frente a frente e ele podia ver o peito dela subir e descer, arfando. Que era o que estava acontecendo com seu próprio peito.

– Eu te amo – disse ele.

Porque, se continuasse falando isso, talvez pudesse bastar. Talvez as palavras enchessem o quarto, envolvessem-na e chegassem até seu coração. Talvez ela enfim percebesse que há certas coisas que não se pode negar.

– Pertencemos um ao outro – disse ele. – Pela eternidade.

Lucy fechou os olhos com força. Quando os abriu novamente, parecia devastada.

– Lucy – chamou Gregory, tentando colocar toda sua alma em uma única palavra. – Lucy, diga que você...

– Por favor, não fale isso – pediu ela, virando a cabeça para não olhar direto para ele. Sua voz ficou trêmula, difícil de sair. – Fale qualquer outra coisa, mas não isso.

– Por que não?

Então ela sussurrou:

– Porque é verdade.

Ele ficou sem ar e, em um rápido movimento, puxou-a para junto de si. Não era exatamente um abraço. Os dedos dos dois estavam entrelaçados, os braços dobrados, as mãos no meio dos ombros.

Gregory sussurrou o nome dela.

Os lábios de Lucy se entreabriram.

Ele sussurrou de novo, tão baixinho que as palavras eram mais um movimento do que um som.

Lucy, Lucy.

Ela ficou parada, mal respirando. O corpo de Gregory estava tão perto do dela, e ainda assim sem tocar exatamente. Mas havia calor preenchendo o espaço entre eles, rodopiando pela sua camisola, vibrando pela sua pele.

Lucy estremeceu.

– Deixe-me beijar você – sussurrou ele. – Só mais uma vez. Deixe-me beijá-la mais uma vez e, se você me disser para ir embora, eu juro que vou.

Lucy sentiu sua força de vontade se desfazendo, transformando-se em necessidade, e então ela se perdeu em um estado nebuloso de amor e desejo, no qual não era possível discernir muito bem o certo do errado.

Ela o amava. Amava tanto, e ele não podia ser dela. Seu coração estava acelerado, a respiração, trêmula, e tudo em que conseguia pensar era que nunca iria se sentir assim de novo. Ninguém jamais olharia para ela da maneira como Gregory estava olhando naquele momento. Em menos de um dia, ela se casaria com um homem que não iria nem mesmo querer beijá-la.

Nunca mais sentiria aquela estranha contração no núcleo de sua feminilidade, a vibração em sua barriga. Aquela era a última vez que olharia para os lábios de alguém *ansioso* para que tocassem os dela.

Santo Deus, ela o queria. Queria *aquilo*. Antes que fosse tarde demais.

E Gregory a amava. Dissera isso, e mesmo que ela quase não conseguisse acreditar no fato, acreditava *nele*.

Passou a língua pelos lábios.

– Lucy – sussurrou ele, o nome dela uma indagação, uma declaração e um apelo, tudo ao mesmo tempo.

Ela assentiu. E então, porque sabia que não poderia mentir para si mesma ou para ele, Lucy disse:

– *Me beije.*

Não haveria por que fingir depois, dizer que fora arrebatada pela paixão, privada de sua capacidade de pensar. A decisão fora dela. E ela escolhera.

Por um instante, Gregory não se mexeu, mas ela sabia que a ouvira. Ele ficou sem ar e seus olhos pareceram derreter diante dela.

– Lucy – disse ele, a voz grave, rouca e uma centena de outras coisas que fizeram os ossos dela se desmancharem.

Os lábios dele encontraram a curva entre o queixo e o pescoço dela.

– Lucy – murmurou Gregory.

Ela queria dizer algo em resposta, mas não conseguia. Precisara de todas as suas forças só para pedir que a beijassem.

– Eu te amo – sussurrou ele, deixando um rastro de palavras ao longo do pescoço dela até a clavícula. – Eu te amo. Eu te amo.

Eram as palavras mais dolorosas, magníficas, terríveis e maravilhosas que ele poderia ter dito. Ela queria chorar... de felicidade e de tristeza.

Prazer e dor.

E Lucy entendeu – pela primeira vez – a alegria espinhosa do completo egoísmo. Ela não devia

estar fazendo aquilo, por saber que Gregory provavelmente estava pensando que ela encontraria uma forma de cancelar seu compromisso com Haselby.

De certa forma, estava mentindo para ele. Tanto quanto se tivesse dito as palavras.

Mas não podia evitar.

Aquele era o seu momento. O momento de agarrar a felicidade. E a lembrança dessa alegria teria de durar uma vida inteira.

Encorajada pelo fogo que a consumia, Lucy tomou o rosto de Gregory entre as mãos e puxou-o para si com força, para um beijo tórrido. Não tinha ideia do que estava fazendo – estava certa de que devia haver regras para tudo aquilo, mas não se importava. Só queria beijá-lo, e não conseguia se conter.

A mão de Gregory se moveu para o quadril dela, fazendo sua pele arder através do fino tecido da camisola. Em seguida, deslizou para o traseiro dela, segurando e apertando, e não havia mais espaço entre eles. Lucy sentiu que foi se deitando e então de repente os dois estavam na cama, ele deitado em cima dela, seu calor e seu peso maravilhosamente masculinos.

Lucy se sentia uma mulher. Uma deusa.

Sentiu que podia envolvê-lo com seu corpo e nunca mais soltar.

– Gregory – sussurrou, encontrando a voz enquanto entrelaçava os dedos nos cabelos dele.

Ele parou e ela sabia que estava esperando que dissesse mais alguma coisa.

– Eu te amo – falou Lucy, então, porque era verdade, e porque ela precisava que *algo* fosse verdade.

No dia seguinte, ele a odiaria. Ela o trairia, mas pelo menos com relação àquilo não estava mentindo.

– Eu quero você – disse, quando ele levantou a cabeça para olhar em seus olhos.

Gregory a fitou com ar sério por um longo tempo e Lucy teve consciência de que ele estava lhe dando uma última chance de voltar atrás.

– Eu quero você – repetiu, porque o queria muito além das palavras.

Queria que ele a beijasse, que a tomasse e esquecesse que ela não estava sussurrando juras de amor.

– Lu...

Ela levou um dedo à sua boca e sussurrou:

– Eu quero ser sua. Hoje.

O corpo dele estremeceu, a respiração correndo de forma audível pelos lábios. Ele gemeu alguma coisa, talvez o nome de Lucy, e então sua boca encontrou a dela em um beijo que dava e tomava, queimava e consumia, até Lucy não conseguir mais ficar só parada embaixo dele. As mãos dela deslizaram para o pescoço de Gregory, depois para dentro de seu paletó, os dedos procurando desesperadamente calor e pele. Ele então murmurou alguma coisa com a voz rouca, levantou o tórax, ainda em cima dela, e arrancou o paletó e a gravata.

Lucy o encarou com os olhos arregalados. Gregory tirava a camisa, não lenta ou elegantemente, mas com uma velocidade frenética que ressaltava seu desejo.

Ele não estava em controle de si mesmo. Ela podia não estar, mas ele também não. Era um escravo daquele fogo tanto quanto ela.

Gregory jogou a camisa de lado e ela ficou sem ar com a visão dos poucos pelos no peito dele, dos músculos que esculpiam e modelavam sua pele.

Ele era lindo e gracioso. Lucy não tinha percebido como um homem podia ser gracioso assim, mas era a única palavra capaz de descrevê-lo. Ela levantou a mão e pousou-a na pele dele

cuidadosamente. Os músculos de Gregory pulsavam por baixo e ela quase recolheu a mão.

– Não – pediu ele, cobrindo a mão dela com a sua e em seguida levando-a até seu coração.

Então olhou nos olhos dela.

Ela não conseguiu desviar o olhar.

No momento seguinte o corpo forte e quente dele estava de novo totalmente em cima do dela, suas mãos e lábios correndo por todos os lugares. E de repente a camisola de Lucy já não parecia cobrir muito de seu corpo. Estava bem para cima, na altura das coxas, depois embolada em volta da cintura. Ele a tocava – não *lá*, mas perto. Roçando a barriga dela, fazendo a pele de Lucy queimar.

– Gregory – disse ela, arfando, porque de alguma forma os dedos dele tinham encontrado seu seio.

– Ah, Lucy... – gemeu ele, apertando, provocando o mamilo, e...

Ah, meu Deus. Como era possível ela sentir isso *lá*?

Lucy precisava estar mais perto dele, e seus quadris arquearam e corcovearam. Ela tinha a necessidade de algo que não sabia bem o que era, algo que iria preenchê-la, completá-la.

Ele então puxou a camisola dela para cima, passando-a pela cabeça e deixando-a escandalosamente nua. Uma das mãos de Lucy subiu, por instinto, para se cobrir, mas ele agarrou o pulso dela e segurou-o contra o próprio peito. Gregory estava sentado por cima dela, encarando-a como se... como se...

Como se ela fosse bonita.

Ele a encarava como os homens sempre olhavam para Hermione, só que agora havia *mais*. Mais paixão, mais desejo.

Ela se sentiu adorada.

– Lucy – murmurou Gregory, acariciando levemente o seio dela. – Eu sinto... Eu acho... – Ele abriu os lábios e balançou a cabeça bem devagar, como se não compreendesse muito bem o que acontecia com ele. – Eu estava esperando por isso – sussurrou. – A vida inteira. E eu nem sabia. Eu não sabia.

Ela pegou a mão dele, levou-a à boca e beijou a palma. Ela entendia.

A respiração de Gregory acelerou e então ele saiu de cima dela, as mãos indo em direção ao fecho da calça.

Os olhos de Lucy se arregalaram e ela ficou observando.

– Vou ser gentil – disse ele. – Eu juro.

– Não estou preocupada – garantiu ela, conseguindo abrir um sorriso vacilante.

Os lábios dele se curvaram em resposta.

– Você parece preocupada.

– Não estou.

Mas, ainda assim, os olhos dela divagavam.

Gregory riu, deitando-se ao seu lado.

– Pode doer. Já me disseram que isso acontece no começo.

Ela balançou a cabeça.

– Eu não me importo.

Ele deslizou a mão pelo braço dela.

– Só lembre, se doer, que vai ficar melhor.

Ela sentiu aquela sensação começando de novo, aquele ardor.

– Melhor como? – perguntou, a voz ofegante.

Ele sorriu enquanto seus dedos encontravam o quadril dela.

– *Muito* melhor, pelo que soube.

– *Muito* melhor? – perguntou ela, agora mal conseguindo falar.

Gregory foi para cima de Lucy de novo, cada centímetro de sua pele cobrindo a dela. Era tentador. Maravilhoso.

– Muito mesmo – respondeu Gregory, mordiscando de leve o pescoço dela. – Incrivelmente melhor, na verdade.

Lucy notou as próprias pernas se abrirem e o corpo dele se aninhar no espaço entre elas. Podia senti-lo, rígido e quente, pressionando o corpo contra o dela. Lucy se retesou, e ele deve ter sentido, porque fez um *Shhh* tranquilizador com os lábios no ouvido dela.

Então começou a descer.

E descer.

E descer.

Os lábios de Gregory foram incendiando cada milímetro do pescoço dela até a curva do ombro, e depois... Ah, meu Deus.

A mão dele segurava seu seio, deixando-o bem redondo e aprumado, e a boca encontrou o mamilo.

Ela se arqueou embaixo dele.

Gregory riu e sua outra mão a manteve imóvel, segurando-lhe o ombro, enquanto ele continuava sua tortura, parando apenas para passar para o outro lado.

– Gregory... – gemeu Lucy, porque não sabia mais o que dizer.

Estava perdida em meio àquela sensação, completamente indefesa diante daquela investida sensual. Não conseguia explicar, não conseguia entender ou racionalizar. Só podia sentir, e era a coisa mais assustadora e emocionante possível.

Então Gregory largou seu seio, depois de mordiscá-lo uma última vez, e olhou para ela de novo. A respiração dele estava ofegante, os músculos, tensos.

– Toque em mim – pediu ele com a voz rouca.

Os lábios dela se entreabriram e seus olhos encontraram os dele.

– Em qualquer lugar – implorou ele.

Foi só nesse momento que Lucy percebeu que suas mãos estavam ao lado do corpo, agarrando os lençóis como se isso pudesse mantê-la sã.

– Ah, me desculpe – disse ela, e então, surpreendentemente, começou a rir.

Um dos cantos da boca de Gregory se curvou.

– Temos que acabar com esse seu hábito – murmurou ele.

Lucy levou as mãos às costas dele, explorando delicadamente sua pele.

– Você não quer que eu peça desculpas? – perguntou.

Quando Gregory brincava, quando a provocava, isso a deixava mais à vontade. Mais ousada.

– Não por isso – gemeu ele.

Ela esfregou os pés contra as panturrilhas dele.

– Nunca?

E então as mãos dele começaram a fazer coisas indizíveis.

– Você quer que *eu* peça desculpas? – indagou ele.

– Não – respondeu ela, arfando.

Ele estava tocando-a intimamente, de maneiras que Lucy não sabia que eram possíveis. Deveria ser a coisa mais incômoda do mundo, mas não era. Os movimentos dele a faziam se retesar, se arquear, se contorcer. Ela não tinha ideia do que estava sentindo – não poderia descrever nem se

tivesse Shakespeare à sua disposição.

Mas queria mais. Esse era o seu único pensamento, a única coisa de que tinha certeza.

Gregory a fazia se sentir tomada, arrebatada, extasiada.

E ela queria tudo isso.

– Por favor – implorou Lucy, as palavras escapando de seus lábios. – Por favor...

Mas Gregory também estava além das palavras. Ele dizia o nome dela várias vezes seguidas, como se não fosse mais capaz de pronunciar qualquer outra coisa.

– Lucy... – sussurrou, os lábios deslizando para o espaço entre os seios dela. – Lucy... – gemeu, deslizando um dedo para dentro dela e arfando. – *Lucy!*

Ela o tocara. Suave e timidamente.

Mas era ela. Era a mão dela, sua carícia, e parecia que havia ateadado fogo nele.

– Desculpe – disse, afastando a mão.

– *Não* se desculpe – grunhiu Gregory, não porque estivesse com raiva, mas porque mal conseguia falar. Ele pegou a mão dela e levou-a de volta para o mesmo lugar. – É assim que a quero – falou, colocando a mão por cima da dela. – Com tudo o que tenho, com tudo o que sou.

Seu nariz estava só a uns 2 centímetros do dela. A respiração dos dois se misturava, e seus olhos... eram como se fossem um só.

– Eu te amo – murmurou Gregory, posicionando-se em cima dela.

Lucy moveu a mão suavemente, levando-a para as costas dele.

– Eu também te amo – sussurrou, e então arregalou os olhos, como se estivesse surpresa por ter dito isso.

Mas ele não ligava. Não importava se ela tivera ou não a intenção de falar. Já proferira as palavras e não poderia voltar atrás. Ela era dele.

E ele era dela. Enquanto Gregory se mantinha imóvel, pressionando delicadamente a entrada dela, percebeu que estava à beira de um precipício. A vida dele agora se dividiria em duas partes: antes e depois daquilo.

Ele nunca mais amaria outra mulher.

Nunca *seria capaz* de amar outra mulher.

Não depois daquilo. Não enquanto Lucy andasse sobre a Terra. Não poderia haver mais ninguém.

O precipício era aterrorizante. Aterrorizante, emocionante, e...

E ele pulou.

Lucy arfou quando ele arremeteu para a frente, mas quando Gregory olhou para ela, viu que não parecia sentir dor. A cabeça dela estava jogada para trás e cada respiração era acompanhada de um suave gemido, como se não conseguisse conter o próprio desejo.

Ela o envolveu com as pernas, os pés deslizando pelas panturrilhas dele. E os quadris dela se levantavam da cama, implorando-lhe para continuar.

– Não quero machucar você – disse ele, todos os músculos tensos, desejando avançar.

Nunca quisera nada como a queria naquele momento. E, ainda assim, nunca se sentira tão controlado. Aquele momento era dela. Não podia machucá-la.

– Não está machucando – gemeu Lucy, e então ele não pôde mais se controlar.

Capturou o seio dela na boca enquanto investia, rompendo a barreira final e enterrando-se por completo dentro dela.

Se Lucy sentira dor, não se importara. Deixou escapar um gritinho de prazer e agarrou impetuosamente a cabeça dele. Começou a se contorcer e, quando Gregory tentou passar para o outro

seio, ela o manteve no lugar com uma feroz intensidade.

E o tempo todo o corpo dele se unia ao dela, movendo-se em um ritmo que ia muito além de qualquer pensamento ou controle.

– Lucy, Lucy, Lucy... – gemeu ele, finalmente largando o seio dela.

Gregory não estava mais aguentando. Era de mais. Ele precisava de espaço para respirar, para buscar o ar que nem sempre parecia chegar a seus pulmões.

– *Lucy!*

Tinha que esperar. Estava tentando. Mas ela o agarrava, cravando as unhas em seus ombros, e o corpo dela se projetava para cima com força suficiente para levantá-lo junto.

E então ele a sentiu. Ela se retesou, prendendo-o e estremecendo ao redor dele, e ele explodiu.

E, junto com ele, o mundo também.

– Eu te amo – falou Gregory, ofegante, enquanto desabava em cima dela.

Tinha achado que não conseguiria dizer mais nada, mas lá estavam as palavras.

Aquelas três pequenas palavras, que agora eram suas companheiras.

Eu te amo.

Ele nunca mais ficaria sem elas.

E isso era uma coisa esplêndida.

CAPÍTULO 20

No qual nosso herói tem uma manhã muito ruim.

Mais tarde, após dormirem um pouco e depois desfrutarem de mais alguns momentos de paixão, e em seguida não dormirem exatamente, mas aproveitarem um pouco de descanso tranquilo e silencioso, seguido de mais paixão – porque simplesmente não conseguiam se controlar –, estava na hora de Gregory ir embora.

Era a coisa mais difícil que faria, mas ainda assim partiria com o coração cheio de alegria, porque sabia que aquele não era o fim. Não era sequer um adeus – não era nada tão permanente assim. Mas já começava a ficar perigoso. Logo amanheceria, e, embora tivesse a intenção de se casar com Lucy assim que possível, não a faria passar pela vergonha de ser pega na cama com ele na manhã de seu casamento com outro.

Também tinha de pensar em Haselby. Não o conhecia bem, mas ele sempre parecera um sujeito gentil que não merecia ser humilhado publicamente.

– Lucy – sussurrou Gregory, cutucando a bochecha dela com o nariz –, já é quase de manhã.

Ela deixou escapar um gemido sonolento, então virou a cabeça.

– Sim.

Apenas *Sim*, não *É tudo tão injusto* ou *Não deveria ter que ser assim*. Mas essa era Lucy. Pragmática, prudente e sensata de uma forma encantadora, e ele a amava por tudo isso e mais. Ela não queria mudar o mundo. Só queria torná-lo lindo e maravilhoso para as pessoas que amava.

O fato de ela ter permitido que ele fizesse amor com ela e estivesse planejando cancelar o casamento bem na manhã da cerimônia só mostrava a ele como o amava. Lucy não procurava atenção e drama. Só desejava estabilidade e rotina, e para ela dar aquele salto...

Isso o comovia.

– Você devia vir comigo – disse ele. – Agora. Precisamos sair juntos antes de os outros acordarem.

O lábio inferior dela se estendeu um pouco em uma expressão de *ah, querido* tão linda que ele foi obrigado a beijá-la. De leve, apenas um rápido beijo no canto da boca, já que não havia tempo suficiente para se deixar levar pela emoção. Nada que interferisse na resposta dela, que foi um decepçante:

– Não posso.

Ele recuou.

– Você não pode ficar.

Mas ela balançou a cabeça.

– Eu... eu tenho que fazer a coisa certa.

Gregory olhou para ela com ar indagador.

– Devo me comportar com honra – explicou Lucy.

Ela então se sentou e agarrou os lençóis com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. Parecia nervosa, o que ele imaginava que fazia sentido. Ele se sentia no limiar de um novo alvorecer, ao passo que ela ainda tinha uma imensa montanha para escalar antes de alcançar o seu final feliz.

Gregory estendeu o braço, tentando pegar a mão dela, mas Lucy não estava receptiva. Não é que

estivesse se afastando dele; na verdade, parecia que não estava nem percebendo o seu toque.

– Não posso fugir e deixar que lorde Haselby fique me esperando em vão na igreja – disse ela, as palavras saindo depressa de seus lábios enquanto seus olhos se voltavam para os dele, arregalados e suplicantes.

Mas apenas por um momento.

Logo depois ela virou.

E engoliu em seco. Gregory não conseguia ver o rosto dela, mas podia notar pela forma como ela se movia.

Lucy então disse baixinho:

– Tenho certeza que você entende.

Sim, ele entendia. Era uma das coisas que mais amava nela. Lucy tinha um forte senso de certo e errado, às vezes ao ponto da teimosia. Mas ela nunca era moralista, nunca era condescendente.

– Vou ficar de olho em você – falou Gregory.

Ela virou a cabeça de repente com um olhar de indagação.

– Você pode precisar da minha ajuda – disse ele.

– Não, isso não será necessário. Tenho certeza que posso...

– Eu insisto – interrompeu Gregory, com firmeza suficiente para silenciá-la. – Este será o nosso sinal. – Ele ergueu a mão, os dedos fechados, a palma para fora. Então, girou o pulso uma vez, para deixar a palma da mão de frente para ele, e depois de novo, para que voltasse à posição original. – Vou ficar de olho em você. Se precisar da minha ajuda, venha para a janela e faça o sinal.

Lucy abriu a boca, como se fosse protestar mais uma vez, mas acabou apenas assentindo.

Gregory então se levantou e abriu as cortinas que cercavam a cama dela, à procura de suas roupas. Estava tudo espalhado – as calças de um lado, a camisa do outro –, mas ele logo reuniu o que precisava e se vestiu.

Lucy continuou sentada na cama, com os lençóis presos por baixo do braço. Ele achou seu recato charmoso e quase a provocou. Mas, em vez disso, decidiu só abrir um alegre sorriso. Tinha sido uma noite importante para Lucy; ela não devia se sentir constrangida por sua inocência.

Gregory foi até a janela para espiar lá fora. Ainda não havia amanhecido, mas faltava pouco, o horizonte com aquela luz suave que só se vê antes de o sol aparecer. O céu tinha um brilho delicado, um tom sereno de azul-arroxeadado, e estava tão bonito que Gregory fez um gesto para que ela se juntasse a ele. Virou de costas enquanto Lucy vestia a camisola e, quando ela cruzou o quarto com os pés descalços, a puxou gentilmente para si, abraçando-a por trás, e apoiou o queixo no alto da cabeça dela.

– Olhe – sussurrou.

A noite parecia dançar, reluzente e vibrante, como se o próprio ar entendesse que nada nunca mais seria a mesma coisa. A aurora aguardava do outro lado do horizonte e as estrelas já começavam a parecer menos brilhantes no céu.

Se ele pudesse ter congelado o tempo, teria feito isso. Nunca tinha experimentado um momento tão mágico, tão... pleno. Estava tudo lá, tudo o que era bom, honesto e verdadeiro. Gregory finalmente entendeu a diferença entre felicidade e contentamento, e como era afortunado e abençoado de sentir os dois de forma tão impressionante.

O motivo era Lucy. Ela o completava e tornava sua vida tudo o que ele sempre soubera que um dia poderia ser.

Aquele era o sonho dele. E estava se tornando realidade, bem ali ao alcance de seus braços.

E então, bem quando eles estavam ali junto à janela, uma das estrelas riscou o céu. Fez um arco

amplo e Gregory quase achou que podia ouvi-la viajar, faiscando e crepitando, até desaparecer de vista.

Aquilo o fez beijá-la. Ele imaginava que um arco-íris também teria feito, ou um trevo de quatro folhas, ou até mesmo um simples floco de neve que pousasse em sua manga sem derreter. Era simplesmente impossível contemplar qualquer pequeno milagre da natureza e não beijá-la. Beijou o pescoço dela, depois a virou de frente para ele para poder beijar sua boca, sua testa, até seu nariz.

E as sete sardas também. Deus, ele amava as sardas dela.

– Eu te amo – sussurrou.

Lucy apoiou o rosto no peito dele e sua voz estava rouca, quase sufocada, quando ela disse:

– Eu também te amo.

– Tem certeza de que não quer vir comigo agora?

Ele sabia a resposta, mas perguntou mesmo assim.

Como esperava, ela balançou a cabeça.

– Tenho que fazer isso sozinha.

– Como será que seu tio vai reagir?

– Eu... não tenho certeza.

Ele deu um passo para trás, segurando-a pelos ombros e se abaixando até a altura dos olhos dela.

– Ele vai machucá-la?

– Não – garantiu Lucy, tão rápido que ele acreditou. – Não. Eu juro.

– Será que ele vai tentar forçá-la a se casar com Haselby? Trancá-la no quarto? Porque eu posso ficar. Se você achar que vai precisar de mim, eu posso ficar bem aqui.

Isso criaria um escândalo ainda pior do que o que já precisariam enfrentar, mas se a segurança dela estivesse em risco...

Não havia nada que ele não fizesse.

– Gregory...

Ele a silenciou com um aceno de cabeça.

– Você entende que deixá-la aqui para enfrentar isso sozinha vai completamente contra tudo em que acredito, não entende?

Os lábios dela se abriram, e os olhos...

Os olhos se encheram de lágrimas.

– Jurei, em meu coração, protegê-la – disse Gregory, a voz apaixonada, ardente e talvez até um pouco reveladora.

Porque, percebeu ele, aquele era o dia em que realmente se tornava um homem. Depois de 26 anos de uma existência agradável e, sim, inconsequente, ele enfim tinha encontrado o seu propósito.

Enfim sabia por que tinha nascido.

– Jurei, em meu coração – repetiu ele –, e vou jurar diante de Deus assim que pudermos. E dói como ácido em meu peito deixá-la sozinha.

Sua mão encontrou a dela e seus dedos se entrelaçaram.

– Não é justo – disse ele, a voz baixa, mas firme.

Lentamente, ela assentiu.

– Mas é o que deve ser feito.

– Se houver algum problema, se perceber algum perigo, você tem que me prometer que vai dar o sinal e eu virei ajudá-la. Você pode se refugiar na casa da minha mãe. Ou com qualquer uma das minhas irmãs. Elas não se importarão com o escândalo. Só se preocuparão com a sua felicidade.

Ela engoliu em seco, depois sorriu, e seu olhar pareceu melancólico.

– Sua família deve ser maravilhosa – comentou.

Ele tomou as mãos dela e as apertou.

– Também é a *sua* família agora. – Gregory esperou que Lucy dissesse alguma coisa, mas ela ficou em silêncio. Ele levou as mãos dela aos lábios e beijou uma de cada vez. – Em breve, tudo isso vai ficar para trás – sussurrou.

Ela fez que sim e olhou por cima do ombro em direção à porta.

– Os criados vão acordar daqui a pouco.

Então ele saiu. Passou de fininho pela porta, botas na mão, e se esgueirou pelo mesmo caminho por onde entrara.

Ainda estava escuro quando chegou ao pequeno parque na praça em frente à casa dela. Faltavam horas para o casamento, e certamente ele tinha tempo suficiente para voltar em casa e mudar de roupa.

Mas não estava disposto a arriscar. Dissera a Lucy que iria protegê-la, e nunca quebraria essa promessa.

Nesse momento, algo lhe ocorreu: não precisava fazer aquilo sozinho. Na verdade, não *devia* fazer aquilo sozinho. Se Lucy precisasse dele, teria de estar firme e forte. E, se Gregory precisasse recorrer à força, sem dúvida seria bom poder contar com um par extra de mãos.

Ele nunca procurara os irmãos para pedir ajuda, nunca recorrera a eles para sair de uma situação difícil. Era um homem relativamente jovem e já saíra para beber, jogar, flertar.

Mas nunca tinha bebido demais, ou apostado mais do que tinha, ou, até a noite anterior, flertado com uma mulher que arriscava a reputação para estar com ele.

Nunca tinha procurado ser responsável, mas também jamais fora atrás de problemas.

Seus irmãos sempre o viram como um garoto. Mesmo agora, aos 26 anos, ele suspeitava que não o encaravam como um adulto. E, assim, ele não pedia ajuda. Não se colocava em nenhuma situação em que pudesse precisar de alguém.

Até agora.

Um de seus irmãos morava perto dali, a menos de meio quilômetro de distância, talvez a uns 200 metros. Gregory poderia ir lá e voltar em vinte minutos, incluindo o tempo que levaria para tirar Colin da cama.

Ele estava se preparando para começar a correr quando viu um limpador de chaminés atravessando a rua. Era jovem – 12, talvez 13 anos – e com certeza ansioso por um guinéu. E pela promessa de outro assim que entregasse a mensagem de Gregory ao irmão dele.

Gregory o viu dobrar a esquina correndo, então atravessou de volta para o jardim público. Não havia lugar para sentar – na verdade, não havia lugar para ficar em que não fosse imediatamente visto da Casa Fennsworth.

Então ele subiu em uma árvore. Sentou-se em um galho baixo e forte, recostou-se no tronco e esperou.

Um dia, disse a si mesmo, riria daquilo. Um dia eles contariam essa história aos netos e tudo soaria muito romântico e emocionante.

Mas por ora... Romântico, sim. Emocionante, nem tanto.

Ele esfregou as mãos. Acima de tudo, estava frio.

Deu de ombros, torcendo para não sentir mais a friagem. Não deu certo, mas não se importava. O que eram alguns dedos com a ponta azul comparados ao restante da sua vida?

Ele sorriu, erguendo o olhar até a janela de Lucy. Lá estava ela, pensou. Bem ali, atrás daquela

cortina. E ele a amava. Com todas as forças.

Pensou em seus amigos, a maioria deles cínicos, sempre lançando um olhar entediado ao mais novo grupo de debutantes, dizendo que o casamento é uma obrigação, que as mulheres são todas iguais e que é melhor deixar o amor para os poetas.

Tolos, a maioria deles.

O amor existia.

Estava bem ali, no ar, no vento, na água. Só era preciso esperá-lo.

Cuidar dele.

Lutar por ele.

E Gregory faria isso. Deus era sua testemunha. Lucy só tinha de sinalizar e ele iria resgatá-la.

Era um homem apaixonado.

Nada poderia detê-lo.



– Você percebe que não era assim que eu pretendia passar a minha manhã de sábado, certo?

Gregory respondeu apenas com um aceno de cabeça. Seu irmão tinha chegado quatro horas antes e o saudara com a seguinte declaração:

– Isso é interessante.

Gregory contara tudo a ele, até mesmo o que acontecera na noite anterior. Não queria expor Lucy, mas não se pode pedir a um irmão que se sente em uma árvore por horas a fio sem explicar por quê. E Gregory achara de certa forma reconfortante se abrir com Colin. Ele não lhe dera um sermão. Não o julgara.

Na verdade, ele entendera.

Quando Gregory terminara a história, explicando de forma sucinta por que estava esperando em frente à Casa Fennsworth, Colin simplesmente assentira e dissera:

– Imagino que você não tenha nada aí para comer.

Gregory balançara a cabeça e sorria.

Era bom ter um irmão.

– Que péssimo planejamento da sua parte – resmungou Colin.

Mas ele também sorria.

Então voltaram a olhar para a casa, que fazia algum tempo já havia começado a mostrar sinais de vida. Cortinas tinham sido puxadas, velas tinham sido acesas e depois, apagadas, quando a aurora dera lugar à manhã.

– Ela já não deveria ter saído a esta altura? – perguntou Colin, estreitando os olhos em direção à porta.

Gregory franziu a testa. Vinha se perguntando a mesma coisa. Dissera a si mesmo que o fato de ela ainda não ter aparecido era um bom presságio. Se o seu tio fosse forçá-la a se casar com Haselby, ela já não teria saído para a igreja? De acordo com seu relógio de bolso – que, verdade fosse dita, não era o mais preciso dos relógios –, a cerimônia deveria começar em menos de uma hora.

Mas Lucy também não havia sinalizado pedindo sua ajuda.

E ele não estava nada feliz com isso.

De repente, Colin se animou.

– O que foi? – perguntou Gregory.

Colin fez um gesto para a direita com a cabeça.

– Estão trazendo uma carruagem das cavalaria – disse ele.

Os olhos de Gregory se arregalaram de horror quando a porta da frente da casa se abriu. Vários criados saíram, rindo e comemorando, enquanto o veículo parava diante da construção.

Era branco, aberto, enfeitado com flores e largas fitas rosadas, penduradas atrás, que esvoaçavam com a suave brisa.

Era uma carruagem de casamento.

E ninguém parecia estranhar.

Gregory começou a sentir a pele formigar. Seus músculos ardiam.

– Ainda não – disse Colin, apoiando a mão no braço de Gregory para contê-lo.

Gregory balançou a cabeça. Sua visão periférica estava começando a falhar e tudo o que conseguia ver era aquela maldita carruagem.

– Tenho que resgatá-la – falou. – Tenho que ir.

– Espere – instruiu Colin. – Espere para ver o que acontece. Ela pode não sair. Ela pode...

Mas Lucy saiu.

Não foi a primeira. Na frente vinha o irmão dela, de braço dado com a esposa.

Então saiu um homem mais velho – o tio, provavelmente – e aquela senhora idosa que Gregory conhecera no baile de sua irmã.

E depois... Lucy.

Em um vestido de noiva.

– Santo Deus – sussurrou Gregory.

Ela andava voluntariamente. Ninguém a forçava.

Hermione sussurrou algo no ouvido dela.

E Lucy sorriu. Ela sorriu.

Gregory começou a engasgar.

A dor era palpável. Real. Atravessava sua barriga e contraía seus órgãos até que ele já não podia se mover.

Só podia olhar. E pensar.

– Ela lhe disse que não iria até o fim com isso? – sussurrou Colin.

Gregory tentou dizer que sim, mas não conseguiu falar. Tentou se lembrar da última conversa deles, de cada palavra. Ela dissera que devia se comportar com honra. Que devia fazer o que era certo. Que o amava.

Mas nunca dissera que não se casaria com Haselby.

– Ah, meu Deus – sussurrou ele.

Seu irmão colocou a mão sobre a dele.

– Sinto muito.

Gregory viu Lucy subir na carruagem aberta. Os criados ainda aplaudiam. Hermione arrumou o cabelo dela, ajeitou o véu, depois riu quando o vento levantou o tecido fino no ar.

Aquilo não podia estar acontecendo. Tinha de haver uma explicação.

– Não – disse Gregory, porque era a única palavra que conseguia dizer. – Não.

Então ele se lembrou. O sinal que tinha combinado com ela, o código secreto. Ela ia fazer. Ia

sinalizar para ele. O que quer que tivesse acontecido na casa não lhe permitira impedir o andamento das coisas. Mas agora, ali, a céu aberto, onde ele podia ver, ela faria o sinal.

Tinha de fazer. Ela sabia que ele podia vê-la. Sabia que ele estava lá fora. Atento a ela.

Gregory engoliu convulsivamente, sem tirar os olhos da mão direita dela.

– Está todo mundo aqui? – perguntou o irmão de Lucy, alto o suficiente pra que ele ouvisse.

Gregory não distinguiu a voz dela no coro de respostas, mas não era necessário: ninguém estava em dúvida quanto à sua presença, já que era a noiva.

E ele era um tolo, vendo-a ir embora.

– Sinto muito – repetiu Colin em voz baixa, enquanto acompanhavam com os olhos a carruagem desaparecer na esquina.

– Não faz sentido – murmurou Gregory.

Colin pulou da árvore e, silenciosamente, estendeu a mão para o irmão.

– Não faz sentido – falou Gregory mais uma vez, perplexo demais para fazer qualquer coisa além de aceitar a ajuda de Colin para descer. – Ela não faria isso. Ela me ama.

Ele olhou para Colin. O olhar do irmão era gentil, mas cheio de pena.

– Não – disse Gregory. – Não. Você não a conhece. Ela não iria... Não. Você não a conhece.

E Colin, cuja única experiência com Lady Lucinda Abernathy fora o momento em que ela partira o coração do irmão, perguntou:

– *Você* a conhece?

Gregory deu um passo para trás, surpreso.

– Sim – respondeu. – Sim, eu a conheço.

Colin não falou nada, mas ergueu as sobrancelhas, como se perguntasse: *Bem, então?*

Gregory virou e olhou para a esquina que Lucy acabara de dobrar. Por um momento ele ficou completamente imóvel, apenas piscando, pensativo.

Então virou de volta e encarou o irmão.

– Eu a conheço – garantiu. – Conheço, sim.

Os lábios de Colin se moveram, como se ele estivesse tentando formar uma pergunta, mas Gregory já tinha virado de novo para olhar para esquina mais uma vez. E então começou a correr.

CAPÍTULO 21

No qual nosso herói arrisca tudo.

— Você está pronta?

Lucy observava o esplêndido interior da igreja St. George – o vitral brilhante, os arcos elegantes, as pilhas e pilhas de flores trazidas para celebrar seu casamento.

E pensou em lorde Haselby, de pé com o padre no altar.

Pensou nos convidados – mais de trezentos –, todos esperando que ela entrasse de braço dado com o irmão.

E pensou em Gregory, que com certeza a vira subir na carruagem nupcial, vestida para o casamento.

– Lucy, você está pronta? – repetiu Hermione.

Ela se perguntou o que a amiga faria se ela dissesse que não.

Hermione era uma romântica incorrigível.

Provavelmente diria a Lucy que ela não precisava seguir em frente com aquilo, que não tinha nenhuma importância o fato de estarem às portas do santuário da igreja, ou de o primeiro-ministro em pessoa ter sido convidado e estar sentado lá dentro.

Diria que não importava que documentos tivessem sido assinados e proclamas tivessem sido lidos em três paróquias diferentes. Não importava que, ao fugir da igreja, Lucy fosse ser responsável pelo escândalo da década. Hermione garantiria à amiga que ela não precisava fazer aquilo, que não deveria se contentar com um casamento por conveniência quando poderia ter um cheio de amor e paixão. Diria...

– Lucy?

(Foi isso que ela realmente disse.)

Lucy virou, piscando, confusa, porque a Hermione da sua imaginação fazia um belo discurso apaixonado.

Hermione abriu um sorriso gentil.

– Você está pronta?

E Lucy, porque era Lucy, porque sempre seria Lucy, assentiu.

Não podia fazer mais nada.

Richard se juntou a elas.

– Não consigo acreditar que você vai se casar – disse ele à irmã, depois de lançar um olhar carinhoso para a esposa.

– Não sou muito mais nova do que você, Richard – lembrou Lucy. Então inclinou a cabeça em direção a Hermione. – E sou dois meses mais velha do que Hermione.

Richard riu com um ar de menino travesso.

– Sim, mas ela não é minha irmã.

Lucy sorriu e se sentiu grata por isso. Precisava de sorrisos. De todos os que conseguisse.

Era o dia do seu casamento. Ela havia sido banhada, perfumada e arrumada com o que devia ser o vestido mais luxuoso que já tinha visto, e se sentia...

Vazia.

Nem imaginava o que Gregory estava pensando dela. Tinha permitido, deliberadamente, que ele achesse que ela planejava cancelar o casamento. Tinha sido terrível de sua parte, cruel e desonesto, mas Lucy não sabia mais o que fazer. Era uma covarde, e não suportaria ver o rosto dele quando dissesse que ainda pretendia se casar com Haselby.

Por Deus, como ela poderia ter explicado isso? Gregory teria insistido que havia outra maneira, mas ele era um idealista e nunca enfrentara uma verdadeira adversidade. *Não havia* outra maneira. Não desta vez. Não sem sacrificar sua família.

Deixou escapar um longo suspiro. Conseguiria levar aquilo até o fim. Era capaz disso.

Fechou os olhos, balançando ligeiramente a cabeça enquanto as palavras ecoavam em sua mente.

Vou conseguir fazer isso. Vou conseguir. Vou conseguir.

– Lucy? – Era a voz preocupada de Hermione. – Você está se sentindo mal?

Ela abriu os olhos e falou a única coisa em que Hermione acreditaria:

– Só estou fazendo alguns cálculos mentais.

Hermione balançou a cabeça.

– Espero que lorde Haselby goste de matemática, porque você é maluca, Lucy.

– Talvez.

Hermione olhou para ela com curiosidade.

– O que foi? – perguntou Lucy.

A amiga piscou várias vezes antes de finalmente responder:

– Não é nada. Só que não parecia você.

– Como assim? O que quer dizer?

– Concordar comigo quando a chamei de maluca? Não é mesmo algo que você diria.

– Bem, obviamente foi o que eu disse – resmungou Lucy –, então não sei o que...

– Ora, a Lucy que eu conheço diria algo como: “A matemática é uma atividade extremamente importante e, sério, Hermione, você devia pensar em praticar algumas contas.”

Lucy fez uma careta.

– Eu sou assim tão inoportuna?

– É – respondeu Hermione, como se Lucy fosse louca até mesmo de questionar isso. – Mas é o que eu mais amo em você.

Então Lucy conseguiu abrir outro sorriso.

Talvez tudo fosse ficar bem. Talvez ela fosse ser feliz. Se conseguira abrir dois sorrisos em uma manhã, então com certeza não poderia ser tão ruim assim. Ela só precisava seguir em frente – sua mente e seu corpo. Precisava acabar logo com aquilo, ir até o fim, para poder deixar Gregory no passado e pelo menos fingir abraçar sua nova vida como esposa de lorde Haselby.

Mas Hermione perguntou a Richard se poderia ter um momento a sós com Lucy, depois pegou as mãos dela, inclinou a cabeça para a frente e perguntou:

– Lucy, você tem certeza de que quer fazer isso?

Lucy olhou para ela, surpresa. Por que Hermione estava dizendo isso bem no momento em que ela mais queria sair correndo?

Ela não tinha sorrido? Hermione não a vira sorrir?

Engoliu em seco e tentou endireitar os ombros.

– Tenho – falou. – Tenho, claro. Por que está perguntando isso?

Hermione não respondeu de imediato. Mas seus olhos – aqueles enormes olhos verdes que faziam os homens perderem a razão – responderam por ela.

Lucy engoliu em seco e virou, incapaz de suportar o que viu ali.

E Hermione sussurrou:

– *Lucy*.

Isso foi tudo. Apenas “Lucy”.

Lucy virou de volta. Queria perguntar à amiga o que ela queria dizer. Queria saber por que ela chamara seu nome como se fosse uma tragédia. Mas não perguntou nada. Não podia. E esperava que Hermione conseguisse ver as indagações em seus olhos.

E é claro que ela viu. Hermione tocou seu rosto, sorrindo melancolicamente.

– Você é a noiva mais triste que eu já vi.

Lucy fechou os olhos.

– Não estou triste. Só sinto...

Mas ela não sabia o que estava sentindo. O que deveria sentir? Ninguém a preparara para aquilo. Nada do que aprendera com sua ama, com sua professora particular e durante os três anos na Escola da Srta. Moss a preparara para *aquilo*.

Por que ninguém percebera que isso era muito mais importante do que bordado ou dança?

– Eu sinto... – E então ela entendeu. – Sinto como se estivesse dizendo adeus.

Hermione piscou, surpresa.

– A quem?

A mim mesma.

Era isso. Estava dizendo adeus a si mesma e a tudo o que poderia ter se tornado.

Então sentiu a mão do irmão em seu braço.

– Está na hora – disse ele.

Lucy assentiu.

– Onde está seu buquê? – quis saber Hermione, então ela mesma respondeu: – Ah. Bem ali. – Pegou as flores, que estavam junto com as suas em uma mesa próxima, e entregou-as a Lucy. – Você vai ser feliz – sussurrou, enquanto beijava o rosto da amiga. – Você merece isso. Simplesmente não vou tolerar um mundo em que isso não aconteça.

Os lábios de Lucy tremeram.

– Ah, querida – disse Hermione. – Estou falando como você agora. Vê que boa influência você é?

Então, depois de soprar um último beijo para Lucy, ela entrou na capela.

– Sua vez – disse Richard.

– Só um instante – falou Lucy.

E chegou a hora.

Ela estava na igreja, andando pela nave. Depois de um instante estava lá na frente, cumprimentando o padre com um aceno de cabeça, olhando para Haselby e lembrando-se de que apesar de... bem, apesar de certos hábitos que ela não entendia muito bem, ele seria um marido perfeitamente razoável.

Era aquilo que ela tinha de fazer.

Se dissesse não...

Ela não *podia* dizer não.

Via Hermione pelo canto do olho, de pé ao seu lado com um sorriso sereno. Ela e Richard tinham chegado a Londres duas noites antes, e estavam tão felizes... Eles tinham rido, brincado, contado sobre as melhorias que planejavam fazer em Fennsworth Abbey. Pretendiam construir um jardim de inverno, falaram, rindo. E um quarto de crianças.

Como Lucy poderia tirar isso deles? Como poderia lançá-los em uma vida de vergonha e pobreza?

Ela ouviu a voz de Haselby, respondendo:

– Aceito – e, então, era a vez dela.

Você aceita este homem como seu legítimo esposo, para viver com ele, conforme os mandamentos de Deus, em sagrado matrimônio? Promete amá-lo e respeitá-lo, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença? E, renunciando a todos os outros, ser-lhe fiel, por todos os dias de sua vida?

Ela engoliu em seco e tentou não pensar em Gregory.

– Aceito.

Tinha dado seu consentimento. Estava feito? Ela não se sentia diferente. Ainda era a mesma Lucy, a não ser pelo fato de se encontrar diante de mais pessoas do que imaginara que um dia estaria, com seu irmão entregando sua mão.

O padre colocou a mão direita dela na de Haselby e ele prometera ser fiel, a voz forte, firme e clara.

Em seguida Lucy pegou a mão dele.

Eu, Lucinda Margaret Catherine...

– Eu, Lucinda Margaret Catherine...

... te recebo, Arthur Fitzwilliam George...

–... te recebo, Arthur Fitzwilliam George...

Ela disse mesmo aquilo. Repetiu tudo depois do padre, palavra por palavra. Recitou sua parte até o pedaço em que devia jurar fidelidade a Haselby, até a parte...

As portas da capela se abriram de repente. Ela virou. Todo mundo virou.

Gregory.

Meu Deus.

Ele parecia um louco, com a respiração tão pesada que mal conseguia falar.

Cambaleou para a frente, segurando a beirada do banco para se apoiar, e ela o ouviu dizer...

– Não.

O coração de Lucy parou.

– Não faça isso.

Seu buquê escorregou-lhe das mãos. Ela não conseguia se mover, não conseguia falar, não conseguia fazer mais nada além de ficar ali como uma estátua enquanto Gregory caminhava na sua direção, aparentemente alheio às centenas de pessoas que olhavam para ele.

– Não faça isso – repetiu ele.

E ninguém falava nada. Por que ninguém falava nada? Com certeza alguém iria correr até lá, segurar Gregory pelos braços, tirá-lo dali...

Mas ninguém fez isso. Era um espetáculo. Uma peça dramática, e parecia que ninguém queria perder o final.

E então, bem ali, na frente de todo mundo, ele parou e disse:

– Eu te amo.

Ao lado dela, Hermione murmurou:

– Ah, meu Deus.

Lucy queria chorar.

– Eu te amo – repetiu Gregory, e continuou andando em direção a ela, sem desviar os olhos de seu rosto. – Não faça isso – pediu, finalmente chegando ao altar. – Não se case com ele.

– Gregory, por que você está fazendo isso? – sussurrou ela.

– Eu te amo – disse ele mais uma vez, como se não pudesse haver outra explicação.

Um pequeno gemido ficou preso na garganta de Lucy. As lágrimas ardiam em seus olhos e ela sentia o corpo inteiro tenso e paralisado. Qualquer vento suave, qualquer *sopro* poderia derrubá-la. E ela não conseguia pensar em nada além de *Por quê?*

E *Não*. E *Por favor*. E... ah, céus, *lorde Haselby!*

Lucy olhou para ele, para o noivo que se viu rebaixado ao papel de coadjuvante no próprio casamento. Ele tinha ficado em silêncio o tempo todo, acompanhando tudo com tanto interesse quanto os convidados. Lucy implorou, com o olhar, pela orientação dele, mas Haselby só balançou a cabeça. Foi apenas um ligeiro movimento, sutil demais para qualquer outra pessoa perceber, mas ela viu, e sabia o que significava.

A decisão é sua.

Ela virou de novo para Gregory. Os olhos dele pareciam em chamas e ele se apoiou em um joelho.

Não, ela tentou dizer, mas não conseguiu mover os lábios. Não conseguiu encontrar sua voz.

– Case comigo – pediu ele, e Lucy *sentiu* a voz dele envolver-lhe o corpo, beijá-la, abraçá-la. – *Case comigo.*

E, ah, Deus do céu, ela queria aquilo. Mais do que tudo, Lucy queria cair de joelhos e tomar o rosto dele nas mãos. Queria beijá-lo, queria gritar seu amor por ele ali, na frente de todos.

Mas também quisera tudo isso no dia anterior, e no dia antes desse. Nada havia mudado. Seu mundo tinha se tornado mais público, mas não havia mudado.

Seu pai ainda era um traidor. Sua família ainda estava sendo chantageada. O destino de seu irmão e de Hermione ainda estava nas mãos dela.

Lucy então olhou para Gregory, sofrendo por ele, sofrendo pelos dois.

– Case comigo – sussurrou ele.

Os lábios de Lucy se entreabriram e ela disse...

– Não.

CAPÍTULO 22

No qual o mundo vem abaixo.

O mundo veio abaixo.

Lorde Davenport disparou para a frente, assim como o tio de Lucy e o irmão de Gregory, que tinha acabado de subir aos tropeços os degraus da igreja depois de perseguir o mais novo pela Mayfair.

Richard correu para tirar tanto Lucy quanto Hermione do meio da confusão, mas lorde Haselby, que assistia aos acontecimentos como um espectador intrigado, calmamente pegou o braço de sua noiva e disse:

– Eu cuido dela.

Quanto a Lucy, ela cambaleou para trás, chocada e boquiaberta, quando lorde Davenport saltou para cima de Gregory, aterrissando de bruços como um... bem, como nada que Lucy já tivesse visto.

– Eu o peguei! – gritou Davenport, triunfante, sendo atingido em seguida pela bolsa de mão de Hyacinth St. Clair.

Lucy fechou os olhos.

– Imagino que não seja o casamento dos seus sonhos – murmurou Haselby em seu ouvido.

Lucy balançou a cabeça, zozza demais para fazer qualquer outra coisa. Devia ajudar Gregory. Devia mesmo. Mas estava sem forças e, além disso, era covarde demais para encará-lo novamente.

E se ele a rejeitasse?

E se ela não conseguisse resistir?

– Espero que ele consiga sair de baixo do meu pai – continuou Haselby, o tom de voz suave como se estivesse assistindo a uma disputa nada empolgante. – O homem pesa uns 130 quilos... Não que ele vá admitir isso, claro.

Lucy virou para ele, sem entender como podia estar tão calmo diante da confusão que tomara conta da igreja. Até o primeiro-ministro parecia estar se defendendo de uma senhora grande e rechonchuda, usando um chapéu enfeitado com frutas, que batia em todos que se mexiam.

– Acho que ela não consegue vê-lo – disse Haselby, seguindo o olhar de Lucy. – Suas uvas estão caindo.

Quem *era* aquele homem? Santo Deus, ela já havia se casado com ele? Eles tinham concordado com alguma coisa, disso tinha certeza, mas ninguém os declarara marido e mulher. De qualquer forma, Haselby estava estranhamente sereno, dados os acontecimentos.

– Por que você não disse nada? – perguntou Lucy.

Ele virou, olhando para ela com curiosidade.

– Enquanto o Sr. Bridgerton professava seu amor?

Não, enquanto o sacerdote desfiava sua cantilena sobre o sacramento do matrimônio, ela quis rebater.

Em vez disso, só assentiu.

Haselby inclinou a cabeça para o lado.

– Acho que eu queria ver o que você faria.

Ela olhou para ele, incrédula. O que ele teria feito se ela tivesse dito sim?

– Sinto-me honrado, a propósito – disse Haselby. – E serei um bom marido para você. Não precisa se preocupar quanto a isso.

Mas Lucy não conseguia falar. Lorde Davenport tinha sido tirado de cima de Gregory, e, embora outro cavalheiro que ela não reconhecia o estivesse puxando para trás, ele ainda lutava para alcançá-lo.

– Por favor – sussurrava ela, embora ninguém pudesse ouvi-la, nem mesmo Haselby, que tinha acabado de ir ajudar o primeiro-ministro. – Por favor, não.

Mas Gregory era incansável e, mesmo com dois homens puxando-o, um que gostava dele e outro que não, conseguiu chegar aos degraus. Ergueu o rosto e a encarou com os olhos em chamas. Pareciam repletos de angústia e incompreensão, e Lucy quase cambaleou com tamanha dor que viu neles.

– Por quê? – perguntou Gregory.

Ela começou a tremer. Conseguiria mentir para ele ali, em uma igreja, depois de tê-lo ferido pessoal e publicamente daquela forma?

– *Por quê?*

– Porque eu tinha de fazer isso – sussurrou ela.

Os olhos dele brilharam de... decepção? Não. Esperança? Não, isso também não. Era outra coisa. Algo que ela não conseguia identificar.

Ele abriu a boca para falar, para perguntar algo, mas foi nesse instante que os dois homens que o seguravam foram ajudados por um terceiro, e juntos eles conseguiram arrastá-lo para fora da igreja.

Lucy abraçou o corpo, mal conseguindo ficar de pé enquanto o via ser levado para longe dela.

– *Como você pôde?*

Ela se virou. Hyacinth St. Clair tinha chegado furtivamente atrás dela e a fuzilava com o olhar como se ela fosse o próprio diabo.

– Você não entende – disse Lucy.

Mas os olhos de Hyacinth ardiam de fúria.

– Você é fraca – sibilou ela. – Não o merece.

Lucy balançou a cabeça, sem saber exatamente se estava concordando com ela ou não.

– Espero que você...

– Hyacinth!

Lucy olhou para o lado. Outra mulher havia se aproximado. Era a mãe de Gregory. Elas haviam sido apresentadas no baile na Casa Hastings.

– Já chega – disse ela, severamente.

Lucy engoliu em seco, piscando para conter as lágrimas.

Lady Bridgerton a encarou.

– Queira nos perdoar – falou, puxando a filha.

Lucy viu as duas se afastarem e teve a estranha sensação de que tudo aquilo estava acontecendo com outra pessoa, que talvez fosse apenas um sonho, um pesadelo, ou talvez ela estivesse presa em uma cena de um romance terrível. Talvez sua vida inteira fosse fruto da imaginação de alguém. Talvez, se fechasse os olhos...

– Vamos continuar?

Ela engoliu em seco. Era lorde Haselby. O pai estava ao lado dele, expressando a mesma opinião, mas com palavras muito menos corteses.

Lucy assentiu.

– Que bom – resmungou Davenport. – Garota sensata.

Lucy se perguntou o que significava ser elogiada por um homem como aquele. Sem dúvida, nada de bom.

Mas, ainda assim, ela permitiu que ele a levasse de volta ao altar e ficou lá em frente à metade da congregação que não tinha preferido acompanhar o espetáculo lá fora.

Então, finalmente, se casou com Haselby.



– *No que você estava pensando?*

Gregory levou um instante para perceber que sua mãe perguntava isso a Colin, e não a ele. Estavam sentados na carruagem dela, para a qual ele fora arrastado quando deixaram a igreja. Gregory não sabia aonde estavam indo. Andando em círculos aleatórios, muito provavelmente. Para qualquer lugar que não fosse a igreja St. George.

– Eu tentei detê-lo – protestou Colin.

Violet Bridgerton parecia mais irritada do que qualquer um deles jamais a vira.

– Obviamente não foi o suficiente.

– A senhora tem ideia de como ele corre rápido?

– Muito rápido – confirmou Hyacinth, sem olhar para eles.

Estava sentada na diagonal de Gregory, estreitando os olhos para ver pela janela.

Gregory não falou nada.

– Ah, meu filho... – disse Violet, suspirando. – Ah, meu pobre filho.

– É melhor você deixar a cidade – sugeriu Hyacinth.

– Ela está certa – falou a mãe. – Não dá para evitar.

Gregory não respondeu. O que Lucy quisera dizer com *Porque eu tinha de fazer isso?*

O que isso queria dizer?

– Nunca a receberei em minha casa – resmungou Hyacinth.

– Ela será uma condessa – lembrou Colin.

– Não me importo se ela será a maldita rainha da...

– Hyacinth! – repreendeu Violet.

– Bem, não receberei – retrucou Hyacinth. – Ninguém tem o direito de tratar meu irmão assim. Ninguém!

Violet e Colin olharam para ela. Colin parecia achar graça. Violet estava espantada.

– Vou destruí-la – continuou Hyacinth.

– Não, não vai – disse Gregory em voz baixa.

O restante da família ficou em silêncio e Gregory desconfiou que eles não tinham percebido, até o momento em que falou, que ele não estava participando da conversa.

– Você vai deixá-la em paz – ordenou.

Hyacinth rangeu os dentes.

Gregory olhou nos olhos dela, firme e decidido.

– E, se os seus caminhos um dia se cruzarem, você deve ser o mais gentil e amável que puder – continuou ele. – Está me entendendo?

Hyacinth não disse nada.

– Está me entendendo? – repetiu ele.

A família o olhou em choque. Ele nunca perdia a paciência. Nunca.

E então Hyacinth, que nunca tivera um senso muito desenvolvido de tato, respondeu:

– Na verdade, não.

– Perdão? – disse Gregory, a voz fria como gelo, no exato momento em que Colin virou para ela e sussurrou que calasse a boca.

– Eu não entendo você – continuou Hyacinth, dando uma cotovelada nas costelas de Colin. – Como ainda pode ter compaixão por ela? Se isso tivesse acontecido comigo, você não...

– Isso não aconteceu com você – disparou Gregory. – E você não a conhece. Não sabe o que motivou as ações dela.

– E *você* sabe? – indagou Hyacinth.

Ele não sabia. E isso o matava.

– Ofereça a outra face, Hyacinth – disse Violet, com delicadeza.

Hyacinth se recostou, o rosto tenso de raiva, mas fez silêncio.

– Talvez você possa ficar com Benedict e Sophie em Wiltshire – sugeriu Violet. – Acho que Anthony e Kate virão para a cidade em breve, então você não pode ir para Aubrey Hall, embora eu tenha certeza de que eles não se importariam que você ficasse lá na ausência deles.

Gregory continuou só olhando pela janela. Não queria ir para o campo.

– Você poderia viajar para fora do país – disse Colin. – A Itália é particularmente agradável nesta época do ano. E você nunca foi lá, não é?

Gregory balançou a cabeça, sem prestar muita atenção. Ele não queria ir para a Itália.

Porque eu tinha de fazer isso, ela dissera.

Não porque ela queria. Não porque era sensato.

Porque *tinha* de fazer.

O que isso queria dizer? Será que tinha sido forçada? Estava sendo chantageada? O que Lucy poderia ter feito para justificar uma chantagem?

– Teria sido muito difícil para ela não seguir adiante com o casamento – opinou Violet, de repente, colocando a mão no braço dele de maneira solidária. – Lorde Davenport não é um homem que alguém queira ter como inimigo. E, sinceramente, ali na igreja, com todos olhando... Bem – continuou, com um suspiro resignado –, era preciso ser *muito* corajoso. E resiliente. – Ela fez uma pausa, balançando a cabeça. – E preparado.

– Preparado? – indagou Colin.

– Para o que viria a seguir – esclareceu Violet. – Teria sido um enorme escândalo.

– Já é um enorme escândalo – murmurou Gregory.

– Sim, mas não tanto quanto se ela tivesse dito sim – falou Violet. – Não que eu esteja contente com isso. Você sabe que só desejo a sua felicidade. Mas a decisão dela será vista com aprovação. Ela será considerada uma garota sensata.

Gregory sentiu um dos cantos de sua boca se erguer em um sorriso irônico.

– E eu, um tolo apaixonado.

Ninguém o contradisse.

Depois de um instante, sua mãe falou:

– Você está lidando com isso muito bem, devo dizer.

De fato.

– Eu achava... – Ela se interrompeu. – Bem, não importa o que eu achava, apenas o que

realmente aconteceu.

– Não – disse Gregory, virando de forma brusca para olhar para ela. – O que a senhora achava? Como eu devia estar reagindo?

– Não se trata de *dever* – respondeu Violet, claramente perturbada pelas perguntas repentinas. – É só que achei que você ficaria... mais irritado.

Gregory a fitou por um bom tempo, depois virou de novo para a janela. Estavam passando pela Piccadilly, seguindo para oeste em direção ao Hyde Park. Por que ele *não* estava mais irritado? Por que não estava socando as paredes? Tivera de ser arrastado da igreja e colocado à força na carruagem, mas, depois disso, fora tomado por uma estranha calma, uma calma quase sobrenatural.

E então algo que sua mãe disse ecoou em sua mente.

Você sabe que só desejo a sua felicidade.

A felicidade dele.

Lucy o amava, ele tinha certeza disso. Vira nos olhos dela, mesmo no momento em que o rejeitara. Ela lhe *dissera* isso, e Lucy não mentiria sobre tal coisa. Ele sentira isso na maneira como ela o beijara, e no calor do seu abraço.

Ela o amava. E o que quer que a tivesse feito seguir em frente com o casamento era maior do que ela. Mais forte.

Ela precisava da sua ajuda.

– Gregory? – chamou sua mãe delicadamente.

Ele virou. Piscou.

– Você pulou no banco – disse ela.

Ele tinha pulado? Nem notara. Mas seus sentidos estavam mais alertas e, quando olhou para baixo, viu que flexionava os dedos.

– Pare a carruagem.

Todos viraram para encará-lo. Até mesmo Hyacinth, que vinha olhando furiosa pela janela.

– Pare a carruagem – repetiu.

– Por quê? – perguntou a mãe, claramente desconfiada.

– Preciso de ar – respondeu ele, o que não era mentira.

Colin bateu na lateral do veículo.

– Vou com você.

– Não. Prefiro ficar sozinho.

Violet arregalou os olhos.

– Gregory... Você não pretende...

– Invadir a igreja? – completou ele. Então se inclinou para trás e abriu um sorriso meio torto. – Acredito que já tenha me constrangido o suficiente por um dia, a senhora não acha?

– De qualquer forma, a esta altura eles já disseram os votos – observou Hyacinth.

Gregory lutou contra a vontade de fuzilar a irmã com o olhar. Ela parecia nunca perder uma oportunidade de cutucar, espicaçar ou provocar.

– Exatamente – disse ele, apenas.

– Eu me sentiria melhor se você não fosse sozinho – comentou Violet, os olhos azuis ainda cheios de preocupação.

– Deixe-o ir – falou Colin, tranquilamente.

Gregory virou para o irmão mais velho, surpreso. Não esperava ser apoiado por ele.

– Ele é um homem – acrescentou Colin. – Pode tomar as próprias decisões.

Nem mesmo Hyacinth tentou contradizê-lo.

A carruagem já havia parado e o condutor esperava do lado de fora. Ao sinal de Colin, ele abriu a porta.

– Preferiria que você não fosse – disse Violet.

Gregory beijou o rosto dela.

– Preciso de ar – repetiu. – É só isso.

Ele saltou, mas, antes que pudesse fechar a porta, Colin se inclinou para fora.

– Não faça nenhuma tolice – aconselhou Colin calmamente.

– Nenhuma tolice – prometeu Gregory. – Só o que for necessário.

Ele parou para se localizar melhor e então, como a carruagem de sua mãe não saía do lugar, seguiu para o sul.

Para o lado oposto ao da igreja St. George.

Mas, quando chegou à rua seguinte, dobrou a esquina. Correndo.

CAPÍTULO 23

No qual nosso herói arrisca tudo. Mais uma vez.

Nos dez anos desde que seu tio havia se tornado seu guardião, Lucy nunca o vira dar uma festa. Ele não era do tipo que aprovava, feliz, nenhuma despesa desnecessária – na verdade, ele não era de ficar feliz com nada. Por isso, foi com certa desconfiança que ela chegou à luxuosa festa em sua homenagem que estava sendo realizada na Casa Fennsworth após a cerimônia do casamento.

Lorde Davenport devia ter insistido nisso. Tio Robert teria se contentado em servir bolinhos na igreja e só.

Mas não, o casamento devia ser um acontecimento, no sentido mais extravagante da palavra. Então, assim que a cerimônia terminou, Lucy foi levada para a casa que em breve não seria mais sua e pôde passar rapidamente no quarto que em breve não seria mais seu para jogar um pouco de água fria no rosto antes de cumprimentar os convidados lá embaixo.

Era notável, pensou enquanto balançava a cabeça ao receber os cumprimentos das pessoas, ver como a alta sociedade sabia fingir que nada havia acontecido.

Ah, eles não estariam falando de outra coisa no dia seguinte, e ela provavelmente podia esperar ser o tema principal das conversas nos próximos meses, até. E, com certeza, durante um ano inteiro ninguém diria o nome dela sem acrescentar: “Você sabe quem. Aquela do *casamento*.” Frase que sem dúvida seria seguida por: “Ahhhhhhhh. *Ela*.”

Mas, por enquanto, na frente de Lucy, tudo o que diziam era:

– Mas que dia feliz.

– Você está linda de noiva.

E, é claro, também havia os ousados e dissimulados...

– Linda cerimônia, Lady Haselby.

Lady Haselby.

Ela testou o nome na mente. Era Lady Haselby agora.

Poderia ter sido a Sra. Bridgerton. Lady Lucinda Bridgerton, imaginou, já que não era obrigada a renunciar ao título caso se casasse com alguém que não era da nobreza. Era um bonito nome – não tão imponente quanto Lady Haselby, talvez, e com certeza nada comparado a condessa de Davenport, mas...

Lucy engoliu em seco, conseguindo de alguma forma não desmanchar o sorriso que tinha se forçado a estampar cinco minutos antes.

Teria gostado de ser Lady Lucinda Bridgerton.

Lady Lucinda Bridgerton seria feliz, com um sorriso sempre espontâneo e uma vida plena. Teria um cachorro, talvez dois, e vários filhos. Sua casa seria aconchegante e acolhedora, ela tomaria chá com as amigas e riria.

Lady Lucinda Bridgerton riria.

Mas ela nunca seria essa mulher. Tinha se casado com lorde Haselby e, por mais que tentasse, não conseguia imaginar como sua vida seria. Não sabia o que significava ser Lady Haselby.

Enquanto a festa prosseguia, Lucy cumpriu a dança obrigatória com seu marido, que dançava muito bem, como ficou aliviada em notar. Em seguida, dançou com o irmão, o que quase a fez chorar,

e depois com o tio, porque era o esperado.

– Você fez a coisa certa, Lucy – disse ele.

Ela não respondeu. Achava melhor ficar calada.

– Estou orgulhoso de você – acrescentou ele.

Lucy quase riu.

– O senhor nunca teve orgulho de mim antes.

– Agora eu tenho.

Ela não deixou de notar que não era uma contradição.

Seu tio a levou de volta para a lateral do salão de baile e, em seguida – *Santo Deus* –, esperava-se que ela dançasse com lorde Davenport.

O que Lucy fez, porque era seu dever. Naquele dia, sobretudo, ela sabia muito bem qual era o seu dever.

Pelo menos não teve de falar. Lorde Davenport estava efusivo como nunca e conduziu a conversa pelos dois. Ele estava maravilhado com Lucy. Ela era uma magnífica aquisição para a família.

E então ela percebeu que tinha conseguido fazer com que ele a admirasse da forma mais indelével possível. Lucy não tinha apenas concordado em se casar com seu filho de reputação duvidosa, como também havia afirmado sua decisão em frente a toda a sociedade em uma cena digna das peças representadas no teatro Drury Lane.

Lucy virou a cabeça discretamente para o lado. Quando lorde Davenport estava animado, a saliva tendia a voar de sua boca com velocidade e precisão alarmantes. Na verdade, ela não sabia o que era pior – o desprezo de lorde Davenport ou sua eterna gratidão.

Mas, graças aos céus, Lucy conseguiu evitar o sogro durante a maior parte da festa. Na verdade, conseguiu evitar a maioria das pessoas, o que, considerando que era a noiva, surpreendentemente não foi nem um pouco difícil. Ela queria olhar o menos possível para lorde Davenport, porque o detestava, e não queria ver o tio, porque desconfiava de que também o detestava. Não queria ver lorde Haselby, porque isso só a faria pensar na noite de núpcias que estava por vir, e não queria ver Hermione, porque ela faria perguntas e Lucy iria chorar.

Também não queria ver seu irmão, porque com certeza ele estava com Hermione, e, além disso, ela se sentia um pouco amarga, e às vezes um pouco culpada por se sentir amarga. Não era culpa de Richard o fato de ele estar delirantemente feliz e ela não.

Mas, ainda assim, ela preferiria não ter de interagir com ele.

Assim, só restavam os convidados, a maioria dos quais ela não conhecia e não queria conhecer.

Então encontrou um lugar num canto e, depois de algumas horas, todos tinham bebido tanto que ninguém parecia notar que a noiva estava sentada sozinha.

E com certeza ninguém percebeu quando ela fugiu para seu quarto para um breve descanso. Provavelmente não era muito educado a noiva escapar da própria festa de casamento, mas, àquela altura, Lucy não se importava. Todos iriam pensar que ela havia saído para ir ao toalete, isso se alguém notasse sua ausência. E de alguma forma lhe parecia apropriado ficar sozinha naquele dia.

Ela subiu as escadas dos fundos com medo de esbarrar em algum convidado perdido, mas, com um suspiro de alívio, entrou em seu quarto e fechou a porta.

Depois apoiou as costas na porta e expirou lentamente, até parecer que não havia mais nada dentro dela.

Agora vou chorar, pensou.

Era isso que ela queria. De verdade. Sentia como se estivesse prendendo as lágrimas havia

várias horas, esperando por um instante de privacidade. Mas agora o choro simplesmente não vinha. Lucy estava entorpecida demais, atordoada demais pelos acontecimentos das últimas 24 horas. Então ficou ali, olhando para sua cama. Lembrando.

Deus do céu, tinha sido apenas doze horas antes que estivera ali mesmo, envolta pelos braços dele? Pareciam anos. Era como se sua vida agora tivesse se dividido em duas, e ela estivesse firmemente plantada no *depois*.

Lucy fechou os olhos. Talvez, se não olhasse para a cama, aquilo tudo fosse desaparecer. Talvez se ela...

– Lucy...

Ela congelou. Santo Deus, *não*.

– Lucy...

Bem devagar, ela abriu os olhos. E sussurrou:

– Gregory?

Ele estava horrível, todo desganhado pelo vento e sujo como só uma corrida desembestada a cavalo poderia deixar um homem. Devia ter entrado escondido da mesma forma que na noite anterior. Devia tê-la ficado esperando.

Ela abriu a boca, mas não conseguiu falar.

– Lucy – repetiu Gregory.

Ela engoliu em seco.

– Por que você está aqui?

Ele deu um passo em direção a ela e o coração de Lucy *doeu* com isso. O rosto dele era tão lindo, tão querido, tão perfeita e maravilhosamente familiar... Ela conhecia cada milímetro de sua face, o tom exato de seus olhos, castanhos perto da íris, fundindo-se com o verde em volta.

E sua boca... Lucy conhecia aquela boca, e a sensação dela. Conhecia aquele sorriso, e o modo como ele franzia as sobrancelhas, e também...

Ela o conhecia demais.

– Você não deveria estar aqui – falou, a voz trêmula em desacordo com sua postura serena.

Gregory deu mais um passo na direção dela. Não havia raiva em seus olhos, o que ela não entendia. A maneira como ele a fitava era ardente, possessiva, algo que uma mulher casada não devia, de jeito nenhum, permitir vindo de um homem que não era seu marido.

– Eu tinha que saber por quê – disse Gregory. – Não podia deixá-la. Não até saber por quê.

– Não – sussurrou ela. – Por favor, não faça isso.

Por favor, não faça com que eu me arrependa. Por favor, não me faça ansiar, desejar e imaginar.

Ela abraçou o corpo, como se talvez... como se pudesse apertar com tanta força que não teria de ver, não teria de ouvir mais nada. Poderia só ficar sozinha, e...

– Lucy...

– Não – disse ela de novo, com mais veemência.

Não. *Não me faça acreditar no amor*. Mas ele se aproximava cada vez mais. Lentamente, mas sem hesitação.

– Lucy – repetiu Gregory, a voz calorosa e decidida. – Só me diga por quê. Isso é tudo o que peço. Então vou embora e prometo nunca mais me aproximar de você, mas preciso saber o porquê.

Ela balançou a cabeça.

– Não posso contar.

– Você não *quer* contar – corrigiu ele.

– Não! – gritou ela. – Eu não posso! Por favor, Gregory. Vá embora.

Por um longo instante, ele não disse nada. Ficou só olhando para o rosto de Lucy e ela praticamente pôde vê-lo pensando.

Ela não devia permitir isso, pensou, o pânico começando a se instalar dentro dela. Devia gritar. Deixar que o expulsassem. Devia correr dali antes que ele pudesse arruinar seus cuidadosos planos para o futuro. Mas, em vez disso, ela só ficou ali parada, e ele disse...

– Você está sendo chantageada.

Não era uma pergunta.

Ela não respondeu, mas sabia que sua expressão a entregara.

– Lucy – disse ele, a voz delicada e cuidadosa. – Eu posso ajudá-la. Seja o que for, posso cuidar disso.

– Não, não pode, e é um tolo por achar qu...

Ela parou, furiosa demais para falar. O que o fazia pensar que podia aparecer de repente e consertar as coisas, mesmo não sabendo nada sobre seus tormentos? Será que ele achava que ela havia entregado os pontos por qualquer coisa? Por algo que poderia ser facilmente resolvido?

Ela não era assim tão fraca.

– Você não sabe – falou, enfim. – Não faz ideia.

– Então me conte.

Os músculos dela tremiam, e ela sentia o corpo quente, frio, e todas as nuances entre um extremo e outro.

– Lucy – disse ele, e sua voz era tão calma, tão serena...

Parecia alcançar algum ponto exato onde ela menos podia suportar.

– Você não pode consertar isso – grunhiu Lucy.

– Não é verdade. Não há nada com que alguém possa ameaçá-la que não tenha como ser resolvido.

– De que forma? – perguntou ela. – Arco-íris, fadas e os eternos votos de felicidade da sua família? Não vai funcionar, Gregory. Não vai. Os Bridgertons podem ser poderosos, mas não podem mudar o passado, nem alterar o futuro, para atender aos próprios caprichos.

– Lucy – disse ele, estendendo a mão para ela.

– Não. Não! – Ela o empurrou. – Você não entende! Não tem como entender. Vocês são todos tão felizes, tão perfeitos...

– Não somos.

– São. E nem sequer sabem que são, e não conseguem conceber que o restante de nós não seja, que podemos lutar, sermos bons e ainda assim não conseguirmos o que desejamos.

Enquanto ela falava, Gregory ficou apenas olhando. Deixou-a continuar abraçando o corpo, parecendo pequena, pálida e aflitivamente sozinha.

Então ele perguntou:

– Você me ama?

Ela fechou os olhos.

– Não me pergunte isso.

– Ama?

Ele a viu cerrar a mandíbula e retesar os ombros, e sabia que ela estava tentando balançar a cabeça.

Então Gregory caminhou em direção a ela, lenta e respeitosamente.

Lucy estava sofrendo. Seu sofrimento era tão grande que se espalhava pelo ar, em torno dele, em

volta de seu coração. Ele ansiava por ela. Era uma coisa física, forte e terrível, e pela primeira vez ele começava a duvidar da própria capacidade de fazer aquilo desaparecer.

– Você me ama? – perguntou.

– Gregory...

– Você me ama?

– Eu não posso...

Ele colocou as mãos nos ombros dela. Lucy se encolheu, mas não se afastou.

Então Gregory tocou o queixo dela, encostou em seu rosto até se perder no azul-acinzentado de seus olhos.

– Você me ama?

– Amo – respondeu ela, soluçando, deixando-se cair em seus braços. – Mas eu não posso. Você não entende? Eu não deveria. Tenho que parar com isso.

Por um instante, Gregory não conseguiu se mexer. A confissão dela deveria ter sido um alívio, e de certa forma foi, porém foi mais do que isso: ele sentiu seu sangue recomeçar a correr.

Ele acreditava no amor. Essa não era a única coisa da qual ele tinha certeza na vida? Acreditava no poder do amor, em sua benevolência fundamental, em sua justiça. Ele o reverenciava por sua força e o respeitava por sua preciosidade.

E soube, bem ali, naquele momento, enquanto Lucy chorava em seus braços, que seria capaz de fazer qualquer coisa por isso. Pelo amor.

– Lucy – sussurrou, uma ideia começando a se formar em sua mente.

Era uma ideia ruim, louca e completamente desaconselhável, mas ele não conseguiu escapar do único pensamento que tomou conta de seu cérebro.

Ela não havia consumado seu casamento. Eles ainda tinham uma chance.

– *Lucy*.

Ela se afastou.

– Tenho que voltar. Vão sentir minha falta.

Mas ele pegou sua mão.

– Não volte.

Lucy arregalou os olhos.

– O que você quer dizer?

– Venha comigo. Venha comigo agora. – Ele se sentia zozinho, perigoso e um pouco maluco. – Você ainda não é mulher dele. Pode anular o casamento.

– Ah, não. – Ela balançou a cabeça, puxando o braço. – Não, Gregory.

– Sim. Sim.

E, quanto mais ele pensava nisso, mais fazia sentido.

Eles não tinham muito tempo. Depois daquela noite, seria impossível Lucy dizer que continuava intocada. As próprias ações de Gregory tinham se certificado disso. Se havia alguma chance de ficarem juntos, tinha de ser agora.

Ele não podia sequestrá-la – não havia como tirá-la da casa sem chamar atenção. Mas podia conseguir um pouco mais de tempo para eles. O suficiente para decidir o que fazer.

Gregory a trouxe para mais perto.

– Não – disse ela, não mais em um sussurro.

Em seguida, começou a puxar o braço com força, e Gregory pôde ver o pânico crescendo nos olhos dela.

– Lucy, sim – falou.

– Eu vou gritar.

– Ninguém vai ouvir você.

Lucy olhou para ele em choque, e nem o próprio Gregory conseguia acreditar no que estava dizendo.

– Você está me ameaçando? – perguntou ela.

Ele balançou a cabeça.

– Não. Estou salvando você.

E então, antes que tivesse a chance de pensar melhor no que estava fazendo, agarrou-a pela cintura, jogou-a por cima do ombro e saiu depressa do quarto.

CAPÍTULO 24

No qual nosso herói deixa nossa heroína em uma situação embaraçosa.

— Você está me prendendo a uma *privada*?

— Perdão — disse Gregory, amarrando dois cachecóis com nós tão habilidosos que ela quase ficou preocupada de que ele já tivesse feito isso antes. — Não podia deixá-la em seu quarto. É o primeiro lugar em que qualquer um procuraria. — Ele apertou os nós, depois testou se estavam firmes. — Foi o primeiro local em que *eu* procurei.

— Mas uma privada!

— No terceiro andar — acrescentou ele. — Vão se passar horas até que alguém a descubra aqui.

Lucy cerrou a mandíbula, tentando desesperadamente conter a fúria que crescia dentro dela.

Ele tinha amarrado suas mãos juntas. *Atrás das costas.*

Deus do céu, ela não sabia que era possível ficar tão irritada com uma pessoa.

Não era só uma reação emocional — o corpo todo de Lucy estava tomado pela fúria. Ela sentia a pele quente e irritada, e, mesmo sabendo que não adiantaria, fazia força contra o cano da privada, rangendo os dentes e deixando escapar um grunhido frustrado quando não conseguia nada além de um ruído surdo.

— Por favor, não faça força — pediu ele, beijando-a no alto da cabeça. — Isso só vai deixá-la cansada e dolorida. — Ele levantou os olhos, examinando a estrutura da privada. — Ou você vai quebrar o cano, e acho que o resultado disso não será muito higiênico.

— Gregory, você tem que me deixar sair daqui.

Ele se agachou, ficando com o rosto na altura do dela.

— Não posso. Não enquanto ainda houver uma chance de ficarmos juntos.

— Por favor — implorou ela —, isso é uma loucura. Você tem que me deixar voltar. Minha honra será arruinada.

— Eu vou me casar com você.

— Eu já sou casada!

— Não exatamente — disse ele com um sorriso malicioso.

— Eu falei os meus votos!

— Mas não os consumou. Ainda pode conseguir uma anulação.

— Essa não é a questão! — gritou ela, lutando inutilmente enquanto ele se levantava e caminhava até a porta. — Você não entende a situação, e está colocando suas necessidades e sua felicidade acima dos outros de maneira egoísta.

Ao ouvir isso, ele parou, com a mão já na maçaneta, e, quando virou, seu olhar quase partiu o coração dela.

— Você está feliz? — perguntou, com tanta delicadeza e tanto amor que ela quis chorar.

— Não — sussurrou Lucy —, mas...

— Nunca vi uma noiva que parecesse tão triste.

Ela fechou os olhos, abatida. Era um eco do que Hermione dissera, e Lucy sabia que era verdade. E mesmo ali, enquanto olhava para ele, os ombros doendo, ela não podia escapar das batidas de seu coração.

Ela o amava. Sempre amaria. E também o odiava por fazê-la querer o que não podia ter. Ela o odiava por amá-la tanto que estava disposto a arriscar tudo para ficarem juntos. E, acima de tudo, ela o odiava por transformá-la no instrumento que iria destruir sua família.

Até Lucy conhecer Gregory, Hermione e Richard eram as duas únicas pessoas no mundo com quem realmente se importava. E agora eles seriam arruinados, e sua desgraça e infortúnio seriam muito maiores do que o que Lucy poderia imaginar ter com Haselby.

Gregory pensou que demoraria horas para alguém encontrá-la ali, mas ela sabia que não era bem assim. Levariam *dias* para encontrá-la. Lucy não conseguia se lembrar da última vez que alguém tinha andado por ali. Ela estava no banheiro da babá, mas não havia uma babá morando na Casa Fennsworth fazia muitos anos.

Quando o seu desaparecimento fosse notado, primeiro procurariam em seu quarto. Então pensariam em algumas opções razoáveis – a biblioteca, a sala de visitas, um banheiro que não estava em desuso havia meia década...

E então, quando não fosse encontrada, pensariam que ela havia fugido. E, depois do que tinha acontecido na igreja, ninguém acharia que fizera isso sozinha.

Ela estaria arruinada. Assim como todos os outros.

– Não é só a minha felicidade que está em jogo – disse ela finalmente, a voz baixa, meio embargada. – Gregory, eu lhe imploro, por favor, não faça isso. Não se trata apenas de mim. Minha família... Estaremos arruinados, todos nós.

Ele se aproximou de novo dela e se sentou.

– Me conte tudo – pediu.

E foi o que ela fez. Ele não iria desistir de outro jeito, Lucy tinha certeza.

Ela lhe falou sobre o pai, sobre a prova escrita da traição dele. Falou sobre a chantagem. E que ela era o pagamento final e a única coisa que impediria que seu irmão perdesse o título.

Lucy olhava direto para a frente enquanto narrava a história toda, e Gregory se sentiu grato por isso. Porque o que ela disse... abalou-o profundamente.

Ele tinha passado o dia inteiro tentando imaginar que terrível segredo poderia levá-la a se casar com Haselby. Ele tinha corrido por Londres duas vezes, a primeira até a igreja, e depois até ali. Tivera tempo de sobra para pensar, e imaginar. Mas nunca – nem uma vez – aquilo passara por sua cabeça.

– Então você entende, não é nada tão trivial quanto um filho ilegítimo, nada indecente como um caso extraconjugal. Meu pai, um conde do reino, cometeu um ato de traição. *Traição*.

E então ela riu. *Riu*. Do jeito que as pessoas fazem quando o que querem mesmo é chorar.

– É uma coisa horrível – concluiu ela, a voz baixa e resignada. – Não há como escapar disso.

Lucy virou para Gregory, esperando que ele tivesse algo a dizer, mas ele permaneceu calado.

Traição. Santo Deus, ele não conseguia pensar em nada pior. Havia muitas maneiras – muitas maneiras *mesmo* – pelas quais alguém poderia ser banido da sociedade, mas nada era tão imperdoável quanto uma traição. Não havia homem, mulher ou criança na Grã-Bretanha que não tivesse perdido alguém para Napoleão. As feridas ainda eram muito recentes, e mesmo que não fossem...

Estavam falando de *traição*. Um cavalheiro não renuncia a seu país. Isso estava enraizado na alma de cada homem britânico.

Se a verdade sobre o pai de Lucy fosse revelada, o condado de Fennsworth seria dissolvido. O irmão dela seria destituído. Ele e Hermione quase certamente teriam de deixar o país.

E Lucy...

Bem, Lucy provavelmente sobreviveria ao escândalo, sobretudo se viesse a se tornar uma Bridgerton, mas ela nunca se perdoaria. Disso, Gregory tinha certeza.

Então, finalmente, ele entendeu.

Olhou para Lucy e viu como parecia pálida e cansada.

– Minha família tem sido boa e devotada – disse ela, a voz trêmula de emoção. – Os Abernathys têm sido leais à coroa desde que o primeiro conde recebeu o título, no século XV. E meu pai desonrou a todos nós. Não posso permitir que isso seja revelado. Não posso. – Ela engoliu em seco, sem graça, e acrescentou, com tristeza: – Você devia ver seu rosto. Nem mesmo você me quer agora.

– Não – disse Gregory, imediatamente. – Não. Isso não é verdade. Isso nunca poderia ser verdade. – Pegou as mãos dela, deleitando-se com sua forma, o arco de seus dedos, o calor delicado de sua pele. – Sinto muito. Eu não deveria ter levado tanto tempo para me recompor. É só que não havia imaginado algo como traição.

Ela balançou a cabeça.

– E como poderia?

– Mas isso não muda o que sinto.

Ele tomou o rosto dela entre as mãos, ansioso para beijá-la, mas sabendo que não podia.

Ainda não.

– O que o seu pai fez... é censurável. É... – Ele praguejou baixinho. – Serei sincero com você. Me deixa enojado. Mas você... *você*, Lucy, é inocente. Não fez nada de errado, e não deveria ter que pagar pelos pecados dele.

– Nem meu irmão – retrucou ela em voz baixa. – Mas, se eu não consumir meu casamento com Haselby, Richard vai...

– Shhh. – Gregory levou um dedo aos lábios dela. – Me ouça. Eu te amo.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

– Eu te amo – repetiu ele. – Não há nada nesta vida ou na próxima que possa me fazer deixar de te amar.

– Você sentiu o mesmo por Hermione – sussurrou ela.

– Não – disse Gregory, quase sorrindo ao pensar em como aquilo parecia tolo agora. – Fazia tanto tempo que ansiava por me apaixonar que desejava mais o amor do que a mulher. Eu nunca ameí Hermione, só a ideia que tinha criado a respeito dela. Mas com você... É diferente, Lucy. É mais profundo. É... é...

Ele lutou para encontrar as palavras, mas não havia nenhuma. Simplesmente não havia palavras para explicar o que sentia por ela.

– Sou *eu* – disse ele por fim, consternado com a deselegância com que se expressou. – Sem você, eu... eu...

– Gregory – sussurrou ela –, você não tem que...

– Eu não sou nada – interrompeu ele, porque não ia permitir que ela lhe dissesse que não precisava explicar. – Sem você, eu não sou nada.

Ela sorriu. Era um sorriso triste, mas sincero, e parecia que Gregory o estava esperando havia anos.

– Isso não é verdade – disse Lucy. – Você sabe que não é.

Ele balançou a cabeça.

– Um exagero, talvez, mas apenas isso. Você faz de mim um homem melhor, Lucy. Me faz sonhar, desejar e aspirar. Me faz querer *realizar* coisas.

As lágrimas começaram a correr pelo rosto dela.

Gregory secou-as com as pontas dos polegares.

– Você é a melhor pessoa que eu conheço, o ser humano mais honrado que já vi – disse ele. – Você me faz rir. E me faz *pensar*. E eu... – Ele respirou fundo. – Eu te amo. – E de novo: – Eu te amo. – E mais uma vez: – Eu te amo. – Ele balançou a cabeça, impotente. – Não sei de que outra maneira dizer isso.

Lucy então virou a cabeça de modo que as mãos dele deslizaram de seu rosto para os ombros e, depois, para longe de seu corpo. Gregory não conseguia ver o rosto dela, mas podia ouvi-la – o som baixo e entrecortado de sua respiração, o gemido suave em sua voz.

– Eu te amo – disse ela, finalmente, ainda sem encará-lo. – Você sabe disso. Não vou nos depreciar mentindo. Se fosse só por mim, eu faria qualquer coisa, qualquer coisa, por esse amor. Me arriscaria à pobreza, à ruína. Me mudaria para a América, me mudaria para a região mais remota da África se essa fosse a única maneira de ficar com você. – Ela deixou escapar um suspiro longo e trêmulo. – Mas não posso ser tão egoísta a ponto de arruinar as duas pessoas que me amam tanto e há tanto tempo.

– Lucy...

Ele não fazia ideia do que pretendia lhe dizer, só não queria que ela completasse. Sabia que não queria ouvir o que viria em seguida.

Mas ela o interrompeu:

– Não, Gregory. Por favor. Sinto muito. Não posso fazer isso, e, se você me ama como diz, vai me levar de volta agora, antes que lorde Davenport perceba que eu sumi.

Gregory cerrou os punhos, depois flexionou os dedos bem abertos. Sabia o que devia fazer. Devia soltá-la e deixá-la voltar correndo para a festa. Devia sair furtivamente pela porta dos empregados e jurar nunca mais se aproximar dela.

Ela prometera amar, honrar e respeitar outro homem. Devia renunciar a todos os outros.

Com certeza ele se incluía nessa categoria.

E ainda assim ele não podia desistir. Não ainda.

– Uma hora – pediu, agachando-se ao lado dela. – Só me dê uma hora.

Ela virou, o olhar incerto, surpreso e talvez – *talvez* – também um pouco esperançoso.

– Uma hora? O que você acha que pode...

– Eu não sei – interrompeu ele, com honestidade. – Mas prometo isto a você: se eu não descobrir uma maneira de libertá-la dessa chantagem em uma hora, volto aqui. E solto você.

– Para voltar para o Haselby? – sussurrou ela, e parecia...

Desapontada? Mesmo que só um pouco?

– Sim – disse ele.

Porque, na verdade, era a única coisa que podia dizer.

Por mais que quisesse deixar a cautela de lado, sabia que não podia simplesmente roubá-la. Lucy não perderia sua honra, já que iria se casar com ela assim que Haselby concordasse com a anulação, mas ela nunca seria feliz.

E ele sabia que não poderia viver com isso.

– Você não terá sua honra arruinada se sumir por uma hora – garantiu ele. – Pode alegar que estava exausta e quis tirar um cochilo. Tenho certeza de que Hermione vai confirmar sua história, se você lhe pedir.

Lucy assentiu.

– Você vai me soltar agora?

Ele balançou a cabeça e se levantou.

– Eu confiaria minha vida a você, Lucy, mas não a sua. Você é honrada demais, e isso pode não ser nada bom.

– Gregory!

Ele deu de ombros enquanto caminhava até a porta.

– Sua consciência vai falar mais alto. Você sabe que vai.

– E se eu prometer...

– Sinto muito – interrompeu Gregory, com uma expressão que não era de quem sentia muito. –

Não vou acreditar em você.

Ele deu uma última olhada para ela antes de sair e teve de sorrir, o que parecia ridículo, já que tinha uma hora para neutralizar a ameaça de chantagem contra a família de Lucy e livrá-la daquele casamento. Durante a festa.

Mover céus e terras parecia bem mais fácil que isso naquele momento.

Mas, quando virou para ela e a viu sentada ali no chão, Lucy parecia...

Ela mesma de novo.

– Gregory, você não pode me deixar aqui. E se alguém encontrá-lo e colocá-lo para fora da casa? Quem vai saber que estou aqui? E se... e se... e se...

Ele sorriu, encantado demais para ouvir o que ela dizia. Lucy definitivamente era a mesma de sempre de novo.

– Quando tudo isso acabar, vou lhe trazer um sanduíche – prometeu ele.

Isso a fez parar de repente.

– Um sanduíche? Um *sanduíche*?

Ele girou a maçaneta da porta, ainda sem puxá-la.

– Você quer um sanduíche, não quer? Você sempre quer um sanduíche.

– Você ficou louco – disse ela.

Ele não podia acreditar que ela tivesse chegado a essa conclusão só agora.

– Não grite – alertou Gregory.

– Você sabe que não posso – murmurou ela.

Era verdade. A última coisa que ela queria era ser encontrada. Se Gregory não conseguisse fazer nada por sua situação, ela precisaria voltar à festa da forma mais discreta possível.

– Até logo, Lucy – disse ele. – Eu te amo.

Ela ergueu os olhos.

– Uma hora. Você acha mesmo que consegue? – sussurrou.

Gregory assentiu. Era o que ela precisava ver, e era o que ele precisava fingir.

Quando enfim fechou a porta, ele podia jurar tê-la ouvido dizer:

– Boa sorte.

Parou para respirar fundo antes de seguir para a escada. Precisava de mais do que sorte. Precisava de um maldito milagre.

As chances estavam todas contra ele. Mas Gregory sempre tivera o costume de torcer para o azarão. E, se havia algum senso de justiça no mundo, alguma equidade existencial no ar... Se *Faça aos outros o que gostaria que fizessem com você* garantia algum tipo de retorno, com certeza ele merecia.

O amor existia. Ele sabia que sim. E estaria perdido se não existisse para ele.



A primeira parada de Gregory foi no quarto de Lucy, no segundo andar. Ele não podia simplesmente ir até o salão de baile e solicitar uma audiência com um dos convidados, mas achava que havia uma chance de alguém ter notado a ausência de Lucy e ido procurá-la. Se Deus quisesse, seria alguém simpático à causa deles, alguém que se preocupasse de fato com a felicidade dela.

Mas quando ele entrou no quarto, tudo estava exatamente como havia deixado.

– Droga – murmurou, caminhando de volta para a porta.

Agora teria de pensar em um jeito de conseguir falar com o irmão dela – ou com Haselby, imaginava – sem chamar a atenção.

Quando colocou a mão na maçaneta e já ia puxar, a porta se abriu e Gregory não entendeu bem o que aconteceu primeiro – o grito feminino de surpresa ou o corpo macio e quente que trombou com ele.

– Você!

– Você! – exclamou ele de volta. – Graças a Deus.

Era Hermione. A única pessoa que ele *sabia* que se preocupava com a felicidade de Lucy acima de tudo.

– O que está fazendo aqui? – sibilou ela.

Mas fechou a porta atrás de si, o que sem dúvida era um bom sinal.

– Eu tinha de falar com Lucy.

– Ela se casou com lorde Haselby.

Gregory balançou a cabeça.

– Ainda não foi consumado.

Ela ficou, literalmente, de boca aberta.

– Santo Deus, o senhor não pretende...

– Vou ser sincero com a senhorita – interrompeu ele. – Não sei o que pretendo fazer, fora encontrar uma maneira de libertá-la.

Hermione olhou para ele por alguns segundos. E então, aparentemente do nada, ela disse:

– Ela o ama.

– Ela lhe contou isso?

Hermione balançou a cabeça.

– Não, mas é óbvio. Ou, pelo menos agora, pensando em retrospecto, é. – Ela caminhou pelo quarto e de repente se virou. – Mas então por que ela se casou com lorde Haselby? Sei que ela acredita firmemente que se deve honrar os compromissos, mas com certeza poderia ter cancelado tudo antes de hoje.

– Ela está sendo chantageada – disse Gregory, irritado.

Hermione arregalou os olhos.

– Com o quê?

– Não posso lhe dizer.

Num gesto louvável, ela não perdeu tempo protestando. Em vez disso, olhou para ele, os olhos firmes e decididos.

– O que posso fazer para ajudar?



Cinco minutos mais tarde, Gregory encontrava-se na companhia de lorde Haselby e do irmão de Lucy. Ele teria preferido resolver tudo sem Richard, que parecia capaz de decapitar Gregory a qualquer momento, não fosse pela presença da esposa, que segurava seu braço com toda a força.

– Onde está Lucy? – perguntou Richard.

– Ela está segura – respondeu Gregory.

– Perdoe-me se não pareço tranquilo – retrucou Richard.

– Richard, pare – interrompeu Hermione, puxando-o para trás. – O Sr. Bridgerton não vai machucá-la. Ele só quer o melhor para ela.

– Ah, é mesmo? – falou Richard, em um tom de dúvida.

Hermione olhou para ele com a expressão mais alegre que Gregory já vira em seu lindo rosto.

– Ele a ama – falou a moça.

– *De fato.*

Todos os olhos se voltaram para lorde Haselby, que estava de pé junto à porta, observando a cena com uma estranha expressão de interesse.

Ninguém parecia saber o que dizer.

– Bem, ele certamente deixou isso claro hoje de manhã – continuou Haselby, sentando-se em uma cadeira com uma graça impressionante. – Vocês não acham?

– Hã... Sim? – respondeu Richard, e Gregory não podia culpá-lo por seu tom duvidoso.

Haselby parecia estar encarando aquilo tudo de uma maneira bastante incomum. E tranquila. Tão tranquila que o coração de Gregory parecia bater duas vezes mais rápido só para compensar a pulsação baixa de Haselby.

– Ela me ama – disse Gregory a ele, cerrando a mão em punho atrás das costas, não em preparação para um ato violento, mas sim porque, se não movesse alguma parte do corpo, talvez tivesse um colapso. – Sinto muito dizer isso, mas...

– Não, não, de forma alguma – retrucou Haselby, acenando com a mão. – Sei muito bem que ela não *me* ama. E creio que é melhor assim, como todos podemos concordar.

Gregory não tinha certeza se devia dizer alguma coisa. Richard estava muito vermelho, e Hermione parecia completamente confusa.

– Você está disposto a liberá-la do compromisso? – quis saber Gregory.

Não tinha tempo para rodeios.

– Se eu não estivesse, acha mesmo que estaria aqui conversando com você no mesmo tom que uso para falar sobre o tempo?

– Hã... Não?

Haselby sorriu.

– Meu pai não vai ficar satisfeito. Algo que em geral me traz grande alegria, com certeza, mas que neste caso traz inúmeras dificuldades. Devemos proceder com cautela.

– Lucy não deveria estar aqui? – perguntou Hermione.

Richard voltou a encarar Gregory com um olhar furioso.

– Onde está a minha irmã?

– Lá em cima – respondeu ele, sucinto.

O que reduzia a dúvida a trinta e poucos cômodos.

– Lá em cima *onde?* – grunhiu Richard.

Gregory ignorou a pergunta. Realmente não era o melhor momento para revelar que ela estava amarrada a uma privada.

Virou de volta para Haselby, que ainda estava sentado, uma perna cruzada de forma casual sobre a outra, examinando as unhas.

Gregory se sentia prestes a subir pelas paredes. Como podia o maldito homem ficar ali sentado com tanta calma? Aquela era a conversa mais importante que teriam na vida, e tudo o que ele fazia era avaliar suas unhas?

– Você vai liberá-la do compromisso? – grunhiu Gregory.

Haselby olhou para ele e piscou.

– Eu disse que sim.

– Mas vai revelar os segredos dela?

Nesse momento, o comportamento de Haselby mudou por completo. Seu corpo pareceu ficar tenso, e seus olhos, muito atentos.

– Não tenho ideia do que você está falando – disse ele.

– Nem eu – acrescentou Richard, aproximando-se.

Gregory virou rapidamente para este último.

– Ela está sendo chantageada.

– Não por mim – afirmou Haselby com veemência.

– Minhas desculpas – disse Gregory. Chantagem era uma coisa terrível. – Não tive a intenção de sugerir isso.

– Sempre me perguntei por que ela havia concordado em se casar comigo – comentou Haselby, com uma expressão serena.

– Foi tudo arranjado pelo tio dela – interpôs Hermione. Então, quando todos viraram para ela meio surpresos, acrescentou: – Bem, você conhece a Lucy. Ela não é do tipo que se rebela. *Gosta* de respeitar as normas.

– Ainda assim – disse Haselby –, ela teve uma oportunidade bastante dramática de sair da situação. – Ele fez uma pausa, inclinando a cabeça para o lado. – É o meu pai, não é?

Gregory assentiu uma única vez, de maneira amarga.

– Isso não me surpreende. Ele está muito ansioso para me ver casado. Bem, então... – Haselby juntou as mãos, entrelaçando os dedos. – O que devemos fazer? Desafiá-lo a abrir o jogo, eu imagino.

Gregory balançou a cabeça.

– Não podemos.

– Ah, por favor. Não pode ser tão ruim. O que Lady Lucinda poderia ter feito?

– Deveríamos mesmo ir buscá-la – disse Hermione mais uma vez. E então, quando os três homens viraram para ela de novo, acrescentou: – Vocês gostariam que seu destino fosse discutido sem a sua presença?

Richard se colocou à frente de Gregory.

– Diga-me.

Gregory foi honesto:

– É muito grave.

– Diga-me.

– É sobre o seu pai – disse ele em voz baixa.

E então relatou o que Lucy lhe contara.

– Ela fez isso por nós – sussurrou Hermione quando Gregory terminou. Depois virou para o marido, segurando sua mão. – Ela fez isso para nos salvar. Ah, *Lucy*...

Mas Richard só balançou a cabeça.

– Não é verdade – afirmou.

Gregory tentou esconder a pena que sentia quando disse:

– Há provas.

– Ah, é mesmo? Que tipo de provas?

– Lucy diz que há provas escritas.

– E ela viu? – perguntou Richard. – E por acaso saberia se tivessem sido falsificadas?

Gregory respirou fundo. Não podia culpar o irmão de Lucy por sua reação. Imaginava que faria o mesmo se fosse algo ligado ao seu pai.

– Lucy não tem como saber – continuou Richard, ainda balançando a cabeça. – Ela era muito jovem. Meu pai não teria feito uma coisa dessas. É inconcebível.

– Você também era muito novo – disse Gregory, gentilmente.

– Eu tinha idade suficiente para conhecer meu próprio pai, e ele não era um traidor – retrucou Richard. – Alguém enganou Lucy.

Gregory virou para Haselby.

– Seu pai?

– Não é tão engenhoso – respondeu ele. – Ele recorreria tranquilamente à chantagem, mas faria isso usando a verdade, não uma mentira. É um homem inteligente, mas não criativo.

Richard deu um passo à frente.

– Mas meu tio é.

Gregory virou para ele com urgência.

– Você acha que ele mentiu para Lucy?

– Com certeza ele lhe disse a única coisa que faria com que ela não desistisse do casamento – observou Richard com uma expressão amarga.

– Mas por que ele *precisa* que ela se case com lorde Haselby? – perguntou Hermione.

Todos olharam para o homem em questão.

– Eu não tenho ideia – disse ele.

– Ele deve ter os próprios segredos – sugeriu Gregory.

Richard balançou a cabeça.

– Não são dívidas.

– Ele não está recebendo nenhum dinheiro com o acordo – apontou Haselby.

Todos viraram para olhar para ele.

– Posso ter deixado meu pai escolher minha noiva – explicou, dando de ombros –, mas não ia me casar sem ler o contrato.

– Segredos, então – disse Gregory.

– Talvez em conjunto com lorde Davenport – acrescentou Hermione. Então virou para Haselby. – Sinto muito.

Ele acenou com a mão, dispensando a necessidade de desculpas.

– Não foi nada.

– O que devemos fazer agora? – perguntou Richard.

– Buscar Lucy – respondeu Hermione de imediato.

Gregory assentiu energicamente.

– Ela está certa.

– Não – disse Haselby, levantando-se. – Precisamos do meu pai.

– Seu pai? – disparou Richard. – Não acho que ele seja simpático à nossa causa.

– Sim, e sou o primeiro a admitir que ele é insuportável por mais do que três minutos, mas ele terá respostas. E, apesar de todo o seu veneno, em geral ele é inofensivo.

– Em geral? – ecoou Hermione.

Haselby pareceu pensar a respeito.

– Em geral.

– Precisamos agir – decretou Gregory. – Agora. Haselby, você e Fennsworth vão encontrar seu pai e interrogá-lo para descobrir a verdade. Lady Fennsworth e eu vamos buscar Lucy e trazê-la para cá, onde Lady Fennsworth ficará com ela. – Ele virou para Richard. – Peço desculpas pelo plano, mas preciso estar com sua esposa para proteger a reputação de Lucy, caso alguém nos veja. Ela já está fora há quase uma hora. Alguém vai notar.

Richard assentiu brevemente, mas ficou claro que não estava feliz com a situação. Ainda assim, não tinha escolha. Sua honra exigia que ele interrogasse lorde Davenport.

– Está certo – disse Gregory. – Então estamos de acordo. Encontrarei vocês dois de novo...

Ele parou para pensar. Além do quarto de Lucy e do banheiro no andar de cima, não conhecia os cômodos da casa.

– Encontre-nos na biblioteca – instruiu Richard. – Fica no térreo, voltada para o leste. – Ele deu um passo em direção à porta, em seguida virou e se dirigiu a Gregory: – Espere aqui. Voltarei em um instante.

Gregory estava ansioso para sair, mas o semblante sério de Richard foi o suficiente para convencê-lo a ficar. De fato, quando o irmão de Lucy voltou, pouco mais de um minuto depois, trazia duas armas.

Estendeu uma para Gregory.

Santo Deus.

– Você pode precisar disso – disse Richard.

– Que o céu nos ajude se eu precisar – retrucou Gregory, baixinho.

– Perdão?

Ele balançou a cabeça.

– Boa sorte, então – disse Richard.

Em seguida acenou para Haselby e os dois saíram depressa pelo corredor.

Gregory chamou Hermione.

– Vamos – disse, levando-a na direção oposta. – E tente não me julgar quando vir para onde a estou levando.

Ele a ouviu rir enquanto subiam as escadas.

– Por que eu tenho a impressão de que, na verdade, acharei que foi muito inteligente?

– Não confiei que ela fosse ficar parada esperando – admitiu Gregory, subindo dois degraus de cada vez. Quando chegaram ao topo da escada, virou para encará-la. – Foi rude, mas não havia mais nada que eu pudesse fazer. Tudo o que eu precisava era de um pouco de tempo.

Hermione assentiu.

– Para onde estamos indo?

– Para o banheiro da babá. Eu a amarrei à privada.

– Você a amarrou à... Ah, minha nossa, mal posso esperar para ver isso.

Mas quando eles abriram a porta, Lucy não estava mais lá.

E tudo indicava que não tinha saído por vontade própria.

CAPÍTULO 25

No qual ficamos sabendo o que aconteceu apenas dez minutos antes.

Tinha se passado uma hora? Com certeza, uma hora.

Lucy respirou fundo e tentou se acalmar. Por que ninguém pensara em colocar um relógio no banheiro? Não deviam ter imaginado que alguém, *um dia*, poderia ficar preso à privada e querer saber a hora?

Era só uma questão de tempo.

Lucy tamborilava os dedos da mão direita no chão. Rápido, rápido, do indicador ao dedo mindinho, do indicador ao dedo mindinho. Sua mão esquerda estava amarrada de modo que as pontas dos dedos ficavam para cima, então ela os dobrava, depois esticava, dobrava e esticava...

– Aaaaahhhhh! – gemeu, frustrada.

Gemeu? Grunhiu. *Gegrunhiu*. Isso devia ser uma palavra.

Sim, já fazia uma hora. Com certeza.

E então...

Passos.

Lucy ficou atenta, olhando para a porta. Estava furiosa. E esperançosa. E apavorada. E nervosa. E...

Meu Deus, ela não devia ter de sentir todas essas emoções ao mesmo tempo. Uma de cada vez era o máximo com que conseguia lidar. Talvez duas.

A maçaneta girou e a porta foi aberta com força, então...

Aberta com força? Lucy teve um segundo para perceber que havia algo errado. Gregory não teria empurrado a porta com força. Ele teria...

– Tio Robert?

– Você – disse ele, a voz baixa e furiosa.

– Eu...

– Sua vadia – sibilou o homem.

Lucy se encolheu. Sabia que ele não tinha nenhuma grande afeição por ela, mas ainda assim doía.

– O senhor não entende – disse ela, porque não fazia ideia do que falar, e se recusava... se recusava a mentir que sentia muito.

Estava decidida a dar um basta nas desculpas, de uma vez por todas.

– Ah, é mesmo? – esbravejou ele, agachando-se perto dela. – O que exatamente eu não entendo? A parte em que você fugiu do casamento?

– Eu não fugi – rebateu ela. – Eu fui sequestrada! Ou o senhor não notou que estou *amarrada* à privada?

Os olhos dele se estreitaram de forma ameaçadora e Lucy começou a ficar assustada.

Ela se encolheu, a respiração curta e rápida. Fazia muito tempo que se sentia intimidada pelo tio – a frieza de seu temperamento, o olhar fixo e indiferente de desdém –, mas nunca ficara assustada daquele jeito.

– Onde ele está? – perguntou ele.

Lucy não se fez de desentendida.

– Eu não sei.

– Diga-me!

– Eu não sei! – exclamou ela. – O senhor acha que ele teria me amarrado se confiasse em mim?

Seu tio ficou de pé e praguejou.

– Não faz sentido.

– O que não faz sentido? – perguntou Lucy, cautelosamente.

Ela não sabia direito o que estava acontecendo, e nem de quem seria esposa no final daquele dia, mas tinha certeza de que devia ganhar tempo.

E não revelar nada.

– Isso! Você! – disparou o homem. – Por que ele iria raptá-la e deixá-la aqui, na Casa Fennsworth?

– Bem, acho que ele não conseguiria sair daqui comigo sem que alguém visse – disse Lucy lentamente.

– Ele não poderia ter entrado na festa sem que alguém visse também.

– Não sei o que o senhor quer dizer.

– Como ele a pegou sem o seu consentimento? – perguntou o tio, abaixando-se e aproximando o rosto do dela.

Lucy soltou o ar, bufando. A verdade era fácil. E inócua.

– Fui para o meu quarto me deitar – explicou. – E ele estava lá me esperando.

– Ele sabia qual era o seu quarto?

Ela engoliu em seco.

– Pelo jeito, sabia.

Seu tio a encarou por um instante desconfortavelmente longo.

– As pessoas já começaram a notar a sua ausência – murmurou.

Lucy não disse nada.

– Mas não se pode evitar.

Ela piscou. Do que ele estava falando?

Ele balançou a cabeça.

– É a única maneira.

– Perdão...?

E então Lucy percebeu. Ele não estava falando com ela. Estava falando consigo mesmo.

– Tio Robert? – sussurrou.

Mas ele já estava cortando os cachecóis que a prendiam.

Cortando? *Cortando*? Por que ele tinha uma faca?

– Vamos – grunhiu o homem.

– Voltar para a festa?

Ele abriu um sorriso sombrio.

– Você bem que gostaria, não é?

O pânico começou a se instalar no peito dela.

– Aonde pretende me levar?

Ele puxou Lucy para colocá-la de pé e passou um dos braços com força em volta dela.

– Para o seu marido.

Ela conseguiu torcer o corpo apenas o suficiente para encará-lo.

– Meu mar... Lorde Haselby?

– Você tem outro marido?

– Mas ele não está na festa?

– Pare de fazer tantas perguntas.

Ela olhava freneticamente de um lado para outro.

– Mas aonde o senhor está me levando?

– Você não vai estragar isso – sibilou ele. – Está entendendo?

– Não – respondeu ela, suplicante.

Porque não entendia. Já não estava entendendo mais nada.

Ele a puxou com força contra si.

– Quero que você me ouça, porque só vou dizer isto uma vez.

Lucy assentiu. Não estava de frente para o tio, mas sabia que ele podia sentir a cabeça dela se mexendo contra seu peito.

– Este casamento vai ser consumado – afirmou ele, a voz baixa e mortal. – E eu vou garantir, pessoalmente, que isto aconteça esta noite.

– *O quê?*

– Não discuta comigo.

– Mas...

Ela fazia força com os pés no chão enquanto ele a arrastava até a porta.

– Pelo amor de Deus, não lute comigo – murmurou ele. – Não é nada que você já não tivesse de fazer de qualquer maneira. A única diferença é que vai ter uma plateia.

– Uma plateia?

– É indelicado, mas terei a minha prova.

Ela então começou a se debater como louca, e conseguiu soltar um braço por tempo suficiente para balançá-lo descontroladamente pelo ar. O tio logo a conteve, mas a mudança momentânea de posição permitiu que Lucy chutasse com força a canela dele.

– *Maldição* – resmungou o homem, puxando-a para perto. – Pare com isso!

Ela chutou de novo, virando um penico vazio.

– Pare! – Ele pressionou suas costelas com um objeto indefinido. – Agora!

Lucy parou na mesma hora.

– Isso é uma faca? – sussurrou.

– Lembre-se disso – respondeu ele, as palavras quentes contra o ouvido dela. – Não posso matá-la, mas posso lhe causar muita dor.

Ela engoliu um soluço.

– Eu sou sua sobrinha.

– Não me importo.

Lucy engoliu em seco e perguntou bem baixo:

– E algum dia já se importou?

Ele a empurrou em direção à porta.

– Se eu já me importei?

Ela assentiu.

Por um instante, ele ficou em silêncio, e Lucy não soube como interpretar isso. Não conseguia ver o rosto do tio e não sentiu nenhuma mudança em sua postura. Não podia fazer nada além de olhar para a porta e para a mão dele, que se estendia até a maçaneta.

Então ele disse:

– Não.

E ela teve sua resposta.

– Você era uma obrigação – acrescentou o homem. – Um dever que cumpri, e do qual estou feliz em me livrar. Agora venha comigo, e não diga uma palavra.

Lucy assentiu. A faca dele pressionava suas costelas cada vez mais forte, a lâmina roçando o tecido duro de seu corpete.

Ele a levou pelo corredor e desceu as escadas. Gregory estava ali, Lucy dizia a si mesma. Estava ali e iria encontrá-la. A Casa Fennsworth era grande, mas não havia tantos lugares assim em que seu tio poderia escondê-la.

E havia centenas de convidados no térreo.

Além disso, lorde Haselby com certeza não iria concordar com aquele plano.

Havia pelo menos uma dezena de razões para seu tio não conseguir o que queria. Talvez até mais. E ela só precisava de uma para frustrar seu plano.

Mas esse pensamento não foi muito reconfortante quando ele parou e colocou uma venda nos olhos dela.

E menos ainda quando a jogou em um cômodo e a amarrou.

– Eu vou voltar – disparou ele, deixando-a sentada em um canto, com as mãos e os pés atados.

Lucy ouviu os passos dele pela sala e sentiu escapar dos próprios lábios uma pergunta, a única que importava:

– *Por quê?*

Ele parou de andar.

– Por que, tio Robert?

Não era possível que ele estivesse fazendo aquilo apenas pela honra da família. Ela já não tinha provado que não a colocaria em risco? Ele já não devia confiar nela àquela altura?

– Por quê? – perguntou Lucy de novo, rezando para que ele tivesse uma consciência.

Tinha certeza de que o tio não poderia ter cuidado dela e de Richard por tantos anos sem algum senso de certo e errado.

– Você sabe por quê – respondeu ele, mas ela sabia que estava mentindo, porque tinha demorado demais a responder.

– Vá, então – disse ela, amargamente.

Não havia razão para atrasá-lo. Seria muito melhor que Gregory a encontrasse sozinha.

Mas ele não se mexeu. E, mesmo com os olhos vendados, ela podia sentir sua desconfiança.

– O que está esperando? – gritou Lucy, então.

– Eu não tenho certeza – respondeu ele, devagar.

Em seguida, Lucy ouviu os passos do tio se aproximarem dela.

Lentamente.

Lentamente...

E então...



– Cadê ela? – perguntou Hermione, aflita.

Gregory entrou no pequeno cômodo, observando tudo atentamente – os cachecóis cortados, o penico virado.

– Alguém a levou – disse ele, sério.

– O tio dela?

– Ou Davenport. Eles são os únicos com alguma razão para... – Ele balançou a cabeça. – Não, eles não podem lhe fazer mal. Precisam que o casamento seja legal e irrevogável. E duradouro. Davenport quer que Lucy lhe dê um herdeiro.

Hermione assentiu.

Gregory virou para ela.

– Você conhece a casa. Onde ela poderia estar?

Hermione balançava a cabeça.

– Não sei. Não sei. Se tiver sido o tio dela...

– Suponha que tenha sido – falou Gregory.

Ele não acreditava que Davenport fosse ágil o bastante para raptar Lucy, e, além disso, se o que Haselby dissera sobre o pai era verdade, então Robert Abernathy era o homem cheio de segredos.

Era ele a pessoa com algo a perder.

– O escritório – sussurrou Hermione. – Ele está sempre no escritório.

– Onde fica?

– No térreo. Voltado para os fundos.

– Ele não arriscaria – disse Gregory. – É perto demais do salão de baile.

– Então o quarto dele. Se ele quiser evitar os cômodos abertos a todos, então é para lá que a levaria. Ou para o quarto dela.

Gregory pegou o braço de Hermione e saiu à frente dela. Desceram um lance de escada, fazendo uma pausa antes de abrir a porta que levava da escada de serviço para o patamar do segundo andar.

– Mostre-me a porta dele e então vá.

– Eu não...

– Encontre o seu marido – ordenou ele. – Traga-o de volta.

Hermione parecia indecisa, mas enfim assentiu e obedeceu.

– Vá – disse ele, quando já sabia para onde ir. – Rápido.

Ela desceu a escada enquanto Gregory caminhava furtivamente pelo corredor. Chegou à porta que Hermione tinha indicado e encostou a orelha a ela, com cuidado.

– O que está esperando?

Era Lucy. A voz estava abafada pela pesada porta de madeira, mas era ela.

– Eu não tenho certeza – disse uma voz masculina, que Gregory não conseguiu identificar.

Ele só tinha falado algumas vezes com lorde Davenport e nenhuma com o tio dela. Não fazia ideia de quem a estava mantendo refém.

Gregory prendeu a respiração e, lentamente, girou a maçaneta com a mão esquerda.

Com a mão direita, puxou a arma.

Que Deus os ajudasse, se tivesse de usá-la.

Conseguiu abrir a porta um pouco – apenas o suficiente para espiar sem ser notado.

Seu coração parou.

Lucy estava amarrada e vendada, encolhida no canto do outro lado do cômodo. Seu tio encontrava-se de pé na frente dela, uma arma apontada para sua testa.

– O que você está tramando? – perguntou-lhe o tio, a voz fria e suave.

Lucy não disse nada, mas seu queixo tremia, como se ela estivesse se esforçando muito para se

manter firme.

– Por que você quer que eu saia? – insistiu o tio.

– Eu não sei.

– Diga! – Ele se lançou para a frente e enfiou a arma entre as costelas dela. E então, como Lucy não respondeu rápido o bastante, ele arrancou a venda de seus olhos e aproximou o rosto do dela até restarem poucos centímetros de distância entre os dois. – Diga-me!

– Porque não posso suportar a espera – sussurrou ela, a voz trêmula. – Porque...

Gregory entrou silenciosamente no quarto e apontou a arma para as costas de Robert Abernathy.

– *Solte-a.*

O tio de Lucy ficou paralisado.

Gregory posicionou o dedo em torno do gatilho.

– Solte Lucy e se afaste bem devagar.

– Acho melhor não – disse Abernathy, e virou apenas o suficiente para Gregory ver que sua arma agora estava encostada na têmpora de Lucy.

De alguma forma, Gregory se manteve inabalável. Ele nunca saberia como, mas seu braço estava firme. Sua mão não tremia.

– Largue a arma – ordenou o tio.

Gregory não se mexeu. Olhou para Lucy, depois de volta para o tio dela. Será que ele iria machucá-la? Seria capaz disso? Gregory ainda não sabia exatamente por que Robert Abernathy queria que Lucy se casasse com Haselby, mas estava claro que fazia questão absoluta disso.

O que significava que ele não poderia matá-la.

Gregory cerrou os dentes e apertou mais o dedo no gatilho.

– Solte Lucy – ordenou ele, a voz baixa, firme e forte.

– Largue a arma! – rugiu Abernathy, e um som horrível e sufocado escapou da boca de Lucy quando ele prendeu um dos braços sob suas costelas.

Santo Deus, ele estava louco. Seus olhos corriam ensandecidos pela sala, e sua mão – aquela com a arma – tremia.

Ele ia atirar nela. Gregory percebeu isso em um segundo nauseante. O que quer que Abernathy tivesse feito, ele achava que não tinha mais nada a perder e não se importava com quem levaria com ele.

Gregory começou a se ajoelhar, sem tirar os olhos do tio de Lucy.

– Não faça isso! – gritou Lucy. – Ele não vai me machucar. Não pode.

– Ah, eu posso sim – respondeu o tio dela, abrindo um sorriso.

O sangue de Gregory gelou. Ele ia tentar – Deus do céu, ele ia tentar de tudo para que os dois saíssem dali vivos e ilesos –, mas se fosse preciso escolher, se apenas um deles pudesse sair andando por aquela porta...

Seria Lucy.

Isso, percebeu ele, era amor. Era aquela sensação de que era o certo, sim. E era paixão também, e saber que poderia acordar feliz ao lado dela pelo resto de sua vida.

Mas era mais do que tudo isso. Era esse sentimento, essa compreensão, essa *certeza* de que ele daria sua vida por ela. Não havia dúvida. Nenhuma hesitação. Se ele largasse a arma, Robert Abernathy com certeza atiraria nele.

Mas Lucy viveria.

Gregory agachou-se.

– Não a machuque – disse ele em voz baixa.

– Não solte a arma! – gritou Lucy. – Ele não vai...

– Cale a boca! – bradou o tio, e pressionou ainda mais o cano de sua arma contra ela.

– Nem mais uma palavra, Lucy – alertou Gregory.

Ele ainda não sabia como diabo sairia daquela situação, mas tinha certeza de que a coisa certa a fazer era manter Robert Abernathy o mais calmo e lúcido possível.

Os lábios de Lucy se abriram, mas então os olhos deles se encontraram... E ela fechou a boca.

Ela confiava nele. Santo Deus, confiava nele para mantê-la segura – para manter os dois seguros –, e ele se sentia um farsante, porque tudo o que estava fazendo era tentando ganhar tempo até que alguém chegasse.

– Não vou machucar você, Abernathy – garantiu Gregory.

– Então solte a arma.

Gregory continuava com o braço estendido, a arma agora de lado para que pudesse pousá-la no chão.

Mas ele não a soltou.

Sem tirar os olhos do rosto de Robert Abernathy, perguntou:

– Por que você precisa que ela se case com Haselby?

– Ela não lhe contou? – devolveu Abernathy, em tom de zombaria.

– Ela me contou o que você disse a ela.

O tio de Lucy começou a tremer.

– Conversei com lorde Fennsworth – falou Gregory calmamente. – Ele ficou um tanto surpreso com a caracterização que você fez do pai dele.

O tio de Lucy não respondeu, mas Gregory viu seu pomo de Adão subindo e descendo enquanto ele engolia em seco de maneira convulsiva.

– Na verdade – continuou Gregory –, Fennsworth estava bastante convencido de que você se enganou.

Ele procurava manter a voz suave, tranquila. Sem deboche. Falava como se estivesse em um jantar. Não pretendia provocar; só queria conversar.

– Richard não sabe de nada – retrucou o tio de Lucy.

– Falei com lorde Haselby também – prosseguiu Gregory. – Ele ficou tão surpreso quanto Fennsworth. Não sabia que o pai vinha chantageando você.

O tio de Lucy olhou fixamente para ele.

– Ele está falando com o pai agora – acrescentou Gregory.

Ninguém falou. Ninguém se mexeu. Os músculos de Gregory ardiavam. Ele estava agachado havia vários minutos, equilibrando-se na parte da frente dos pés. Seu braço, ainda estendido, ainda segurando a arma de lado, parecia estar em chamas.

Ele olhou para a arma. Olhou para Lucy. Ela balançava a cabeça bem devagar, com movimentos discretos. Seus lábios não emitiam nenhum som, mas ele não teve nenhuma dificuldade para identificar as palavras.

Vá. Por favor.

Surpreendentemente, Gregory sentiu que abria um sorriso. Então fez que não e sussurrou:

– Nunca.

– O que você disse? – perguntou Abernathy.

Gregory respondeu a única coisa que lhe veio à cabeça:

– Eu amo a sua sobrinha.

Abernathy olhou para Gregory como se ele tivesse enlouquecido.

– Eu não me importo.
– Eu a amo o suficiente para guardar os seus segredos – acrescentou Gregory.

Robert Abernathy perdeu por completo a cor e ficou absolutamente imóvel.

– Foi você – disse Gregory, com a voz calma.

– Tio Robert? – falou Lucy.

– Cale a boca – disparou ele.

– O senhor mentiu para mim? – perguntou ela, e sua voz soou quase magoada. – Mentiu?

– Lucy, *não* – disparou Gregory.

Mas ela já estava balançando a cabeça.

– Não foi o meu pai, não é mesmo? Foi o *senhor*. Lorde Davenport estava chantageando o senhor pelos *seus próprios* crimes.

O tio dela não disse nada, mas a verdade estava clara em seus olhos.

– Ah, tio Robert... – murmurou ela, com tristeza. – Como pôde?

– Eu não tinha nada – sibilou ele. – Nada. Só os restos que seu pai deixou.

Lucy ficou pálida.

– O senhor o matou?

– Não – disse Abernathy, simplesmente.

– Por favor – implorou ela, a voz fraca e aflita. – Não minta para mim. Não sobre isso.

O homem soltou um suspiro irritado e falou:

– Sei apenas o que as autoridades me informaram. Que ele foi encontrado perto de um lugar de apostas, com um tiro no peito, e que tinham roubado todos os seus objetos de valor.

Lucy encarou-o por um instante e em seguida, com os olhos cheios de lágrimas, assentiu de leve.

Gregory se levantou lentamente.

– Acabou, Abernathy – disse ele. – Haselby sabe, e Fennsworth também. Você não pode forçar Lucy a fazer o que quer.

O homem agarrou-a com mais força.

– Posso usá-la para fugir.

– Pode, sim. Se soltá-la.

Abernathy riu. Era um som amargo, cáustico.

– Não temos nada a ganhar desmascarando você – disse Gregory, com cautela. – É melhor deixarmos que vá embora discretamente do país.

– Nunca seria discreto – zombou o tio de Lucy. – Se ela não se casar com aquele almofadinha esquisito, Davenport vai espalhar a notícia daqui até a Escócia. E a família será arruinada.

– Não – retrucou Gregory, balançando a cabeça. – Não vai. Você nunca foi conde. Não era o pai deles. Haverá um certo escândalo; isso não pode ser evitado. Mas o irmão de Lucy não perderá o título, e tudo vai passar quando as pessoas começarem a lembrar que nunca gostaram realmente de você.

Num piscar de olhos, o tio de Lucy moveu a arma para o pescoço dela.

– Cuidado com o que você diz – ameaçou.

Gregory ficou pálido e deu um passo atrás. E então os três ouviram o barulho alto de passos vindo rapidamente pelo corredor.

– Abaixar a arma – disse Gregory. – Você só tem um segundo antes qu...

Várias pessoas surgiram na entrada do quarto. Richard, Haselby, Davenport, Hermione – todos eles irromperam pelo cômodo, sem saber do confronto mortal que estava acontecendo.

O tio de Lucy saltou para trás, apontando a arma descontroladamente para todos eles.

– Fiquem longe! – gritou. – Saiam! Todos vocês!

Seus olhos brilhavam como os de um animal acuado e seu braço balançava de um lado para outro, sem deixar ninguém fora da mira.

Mas Richard deu um passo à frente.

– Seu desgraçado – sibilou. – Vejo você no...

Uma arma disparou.

Gregory assistiu, horrorizado, Lucy cair no chão. Um grito gutural rasgou sua garganta enquanto via a própria arma levantada.

Ele tinha apontado. Atirado. E, pela primeira vez na vida, acertado o alvo.

Bem, quase.



O tio de Lucy não era um homem grande, mas, mesmo assim, quando caiu em cima dela, doeu. Ela sentiu o ar deixar completamente os seus pulmões, enquanto arfava, sufocada, os olhos bem fechados de dor.

– Lucy!

Era Gregory, tirando o tio de cima dela.

– Onde você foi atingida? – perguntou ele, e suas mãos estavam por toda parte, movimentando-se freneticamente, enquanto procurava uma ferida.

– Eu não... – Ela fazia força para respirar. – Ele não... – Ela conseguiu olhar para o peito. Estava coberto de sangue. – Ah, meu Deus.

– Não consigo encontrar – disse Gregory.

Pegou o queixo de Lucy e posicionou seu rosto de modo a olhar direto nos olhos dela.

E ela quase não o reconheceu.

Os olhos dele... aqueles belos olhos castanhos... era quase como se estivessem perdidos, vazios. E isso parecia levar embora tudo o que fazia com que ele fosse... *Gregory*.

– Lucy – disse ele, a voz rouca de emoção. – *Por favor*, fale comigo.

– Eu não estou ferida – conseguiu dizer ela, finalmente.

As mãos dele ficaram paralisadas.

– O sangue...

– Não é meu.

Ela o encarou e levou a mão ao seu rosto. Ele tremia. Ah, Santo Deus, ele tremia. Ela nunca o tinha visto assim, nunca tinha imaginado que ele pudesse chegar àquele ponto.

O olhar dele... Ela percebia agora. Era de pavor.

– Não estou ferida – sussurrou ela. – Por favor... não... está tudo bem, querido.

Ela nem sabia o que estava dizendo; só queria confortá-lo.

Gregory respirava com dificuldade e, quando conseguiu falar, sua voz falhou, sofrida.

– Achei que eu tivesse... não sei o que pensei.

Uma lágrima tocou o dedo de Lucy e ela a secou delicadamente.

– Agora acabou – disse ela. – Acabou tudo, e... – De repente, ela se deu conta do resto das

pessoas na sala. – Bem, eu acho que acabou – acrescentou, hesitante, sentando-se.

Seu tio estava morto? Tinha certeza de que tinha sido baleado. Por Gregory ou Richard, ela não sabia. Os dois haviam disparado.

Mas ele não fora mortalmente ferido. Havia se arrastado para o canto da sala e estava encostado na parede, segurando o ombro e olhando para a frente com um ar derrotado.

Lucy fez uma cara feia para ele.

– A sua sorte é que ele não tem boa pontaria.

Gregory bufou de um jeito engraçado.

No canto, Richard e Hermione estavam abraçados e pareciam não ter se ferido. Lorde Davenport berrava algo incompreensível e lorde Haselby – Deus do céu, seu *marido* – estava encostado de forma indolente no batente da porta, observando a cena.

Ele olhou nos olhos dela e sorriu discretamente.

– Eu sinto muito – disse ela.

– Não sinta.

Gregory ficou de joelhos ao lado de Lucy, um braço protetor sobre o ombro dela. Haselby observava a cena com evidente graça, e talvez também com um toque de prazer.

– Você ainda quer a anulação? – perguntou ele.

Lucy assentiu.

– Os papéis estarão prontos amanhã.

– Tem certeza? – disse ela, preocupada.

Ele era mesmo um homem adorável. Não queria que sua reputação sofresse com isso.

– Lucy!

Ela virou rapidamente para Gregory.

– Perdão. Não quis dizer... Eu só...

Haselby acenou com a mão.

– Por favor, não se preocupe. Foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Tiros, chantagem, traição... Ninguém nunca vai olhar para *mim* como a causa da anulação agora.

– Ah. Bem, isso é bom – disse Lucy, alegremente. Ela se levantou, porque, bem, parecia educado, tendo em vista como ele estava sendo generoso. – Mas você ainda deseja uma esposa? Porque eu poderia ajudá-lo a encontrar uma. Assim que minha situação estiver resolvida, quero dizer.

Gregory revirou os olhos.

– Santo *Deus*, Lucy.

Ela o viu se levantar.

– Sinto que devo consertar as coisas. Ele achou que tinha arrumado uma esposa. De certa forma, isso não é justo.

Gregory fechou os olhos por um longo instante.

– Sorte sua que eu a amo tanto – falou, com um ar cansado. – Caso contrário, eu teria de lhe colocar uma mordaca.

Lucy ficou de boca aberta.

– Gregory! – E então: – Hermione!

– Sinto muito! – exclamou Hermione, uma das mãos ainda sobre a boca para conter o riso. – Mas vocês combinam perfeitamente.

Haselby entrou no quarto e estendeu um lenço para Abernathy.

– É melhor colocar isto no ferimento, para estancar o sangue – murmurou. Então virou de novo

para Lucy. – Não quero uma esposa, como você deve saber muito bem, mas imagino que deva encontrar alguma maneira de procriar, ou o título ficará para o meu detestável primo. O que seria uma pena. Sem dúvida a Câmara dos Lordes optaria por se dissolver, caso ele decidisse ocupar o seu lugar.

Lucy só olhou para ele e piscou.

Haselby sorriu.

– Então, sim, eu ficaria grato se você me ajudasse a encontrar uma pessoa adequada.

– É claro – murmurou ela.

– Você vai precisar da minha aprovação também – vociferou lorde Davenport, aproximando-se.

Gregory virou para ele com um ar muito evidente de aversão.

– E você pode calar a boca – disparou. – Agora.

Davenport recuou, num acesso de raiva.

– Você sabe com quem está falando, seu fedelho insolente?

Gregory estreitou os olhos.

– Com um homem em uma posição bastante precária.

– *O que disse?*

– Sua chantagem termina aqui e agora – ordenou Gregory.

Lorde Davenport acenou com a cabeça na direção do tio de Lucy.

– Ele era um traidor!

– E você decidiu não entregá-lo – retrucou Gregory –, o que imagino que o rei acharia igualmente condenável.

Lorde Davenport cambaleou para trás, surpreso.

– Você vai deixar o país – disse Gregory ao tio de Lucy. – Amanhã. Para nunca mais voltar.

– Vou pagar a passagem dele – falou Richard. – E nada mais.

– Você é mais generoso do que eu conseguiria ser – murmurou Gregory.

– Quero que ele vá embora – disse Richard, com a voz tensa. – Se puder apressar a sua partida, fico feliz em custear a despesa.

Gregory virou para lorde Davenport.

– Você nunca vai dizer uma palavra sobre isso. Entendeu? – Então olhou para Haselby. – E, você, obrigado.

Haselby acenou graciosamente com a cabeça.

– Não posso evitar. Sou um romântico – disse, e depois deu de ombros. – Isso de vez em quando dá confusão, mas não podemos mudar nossa natureza, podemos?

Gregory balançou a cabeça lentamente, enquanto um largo sorriso se abria em seu rosto.

– Você não tem ideia – murmurou, pegando a mão de Lucy.

Não podia suportar se separar dela naquele momento, nem que fossem apenas alguns centímetros. Os dedos deles se entrelaçaram e Gregory a encarou. Os olhos de Lucy brilhavam de amor, e ele sentiu uma vontade incontrolável e absurda de rir. Só porque podia. Só porque a amava.

Nesse momento, notou que os lábios dela também estavam se contraindo nos cantos, tentando conter o riso.

E então, bem ali, na frente daquele estranho grupo de testemunhas, ele a tomou nos braços e a beijou com todas as forças de sua alma irremediavelmente romântica.

Depois de algum tempo – bastante tempo –, lorde Haselby pigarreou.

Hermione fingiu olhar para longe, e Richard disse:

– Sobre aquele casamento...

Com grande relutância, Gregory se afastou. Olhou para a esquerda, depois para a direita, em seguida de volta para Lucy.

E a beijou de novo.

Porque realmente tinha sido um dia bem longo, e ele merecia um pouco de prazer.

E também porque só Deus sabia quanto tempo ainda levaria até que pudesse se casar com ela.

Mas, principalmente, ele a beijou porque...

Porque...

Gregory sorriu, tomando o rosto dela entre as mãos e encostando o nariz no dela.

– Eu te amo. Você sabe, não sabe?

Ela sorriu de volta.

– Eu sei.

Então ele enfim percebeu por que ia beijá-la novamente.

Só porque podia.

EPÍLOGO

No qual nosso herói e nossa heroína mostram a diligência de que sabíamos serem capazes.

Na primeira vez, Gregory tinha ficado uma pilha de nervos.

Na segunda, tinha sido ainda pior. A lembrança da primeira vez não o tinha ajudado muito a se acalmar. Muito pelo contrário, na verdade. Agora que sabia melhor o que acontecia (Lucy não havia poupado nenhum detalhe, o lado ruim de sua alma meticulosa), cada pequeno ruído estava sujeito a análise mórbida e especulação.

Era uma coisa maravilhosa os homens não poderem ter filhos. Gregory não tinha nenhuma vergonha em admitir que a raça humana teria se extinguido gerações antes.

Ou, pelo menos, *ele* não teria contribuído para a atual tropa de pequenos Bridgertons travessos.

Mas Lucy parecia não se importar com o parto, desde que mais tarde pudesse descrever a experiência a ele em impiedosos detalhes.

Sempre que desejasse.

Assim, na terceira vez, Gregory ficara um pouco mais à vontade. Ainda se sentara em frente à porta, e ainda ficara sem ar ao ouvir qualquer gemido particularmente desagradável, mas, apesar de tudo, não fora devastado pela ansiedade.

Na quarta vez, ele trouxera um livro.

Na quinta, apenas um jornal. (Parecia mesmo estar ficando mais rápido a cada criança. O que era conveniente.)

O sexto filho o pegara completamente de surpresa. Ele tinha saído para uma rápida visita com um amigo e, quando voltara, Lucy já estava sentada com o bebê nos braços e um sorriso alegre e nem um pouco cansado no rosto.

Mas ela fazia questão de sempre lembrá-lo de sua ausência, então Gregory tomara todo o cuidado para estar presente na chegada do sétimo bebê. E conseguira, desde que não lhe descontassem pontos por ter abandonado seu posto em frente à porta dela em busca de um lanche no meio da noite.

Depois desse sétimo, Gregory achou que já estava bom. Sete era um número perfeitamente razoável de filhos, e, como dissera a Lucy, ele mal se lembrava de como ela era quando não estava grávida.

– Lembra bem o suficiente para garantir que eu engravide de novo – respondera ela, atrevidamente.

Gregory não tinha argumentos contra isso, então lhe dera um beijo na testa e saíra para visitar Hyacinth, para explicar as muitas razões pelas quais sete era o número ideal de filhos. (Sua irmã não achou graça.)

Mas então, como era de imaginar, seis meses após o sétimo parto, Lucy timidamente lhe dissera que estava grávida outra vez.

– Agora chega – declarou Gregory. – Mal podemos arcar com as despesas dos filhos que já temos....

(Isso não era verdade – o dote de Lucy tinha sido generosíssimo, e Gregory descobrira que possuía grande talento para investimentos.)

Mas, de fato, oito *tinham* de ser o bastante.

Não que ele estivesse disposto a reduzir suas atividades noturnas com Lucy, mas havia coisas que um homem podia fazer – coisas que ele provavelmente já devia ter feito, para dizer a verdade.

Assim, como Gregory estava convencido de que aquele seria seu último filho, decidiu que poderia muito bem ver como as coisas aconteciam, e, apesar da reação horrorizada da parteira, permaneceu junto de Lucy durante o parto (ao lado do ombro dela, é claro.)

– Ela é uma especialista nisso – disse o médico, levantando o lençol para dar uma olhada. – Sinceramente, a esta altura já sou desnecessário.

Gregory olhou para Lucy. Ela tinha pegado seu bordado, e deu de ombros.

– Sim, é verdade que fica cada vez mais fácil.

E, de fato, quando chegou o momento, ela pousou a costura, deu um pequeno gemido e...

Uuush!

Gregory piscou ao olhar para o bebê aos berros, todo vermelho e enrugado.

– Bem, isso foi muito menos complexo do que eu esperava – comentou.

Lucy olhou para o marido com ar impaciente e irritado.

– Se você tivesse assistido na primeira vez, teria... Aaaaaai!

Gregory olhou depressa de volta para ela.

– O que foi?

– Eu não sei – respondeu Lucy, os olhos cheios de pânico. – Mas isso não está certo.

– Calma, calma – disse a parteira –, você só está...

– Eu sei o que deveria sentir – retrucou Lucy. – E não é isso.

O médico entregou o bebê recém-nascido – uma menina, Gregory ficou feliz em saber – à parteira e voltou para o lado de Lucy. Colocou as mãos na barriga dela.

– Hum.

– Hum? – repetiu Lucy, sem muita paciência.

O médico levantou o lençol e olhou por baixo.

– Minha nossa! – deixou escapar Gregory, voltando para o lado do ombro de Lucy. – Eu não queria ver isso.

– O que está acontecendo? – perguntou ela. – O que você... Aaaaai!

Uuush!

– Santo Deus – exclamou a parteira. – São dois.

Não, pensou Gregory, sentindo-se decididamente enjoado. Eram nove.

Nove filhos.

Apenas um a menos do que dez.

Que tinha dois dígitos. Se eles tivessem mais um filho, Gregory estaria na casa dos dois dígitos da paternidade.

– Ah, Santo Deus – sussurrou ele.

– Gregory? – chamou Lucy.

– Preciso me sentar.

Ela abriu um sorriso fraco.

– Bem, pelo menos sua mãe ficará contente.

Ele assentiu, quase sem conseguir pensar. Nove filhos. O que se faz com nove filhos?

Você os ama, pensou.

Então olhou para a esposa. O cabelo dela estava desalinhado, o rosto, inchado, e as olheiras já tinham começado a se tornar cinza-arroxeadas.

Ele pensou como ela era linda.

O amor existe, pensou. E é bem grande. Sorriu. Nove vezes grande. Enorme, na verdade.

SOBRE A AUTORA

© Rex Rystedt/seattlephoto.com



Julia Quinn começou a trabalhar em seu primeiro romance um mês depois de terminar a faculdade e nunca mais parou de escrever. Seus livros já atingiram a marca de 10 milhões de exemplares vendidos, sendo mais de 3,5 milhões da série Os Bridgertons. *O visconde que me amava*, segundo título da coleção, foi finalista do prêmio RITA e *Um beijo inesquecível*, sétimo da série, foi considerado “o livro mais divertido do ano” pela *Publishers Weekly*.

É formada pelas universidades Harvard e Radcliffe. Seus romances já entraram na lista de mais vendidos do *The New York Times* e foram traduzidos para 26 idiomas.

Julia foi a autora mais jovem a entrar para o Romance Writers of America’s Hall of Fame, a Galeria da Fama dos Escritores Românticos dos Estados Unidos, e atualmente mora com a família no Noroeste Pacífico.

Visitem-na no site www.juliaquinn.com.

Queda de gigantes, Inverno do mundo e Eternidade por um fio,
de Ken Follett

Não conte a ninguém; Desaparecido para sempre; Confie em mim; Cilada, Fique comigo e Seis anos depois, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa; A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno; O símbolo perdido; O Código Da Vinci; Anjos e demônios; Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma longa jornada; O melhor de mim; O guardião; Uma curva na estrada; O casamento; À primeira vista e O resgate, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do Universo; A vida, o Universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!; Praticamente inofensiva; Agência de Investigações Holísticas Dirk Gently e O salmão da dúvida, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os Doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e A nascente, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)

Table of Contents

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)